UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA
FACULDADE DE CIENCIAS DA EDUCACIÓN
DEPARTAMENTO DE TEORÍA DA EDUCACIÓN, HISTORIA DA EDUCACIÓN E PEDAGOXÍA SOCIAL

O CRIOULO COMO LÍNGUA MATERNA EM CABO VERDE E AS SUAS IMPLICAÇÕES NO CURRÍCULO ESCOLAR DESENVOLVIDO EM PORTUGUÊS

Volume II ANEXOS

AUTORA: ELVIRA GOMES DOS REIS FREITAS
CO-DIRECTOR: WLODZIMIEREZ JOZEF SZYMANIAK
DIRECTOR: ANTONIO VARA COOMONTE

Santiago de Compostela
2011

ANEXOS I – ENTREVISTA COM OS PROFESSORES.....628

SUJEITO PA.....629
SUJEITO PB.....639
SUJEITO PC.....646
SUJEITO PD.....654
SUJEITO PE.....659
SUJEITO PF.....667
SUJEITO PG.....676
SUJEITO PH.....682
SUJEITO PI.....694
SUJEITO PJ.....704
SUJEITO PK.....723
SUJEITO PL.....730
SUJEITO PM.....738
SUJEITO PN.....745
SUJEITO PO.....751
SUJEITO PP.....757
SUJEITO PQ.....764

ANEXO II – TESTES SUMATIVOS.....779

TESTES SUMATIVOS DOS ALUNOS DO PA.....780
T2.....780
T3.....783
T5.....786
T6.....789
T12.....792
T14.....795
T31.....798
T34.....801
T35.....804
T36.....807
T37.....810
T39.....813
T40.....816

TESTES SUMATIVOS DOS ALUNOS DA PD.....819
T1.....819
T4.....822
T7.....825
T15.....828
T16.....831
T18.....834
T32.....837
T8.....840

T9.....843
T10.....846
T11.....849
T13.....852
T17.....855
T30.....858
T33.....861

TESTES SUMATIVOS DOS ALUNOS DA PC.....864
T19.....864
T20.....866
T21.....868
T22.....870
T23.....872
T24.....874
T25.....876
T26.....878
T27.....880
T28.....882
T29.....884

TESTES SUMATIVOS DOS ALUNOS DO PB.....886
TB1.....886
TB2.....888
TB3.....890
TB4.....891
TB5.....893
TB6.....894
TB7.....896
TB8.....897
TB9.....899
TB10.....901

ANEXO III – TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS DO 8º ANO.....902

TX1.....903
TX2.....904
TX3.....905
TX4.....907
TX5.....908
TX6.....909
TX7.....910
TX8.....911
TX9.....912
TX10.....913
TX11.....914
TX12.....915
TX13.....916
TX14.....917
TX15.....918

TX16.....919
TX17.....921
TX18.....922
TX19.....924
TX20.....925
TX21.....926
TX22.....927
TX23.....928
TX24.....929
TX25.....930
TX26.....931
TX27.....932
TX28.....933
TX29.....934
TX30.....935
TX31.....936
TX32.....937
TX33.....938
TX34.....939
TX35.....940
TX36.....941
TX37.....942
TX38.....943
TX39.....944
TX40.....945

ANEXO IV – ACTAS DA COORDENAÇÃO DA LP 8º ANO……...…...946

ACTAS DA COORDENAÇÃO Nº 1.....947
ACTAS DA COORDENAÇÃO Nº 2.....948
ACTAS DA COORDENAÇÃO Nº 4.....949
ACTAS DA COORDENAÇÃO Nº 6.....950
ACTAS DA COORDENAÇÃO Nº 9.....951
ACTAS DA COORDENAÇÃO Nº 11.....952
ACTAS DA COORDENAÇÃO Nº 13.....953
ACTAS DA COORDENAÇÃO Nº 15.....954
ACTAS DA COORDENAÇÃO Nº 17.....955

ANEXO V – PLANIFICAÇÕES DA DISCIPLINA DE LP 8º ANO.....956

PLANIFICAÇÃO.....957
PLANIFICAÇÃO.....958
PLANIFICAÇÃO.....959

ANEXOS – VI (DVD)

1ªAULA DE PA.....FICHEIRO N.º1
2ªAULA DE PA.....FICHEIRO N.º1
3ªAULA DE PA.....FICHEIRO N.º2
1ª AULA DE PB.....FICHEIRO N.º3

2ª AULA DE PB.....FICHEIRO N.º5
3ª AULA DE PB.....FICHEIRO N.º5
1ª AULA DE PC.....FICHEIRO N.º3
2ª AULA DE PC.....FICHEIRO N.º4
3ª AULA DE PC.....FICHEIRO N.º4
1ª AULA DE PD.....FICHEIRO N.º6
2ª AULA DE PD.....FICHEIRO N.º6
3ª AULA DE PD.....FICHEIRO N.º7

VOLUME II:

ANEXOS

ANEXOS – I – ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

Sujeito: PA

Local: Mindelo – Escola José Augusto Pinto

Data: Abril de 2008

P – Que línguas o professor domina?

R – Bom, normalmente, a língua cabo-verdiana, a língua portuguesa e compreendo um pouco de língua francesa, um pouco da língua inglesa e também um pouco da língua italiana. Estou, neste momento, a estudar a língua espanhola.

P – Em que circunstancias adquiriu as duas línguas que considera principais?

R – A língua cabo-verdiana, como é natural, foi num ambiente familiar e no meu meio social, basicamente. A língua portuguesa foi através do contacto com a escola e também através de algumas actividades sociais, actividades religiosas, principalmente.

P – Que lugares ocupam cada uma dessas línguas na sua vida?

R – Bom, para o meu contacto familiar e com pessoal amigo, naturalmente, a língua cabo-verdiana ocupa o primeiro lugar, nos meus contactos oficiais, tanto na escola e mesmo na rua, às vezes com os meus alunos e também nos contactos oficiais uso, normalmente, a língua portuguesa.

P – Tem memórias da sua primeira reacção à língua portuguesa, à comunicação da professora, por exemplo?

R – Sim, a primeira vez que terei ouvido a língua portuguesa não foi na escola, foi exactamente no meu bairro em que havia uma visita do governador, ele e o meu pai estiveram a falar e falaram em português. Então, eu tenho uma grande recordação desse primeiro contacto com a língua portuguesa. Gostei muito, sobretudo, fiquei admirado de ver o meu pai a falar uma língua diferente daquela que habitualmente nós o ouvíamos, e isso para mim foi um elemento interessante porque aquela coisa de admirarmos os nossos pais a fazer coisas diferentes, especiais, aquilo chamou-me a atenção e deu-me um grande respeito e admiração até vontade de aprender a língua portuguesa.

P – Teve dificuldades de compreensão nesse primeiro contacto?

R – Devo dizer-lhe, que não. Por acaso, como eu já tinha o hábito de ir à igreja, não foi difícil porque nessa altura o contacto fora daquele ambiente era la, era o Padre a falar e, normalmente, as pessoas respondiam de uma forma (…), já nessa conversa a dois e sobretudo de uma pessoa da qual eu não tinha ouvido ainda falar ai é que (…)

P – Acha que o português é L2 para todos os cabo-verdianos?

R – Eu, pessoalmente, considero que o português, para nós, indiscutivelmente, é a nossa língua também, é claro eu até não penso que devemos discutir o protagonismo entre a língua portuguesa e a língua Cabo-verdiana. Pessoalmente, considero que ambas são nossas línguas, mas cada uma tem o seu lugar.

P – O que é que pensa do dito choque que a criança sofre quando chega à escola pela primeira vez?

R – Nós consideramos que quando a criança vai à escola já antes teve o contacto com a língua portuguesa, em momento ocasionais naturalmente, mas tem contacto inclusive pela via da religião, porque a nossa tradição cristã, normalmente, e as crianças na idade de irem à escola, ou mesmo até na idade de irem ao jardim, já vão às igrejas, e por isso não acredito que a escola seja normalmente o primeiro contacto. Isso, eu estou a falar da maioria. É claro que, provavelmente, poderá haver alguma zona do interior que, por não haver muitos actos sociais do tipo, essa criança pode não ter, digamos, contactos, não ter oportunidade, isso mais antigamente, porque agora com estradas e tudo (…). Desde, em 1990, a situação está bastante diferente.

P – Quando e porque é que decidiu ser professor de LP?

R – Eu decidi ser professor da LP numa ocasião muito especial. Precisava fazer uma formação para poder garantir o meu enquadramento convencional e eu sempre estive mais ligada às disciplinas das áreas das ciências, mas nessa altura só havia uma vaga, em LP, então, numa situação em que eu não tinha outra alternativa avancei, também porque sempre considerei a língua portuguesa algo muito importante, apesar de não ser a minha área de eleição directa mas, que eu, mesmo estando nas área das ciências, sempre procurei fazer o meu melhor nessa área das línguas também e, assim entrei para fazer o curso com pessoas que já tinham trabalhado durante muitos anos, e exclusivamente na área das línguas e não tive qualquer dificuldade. Aliás, pelo contrário, até se surpreenderam porque diziam eu que eu nem era da área e estava tendo um desempenho que lhes deixava um pouco admirados. Mas porque, como disse, dediquei sempre alguma atenção, atendendo à importância da língua na comunicação e eu entendo que, de facto, mesmo independentemente da área de trabalho cientifico que a gente queira prosseguir a língua é fundamental e, no caso concreto de Cabo Verde, a língua portuguesa, já dizia Cabral, é a melhor herança que o português nos deixou e, que, de facto, devemos valorizar.

P – Nas suas aulas de ciências, de matemática ou de física, já deparou com a situação do aluno ter uma dúvida e não a conseguir expressar em língua portuguesa?

R – Olha, sinceramente, não. Eu sempre tive a preocupação de levar os meus alunos mesmo na aula a falar a língua portuguesa, mesmo inclusive quando há aquela tendência natural de o aluno querer falar o crioulo, como sempre procurei falar com os meus alunos a língua portuguesa mesmos nos intervalos e, estando a trabalhar essas outras áreas, matemática, física, desenho trabalhos manuais, então, normalmente, a grande maioria, senão uma percentagem muito grande mesmo, sempre falou o português, um ou outro, ocasionalmente, uma ou outra vez chegou a falar, a tentar falar crioulo mas, como sabiam já da minha posição, normalmente, procuravam sempre exprimir as dúvidas e as preocupações sempre em língua portuguesa.

P – Ensinar a língua portuguesa no nosso contexto é, para si, uma tarefa fácil ou difícil?

R – No nosso contexto, considero que não seria muito difícil se nós seguíssemos um método um pouco diferente, sobretudo, nos primeiros anos, porque o nosso sistema assoberba o aluno com muitas questões gramaticais, e que do meu ponto de vista complica, e se calhar, se nós utilizássemos um metodologia diferente, inclusive levar os alunos a desenvolverem a capacidade comunicativa e, a nível da oralidade, conseguir dominar as diversas articulações no falar, talvez pudéssemos facilitar e criar maior entusiasmo na aprendizagem das línguas e, a deixar a parte gramatical tal qual nós já trabalhamos agora, mas para aqueles que se queiram especializar na área das línguas. Também é natural que antes de se entrar nessa questão profunda da gramática, nós por acaso, inclusive muito cedo, devíamos ajudar a criança e os nossos adolescente e os jovens a desenvolveram um sistema implícito através da conversa e da leitura e isso daria muito mais confiança, muito mais vontade para nós aprendermos a língua e depois ter altos níveis de desempenho. Pessoalmente, nas minhas aulas eu tento fazer um equilíbrio, por uma lado sou obrigado a cumprir o planificado que está programado e então vou cumprindo, mas por outro lado mesmo se não houver possibilidade de flexibilidade eu vou articulando com essa perspectiva comunicativa, exactamente para levar os meus alunos a desinibirem-se. Tantas vezes nós chegamos, temos o sumário que tem de respeitar o conteúdo planificado mas, eu faço uma introdução indirecta dessa questão e, falando de um assunto corriqueira ou que aconteceu momento antes da aula ou de um acontecimento local da nossa zona para levar os alunos a desinibirem-se em

relação (…) a comunicarem-se perfeita e normalmente em relação ao assunto, e ai, depois, eu aproveito desta situação de comunicação para pegar determinados aspectos, mesmo durante a conversa vou sacando os aspectos que estão relacionados com a nossa matéria para depois mostrar essa aplicação…

P – Porque não é possível, por exemplo, desenvolver uma competência comunicativa sem trabalhar as questões de estrutura da língua o que é o que pode acontecer é o professor centrar-se nas questões de estruturas e esquecer a vertente comunicativa, a competência comunicativa?

R – Normalmente em muitos casos é o que acontece é isso. Fica espelhado negativamente nos resultados dos nossos alunos e talvez até no desenvolvimento do espírito de acanhamento e em termos de expressão exactamente e pelo facto de terem medo de errar, mas fazendo o contrário normalmente a pessoa está desinibida e então acabo por ir mais no caminho adequado, não só da comunicação mesmo até da língua.

P – Na comunicação de sala de aula, como é que as duas línguas, a LP e a LCV estão a conviver? Se há convivência, se há presença apenas de uma língua se as duas estão presentes, se estão, como é que estão a conviver?

R – Eu digo-lhe que nas minhas salas aulas, pelo menos em termos de conversa oficial, uma ou outra vez, muito esporadicamente, um aluno insurge a querer falar, perguntar ou a dizer qualquer coisa em crioulo mas, muito ocasionalmente. Normalmente, em termos de comunicação entre o professor e o aluno ou mesmo com os colegas é sempre em língua portuguesa e naturalmente, falando com os colegas, já se sabe com o colega ao lado é quase sempre em crioulo.

P – Quando a conversa é de pares e o aluno parte do princípio que o professor não está a ouvir?

R – Mas se eu estou por perto normalmente até, falam também a língua portuguesa.

P – Portanto, na comunicação de sala de aula, o crioulo está na interacção aluno/aluno e nunca na interacção aluno/professor. O professor considera que os seus alunos são muitos participativos?

R – Sim, eu aliás faço questão desde sempre de estimular a participação tendo em conta essa perspectiva que citei no principio, isto é, que eu entendo que o aluno para se desenvolver em língua portuguesa, deve falar o máximo possível e, falar de forma desinibida sobre os mais variados assuntos. Naturalmente o aluno vai estar mais em condições, depois, de ter um desempenho linguístico não só oral mas também escrito.

P – O professor não tem experiência de, na participação de um aluno, ter dado conta de um discurso híbrido, isto é, um discurso em português com várias marcas da presença do crioulo?

R – Isso é normal, nós verificamos isso, constantemente, e por vezes naturalmente temos que soletrar para mostrar um pouco a diferença e vou chamar a atenção. Não de forma que possa ferir a sua sensibilidade, mas de forma a mostrar que em língua portuguesa a forma mais correcta seria diferente da forma utilizada por ele.

P – Eu queria perguntar ao professor, qual é a sua atitude perante essas transferências, como é que o professor trabalha essas interferências?

R – Normalmente ao constatar a interferências, eu geralmente pego naquelas que considero essenciais, porque às vezes são várias. Para trabalhar, como eu disse, no momento, em função da matéria como do contexto, não é, aproveito essas interferências para, por exemplo, trabalhar esse conteúdo com o qual nós estamos a e, outros aspectos ficam para momentos posteriores, porque as vezes volto a referir, exactamente para chamar atenção. Vocês se lembram de tal dia, de tal assunto, em que fulano disse isso, as vezes ate nós discriminamos a frase e vamos pegar e, normalmente utilizo um método activo que é de não logo a partida dizer o quê que não está. Apenas levá-los a reflectir por eles próprios. Talvez esse aluno, começando por esse aluno e depois os colegas para ajudarem a descobrir o que não está bem e o que é que devemos transformar para ficar em conformidade com aquilo que seria correcto na língua portuguesa.

P – Portanto, para o professor a interferência é um conteúdo de ensino aprendizagem?

R – Aliás, não é só o aluno, no nosso sistema é natural, portanto, como praticamente no sistema bilingue é sobretudo na forma como estamos a desenvolver o ensino da língua portuguesa, às vezes o aluno não tem, digamos, a oportunidade de certa forma de cedo de poder distingui as coisas, isso porque, por exemplo, muitas vezes não fazemos muita prática da língua, mesmo o que tinha dito no inicio, muitas vezes na nossa sala de aula nós nos preocupamos, mais estou a falar do geral não é, com o nosso sistema e tem sido assim não passe mais com as questões gramaticais em termos formais e não se da as vezes grandes oportunidades ou atenção a essa questão de comunicação do aluno falar muito e então, com eu dizia, as condições de aprendizagem que obrigam a que o aluno tenha, por vezes, interferências de uma língua na outra ou mesmo faça transferência em termos de construção por exemplo de frases e de expressões, que não é só o aluno. Aliás

é muito frequente, hoje em dia, em Cabo Verde, mesmo ao nível de pessoas com responsabilidades a alto nível, que estão falando português e, nota-se claramente um interferência muito séria da língua Cabo-verdiana no seu discurso ou vice-versa e isso seria já, digamos, quase tudo interferências do bilinguismo que se calhar podemos chamar de outra coisa.

P – No contexto de sala aula, este fenómeno para si é um fenómeno que facilita ou dificulta o processo de ensino aprendizagem?

R – Não eu acho que essas interferências de certa forma podem facilitar, porque permitem, digamos, ao aluno não ficar bloqueado, isto é, recorre a esse expediente para transmitir aquilo que tem a dizer, numa forma quase natural.

P – Recorre a língua materna para poder transmitir as suas…

R – …para completar a transmissão das ideias e, por isso não entendo que se deve, digamos, estigmatizar esta situação, mas na perspectiva do aperfeiçoamento da língua e da capacidade comunicativa, naturalmente nós devemos ir trabalhando e, sobretudo aqueles que querem especializar-se nas áreas das línguas, para estarem a dominar de uma forma clara uma ou outra língua, mas no sistema de comunicação normal, eu não penso que devíamos ter grandes preocupações, porque, ao fim ao cabo, no nosso dia-a-dia, sobretudo agora que estamos num país e num mundo globalizado, em que temos muitos contactos com os mais diversos quadrantes nacionais e internacionais, de facto o que importa mais não é, a perfeição linguística mas a fluência comunicativa e a transmissão de informação de cultura que eu penso que é o mais importante.

P – O Sr. Ministro da cultura no dia 14 de Novembro 2005, declarou a LCV como uma língua oficial, o professor sentiu essa oficialização?

R – Não senti, eu de facto ouvi o discurso nem, mas em termos práticos, para além do discurso, não tenho visto mais nada.

P – Não sentiu e não viveu essa mudança?

R – Não tenho vivido e isso para dizer que, em Cabo Verde, devemos clarificar essa questão. De facto a constituição, nossa constituição considera, digamos, a LCV e a LP se calhar, como línguas oficiais. Mas, na realidade, penso que nós devíamos era, clarificar esta questão de oficialidade, porque sabemos que têm muitas situações em que não vamos poder usar a língua, a língua crioula, para digamos, a nossa comunicação superficial por isso eu penso que é preciso clarificar os lugares sem desprimor da nossa língua materna e sem desprimor por aquilo que nós poderíamos considerar língua oficial para determinados actos e língua oficial para outros, outros actos, quase que vi, iria

digamos a desembocar naquilo que podíamos chamar um, um sistema diglótico nem, isto é não é, não é passar digamos atestado de menoridade por exemplo a nossa língua, mas está claro em muitas situações não vamos poder usar a língua cabo-verdiana para a comunicação.

P – O professor falou em clarificar essa situação, para si clarificar, essa clarificação passa exactamente pelo o quê, ou por quê?

R – Uma decisão política clara que pudesse definir em que circunstancias por exemplo nós poderíamos utilizar a língua Cabo-verdiana por exemplo nas escolas, ate agora não se disse nada, não se diz do meu ponto de vista, devias determinar em que níveis, podia usar a língua Cabo-verdiana ou a língua portuguesa, em paralelo e, eh ao mesmo tempo eh tomar uma decisão nacional, do ensino da língua Cabo-verdiana, não só eh porque como sabe nós temos uma série de, de variantes da nossa língua, e o facto de não termos, essa questão linguística clara eh ainda que seja em termos de decisão politica isso vai nos dificultar bastante em termos de querer fazer outras coisas, porque senão vamos entrar num campo, por não estar regulado pode trazer-nos uma grande confusão eh nosso sistema por isso eu penso que devia haver uma decisão politica clara.

P – Portanto, segundo o professor as politicas linguísticas aplicadas à educação e a nível nacional não estão clarificadas o quê que o professor pensa por exemplo da introdução do crioulo no sistema de ensino, e este o quê engloba o como?

R – Eu penso que nós devemos de facto introduzir eh o ensino, da língua cabo-verdiana no nosso sistema e, devíamos fazer isso como eu disse estabelecendo níveis, onde se podia começar a trabalhar, e ou, tínhamos duas hipóteses ou iniciar um sistema de transição logo nos anos iniciais, logo nos anos iniciais para talvez amenizar digamos aquele hipotético choque que algumas pessoas consideram que existi, eventualmente poderá existir mas eu como eu disse, numa situação muito confinada porque pessoalmente não acredito, que a criança cabo-verdiana sinta um choque grande não sua transição da portanto de ambiente familiar para o meio escolar, pessoalmente não acredito que haja esse grande choque, mas la onde houver, talvez, pudéssemos digamos ultrapassar essa situação a contente de todos, fazendo uma transição com um sistema híbrido de língua portuguesa, língua cabo-verdiana, língua portuguesa, para que acriança fosse, digamos socializada, ou socializássemos melhor na transição desses dois ambientes, mas depois a começar por exemplo em fases em que o aluno já passa entender um pouco mais a desenvolver digamos esse essa coabitação dessas duas línguas, por forma, que a pouco e pouco o aluno fosse capaz de eliminar as

interferências as mesmas transferências, mas é claro, o que estou a dizer pressupõe um trabalho de fundo centrada em dois eixos: a primeira seria a decisão politica, em relação ao lugar adequado para a língua cabo-verdiana, segundo, implicaria um esforço sério de preparação de professores, para fazer digamos esse trabalho ah aos mais variados níveis e se entendesse determinar fazer digamos essa coabitação ou então essa separação lá onde for necessário, podemos depois preparar especialista da língua cabo-verdiana, que se pudessem depois, digamos multiplicar e ajudar de facto a desenvolver a nossa, a nossa língua, porque indiscutivelmente é elemento cultural fundamental da nossa identidade e da nosso afirmação como, como povo e como nação.

P – O professor falou da questão da norma e, nós todos sabemos que na nossa situação, por causa das variantes vai implicar uma atitude de escolha da variante. Alguém já falou na possibilidade de juntar as variantes e fazer nascer uma outra variante, mas sendo a língua, um fenómeno social eu não creio que seja possível, nascer uma décima variante… começando, nós estávamos a falar da questão das variantes, e eu queria perguntar ao professor, para si, o quê que lhe parece? Que dificuldades vamos ter. Um dia teremos, certamente, que fazer uma escolha?

R – Exacto olha, eu quero dizer que não devemos ter complexos e eu penso pessoalmente que a constituição da nossa população, e a origem da nossa língua, digamos já para si determinaram já essa opção e nós na medida que vamos aprofundando um pouco, os nossos conhecimentos eh relação a, a, a digamos a formação da nossa língua e em relação a sua estrutura eh não temos nenhuma dúvida de que vai ser a variante da ilha de Santiago, eh pelas duas razoes e, e também eh, eh, uma questão quase que natural, veja, Santiago tem praticamente a maioria, mais de metade da população de Cabo Verde. Quando nós vamos ver a origem da língua cabo-verdiana, nós encontramos a contribuição portuguesa mas também, encontramos a contribuição africana significativa, e essa contribuição africana está um pouco disseminada, por todas as ilhas e, na decorrência do nosso povoamento mas, naturalmente, vamos encontrar maior pendor dessa contribuição na ilha de Santiago, eu por não temos que ter complexos e devemos é decidir e porque isso mais tarde ou mais cedo vai nos levar a entrar numa trincheira, onde não haverá muita alternativa… só para dar um exemplo, eu quando era criança, tive a sorte de conviver por algum tempo com alguns naturais de Santiago, que foram trabalhar em Santo Antão, como condutores, é verdade que logo nos primeiros dias era difícil entender o que eles diziam, mas depois de alguma convivência, de alguma aproximação, comecei a entender perfeitamente. É claro que em

determinados momentos, um ou outro tema tem que ser explicado mas que, de um modo geral, se acaba por entender. E hoje em dia, e hoje em dia com a mobilidade que se verificou no período pós independência, pode-se dizer que há uma, uma amálgama de crioulos em todas as ilhas, que nos deve levar ah despir desse complexo e decidir e a pouco e pouco e depois nós iremos encontrar esse caminho de ter um crioulo que naturalmente eu acredito que nunca vai deixar de ter as suas variações ou variantes mesmos mas, que eh vão nos permitir ter uma língua cabo-verdiana, que nos permitirá comunicar sem dificuldades em qualquer ilha.

P – Todas as línguas tem as suas variantes, a maioria delas estão a funcionar em pleno, portanto a questão, das variantes realmente é uma questão que não se devia colocar da forma como está.

R – E o que nós estamos a querer mostrar, é um problema subjacente dalgum bairrismo, mais do que uma questão, uma questão diria nacional objectiva, ou então esse bairrismo neste momento é objectivo, mas eu penso que há que haver coragem de alguma para tomar a decisão, porque é isso que nos vai ajudar a definir essa questão linguística mais cedo, e quanto mais cedo eu penso que nós eh como nação, como povo, ganharíamos.

P – Portanto, o professor tem a clara consciência de que a introdução do crioulo no sistema de ensino carece ainda de preparativos, é necessário que se faça algumas coisas, como definição de politicas, formação dos professores, escolha de uma variante, a questão da normalização e que isso, com essas condições criadas, o crioulo será uma ferramenta que facilitará o processo de ensino?

R – A integração do processo de ensino aprendizagem, inclusive das duas línguas e cultura a língua cabo-verdiana, vai ajudar a fazer a ponte assim como a língua portuguesa para interpenetração cultural.

P – Uma última questão, os manuais, qual é que tem sido o lugar dos manuais no desenvolvimento dos conteúdos do programa da disciplina de língua portuguesa?

R – Eu penso, que temos tido se calhar um azar, em termos de conjugação dos nossos manuais com os nossos programas, isto é, tem se feito algum esforço mas não tem sido no meu ponto de vista o suficiente, para articular os nossos manuais com os programas e inclusive com aquilo que eu pessoalmente e muita gente pensa que devia ser os nossos objectivos educacionais tanto, veja nós estamos num mundo global, em que seria importante articulados numa forma, perspectiva digamos, os aspectos locais, os aspectos regionais os aspectos nacionais com os aspectos globais e não tem havido do meu ponto de vista uma conveniente articulação e, muitas vezes por exemplo você é obrigado a

abdicar de um programa que não tem suporte e isso está a decorrer das dificuldades económicas das famílias que não conseguem por exemplo ter um manual e mais outras coisas. Por exemplo às vezes as famílias não conseguem ter uma gramática, por exemplo, e o manual não tem, em cada um dos níveis, os elementos gramaticais suficientes, para suportar um determinado conteúdo. Então, isso obriga o professor a ter que dar apontamentos ou então obrigar os alunos a procurar gramáticas e nem sempre é fácil. Eu, este ano propus à escola que nós mobilizássemos uma verba para comprar um certo número de gramáticas, que também o aluno pode trabalhar. Não podemos continuar com essa prática na qual o aluno estuda só a base de apontamentos. Isso leva a mediocridade. Quer dizer se nós levarmos o aluno a ter um manual, já ao mesmo tempo a trabalhar esse manual com uma gramática se fosse possível, seria o ideal porque ali as informações seriam mais alargadas, seria ideal. Não sendo possível, devíamos ter manuais com texto local, regional, nacional e com aspectos internacionais em funções dos níveis, mas também com os conteúdos eh gramaticais, a serem trabalhados em conjunto, no manual, par exercitar aos mais variados níveis, isso iria facilitar o aluno a fazer a articulação das coisas, e eu penso que seria um grande… e nós até agora infelizmente não temos podido concordar, com esses programas, os manuais e mesmo na preparação dos professores.

Sujeito: PB

Local: Mindelo – Escola José Augusto Pinto

Data: Abril de 2008

P – Em primeiro lugar, queríamos saber que lugar ocupa o português e o crioulo na sua vida?

R– Portanto, o português na minha vida tem o lugar, o lado profissional, trabalho, as instituições, quando vamos a uma instituição, o crioulo no dia-a-dia, no lazer, estas coisas, quando estamos fora do trabalho.

P– Pode considerar o crioulo como a sua língua materna?

R– O crioulo é de facto a língua materna.

P– Quando é que adquiriu cada uma dessas línguas.

R– O crioulo desde do inicio, desde que aprendi as primeiras palavras foram em crioulo, o português quando comecei a freqüentar o Ensino Básico.

P– Lembre em que circunstancias se deu o primeiro contato com a língua portuguesa?

R– Como eu disse foi no ensino básico.

P– Aprender a língua portuguesa foi para ti fácil ou difícil?

R– Fácil não foi, é uma língua um pouco complicada, um pouco difícil, muita gramática, fácil não foi. Lembro-me das notas no ensino secundário mesmos, não eram fáceis não.

P– Não eram..., o que é que acha que poderia facilitar a aprendizagem na sua opinião, agora que é professor, o que é que acha que poderia facilitar essa aprendizagem?

R– Muita coisa.

P– Por exemplo?

R– Por exemplo começava pelos programas, por exemplo pelos programas, eu penso que, com o ciclo que eu trabalho, aliás trabalho aqui com o primeiro e à noite com o segundo, portanto eu vejo que os alunos, já não falo do ensino básico, pronto não sei, mas no ensino secundário os dois ciclos, eu acho que o primeiro ciclo é muito sobrecarregado, muita gramática, muita matéria, muita coisa, o ensino daria mais, com menos idade; já no ensino secundário, olha no ensino secundário, desculpe-me, no

segundo ciclo isto não acontece, há pouca coisa da gramática para falar aos alunos, se calhar tudo aquilo que vemos no segundo ciclo já tenha vista no primeiro, complica muito para os alunos mais jovens; é um ponto. O outro ponto também, eu acho que mesmo nós os professores que trabalham com a língua portuguesa, acho que devíamos prepararmos muito mais, exijám muito, a algumas circunstancias que, às vezes, as coisas passam e nós nem sequer damos conta e quando estamos em casa que vamos dar conta. Como eu disse a gramática é um pouco complexa um pouco exigente, exige muito de nós.

P– A gramática está ao serviço da língua, até que ponto? Até que ponto usa-se, ensina-se a gramática explícita a favor da comunicação, ou a aquisição de conhecimentos lingüísticos?

R– Eu penso que é mais para a aquisição de conhecimentos lingüisticos, porque damos a gramática, damos a gramática, damos a gramática e, às vezes, quando o aluno expressa oralmente o professor não tem a preocupação de corrigir a fala do aluno, mesmo se ele errar gramaticalmente o professor, às vezes deixa seguir. Mas se for por escrito nós corrigimos, mas oralmente vai passando.

P– Portanto, há uma preocupação com o desenvolvimento da competência lingüística e não com o desenvolvimento da competência comunicativa.

R– Exatamente.

P– Acha que os alunos não estão a pôr em pratica ou a comunicar-se como deviam?

R– Sim. Não comunicam como deviam, mas também a culpa não é só dos alunos, os alunos quando expressam oralmente e nós professores deixamos passar, e não corrigimos, então nós também temos a nossa quota parte nisso.

P– Quando e porque decidiu ser professor de língua portuguesa?

R– O.k. escolheu ser professor de língua portuguesa, porque gostava de língua portuguesa.

R– Gostava da língua portuguesa.

P– Que pensas da tua actividade profissional? Ser-se professor de língua portuguesa em Cabo Verde.

R– É muito bom ser professor de língua portuguesa, é muito bom, porque aprendemos muito, como eu disse a gramática é muito difícil, então temos que estar sempre a lê-la, cada dia vamos aprendendo uma coisa, cada dia vamos aprendendo uma coisa, portanto, neste ponto de vista eu gosto, eu gosto muito. Mas é muito difícil trabalhar aqui, porque

as condições não são muitas, são poucas escassas, não temos acesso a muitas gramáticas, não temos acesso a muitas bibliotecas, etc, etc, aqui em Cabo Verde, não sei se é só aqui em Cabo Verde, pronto aqui em São Vicente pelo menos não é muito fácil.

P– Acha que, então acha que o recurso ao espolha bibliográfico poderia auxiliar as aulas de língua portuguesa, facilitaria a tarefa do professor?

R– Facilitaria muito. E dos alunos também.

P– Dos alunos também. Na sala de aula qual das línguas utiliza ma comunicação com os alunos?

R– Língua portuguesa.

P– E eles?

R– As duas.

P– Quando?

R– Começam em português e terminam no crioulo, ou ao contrário.

P– Começam em português, terminam no crioulo... começam em português e terminam no crioulo, portanto há uma mudança de códigos. Essa mudança de código facilita ou complica a comunicação?

R– Eu acho, eu acho não sei se facilita ou se complica, ou se complica, mas eu acho que dentro da sala de aula devíamos falar a língua portuguesa, portanto é a língua oficial, aquela aula é de língua portuguesa, estamos ali é para aprender a língua portuguesa, portanto eu penso que dentro da sala de aula deviam falar a língua portuguesa, eu sinto quando falam por exemplo em crioulo, eu peço que repitam a frase mas em português, às vezes os meninos até dizem:" hó professor então eu não falo, então eu não falo", mas pronto então nos vamos ajudando, com a ajuda mesmo dos outros alunos da turma, já tinha dito a frase em crioulo, mesmo os outros alunos, eu peço aos outros alunos da turma, um ao outro como é que devia, como é que o aluno devia ter dito a frase, etc, etc, depois eu pergunto:" será que era tão difícil?"

P– Portanto o professor aproveita a oportunidade de troca de código, recupera o recurso à língua materna que o aluno já tinha utilizado anteriormente para motivar a aprendizagem da língua portuguesa, para fazer o ensino da língua portuguesa. Em termos de participação como classificas os teus alunos? São muito participativos, são pouco participativos.

R– Acho que são pouco participativos, são pouco participativos.

P– O que é que dificulta essa participação?

R– Bom eu acho, eu penso que os meus alunos, aqueles que são meus alunos já não tem a motivação, estudam sétimo, são alunos do sétimo mas já com dezasseis dezassete anos, alguns mesmo que transitarem de ano não vão ficar na escola. Então mesmo quando um deles responde uma coisa correcta ou põe uma duvida mesmo os outros brincam dizem:" pra que mesmo se transitares ou não transitares vais ficar em casa a fazer nada". estas coisa, estas a ver, mas acho que é falta de motivação porque não vão estar mais na escola, estas coisas, já são alunos que não tem interesse nenhum.

P– Portanto a falta de interação, de participação dos alunos na sala de aula não tem nada a ver com o facto da comunicação, de se lhes exigir, se lhes exigir uma comunicação em língua portuguesa.

R– Claro, há desmotivação, alguns, alguns, mesmo aqueles que participam, que participam às vezes, nós, se exigirmos que falem português podem acanhar, mas acabam por falar, acabam por falar, mesmo se não falam corretamente, é normal darem erros para corrigirem, mas acabam por falar, mas para outros a desmotivação é total.

P– Não há nada que se possa fazer para melhorar, para lhes motivar a participar e a interagir com o professor?

R– Sempre há alguma coisa que o aluno possa fazer para melhorar, mas o aluno deve estar apto para colaborar, se não… às vezes, fazemos jogos, jogos com palavras, portanto com palavras, significados, jogos de significados, estas coisas para ver, mesmo aqueles que não gostam, quando vêem um aluno só a responder, só a responder, começam então a dizer palavras que também acham que são sinónimos, ou que são antónimos, estas coisas.

P– Já vimos mais ou menos que há uma desmotivação, que esta desmotivação, no caso dos alunos do PB, não tem muita coisa a ver com… pode ter alguma coisa a ver com, a falta de domínio da língua portuguesa, mas é motivada por outras coisas. O que é que pensa da interferência do crioulo no português?

R– Portanto, dos alunos ou geral?

P– De uma forma geral.

R– De uma forma geral. Eu penso que, até hoje o crioulo interfere e muito na língua portuguesa, pode ser pelos alunos, pelas pessoas la fora, muitas vezes quando estamos, temos por exemplo na televisão quando a pessoa está a falar com pessoas, às vezes começam mesmo na forma de, pessoas noutras áreas não nas escolas, começam em português e terminam no crioulo, ou então metem o crioulo pelo meio, estas coisas, mesmo pessoas formadas também, não é só a camada mais...Portanto, até hoje o crioulo

interfere na língua, mas acho que não devia ser, que não devia ser, portanto sendo o português a nossa língua oficial, aquela com que mantemos o contacto com outros povos de expressão, portanto língua portuguesa, eu penso que todos nós devíamos falar o mínimo pelo menos, o mínimo, mesmo o mínimo da língua portuguesa.

P– Nessa interferência, o que acha que poderá diminuir a possibilidade de interferência do português, do crioulo no português?

R– Portanto mostra a vantagem.

P– Que implicações terá este fenómeno no processo de aprendizagem da língua português?

R– Eu penso que isto também, o facto dos alunos introduzirem o crioulo ao falarem português, introduzirem o crioulo, penso que prejudica, prejudica muito a aprendizagem sim, prejudica muito.

P– Que tratamento dá a este fenómeno na produção dos alunos, quer na produção oral quer na produção escrita? Na produção oral já vimos um pouco, na produção escrita?

R– Na produção escrita, escrevem em português, pelo menos os meus alunos, escrevem em português, mesmo com erros.

P– Mas nota-se erros de interferência do crioulo na produção escrita em português?

R– Há sim, há algumas interferências, mesmo na escrita há interferências do crioulo na elaboração de frases, por exemplo vê-se que o aluno às vezes deixa.

P– Mas como trata esse aspecto na produção escrita?

R– Quando isto acontece. Quando isto acontece geralmente chamo o aluno ao quadro, escreve a frase ao quadro, escreve a frase no quadro, juntamente com a turma, leio o contexto para a turma perceber o contexto, depois de perceberem o contexto vão saber o que é, vão ver o que é o aluno queria escrever, o que é que ele queria escrever em português. Com a ajuda dos alunos, geralmente eu não ajudo, eu peço aos alunos para darem opinião de como é que devia ter escrito, estas coisas então vai um aluno e escreve, escrever a frase de novo, até que o aluno que tenha escrito diga que era realmente aquele que queria escrever.

P– Para fechar esse assunto na tua opinião o recurso que os alunos fazem a língua materna é positivo ou negativo?

R– Acho que na aula de língua portuguesa não, penso que é negativo em todas as aulas, penso que, estamos na escola, num instituição, sendo uma instituição a língua

portuguesa é que deve prevalecer, e quando o aluno introduz crioulo esta a prejudicar a aprendizagem, a sua própria aprendizagem, porque não há uma abertura total a língua portuguesa, deixa se levar pela língua crioulo, então isto vai dificultar muito a sua aprendizagem, mesmo a nível escrito como a oral, na hora de se expressar, a nível escrito como a nível oral.

P– O que é que pensa da introdução do crioulo no sistema de ensino?

R– Bom, eu acho que sendo a nossa língua materna, desde que preparem professores para lecionar a disciplina eu penso que seria...

P– E esta introdução, como ela deveria ser feita, como é que acha que estamos no momento… Cabo Verde está num momento de responder à pergunta como.

R– Exatamente agora é que é difícil, portanto somos ilhas cada um com o seu estilo, não é, então como é que aqui vão fazer? Acho que eu vi variante de Santiago, variante de São Vicente, mas isso que, mas isso implicaria o que, que os alunos por exemplo, um aluno de São Vicente teria vantagem, acho muita, vantagem em relação ao aluno de Santo Antão, porque ele já fala o crioulo de São Vicente, enquanto que os de Santo Antão e São Nicolau tem que aprender desde do início, acho eu, então penso eu que o como é um problema muito sério.

P– A quem defenda que o crioulo deve entrar de cima para baixo dos professores para o pré-escolar; a dias nos ouvimos da senhora Ministra que o crioulo será introduzido no pré-escolar. Como?

R– Qual seria a melhor, na minha opinião.

P– Qual seria, na sua opinião qual seria o melhor momento, de cima para baixo ou de baixo para cima?

R – De cima para baixo.

P– Achas que a introdução do crioulo melhoraria o resultados dos alunos de uma forma geral?

R– Se calhar sim, acho que sim.

P– E da língua portuguesa em particular? Os resultados da língua portuguesa em particular.

R– Eu penso que, mesmo que se, se introduzirem o crioulo, se oficializarem o crioulo, em relação a língua portuguesa eu penso que e eu defendo que a aula de língua portuguesa seja feita em português, assim como as outras línguas também, portanto para ensinar o inglês e o francês também tem de ser em francês ou em inglês, porque não há, eu penso que não há cabimento ensinar língua portuguesa em crioulo, nem língua

francesa em crioulo, nem língua, nem inglês em crioulo, penso que as outras disciplinas até pode, até pode ser, explicar matemática em crioulo se calhar o aluno percebe melhor, mas a língua portuguesa, penso que deve que ser feita...

P– Portanto não aconselha o recurso à língua materna para o ensino da língua, das línguas.

Sujeito: PC

Local: Mindelo – Escola José Augusto Pinto

Data: Abril de 2008

P – Queríamos saber de si, senhora professora, que línguas dominam?

R – O português, francês mais ou menos, inglês também mais ou menos.

P – Quando é que adquiriu essas, cada uma dessas línguas?

R – O francês … primeiro o português, o português é quando eu estudava, o E.B.I mas também muito antes porque em minha casa havia o costume de, assim com livros, os meus pais eram da Igreja, religiosos, estavam sempre a ler a Bíblia fazíamos a leitura, estávamos sempre em contacto com a língua portuguesa.

P – Estava sempre em contacto com a língua portuguesa. Falou da questão da religião, os pais eram religiosos, que igreja frequentava?

R – A Igreja Batista.

P – Aprender a língua portuguesa foi fácil ou difícil para si?

R – Fácil, foi fácil porque…

P – Foi fácil ou difícil?

R – Foi fácil.

P – Porque?

R – Porque primeiro, já tinha um contacto, estava sempre a ler livros, estávamos sempre a contar historias, também ia a igreja e ouvia histórias, da Bíblia, quando comecei a aprender a ler eu tinha curiosidade de ver aquelas histórias que ouvia, sempre lia também.

P – Lembra-se de algum episódio que tenha marcado a sua vida e que esteja relacionado com o ensino aprendizagem da língua portuguesa? Ou com o ensino, ou com a aprendizagem. Ou enquanto professora ou quando estudante.

R – Bom, o problema, portanto é um episódio engraçado, foi numa aula, veio uma aluna chamava-se Marilene, então os colegas andavam sempre a insulta-la, então certa vez eu estavam no intervalo e um rapaz veio, a menina veio e disse: - professora, eu quero que a senhora chamasse a atenção ao Carlos porque ele está a insultar-me, a chamar-me um nome feio, e professora, eu fiz queixa ao professor de E.V.T, e o professor disse que eu sou aquele nome. E eu disse qual é o nome, e ela disse: está a chamar-me magnifica; e eu disse credo; e ela disse: ó professora, a senhora não vai fazer nada? – Agora vais para

a biblioteca de castigo e vais ver o significado. E ela foi, e voltou toda contente, chegou na sala e voltou para o colega e disse: - *agora bo podé tchme-me magnifica*; então o colega disse o que, *é um cosa dret? Enton mi n te tchma mês*. E deu-se a perceber que nem um nem outro sabiam o significado da palavra.

P – Nem o aluno, nem a colega, nem a miúda sabiam?

R – Penso que sim.

P – Porque é que a professora decidiu ser professora de língua portuguesa?

R – Bom, em princípio, sempre eu quis ser professora, em princípio eu queria fazer geografia, ou geografia ou português, eu fiz testes prós dois, eu gostava, portanto eu gostava de ler, nas aulas de português eu sempre tive o cuidado de fazer os trabalhos de casa porque, para, mas eu gostava mais de geografia, quando eu fiz testes eu consegui mas, eu consegui passar tanto a geografia como a português, mas em geografia fiquei na lista de suplentes, mas em português anulou-o definitivo; eram duas opções, eu gostava tanto de um como do outro.

P – O que é que a professora pensa da sua actividade profissional? O que é que pensa de ser professora de língua portuguesa no nosso contexto, no contexto educativo cabo-verdiano?

R – Difícil.

P – É difícil porque?

R – É um trabalho difícil porque, os alunos praticamente não gostam de falar em português, não gostam de ler, portanto é um trabalho de base, de base, ler na sala, ler mais na sala, muitos chegam no primeiro ano de liceu, chegam e não sabem ler, então é soletrar letra por letra ate conseguir fazer uma palavra, depois conseguir fazer uma frase, e não entendem mesmo o que estão a ler.

P – Não entendem o que estão a ler. O que é que poderíamos fazer para facilitar essa tarefa?

R – É a mesma cotação, deveria ser mais de casa, mais de casa, se os pais cultivassem mais a leitura, nem que fosse ler uma histórinha por dia para poderem cultivar a ler mais, para conseguir entender mais, porque o problema esta na compreensão.

P – Então a professora acha que…

R – Se não consegue entender não consegue expressar.

P – E na sala de aula qual das línguas que os alunos utilizam nas suas comunicações?

R – O quê?

P – Na sala de aula, no contexto de sala de aula, na comunicação de sala de aula, que línguas usam os alunos na comunicação, na interacção professor\aluno, aluno\aluno. Bom, quando faz perguntas, perguntas ainda dentro da sala?

R – Professor/aluno, o nível professor/aluno mas se há, portanto por exemplo, quando se faz perguntas, perguntas que seriam dentro da sala, porque a um que forma mais em , tem que chamar um aluno, chamar outro para responder uma pergunta, agora, se eu digo assim, Paulo hoje vamos fazer uma aula com um tema livre a vossa escolha, ai começam a fala, mas falam mais em crioulo do que em português.

P – Falam mais em crioulo do que em português?

R – Do que em português, e se peço que se fala português acabou a conversa.

P – Se o professor pede para falar em português acabou a conversa.

R – Acabou a conversa.

P – Então mesmo na interacção com os professores os alunos preferem falar o crioulo.

R – Preferem falar o crioulo.

P – E como a professora reage face a esse fenómeno, a esse situação?

R – Por vezes, eu faço, eu digo assim: - como é que se diz em português? E eles dizem: - não professora não gosto de falar português; - tens que saber..., tens que gostar; - mas eu não sei como se diz, se eu vou, se vou falar em português os colegas vão ficar a rir; - não, fala como souberes e eu corrijo; então os alunos começam a ..., ha mais transgressão do crioulo no português, não fazem uma frase sem entrar o crioulo, pegam numa frase em crioulo e utilizam as palavras portugueses.

P – O que a professora está a dizer-me é muito importante, eles não fazem, se a professora pedir que eles mudem de código não deixam de falar o crioulo para falar a língua portuguesa, eles fazem uma transposição...

R – Uma transposição do crioulo para o português.

P – Em termos da participação como a senhora classifica os alunos? São muitos participativos, estou a falar daquela participação que realmente conduz a um

desenvolvimento de uma competência, conduz a aprendizagem da língua portuguesa. Eles são muitos participativos, pouco participativos, como são?

R – Depende. Se for só uma aula de leitura todos gostam de ler, todos pedem para ler, se houver perguntas de interpretação todos são participativos, e quando há exercícios da gramática são poucos participativos, se forem para o quadro fica uma confusão dentro da sala, todos querem corrigir o que o outro está a fazer, – não é assim; ela apaga, o outro diz uma coisa ela torna a apagar, há mais embaraço a nível da gramática.

P – Se há exercícios que tem a ver com a estrutura gramatical da frase eles, todos, querem participar.

R – Não é participar, acho que não é participar, ninguém quer ir ao quadro vai um aluno e começa a resolver o exercício e todos começam a corrigi-lo.

P – Todos querem corrigir.

R – Todos começam a dizer: - não, não é assim, é tal coisa, e ele vai e apaga, e o outro diz: - não é assim, e torna a pagar; e torna a fazer e o colega diz...

P – Portanto o próprio aluno que está no quadro, muitas vezes, está inseguro relativamente...

R – Está inseguro.

P –...Está inseguro relativamente ao que vai a fazer. Então não há uma participação organizada, não há uma participação que…Na sua opinião o que é que dificulta esta participação?

R – Não sentem à vontade para falar em português, para eles podiam falar todo em crioulo sentem, não é, mais à vontade, às vezes, começam a falar em crioulo, e eu fico aqui, e deixo falar, e vão falando, depois eu digo vamos falar em português.

P – E acabou.

R – E acabou a conversa.

P – Portanto eles sentem pouco à vontade a falar a língua portuguesa, na comunicação, se tiverem de expressar os seus pensamentos em língua cabo-verdiana, em crioulo seria, a participação, a professora acha que a participação seria maior. O que é que a professora pensa da interferência do crioulo no português?

R – A uma forte interferência...

P – É um fenómeno, uma forte interferência, há, é uma, uma, uma realidade, essa realidade dificulta ou facilita a aprendizagem? Em língua portuguesa.

R – De certo modo acho que podia facilitar, também dificulta muito, porque a nível de, escrevermos fica muito mal, muito mal, a interferência do crioulo leva a fazer frases incompletas a nível de organização frásica, as frases ficam mal organizadas, eu acha também, eu acho não, quando estamos a expressar e não sabemos aquela palavra dizem em crioulo e nos ajudamos, e dizemos como é que se diz em português e eles, ao dizer aquela palavra, começam por entronizar aquelas palavras que, por vezes, não conhecem.

P – Portanto, o crioulo poderia ajudar mas, muitas vezes, assim como está dificulta. Porque muitas vezes leva o aluno a construir estruturas em língua portuguesa. Que implicações terá este fenómeno no processo ensino/aprendizagem da língua portuguesa? Nos já vimos de uma forma em geral, a professora disse que, pronto, que poderia facilitar, e assim como esta dificulta, muitas vezes dificulta. Que implicações terá isto na aprendizagem língua portuguesa? Nós queremos ter um aluno que tenha competência de compreensão e de comunicação em língua portuguesa. Este fenómeno de constante interferência, ou de transferência que o aluno faz da estrutura da língua materna para a língua portuguesa é um fenómeno benéfico ou maléfico?

R – Penso que maléfico, maléfico porque os alunos não cons..., não hão de conseguir ver isso e: - ah, professora nossa língua, a nossa língua é crioulo porque é que eu tenho que falar português? Não fazem o mínimo esforço for para ajudar, mesmo no português.

P – Não fazem o mínimo esforço. E que tratamento a professora dá a este fenómeno? Como é que a professora se relaciona com este fenómeno no seu quotidiano, todos os dias com os alunos?

R – Portanto, eu, quando isto acontece, eu mesmo os obrigo a falar, vamos falar o português, eu sou professor de português, vamos falar português, vamos escrever, mando escrever frases, depois: - vamos entender o que é que esta frase diz, começamos a ver, começamos a interpretar, começamos a ver formas de interpretações, as vezes, vejo interpretações que ficam muito longe do que a frase está a dizer.

P – O que é que a professora pensa da introdução do crioulo no sistema de ensino?

R – Portanto, acho que a introdução do crioulo no sistema de ensino, também tem que, primeiro tem que ter uma estrutura, neste caso os alunos, cada um tem a sua importância, crioulo é a nossa língua materna, nos falamos, nos podemos aprender a escrever, mas cada um no seu lugar.

P – Isto é, delimitar as fronteiras entre o crioulo e...

R – ...E o português.

P – Na sua opinião, como é que, quando, a professora encara a possibilidade do crioulo ir para às escolas?

R – Não, não, talvez, não estou a ver.

P – Não consegue ver isto, porque? Falta o que?

R – Não, falta, para mim...professora, falar português é fácil mas escrever não dá certo.

P – Falar crioulo?

R – Falar crioulo, desculpa la. Falar crioulo é fácil, mas escrever não dá. Mas ai, introduzir crioulo nas escolas há que ter pessoas formadas para isso.

P – A professora acha que faltam pessoas formadas?

R – Formadas nessa área, para que possam mostrar...

P – Para ensinar.

R – Para que possa mostrar a actual notícia, ensinar-lhes que crioulo não é só falar, só falar e pronto; as regras como o português tem regras, portanto...

P – Sobre este aspecto, a inexistência de uma norma de produção escrita, e cria mais dificuldades.

R – Sim, sim.

P – Cria mais dificuldades. E se nos estivéssemos aqui, tomando já a hipótese que já temos uma norma de produção escrita e que nós já temos todas as ferramentas necessárias para a introdução do crioulo no sistema de ensino, em que nível a professora acha que o crioulo devia ser introduzido no ensino, no pré-escolar, no ensino superior, no ensino secundário, em que nível?

R – Eu acho que poderia ser introduzido no ensino básico, mas já naquela última fase.

P – A última fase.

R – Sim, sim.

P – Na terceira fase do ensino básico.

R – Na terceira fase.

P – O senhor ministro da cultura falou da oficialização do crioulo, a professora sentiu essa oficialização?

R – Eu não. Eu ouvi falar, ouvi falar mas eu não senti aquele grande impacto de...

P – Que impacto a professora acha que terá esta medida no sistema educativo?

R – Não percebi.

P – O aluno terá consciência de que ele tem duas ferramentas oficiais, o crioulo e o português.

R – Acho que terá um impacto negativo porque os alunos começam a só valorizar, só a valorizar o crioulo. A nossa língua já é língua oficial, começam a colocar português de parte.

P – E a colocar português de parte.

R – Começam a colocar português de parte. Portanto, terá um impacto negativo para a língua portuguesa e para o ensino em geral.

P – Para a língua portuguesa e para o ensino em geral. A professora então acha que o crioulo pode vir a ser algum dia língua vincular de conhecimentos científicos, isto é ensinar a matemática através do crioulo.

R – Eu acho que não.

P – Acha que não, porque?

R – porque eu não estou a conseguir ver os termos, os termos matemáticos ditos em crioulo. Nós vamos usar os termos científicos e utilizamos as palavras em português.

P – E utilizamos as palavras em português. Se isso acontecer se o crioulo algum dia for para a sala de aula como língua vincular de conhecimentos científicos que lugar estará reservado à língua portuguesa?

R – A língua portuguesa acabará por desaparecer.

P – A língua portuguesa acabará por desaparecer.

R – Acabará por desaparecer ou perderá a grande importância que ela possui.

P – Grande importância. E os manuais? Só mais uma última pergunta. Os manuais, professora. Que lugar tem os manuais na gestão do seu programa? Que importância tem os manuais na gestão do seu programa?

R – Portanto, o manual de língua portuguesa, usamos mais para leitura de texto; nesse momento, portanto, nos últimos anos nós usamos manual mais é para texto e nem, na maior parte do tempo, às vezes nós temos muita gramática, muito assunto de gramática, damos manual de vez em quando.

P – Manual de vez em quando.

R – De vez em quando, de vez em quando, porquanto é que, as vezes eu digo para os alunos: - amanhã tragam livro, tragam livro na próxima semana e depois;

P – E porque é que é que o programa prevê mais exercícios gramaticais, mais conteúdos gramaticais?

R – Há mais conteúdos gramaticais do que... usar o manual mesmo.

P – Portanto o manual é pouco explorado. Mais a qualidade linguística do manual dificulta ou facilita? Os alunos compreendem a linguagem, a clareza.

R – Nem sempre.

P – Nem sempre.

R – Nem sempre. Há alunos que ficam a perguntar o que é a palavra, portanto, mas também eu acho que não é tanto pelo o manual, mas também pelo nível dos alunos.

P – Ok. Portanto são ...

R – Depende do tipo de aluno que nós temos, porque eu já tive turmas que os alunos entendiam tudo, mas a turmas que os alunos não se interessam nada.

P – Portanto, há uma falta de interesse há uma falta de motivação. Porque?

R – Não sei.

P – Não sabe.

R – Não sei. Mesmo.

Sujeito: PD

Local: Mindelo – Escola José Augusto Pinto

Data: Abril de 2008

P – Quais as línguas que a professora domina?

R – Português e o nosso crioulo.

P – Que lugares ocupam o português e o crioulo na sua vida?

R – Os primeiros, crioulo primeiro depois o português.

P – Quando adquiriu cada uma delas?

R – Crioulo portanto como a língua materna, logo que se começa, logo os primeiros anos de vida e o português também por causa ter pai que falava sempre português em casa.

P – Em que circunstancia se deu o seu primeiro contacto com o língua portuguesa?

R – Acho que já responde esta pergunta, em casa.

P – Aprender a língua portuguesa foi para te uma tarefa fácil ou difícil?

R – Primeira parece fácil mais não é nada fácil.

P – Porquê?

R – Porque o português já é complicado por sí mesmo. Por ser uma língua que veio do latim, não é. É portanto as coisas que parecem fáceis mais depois por debruçar nelas não são nada fácil.

P – Lembra de algum episódio que tenha marcado a sua trajectória de aprendendo língua portuguesa? Como professora ou como aluna?

R – Neste momento não.

P – Quando e porquê decidiu ser professora de língua portuguesa?

R – Não tive escolha.

P – O que pensa da sua actividade profissional?

R – Gosto.

P – Maneira?

R – Gosto de estar dentro da sala de aula com meus alunos, acho que não trocaria isso por nenhuma outra actividade que dê a respeito educação não passaria por outro ramo. Não.

P – Então ser a professora de língua portuguesa desempenhar nesta função te da muito gozo?

R – Muito prazer.

P – Em relação a situação social linguísticas de Cabo Verde, o que seria da situação sociolinguísticas em Cabo Verde? O que é que penses? Em relação as línguas que convivem entre nosso País?

R – Acho que convivem bem. Português e crioulo convivem bem dentro de Cabo Verde.

P – Até que ponto podemos dizer que a sociedade cabo-verdiana é uma sociedade bilingue? É não é?

R – É. Embora as pessoas pensam que, as pessoas não admitem logo mas se pararem e pensarem podemos dizer que sim.

P – O Senhor Ministro da Cultura declarou a em Novembro de 2005 e a partir de então o crioulo passaria a ser também língua oficial de Cabo Verde, o que é que pensa dessa oficialização?

R – Precisam trabalhar muito sobre isso. Pode ser por camada sem escolaridade a uma muito polémica sendo ela uma língua oficial.

P – Sentiu esta medida, essa oficialização declarada? 2005?

R – Não, não.

P – O quê que pense do contacto entre o português e o crioulo na situação do contexto educativo?

R – Ainda nas escolas também não se nota muita diferença, não se, como é que eu ia dizer, ainda as crianças não vêem o crioulo como uma língua, e os próprios professores também.

P – Achas que crioulo poderá vir a ser uma língua veiculada nos países de meios científicos?

R – Pode.

P – Em que medida? O que é que falta? O que é que precisa fazer?

R – Precisa fazer manuais. Primeiro instruir os professores, para que os professores possam instruir as crianças, não é? Daí começar a trabalhar, começar a fazer manuais, livros em crioulo.

P – Achas que é imprescindível a formação dos professores?

R – Dos professores.

P – Os professores que nós temos hoje então não estão preparados para leccionar a língua cabo-verdiana?

R – Não estão.

P – Se isto não acontecer, se crioulo vier a ser a língua veiculado por conhecimentos científicos, que lugar estará a língua portuguesa em nossa planeta?

R – A língua portuguesa nunca deixara de ser ou a língua que é hoje. Não é! Mas eu acho que ficaria um bocadinho atrás, porque nós temos mais à-vontade no crioulo que na língua portuguesa.

P – E agora, dentro do sistema educativo, achas que a introdução do crioulo no sistema educativo mudaria o aproveitamento dos alunos duma forma geral?

R – Sim.

P – Em que disciplinas achas que fica?

R – Nas cientificas.

P – E o da aprendizagem da língua portuguesa como é que ficaria?

R – Não ficaria atrás. Acho que não, não sofreria mudança nenhuma.

P – Qual será então a sua impacto da oficialização do crioulo no ensino da língua portuguesa? Que ajuda o crioulo dará ao ensino língua portuguesa?

R – O crioulo, acho que ajudaria todas crianças a entender melhor o português.

Porque? Porque expressariam melhor e o professor já poderia trabalhar melhor com eles.

P – Na comunicação da sala de aula, qual é a língua que, quais são as línguas que estão presente na comunicação na sala de aula?

R – Português.

P – Na interacção professor/aluno, aluno/aluno?

R – Professor aluno português, aluno a aluno crioulo.

P – Qual tem sido a posição da professora perante essa situação de comunicação?

R – Portanto, eu, da minha parte, sempre comunico com meus alunos sempre em português, não é. Mais a situação que eu vejo que não entendam. Então desço para o crioulo. Quando falo crioulo e quando falo crioulo toda a gente percebam.

P – Então aceita que o aluno comece e mesmo que tiver alguma dificuldade, então aceite que o aluno exprima a sua ideia em crioulo?

R – Deixo sim em crioulo.

P – Então para si o crioulo tem características capacidades para a transmissão de conhecimentos científicos?

R – Sim.

P – Em termos de participação como é que classificaria as suas turmas?

R – Suficiente.

P – O que achas que está por detrás desse défice de comunicação? Porquê que os alunos não falam, não tem uma participação boa?

R – Há muitos factores. Eu não direi dos professores que não tem conhecimento para transmitir se é aí, mas para os professores poderem ensinar e convenientemente para os alunos poderem aprender vai depender de muitas outras coisas que, às vezes, não estão na altura dos próprios professores.

P – Essa falta de comunicação não está ligada a outros factores como a inibição?

R – Sim também, pois, eu já tinha dito que quando o aluno não percebe ou não consegue exprimir em português reprime-se, não é, não expõem-se para o docente o que pensa e quando é assim o professor não o poderá ajudar.

P – Mas esta inibição não está ligada a falta de domínio à língua?

R – Sim, muitas vezes.

P – E o que poderíamos fazer para melhor a interacção aluno/professor na comunicação de sala de aula? Para tornar os nossos alunos mais participativos?

R – Talvez o crioulo seja um meio.

P – O que é que pensa da interferência do crioulo na língua portuguesa na comunicação oral ou escrito do aluno?

R – Talvez se separássemos uma coisa da outra, os alunos melhorariam isso.

P – Poderiam evitar esta interferência?

R – Sim

P – Portanto para si uma forma de trabalhar as transferências seria clarificar as fronteiras entre as duas línguas. Estabelece alguma diferença entre interferência e transferência linguística?

R – Mais interferência.

P – Conhece mais o termo interferência. Que implicações terá a interferência no processo de ensino aprendizagem da língua portuguesa? Como é que a professora trabalha a transferência dentro da sala de aula? Quando o aluno por exemplo apresenta um discurso que está carregado de marcas da língua cabo-verdiana?

R – Primeiro, ponho o aluno a exprimir aquilo em crioulo na língua cabo-verdiana, depois mostro que aquilo que ele acabou de dizer está em crioulo, pois, em português não se diz daquela forma. E daí começar a trabalhar para passar para língua portuguesa.

P – Portanto, a professora faz a análise contrastiva entre as duas línguas? Na sua opinião o recurso que os alunos fazem à língua materna é uma estratégica positiva ou negativa?

R – positiva.

P – porque?

R – É positiva porque aluno não... como é que eu hei de dizer? Exprime os seus sentimentos, exprime o que ele sente, posiciona-se sobre determinado assunto e a partir daí consegue chegar a um objectivo.

P – Portanto para professora é mais importante a comunicação.

R – A comunicação.

Sujeito: PE

Local: Mindelo – Escola José Augusto Pinto

Data: Abril de 2008

P – Tem-se ouvido muitas reclamações, da parte dos professores, da falta de competência linguística dos alunos.

R – Eu não chegaria a esse extremo. Não chegaria a esse extremo, não é, porque os alunos adquirem uma certa competência, adquirem, às vezes é que não, não ap..., é que a influencia, eu acho que a influencia da língua materna é forte, é muito forte, não é, e só tem o momento da aula para praticar a língua portuguesa, eu acho que falta aqui é o tal banho de língua.

P – Faltam oportunidades de exposição a língua, contacto com...

R – Não só oportunidades de exposição, mas vontade de, algumas vezes dos próprios alunos.

P – Dos próprios alunos. Nesse processo de exposição a línguas, a língua portuguesa em particular, que papel teria a comunicação social? A televisão, a rádio...

R – Tem um papel muito importante, porque, por exemplo os meninos que vão para, pela a primeira vez que vão a escola, o contacto que tem em casa não é através dos pais, mas sim da comunicação social, e aqui, eu acho bom, eu gosto muito dos canais portugueses, não é, eu prefiro estes, não os brasileiros, não é, e outros, porque assim eles vão, têm contacto com a língua portuguesa, eu acho que os meios de comunicação tem uma importância muito elevada.

P – que língua(s) os alunos usam na interacção pedagógica: aluno/aluno e aluno/professor?

R – Aluno/aluno, aluno/professor se eu deixar é sempre em crioulo, querem é falar crioulo, não é, agora professor/aluno é sempre em português, e pronto, se eu não deixar falar o crioulo falam sempre português. Mas a sempre alguns que ainda apresentam alguma resistência, não é, e - temos que exercer o português, estamos numa aula de português, não é.

P – O que é que a professora acha que está por detrás desta resistência? Qual é a base desta resistência, porque é que os alunos estão a resistir?

R – É..., eu acho que é por causa do contacto da língua materna que tem, a afinidade que tem com a língua materna, e dizem logo: - a nossa língua é o crioulo e porque também não aceitam a língua portuguesa como nossa, um dia eu escrevi no quadro a nossa língua, não é, estava a me referir ao português, e um aluno levantou-se e disse: - nossa língua professora? E eu disse assim: - então, porque chegou aqui primeiro do que o crioulo, não é; é um aspecto da nossa cultura como outros aspectos, então a língua portuguesa também é nossa, não é. Mas eles não aceitam isso. Eu acho que é um dos factores...

P – Então é uma questão de identidade linguística. Ser eu perguntar aos alunos...

R – Eles identificam-se com o crioulo.

P – Com o crioulo.

R – Mas um dia em que estiverem numa situação em que vão precisar do português para entender ou fazer-se entender, vão sentir saudades da língua portuguesa. Eu já senti isso a uns anos atrás, a minha irmã vive nos Estados Unidos comprou um cartão porque telefona através de cartões, comprou um cartão e o cartão não funcionava, telefonou para a operadora e passaram uma pessoa que falava português, não é, e essa pessoa tomou o meu número e telefonou-me, não é, dos Estados Unidos a pessoa da operadora que trabalhava falou português, e eu disse se nos não falassemos português como é que nos iríamos nos comunicar.

P – Nos comunicar.

R – Em crioulo? Não é, pronto, e ai, eu senti-me falante, não é.

P – Da língua portuguesa.

R – Proprietária da língua portuguesa também.

P – Perfeitamente. E na sala de aula com professores, nós sentimo-nos falantes da língua portuguesa.

R – Às vezes, há uma certa dificuldade em falar o crioulo com os alunos, não é, a dias encontrei um aluno na rua e estive a falar sobre as faltas, ele tinha muitas faltas, e ele disse professora, eu já tinha avançado, e ele chamou-me e disse assim: - professora estamos na rua fala crioulo; a uma certa dificuldade, às vezes, em falar o crioulo com os alunos.

P – Em termos de...

R – Principal na sala de aula.

P – Em termos de participação, como é que a professora classificaria o nível da participação dos seus alunos na sala de aula? Participação no desenvolvimento dos conteúdos.

R – Não sei se tenho tido sorte, mas eu tenho gostado da participação dos meus alunos. Eu tenho tido turmas bastantes participativas, as vezes são mais participativos oralmente do que por escrito, dominam mais o português...

P – A oralidade.

R – a oralidade do que o escrito.

P – Antes de avançarmos queria clarificar o nível que a professora está a trabalhar neste momento.

R – Terceiro ciclo.

P – Terceiro ciclo. Sempre trabalhou com os alunos do terceiro ciclo?

R – Não. Comecei com o primeiro, depois passei para o segundo, trabalhei com o terceiro, estive um ano, dois anos na direcção tem de tomar apenas duas turmas, tomei as duas turmas do primeiro ciclo, e agora estou a ...

P – Mas tem notado uma evolução em termos de, a medida em que vai avançado o nível de escolaridade vai adquirindo uma melhor competência a língua portuguesa? Tem notado essa evolução?

R – Tenho. Apesar que nos dois primeiros anos, não é, no primeiro ciclo por exemplo quando usamos as partes gramaticais dominam mais; acho que por não praticarem muito, por exemplo no décimo primeiro estamos a fazer revisões dos....., coisas elementares que já esqueceram, mas se formos perguntar a um aluno do sétimo ou do oitavo vão dizer logo.

P – Mas eu estou a falar da competência comunicativa não da competência linguística.

R – Tem, melhorado muito, desenvoltura...

P – Se nos tivéssemos, o que é que poderíamos fazer, ah, para melhorar a interacção professor/aluno, aluno/aluno na sala de aula? Que estratégias utilizariam, que estratégias tem estado a utilizar que tenha melhorado ou que possa melhorar mais a sala de aula? Com vista a uma competência a língua portuguesa.

R – Estou desenvolvendo mais a oralidade.

P – Apostando na oralidade.

R – Na oralidade, porque muitas vezes têm receio de falar, não é, têm vergonha, eu acho que deveríamos apostar muito na oralidade.

P – Apostar na oralidade. Têm vergonha, estão inibidos.

R – Sim. Arranjar estratégia para ultrapassar a …

P – A inibição.

R – Eu tenho um aluno que o chamo e ele diz: - não quero. Mas tem vários problemas; é deficiente e fica no seu lugar, não é, e agora junta a deficiência e a, tem muitos complexos, quando nos vamos fazer uma actividade ele não aparece, agora, pronto ele esta lá sentado e ninguém vê a sua deficiência, pode falar, e ele fala perfeitamente, e agora nem participar quer participar.

P – Portanto, podem ser problemas intrapsicológicos e não tem nada a ver com a competência de produção.

R – Tem a ver sim. Muitas vezes são dificuldades que não tem a ver com a competência.

P – Com a competência. O que é que pensa da interferência do crioulo no português? Em termos gerais, em termos gerais, é bom, é mau...

R – Ah, eu acho que, que não é bom. Devemos saber a fronteira de uma língua e da outra, não é, apesar de que as interferências muitas vezes podem acontecer uma a outra, não é, mas, muitas vezes, também estraga toda a estrutura na outra língua, eu acho que não é muito bom esta interferência.

P – Que diferença a professora estabelece entre interferência linguística e transferência linguística?

R – Diferença...

P – Diferença entre interferência e transferência de línguas.

R – Interferência quando o vocábulo entra, de uma língua entra na outra, não é, interferência, e transferência é quando transferimos estruturas de uma língua para a outra, é mais ou menos isso, nesse sentido.

P – Sim, são conceitos mais técnicos, mas se a professora não quer responder não responda; nos estamos a fazer esta pergunta directamente para que, eh, na formação, e nos incidimos muito na questão da interferência, mas eu não tenho memória, por exemplo, de ao longo da minha formação Ter falado da transferência linguística, enquanto que a transferência linguística é um processo educativo, é como positivo, isto é o aproveitar, transferir, é o transferir de

conhecimentos que eu já sofri da estrutura da minha língua para aprender outra, portanto um processo de aprendizagem positivo, a interferência é tida mais como um processo inconsciente e que eu faço por falta de domínio de um dos...

R – Neste caso seria muito bom aprender a estrutura do crioulo, não é, isso ajudaria na aprendizagem do português.

P – Que implicações terá este fenómeno, o fenómeno de, já que, de interferência/transferência no processo ensino aprendizagem da língua portuguesa? A interferência como sendo um processo inconsciente e a transferência como sendo um processo consciente. Que interferência teria estes dois processos estes dois fenómenos no, na aprendizagem da língua portuguesa?

R – Então, era mostrar a estrutura, posso utilizar a expressão que usei anteriormente, mostrar a estrutura do crioulo, não é, fazer o estudo, mostrar essa estrutura e depois mostrar a estrutura do português.

P – Portanto, fazer a....

R – E assim, o aluno, tendo consciência da estrutura do crioulo, ao escrever o português não iria utilizar, e tendo consciência da estrutura do português não iria utilizar uma estrutura na outra.

P – Enquanto não há essa clarificação haverá interferência?

R – Sim. Então qual é a pergunta?

P – Portanto a pergunta é, exactamente isso que a professora respondeu. Que implicações terá este fenómeno no processo ensino aprendizagem. O fenómeno de clarificar as estruturas para aprender a outra língua terá uma implicação negativa ou positiva?

R – Positiva.

P – Positiva. E a interferência que é, que teria uma implicação contrária.

R – Hurum.

P – Que tratamento dá a estes dois fenómenos dentro da sala de aula? Estes dois fenómenos não se, não se verificam na comunicação, ou pode verificar, já vi que a professora se calhar não tem debruçado sobre isso, mas que tratamento a professora dá ao fenómeno de interferência? Quando um aluno produz um discurso onde inconscientemente ela vai, ele vai utilizar o código, deixa que o discurso em língua portuguesa seja influenciado pelo crioulo

R – Muitas vezes nos localizamos, destacamos estas palavras, não é, para mostrar que pertence ao leque da língua, do crioulo, e que, e vamos tentar procurar, uma palavra, um vocábulo na língua portuguesa, caso esteja a falar muitas vezes do sentimento, e ou então está a referir-se a aspectos muitas vezes culturais em que não há uma correspondência na língua portuguesa agora eu digo: - isso é normal, no mínimo. Está a falar o português e a língua materna é o crioulo, que ao transmitir uma realidade que não existe em português então, como vêem é útil utilizar esta expressão, porque se não ele não vai conseguir exprimir de melhor forma o que quer dizer.

P – Assim sendo a professora aceita que existem realidades no nosso quotidiano que só são expressas em língua portuguesa.

R – Em língua...

P – Em língua cabo-verdiana. Em língua materna.

R – São as .....

P – As ... nosso quotidiano, não é.

R – Por exemplo quando um aluno disse que, eu pergunto: - como é que passaram as ferias?; - *m passa sabe*! Não sei ...

P – Eu passei *sabe* não tem a mesma força.

R – Não tem a mesma força, não sei qual seria, podemos até encontrar um outro, não é, um sinónimo, mas para exprimir de facto o que ele passou não vamos encontrar.

P – Só o *N passa sabe.*

R – Exactamente.

P – Então o recurso neste caso, o que é que a professora acha do, na sua opinião, o recurso que os alunos fazem da língua materna é positivo? Em determinadas...

R – É. Em determinadas situações é.

P – Em determinadas situações, noutras situações não, que situações o recurso a língua materna não é positivo?

R – Muitas vezes quando há palavrinhas por exemplo, que estamos, que já trabalhamos várias vezes, que conheçam, que é domínio do português, não é, e por pura preguiça recorrem ao crioulo.

P – Recorrem ao crioulo. O que é que pensa da introdução de, do crioulo no sistema de ensino?

R – Para ensinar como uma língua?

P – Fala-se da introdução do crioulo no sistema de ensino, ou ainda não foi...

R – Nos vamos utilizar o crioulo como um veículo, ou. estudar o crioulo como se estuda o inglês, o francês.

P – O que é que a professora pensa da introdução do crioulo como uma língua? Como uma disciplina?

R – Seria muito bom. Eu concordo, estudar o crioulo como uma língua, não com os mesmos métodos de língua Segunda ou terceira, não é, de língua estrangeira, o inglês, o francês, mas, eu acho que seria muito bom. Agora utilizar o crioulo como veículo de ensino já não concordo muito.

P – Já não concorda, porque?

R – Porque eu acho...ainda o país não esta preparado para ter somente o crioulo, e se fizermos isso eu penso que a língua portuguesa vai desaparecer.

P – Então a professora acha que ...

R – Porque já verificamos uma tendência dos alunos em querer dominar só crioulo, se dermos essa oportunidade, não é, na escola que é o único local, lugar, muitas vezes é o único lugar onde utilizam o português, o português vai desaparecer.

P – Vai desaparecer. Portanto professora acha, eu tenho uma pergunta que lugar vai, que lugar terá o crioulo na vida do cabo-verdiano quando, o português na vida do cabo-verdiano quando o crioulo for língua oficial e língua vincular de conhecimentos científicos?

R – Vai ter um lugar somente para satisfazer as necessidades de comunicação com o português. Em situações, não é, em que temos que falar português.

P – Portanto o crioulo, o português será apenas a língua para nos ligar com o resto do mundo.

R – Pois.

P – Então a professora é da opinião que o crioulo deve ser introduzido no sistema educativo apenas como uma disciplina, não como língua vincular...

R – Como disciplina, sim.

P – E em que nível? Há quem defenda que o crioulo deve ser introduzido no pré-escolar, outras pessoas defendem que no superior, outras pessoas acham que é a partir dos nove anos. Em que nível a professora acha que se devia introduzir o crioulo como disciplina?

R – No início. Primeira classe.

P – No pré-escolar.

R – No pré-escolar. No pré-escolar não, o pré-escolar é o jardim.

P – Sim.

R – Na primeira classe.

P – Mas qual é a língua que se utiliza no jardim não é a língua portuguesa? A não, no jardim, no pré-escolar, a ideia que

Sujeito: PF

Local: Mindelo – Escola José Augusto Pinto,

Data: Abril de 2008

P – Começaria por perguntar ao senhor professor desde quando está a trabalhar como professor de língua francesa.

R – Eu comecei em 1995.

P – Com ou sem formação?

R – Sem formação. Estive em Marrocos onde estive na faculdade de direito, depois eu abandonei a faculdade de direito no segundo ano passei um ano em Porto Novo antes da formação, antes da formação estive um ano em Porto Novo

P – Sempre quis ser professor de língua?

R – Sim, quando abandonei a faculdade de direito, já falava francês então quis mesmo seguir esta formação.

P – Portanto, resolveu ser professor de francês porque?

R – Porque francês é um domínio onde me sinto bem, é um domínio que, é uma língua que falo quase bem, praticamente bem, eu diria, e gosto, durante o tempo livre vejo o TV Senegal, gosto de informações em francês. É um domínio onde me sinto bem.

P – Portanto gosta da língua francesa.

R – Gosto.

P – Que lugar ocupa o português e o crioulo na sua vida?

R – Bom o ...., o crioulo é minha língua materna e tem sempre um lugar importante, praticamente todos os dias falo crioulo, português também é a língua oficial, temos que na escola, nas outras instituições utilizo o português.

P – Então, o professor se considera como um plurilingue?

R – Sim.

P – Domina com facilidade três línguas, acha, acha que para si, isso, facilita ou traz, facilita de alguma forma a sua vivência na sociedade?

R – Facilita, facilita, dominar uma língua é importante, porque quando eu preciso de alguma informação em francês vou procurar a letra apenas, quando preciso em português consulto livros, consulta alguns livros em francês, então, em português, é sempre bom conhecer várias línguas.

P – Portanto o domínio de mais uma língua é uma mais valia.

R – É sempre bom.

P – Quando e em que circunstancias aprendeu o português? Já disse que o crioulo é a sua língua materna, que aprendeu o francês no Marrocos.

R – O português é, basicamente foi na escola primária, tive já..., no pré-escolar temos uma noção mas é na escola primária, é na escola primária que aprendemos o português.

P – E domina outras línguas para além do francês, do português e do inglês?

R – Não.

P – Como é que caracteriza a sociedade cabo-verdiana em termos linguísticos.

R – Bom, eu posso falar de bilinguismo e eu posso falar de, de diglossia porque, aqui há, não bilinguismo… os cabo-verdianos falam várias línguas, mas a língua predominante é a língua materna o crioulo, é uma coisa extensa o crioulo e o português, o português nas instituições mas, os cabo-verdianos em geral aprendam as línguas com facilidade.

P – Como caracteriza o domínio que o cabo-verdiano tem da língua portuguesa. O que é que tem constatado em termos do domínio da língua portuguesa?

R – Acho que alguns não dominam muito bem a língua portuguesa.

P – Não há um domínio completo...

R – Da língua portuguesa.

P – Agora vamos à sua sala de aula, em termos de interacção verbal na sua sala de aula como é que seus alunos se relacionam dentro da sala de aula em termos linguísticos?

R – Bom, acho, quando eles, as vezes falam o português, às vezes falam o crioulo, mas quando no diálogos falo com eles em francês, mas tento traduzir quando não, quando vejo que eles não compreenderam.

P – Mas, como é que, quando é que falam o crioulo dentro da sala de aula?

R – Mais ou menos, quando estão a fazer queixa.

P – Quando estão a fazer queixas?

R – Sim, do colega.

P – Quando estão a fazer queixa do colega, quando..., falam em crioulo, nas conversas de pares, nos diálogos?

R – Sim, sim nos diálogos colegas/colegas é sempre em crioulo.

P – Portanto a interacção aluno/aluno...

R – Crioulo.

P – Aparece em crioulo.

R – Aluno professor aparece mais em português e francês.

P – No discurso com o professor é quando estão a fazer queixas.

R – Mais nas queixas, mas, às vezes em português.

P – Há muita participação, pouca participação, como é que é?

R – Há muita participação, depende do tipo de aulas, mas há muita participação, principalmente nas aulas de diálogos onde os alunos vão fazer...., o que chamamos de...

P – Jogo de papéis.

R – Jogo de papéis, sim.

P – E essa participação é em português, no oitavo ano, estou a falar do oitavo. Já foi professor de língua francesa no oitavo ano.

R – Sim, já trabalhei com todas as turmas.

P – Então no oitavo ano essa participação é em francês ou em português?

R – Os diálogos em francês.

P – Os diálogos em...

R – Em francês. As dúvidas em português, sabe quando estão a preparar os diálogos, se a algum, se os alunos têm dúvidas, às vezes colocam questões em português, mas os diálogos são em francês.

P – Portanto, as dúvidas, os pedidos de esclarecimento, entanto...

R – Sim, tudo português.

P – Que é que acha que está... Nós temos dúvidas em francês,....

R – ...Em português.

P – Dúvidas em português, diálogos em francês e interacção em crioulo. Se tiver que caracterizar a competência linguística desses alunos em língua portuguesa, o que é que diria? A fluência é fraca, é....

R – Não..., eles tem que melhorar um pouco o português. Às vezes, fazem algumas frases...com... gramaticalmente não estão correctas, às vezes eles tem dificuldades em...formar frases correctas, às vezes, às vezes.

P – O que o professor acha que esta na origem dessa incorrecção? Porque é que eles têm essa dificuldade no formular frases correctas.

R – Eu acho que estas dificuldades... aparecem desde...da primaria...do ensino primário.

P – Mas e porque?

R – É o método de ensino também, é o método de ensino, acho que deviam ensinar o português....em língua oficial, mas como língua segunda. O método que estão a ensinar o português não é o melhor, na minha opinião.

P – Portanto o que significa ensinar, com, como língua segunda.

R – Com base...

P – Com base...

R – Em outros métodos, como o alfabeto...

P – Que lugar teria o crioulo nesse processo de ensino, aprendizagem do português como língua segunda.

R – O crioulo... pode servir, pode servir de base recorrer ao crioulo sempre que o aluno não consegue explicar uma expressão, mostrar como é que varia do crioulo para o português, no sentido..., pronto.

P – É sempre importante, portanto. Os alunos fazem recurso à língua materna, já disse que na comunicação aluno/aluno, na interacção aluno/aluno, o aluno faz recurso à sua língua materna. Acha, ou então quando está a fazer queixas também fala em língua materna. O recurso à língua materna que o aluno faz é positivo ou negativo?

R – Portanto dentro da sala de aula, às vezes, é negativo, porque se um aluno recorrer sempre à língua materna, o aluno está em situação de insegurança linguística, não por, linguística, não consegue manter uma conversão em português, quer dizer que algo não vai bem.

P – Quer dizer que algo não vai bem.

R – É bom utilizar a língua mas no momento certo, não, tem que saber utilizar o português também.

P – Qual é a sua atitude perante este fenómeno, perante o recurso a LM dos alunos? Está a dizer que nem sempre o aluno deve poder em contextos próprios escolher a língua adequada porque a atitude dos alunos de estarem constantemente a recorrer à LM, às vezes, não é muito bom. Qual tem sido a sua atitude perante esse fenómeno? O Que é que tem feito com este recurso que o aluno faz à língua materna?

R – Eu aceito quando o aluno não abusa do recurso, quando para explicar uma expressão o aluno não consegue entender em francês posso recorrer à LP ou à LM. Em casos pontuais. Não sempre.

P – Nem sempre, apenas em casos pontuais. Que impacto terá este fenómeno no processo de aprendizagem dos conteúdos de Francês? Na disciplina de francês.

R – O recurso à língua ...

P – Materna?

R – Materna. Pode ter....às vezes, principalmente com os níveis, com os alunos principiantes, podemos recorrer à língua materna para ajudar os alunos a entender as expressões, mas já com os níveis mais avançados o recurso deve ser o menos possível.

P – Ok. Portanto, este fenómeno, então está a querer dizer-me que este fenómeno nos anos principiantes pode ter um impacto positivo, mas ...

R – ... Mas nos últimos, no terceiro ciclo já pode ter um impacto negativo.

P – No terceiro ciclo já pode ter, implicações, um impacto negativo. E de uma forma geral, não sei, de uma forma geral que implicações terá o crioulo no processo ensino aprendizagem nas escolas cabo-verdianas. Eu não estou a falar agora do francês, estou a falar da matemática, da geografia, de física,...o que é que o professor acha?

R – Sim.... no que diz respeito à matemática pode facilitar, às vezes, as explicações,... os termos. Pode recorrer ao crioulo o aluno pode, entender melhor...os enunciados...

P – Pode facilitar a compreensão dos enunciados, não é. O que é que pensa da introdução do crioulo no ensino?

R – Eh...eu penso que pode ser positivo, mas.... tem que...a escolha da variante é que pode causar um problema, qual variante a utilizar, variante de Sotavento, variante de Barlavento.

P – Então com essa puxa/puxa se torna mais difícil.

R – Mais difícil, sim.

P – E se de repente o ministério resolver, bom eu acho que não é nem o ministério que, mas pronto, vamos colocar a hipótese do ministério resolver dizer que a partir do próximo ano lectivo nos vamos ensinar nas escolas a variante de Santiago.

R – Motivação, aqui temos o factor motivação, será que o aluno de Barlavento vai estar motivado para aprender a variante de Santiago, será que o aluno não vai colocar questões, porque é que eu não... aprender a variante de Barlavento.

P – O aluno pode não ter a motivação para estudar a variante de Santiago. Ok, mas aceita que, aceita a possibilidade da introdução do crioulo no sistema do ensino algum dia.

R – Sim, aceito, só que tem que ter uma estrutura própria portanto, não sei, não fiz muitos estudos sobre o crioulo, mas tem que ter uma fonética, tudo próprio, uma gramática própria para não ter interferência do português.

P – Então acha que com a interferência do português não seria tão positivo?

R – Os alunos poderia, poderia, não, gostaria que tivesse a sua própria estatura, o crioulo não seria um português mal falado, então com a sua própria estatura, com a sua própria estatura.

P – Evitar o aportuguesamento do crioulo. Agora temos um problema aceitamos a introdução do crioulo, mas sabe que não o é possível fazer sem optar por um dialecto, uma variante.

R – Uma variante. Então, seria uma variante para Sotavento e uma variante para o Barlavento.

P – Portanto, aceita, aceita que isso seja possível com duas variantes. E acha que, acha que deve, seria a melhor forma de se processar essa introdução, a quem defende que essa introdução deve acontecer no ensino superior, a quem defende que a introdução deve acontecer no E.B..., no pré-escolar e a ainda outras pessoas como Dulce Almada que defende que essa introdução deveria fazer a partir do E.B.I.

R – Bom, numa primeira fase no ensino superior formar professores para, para, ensinarem o crioulo, depois voltar o pré-escolar, depois... primar o de seguida.

P – Temos um problema, que todo o cabo-verdiano fala o crioulo, mas uma vez que não a uma norma escrita padronizada, temos a dificuldade de, eu já ouvi muitas pessoas a dizer que a escrita, ou escrever crioulo é difícil.

R – É difícil. Eu falo crioulo, todos os dias, e não consigo escrever o crioulo, o crioulo, não consigo escrever o crioulo.

P – Mas isto não será porque não tem uma ortografia para usar.

R – É isso. Tem que ter a sua própria ortografia.

P – Já pensou no dia em que houver um acordo ortográfico, ou seja norma, a estratégia, ou seria a melhor estratégia possível para ensinar o publico, a sociedade de uma forma em geral, as pessoas que não estão na escola, e que não voltar de novo à escola?

R – A televisão. Aulas de crioulo na televisão, pode resolver, a televisão.

P – Aulas de crioulo na televisão. Então, neste aspecto, os meios de comunicação social fariam um papel permanente. A televisão, e a rádio. Estamos a falar da

introdução do crioulo. Mas falar da introdução do crioulo, eu quando falo da introdução do crioulo, penso na possibilidade do crioulo ir para a sala de aula como uma disciplina.

R – Como disciplina.

P – Como o francês e como o português. Como eu estava a falar até aqui. Agora alguma vez já pensou na possibilidade do crioulo ser língua vincular de conhecimento científicos em Cabo Verde. De ensinar-mos geografia a partir do crioulo, matemática a partir do crioulo, francês a partir do crioulo.

R – Sim, é uma possível, agora podemos colocar a questão do português, como é que ia ficar a língua portuguesa.

P – Como é que ia ficar a língua portuguesa quando, já pensou como ficara a língua portuguesa quando o crioulo for língua vincular de conhecimento.

R – Vamos ter duas línguas oficiais.

P – Sim, teremos duas línguas oficiais, o português ganhará com isso ou perderá com isso, perderá terreno com isso ou ganhará mais terreno com isso

R – O português perderá terreno.

P – O português perderá terreno. E nos podemos fazer algo, o português perderá terreno tendo em conta que as salas de aulas são os únicos espaços de influência.

R – Sim, agora vamos ter menos espaços.

P – Menos espaços de contacto da língua, menos espaços de influencia da língua. Os seus alunos são competentes na língua portuguesa, já disse que sim, são competentes na língua portuguesa, os alunos do oitavo ano.

R – Mais ou menos, é que eu tenho muitas possibilidades de avaliar o aluno em língua portuguesa, só um ponto, a uma interacção, mas repara eu estou, estou mais, estou com mais atenção na língua francesa.

P – Francês. Não tem ouvido dos colegas reclamação da competência do professor.

R – Sim. Os meus testes são em francês então, mas eu tenho ouvido algumas reclamações.

P – Os professores normalmente reclamam da, que seus alunos são, dizem que os seus alunos são impotentes a língua portuguesa. O que acha que esta na base dessa incompetência. Porque é que os alunos hoje, e eu duvido que seja hoje, nos temos a tendência de dizer hoje, mas no meu tempo também, porque é que no meu tempo não se notava, no meu tempo o aluno que tinha dificuldade de expressão não falava.

R – Bom, com a reforma do ensino há aspecto positivos e a aspectos negativos, talvez, não deram, não, não deram muita importância ao ensino do português na escola primaria, isto é importante para o liceu, para...

P – Acha que antes da reforma aprendíamos mais o português do que depois da reforma.

R – Sim.

P – Nós ouvimos de uma forma geral que, nos ouvimos em discursos oficiais e em discursos de pessoas consideradas formadas, intelectuais, nos apercebemos da interferência do crioulo no português. O que é que acha que esta na base desta interferência?

R – Razões de interferência do..., então o ... português, no crioulo utilizamos várias expressões utilizadas pelo português, então, mas a pronúncia, às vezes, não é a mesma, a pessoa vai pronunciar… a interferência do crioulo, às vezes, pode pronunciar a palavra da mesma maneira que pronunciamos em crioulo e não fica muito bem em português.

P – Portanto acha que, o que está por detrás dessa interferência é a semelhança...

R – Por exemplo “cabeça”, “cabéça”, o som, o som que não...

P – A semelhança que existe entre o português e crioulo.

R – Sim, só que a pronuncia não é a mesma e dá interferências.

P – O senhor Ministro da Cultura falou na oficialização crioulo.

R – Não só o Ministro, mas há muito tempo que estão a falar da oficialização do crioulo mas nunca acontece eu queria perguntar porque nunca aconteceu ate agora.

P – Mas sabe que a 14 de Novembro de 2005 saiu um decreto, um decreto de oficialização do crioulo.

R – Só que até agora nada. Só ficou em decreto. Há muito tempo estão a tentar fazer isto mas, até agora, nada.

P – Não, fizeram, o senhor Ministro declarou nesta, declarou a oficialização do crioulo. Porque acha que essa oficialização não aconteceu? Não aconteceu não. Não está sendo praticada.

R – Porque antes de oficializar tem que mostrar se o crioulo tem estrutura, tem que criar estrutura própria do crioulo, sua fonética, a sua ortografia,...

P – Então acha que o crioulo não...

R – O crioulo não tem ainda uma estrutura própria, pode ter gramática escrita pelo Ministro da cultura, Baltazar Lopes escreveu o dialecto do crioulo, só que estas

gramáticas não...., não é… mas uma língua não é só gramáticas, tem que ter fonética, deve ter...

P – Nas suas aulas de francês os alunos fazem a transferência da língua portuguesa para a língua francesa? Transferem conhecimentos da língua portuguesa para a aprendizagem do francês, da aprendizagem do francês.

R – Às, vezes sim.

P – E o que faz com que apareçam estas transferências?

R – Às vezes, tento explicar aos alunos que numa língua a tradução palavra por palavra, não dá, não tem, às vezes.

P – Fazem a tradução literal.

R – Literal. Têm que pensar que ta, ta a fazer em francês, têm que ver a estrutura da língua francesa. Fazer a tradução directa não..., a frase, principalmente nas composições, mostrar que, às vezes não funcionam.

P – Mas fazem a tradução pedagógica, não fazem?

R – Fazem, quanto as suas composições, fazem, às vezes.

P – A tradução pedagógica. Ta bom, muito obrigada senhor professor eu lhe agradeço imenso pela disponibilidade.

R – De nada.

Sujeito: PG

Local: Mindelo – Escola José Augusto Pinto,

Data: Abril de 2008

P – Sra. Professora, que línguas a professora domina?

R – Português, inglês mais ou menos e o nosso crioulo.

P – Que lugar ocupa cada uma dessas línguas na sua vida?

R – 1º vem o crioulo por ser língua materna, depois o português e por último o inglês.

P – Quando é que aprendeu cada uma dessas línguas?

R – Crioulo desde que nasci, posso dizer assim, português na escola, na escola primária e o inglês na escola secundária, nessa altura era no sétimo, não é, no 7º ano.

P – A professora se considera bilingue?

R – São duas línguas, não é? Utilizar o português e utilizar o crioulo. Creio que sim.

P – Tanto é que está a falar em português.

R – Pois.

P – Como é que caracteriza a sociedade cabo-verdiana em termos linguísticos?

R – Primeiramente, se nos dominamos o nosso crioulo que é a língua que nós aprendemos e eu creio que grande parte também, grande parte, nem todos dominam o português.

P – Em termos de interacção verbal na sala de aula, como é que são as suas turmas, muito participativas, pouco participativas, como?

R – Eu diria que nem, nem muito nem pouco, um equilíbrio, os alunos participam mas eles participam utilizando muitas vezes o crioulo.

P – Eu queria perguntar a professora como estão estas duas línguas presentes na sala de aula? Quando é que os alunos falam crioulo e quando é que falam português?

R – Bom, presentes no sentido de participarem? Os mesmos que estas a dizer é participar?

P – Sim, exacto. Quando é que o aluno usa um código, em que circunstâncias os alunos usam o crioulo e em que circunstancias os alunos usam o português?

R – Por exemplo eu sou professora de H. Ambiente e os nossos termos são em português portanto eu tenho que lhes ensinar em português. Mas, quando eles, muitas vezes, vão responder, respondam no crioulo. E portanto, nesse caso o crioulo está muitas vezes a sobrepor-se sobre o português mesmo que lhes chama a atenção, mas o crioulo esta a sobrepor-se ao português, muitas vezes.

P – Muitas vezes. Portanto na comunicação, aluno, aluno/professor os alunos muitas vezes utilizam o crioulo. E na comunicação aluno/aluno?

R – Eles utilizam sempre o crioulo.

P – Sempre o crioulo.

R – É. Tem-se visto principalmente dentro da sala de aula, querem, querem alguma coisa, pedem alguma coisa, utilizam o crioulo, nos intervalos. Às vezes, eu creio que a menor percentagem se dirige a professora, no, em português, a maior percentagem se dirige a professora no crioulo.

P – E quando estão a fazer queixas e/ou reclamações.

R – Os que utilizam o português, muitos erros e outros nem por isso, utilizam sempre o crioulo.

P – O que é que a professora acha que esta na origem dessa situação, porque é que os alunos estão a utilizar mais o crioulo, na sala de aula do que a língua portuguesa?

R – Eu creio que chegamos no EBI sem ter, sem termos a base do português, as crianças la no Jardim Infantil utilizam o crioulo, as professoras ao se dirigem para essas crianças dirigem-se no crioulo, e não tem base nenhuma, e la em casa nós não falamos português com os nossos filhos. E justamente por isso, e ai que começa, creio que começam essas, essas dificuldades. A professora logo na primária começa a falar português e eles não tiveram, não tiveram, nesse caso, algum contacto com o português, e logo de imediato a professora do EBI vai falar o português creio que estas dificuldades começam ai.

P – Qual é que tem sido a atitude da professora perante este fenómeno de coexistência linguística na sala de aula?

R – Por exemplo, eu tenho sempre de, tentar lhes corrigir para que eles possam falar o português, porque ate agora ainda não foi dito de que deveremos falar crioulo dentro da sala de aula. Temos que falar o português.

P – A professora acha que o recurso que o aluno faz a língua materna é positivo para a aprendizagem?

R – Aprende sim, até certo ponto sim, porque muitas são as vezes em que dando aula em português eles não entendam mas se uma pessoa recorrer à língua crioula ou então utilizar aquelas expressões no crioulo eles vão entender.

P – Vão entender. Portanto, o recurso a língua materna pode ser um recurso positivo para a aprendizagem de línguas.

R – Mas não deixando de lado o nosso português.

P – Que implicações a professora acha que terá o crioulo no processo de ensino aprendizagem de uma forma geral.

R – Implicações quererá dizer tipo consequências?

P – Exactamente, que implicações, que impacto, será um impacto positivo um impacto negativo a utilização do crioulo para a aprendizagem da matemática, Geografia, física, química e da própria língua portuguesa?

R – Eu creio que terá um impacto é positivo, expressar-se na própria língua, porque não?

P – Então o que é pensa sobre a introdução do crioulo no sistema de ensino?

R – Eu penso, como já tinha sido dito pela Sra. Ministra da Educação é uma língua que deve ser introduzida porque já, já em casa, já nos estamos a falar, então quer dizer que já é uma mais valia. Se assim posso dizer.

P – Como é que a professora acha que deve ser acha que esta introdução deve ser processada? A quem defenda que deve começar no EBI, outros em ensino Superior outros no…?

R – Eu nem começaria pelo EBI, eu começaria la na base, nos Járdins, járdins Infantis, não é verdade, já as pessoas utilizam o crioulo mesmo, e ter a nossa língua presente.

P – E no Ensino Secundário, o crioulo deve aparecer como uma disciplina assim como o Francês ou Inglês ou como uma língua veicular de conhecimentos científicos.

R – Eu creio que deveria aparecer como uma língua como disse, como o francês ou o inglês para conhecer. Como se estuda o francês, como se estuda o inglês assim se deveria estudar o crioulo.

P – O crioulo. E não utilizar o crioulo para transmitir conhecimentos científicos, pois.

R – Porque não?

P – Também.

R – Também. Porque na minha disciplina às vezes, homem e ambiente, a expressões que tenho que utilizar no crioulo para lhes dizer: é isto.

P – Quando isto acontecer, quando estivermos a utilizar o crioulo como língua veicular de conhecimentos científicos, que lugar para a língua portuguesa? O que é que a professora acha que vai acontecer com a língua portuguesa?

R – Também é uma disciplina, é uma língua que deve ser utilizada, creio que vai permanecer da mesma forma que vai permanecer o inglês ou o francês. O português vai continuar, eu creio.

P – Portanto este fenómeno não vai…

R – Imagina-se, se, se alguém tem que viajár para Portugal, la não se fala o crioulo, fala-se o Português, então a pessoa tem que saber dominar pelo menos o português.

P – Portanto, a professora acha que a introdução do crioulo não vai diminuir…

R – a importância.

P – A importância da língua portuguesa.

R – Da língua portuguesa.

P – Os seus alunos tem muita competência em língua portuguesa, falam o português com muita frequência?

R – Falam até… falam mais como eu já tinha dito há muita interferência do crioulo dentro do, da língua portuguesa, certo.

P – O que é que a professora sabe deste fenómeno, quando aparece essas interferências?

R – Eu já tinha dito, eu muitas vezes tento corrigir. Está certo?

P – Já tinha dito. O que é que acha que está na base desta interferência

R – Porque eles, porque os alunos falam crioulo com os colegas, falam crioulo na, la em casa e na sociedade onde se, eles vivem, e é por isso que muitas vezes a interferência de crioulo dentro da língua portuguesa.

P – O que é que poderíamos fazer para que os alunos tivessem mais competências de produção em língua portuguesa?

R – Creio que isso vai no sentido de, por exemplo, os professores de português fizerem, neste caso também alguma coisa. Agora, quero saber mais essa coisa.

R – os professores de língua portuguesa fazerem mais alguma coisa.

P – Só para terminar senhora professora, os manuais? Em termos de, qual tem sido o impacto, o impacto não, a importância dos manuais no desenvolvimentos dos conteúdos da sua disciplina?

R – Da minha disciplina?

P – Sim, da sua disciplina.

R – Repita de novo, qual tem sido…

P – Qual tem sido a importância do manual de homem e ambiente, no desenvolvimento dos conteúdos programáticos da sua disciplina

R – Uma importância elevada, se assim posso dizer. Nos nesse momento estamos a utilizar um manual que foi escrito pelo Dr. José Maria Semedo e também pela Helena. É um manual muito bem concebido, embora tenha algumas dificuldades, tem também muitas coisas que nos aproveitamos. E portanto o manual é muito importante para nós, feito aqui em Cabo Verde. E aproveitando principalmente as realidades cabo-verdianas.

P – E essas dificuldades, são dificuldades de que ordem? São dificuldades que tem a ver com o conteúdo?

R – Por exemplo, eu posso, eu posso dizer, há algumas actividades que está nos manuais porem estas actividades não conseguimos colocar em pratica por causa da, por

exemplo actividades que nos temos que fazer em laboratórios, e muitas vezes no nosso laboratório nos não tínhamos os elementos necessários para a fazer essas actividades.

P – E a qualidade linguística do manual, em termos linguístico, os alunos dominam o nível ou…?

R – As vezes nos encontramos palavras, que para eles é de um nível bem alta em relação a eles, muitas vezes vão ao professor, professor o que significa tal palavra, eu não entendi tal palavra por causa de...., eu não estou dizendo o livro inteiro, estou dizendo algumas palavras de alguns textos que nos poderíamos encontrar, que é um nível elevado em relação aos alunos.

P – Aos alunos. Portanto, os alunos têm, às vezes, dificuldades em compreender uma ou outra…

R – Uma ou outra, não quer dizer no sentido de ser em geral, uma ou outra palavra.

P – Mas no sentido global o livro é um instrumento útil.

R – Útil, sim.

P – Muito obrigada senhora professora, espero poder retribuir algum dia esta entrevista

Sujeito: PH

Local: Mindelo – Escola José Augusto Pinto,

Data: Abril de 2008

P – Gostaríamos que a professora nos dissesse quais as línguas que domina?

R – Sei falar crioulo que é a língua materna, o português sou, como é que eu posso dizer razoável, bastante razoável no inglês e domino o francês com, diremos, eu posso dizer que sou suficiente no que diz respeito a parte oral, a falar o francês.

P – Qual é, senhora professora, qual é a sua área de formação?

R – Sou licenciada em Estudos Cabo-verdiano e Portugueses, mas neste momento eu estou a fazer o Mestrado em Supervisão Pedagógico.

P – Como é que apareceram, ah, estas diferentes línguas na sua vida?

R – O crioulo, estou aqui em Cabo Verde, vivo em Cabo Verde, a língua materna faz parte do meu dia-a-dia. A língua Portuguesa, o primeiro contacto foi nos primeiros anos de… Escola no EBI, também estive, já estive de féria apenas alguns meses em Portugal. O Inglês por causa da música e filmes, então tive sempre uma outra postura perante essa língua que eu não tenho com o francês porque também não gosto muito de músicas francesa nem de filmes franceses.

P – Quando e como foi o seu primeiro contacto com a língua portuguesa?

R – Penso ter sido na, na 1ª classe porque no jardim-de-infância não lembro-me da Professora falar connosco em português.

P – Como foi esse primeiro contacto?

R – Não me lembro muito bem, mas com certeza devo ter estranhado, não muito, digamos assim porque havia, já havia televisão na altura os jornalistas falavam português, eh, Rádio nacional ouvia sempre rádio nacional, eh, mas falar, começar a falar de certeza absoluta foi mesmo na escola.

P – Não teve problemas em compreender o discurso da Professora da 1ª classe em língua Portuguesa?

R – Não.

P – E nem alguma vez teve dificuldades mesmo no ensino secundários ou no ensino primário de compreender à primeira o discurso de algum Professor?

R – Não. Por acaso nunca tive assim tantas dificuldades na língua portuguesa; foi uma disciplina que sempre gostei, ah, e pronto a português nunca tive dificuldades, não era, digamos uma excelente aluna, aluna de 20 valores mas ficava pelos meus 16 e 17 valores. Eu me, há uma Historia que eu, ah, contei aos meus colegas de formação, e uma formação que tivemos a tempos aqui no Liceu Ludger Lima com a Dona Fátima, Fátima não, Flavia.

P – Flavia.

R – Eh, contei esta história porque a minha Professora ainda dá aulas no Liceu Ludgero Lima, da ultima prova que nos fizemos à português no 7º Ano, então eu tive a melhor nota altura, de, do sétimo em português, então naquele dia, foi no ultimo dia parece, naquele dia estava radiante, a minha festa de Finalista foi muito radiante por causa prova que eu tive. Então a, a Dr.ª Flavia disse que talvez que tenha sido por isso que eu enveredei para essa área. Porque a minha disciplina de, de, de eleição era a Geografia, queria fazer uma formação ligada a disciplina de geografia, Geografia e Planeamento, qualquer coisa parecido, mas depois acabei por vir aqui parar.

P – Quando é que decidiu ser professora de português já agora. Será nessa altura?

R – Nessa altura ainda não, mas depois fiz o Ano Zero. Foi, digamos circunstância da vida, porque nessa altura eu era muito novinha, quando terminei o ano zero tinha dezoito anos, então o meu pai sempre foi uma pessoa muito, digamos, ligada aos filhos, muito preocupada. Então nessa altura eu, as bolsas não eram muitas e havia também bolsas para Roménia, para Rússia, então eles, como eu escolhi Geografia, e geografia naquela altura era para ir para Roménia, para fazer geografia e planeamento urbano, então o meu pai não me deixou ir porque era Roménia, é comunista e, a minha irmã que esta na Itália disse que as pessoas passavam fome la, então meu pai disse que eu ia, que eu ia esperar, e nessa de esperar surgiu essa oportunidade. O ISE abriu o curso de Bacharelato em Estudos Cabo-verdiano e Português, concorri, por acaso foi a dona Lavinia que eu já vi, quando eu estava a espera. Então eu vim dar aulas aqui, na altura penso que Olavo Duarte era um anexo a escola Jorge Barbosa. Então a dona Lavinia quando ouviu que o ISE, que o ISE ia abrir Estudos Cabo-verdianos e Português ela, eu consegui ir fazer a prova, fui la e passei, depois já sabes.

P – Ensinar a língua portuguesa no nosso contexto, é uma tarefa fácil ou uma tarefa difícil?

R – Não é uma tarefa nada fácil, porque os alunos estão acostumados, digamos quase que 24 horas do seu dia falam em crioulo. E o português fica circunscrito apenas dentro da sala aula. Quando o aluno fala com o professor; quando fala com os colegas, ele quase que nunca fala português. Então fica muito difícil, digamos, essa confluência entre língua crioula e língua portuguesa. Querem falar em crioulo, sentem-se mais a vontade em crioulo, então fica difícil ensinar português às crianças é difícil.

P – Então a professora disse que na sala de aula falam o português com o professor e crioulo com os colegas. Em nenhuma situação, em nenhuma circunstância se fala o crioulo com a Professora?

R – As vezes eu deixo que os alunos falam em crioulo quando sinto que eles tem alguma dificuldade em expressar em português, então eu deixo que eles o façam em crioulo, e depois conjuntamente nos fazemos essa, digamos, transposição para a língua portuguesa; mas eu não tiro, digamos assim, completamente a língua crioula da minha aula de português, mas procuro sempre, por exemplo, nos debates, procuro sempre fazer com que os alunos expressem em português, porque eu costumo lhes dizer, não me interessa sobre o que é que nos vamos falar, o que me interessa é que falemos em português para que possamos ir treinado porque que tudo se faz com prática.

P – Mas quando o aluno está a fazer um discurso do quotidiano, por exemplos as queixas, as reclamações são feitas também em língua portuguesa?

R – Sim.

P – E não nota nenhum tipo de interferência, por exemplo quando o aluno esta a fazer queixa de um colega ou a reclamar de alguma situação que lhe é desagrada?

R – Claro que eu noto. E muito até mesmo na escrita, nos testes há sempre essa variante, essa língua materna que interfere, digamos assim, no seu, mesmo no seu modo de escrever, na forma como ele escreve. Há um teste que eu corrigi e que eu nunca me esqueci. Estava a trabalhar na altura sinónimos, não me lembro muito bem da frase, mas era por exemplo.: “O João desatou a correr” e eu sublinhei *desatou*, e pedi para o aluno utilizar um sinónimo, não é, daquele vocábulo numa outra frade sublinhada e ele, na sua, a frase que ele escreveu no teste foi: “ O João *escanelou* a correr”.

P – "O João *escanelou* a correr?"

R – " O João *escanelou* a correr." É uma das frases célebres, quase todos os professores aqui de S. Vicente já tem, mas ai pelos menos da pra ver, os alunos podem saber, quer por exemplo quer sinónimos neste conteúdos, mas ai saber expressar, encontrar as palavras certas em português para expressar, ai que esta toda, a, a dificuldade.

P – Considera que os seus alunos são participativos?

R – Tenho alguns alunos participativos, outras nem tanto. Mas este ano por acaso não tenho, muito, muitas queixas. Tenho apenas duas turmas, três turmas e são razoavelmente, digamos participativos.

P – E quando esteve perante uma turma menos participativa, o que é que pensa que pudesse estar na origem dessa pouca participação?

R – Lembro-me no ano passado tinha uma turma muito pouca participativa, era mesmo muito fraca. Ali para além, por exemplo, do, dos alunos não dominar língua portuguesa, e por isso ter essa, essa, esse medo de expressar, não é, para não serem...

P – Gozados...

R – Exactamente, pelos outros colegas, também acho que ali esta também invoca a falta de estudo dos alunos, desinteresse, o auto estima baixo. Todos esses factores juntos, juntos fazem com que, principalmente acho que, principalmente aquela turma era auto-estima, desinteresse, digamos, desinteresse dos alunos.

P – Está, essa auto-estima baixo poderá estar relacionado com a situação socio-económico dos alunos?

R – Também. E também os problemas dos alunos dizem, os que estão a formado agora não estão a encontrar trabalho, estão a vir, passam por alguma dificuldade ate conseguirem o seu primeiro emprego, o que será de nós que estamos ainda a iniciar.

P – Mas os alunos sempre encontram uma coisa para justificar a sua falta de coragem. Os alunos gostam mais do português ou do crioulo?

R – Os alunos gostam mais do crioulo. Isto é normal porque é a língua materna deles e é onde eles se sentem, digamos, realizados, conseguem se expressar melhor, não é.

P – O que é que nos poderíamos fazer para levar os alunos a gostarem mais da Língua Portuguesa?

R – Tem-se falado muito do ensino do português como língua segunda. Não, digamos da forma como, por exemplo, eu aprendi o português, porque era quase, digamos, como um dado adquirido, tinha de saber o português por português, por ser a minha língua oficial tinha que dominar português. Talvez a partir dessa, dessa nova perspectiva convêm bem com perseverança mesmo se consiga fazer algo melhor.

P – Portanto o ensino da língua portuguesa como língua segunda vai exigir que o crioulo seja utilizado como um, ou seja utilizado como um suporte, como língua materna e que toda a aprendizagem da língua portuguesa se faça a partir do crioulo, língua materna. Isto exige que o crioulo esteja presente nas salas de aula. Que comentários faz a isso?

R – Eu não sou contra o crioulo na sala de aula. Há muitos Professores que defendem que o crioulo na sala de aula vai dificultar mais ainda o português, mas eu não acho, penso que o crioulo ao invés de dificultar, porque a tempos eu estive a ver um programa na RTPÁfrica, não era um programa foi, digamos quase que um *sketch*, costumo utilizar mais essa expressão, sobre essa, essa transposição crioulo/português, essa forma, onde estava-se a ensinar, digamos, filhos de cabo-verdianos em Portugal, estava-se a ensinara essas crianças a língua crioula, e se fazia desta forma: - dizia-se: em português diz-se assim e em crioulo diz-se assim; o contrário na sala de aula também nos primeiros anos venha a dar uma outra dinâmica. Assim como os, assim como a língua o inglesa, talvez se começarmos a ensinar o português do tipo língua inglesa com gravadora...leitor de CD, etc., com aulas mais dinâmicas talvez se consigam melhores resultados.

P – Qual é a atitude da Professora perante uma comunicação oral do aluno, que esteja onde esteja presente, onde se nota este fenómeno da transferência linguística?

R – É assim porque eu também domina a língua crioula, então nos estamos mais nessa situação de conseguirmos entender, perceber aquilo que o aluno quero dizer, mas nessas situações normalmente o que eu costumo fazer é, por exemplo, Se for no decorrer da aula e se estivermos a ver, por exemplo algum conteúdo novo, e normalmente o que eu faço é parar, vamos lá parar e vamos lá ver, e isso deveria ser dito e é normalmente em conjunto que faço isso, muito raramente eu peço a um aluno quando eu noto, por exemplo muitas falhas isto mais na parte, na parte escrita, que eu procuro ter uma, digamos um contacto mais particular com esse aluno no final da aula, saber por exemplo o que esta a acontecer, quais são as dificuldades, recomendar alguma coisa, e

este ano Por acaso eu tenho um aluno do tipo; com muitas dificuldades em expressar em português, então há essa mistura com o crioulo é muito, muito frequente e eu tive uma, para evitar, por exemplo, que ele fosse, digamos vaiado pelos outros, porque era uma turma muito agitada cheia de rapazes e essa, e essa fase de adolescência então os alunos gostam muito de, então deixei no final da aula, pedi que ele viesse falar comigo, e quando ele veio falar comigo, veio mesmo a chorar; disse que já tinha consciência disso porque o seu padrasto já tinha dito que ele tinha muitos dificuldades, então ele disse, explicou isso como falha que ele trouxe do EBI, disse que no EBI não, não se empenhou muito, durante o EBI foi sempre passando com aquele dez (10) básico a português, não é, e até agora não, por causa disso ele não consegue, hoje em dia, falar bem ou escrever...

P – Não aguenta uma complicação.

R – Não aguenta. E por isso, por causa disso ele disse que tem estado a, a ler mais, a consultar mais a gramática, mais eu não sei.

P – Não pode, não pode também ser, pronto Agora são projectores, pode também ser uma espécie de bloqueio psicológico ou não?

R – É inegável que já percebi que o auto estima dele é baixo, principalmente nesta matéria, porque ele fez-me uma comparação o seu padrasto em casa lhe fez que é – a sua irmã de nove anos domina melhor o português do que ele, a sua irmã de nove anos esta na 3ª, Quarta classe, se não me engano, domina melhor o português, então ele sente inferiorizado por causa da

P – Na produção escrita, estávamos a falar da comunicação oral, portanto na produção escrita quando a Professora corrige provas ou dos trabalhos dos alunos, que tratamento dá a presença deste fenómeno de transferência linguística?

R – Normalmente, eu sublinho, eu sublinho e as vezes passo para o meu caderno, (o que eu chamo de meu caderninho de erros) eu passo para depois do dia do teste, depois de entregar os teste e depois de corrigir o teste do conteúdo, digamos, científico, ah, então nos passamos para a parte de corrigir os erros que os alunos cometeram, mas, que cometeram mas, sem dizer quem fez o que, coloco os erros no quadro e digo aos alunos vamos lá ver o que erros que há, que tipos de erros, que fazer, como é que isto deveria ser feito, como se deveria ser, ser escrito, alias. Dessa forma, procuro dessa forma ir colmatando, eu sei que pronto, eh, há muito por fazer ainda, chegarmos num, Ter

digamos alunos que vão sair do decimo segundo ano com bom nível de português, mas como costumo dizer aos meus alunos, se cada um da nos fizermos um pouquinho vamos Ter um mundo melhor.

P – Ok Em termos oficiais, no dia 14 de Novembro de 2005, o Sr. Ministro da Cultura declarou o crioulo Língua Oficial. Sentiu essa oficialização.

R – Eu não. Em nenhuma forma senti, essa, essa oficialização. Por acaso eu ouvi o discurso, mas da daquela data ate hoje ainda não senti a nenhuma mudança.

P – Ficou só em declaração.

R – Ficou.

P – Ok a oficialização do crioulo vai...

R – Eu sei, eu sei que há, há estudos tem vindo a ser feitos, e eu sei que leva o seu tempo, se é.

P – A oficialização do crioulo vai realmente determinar a entrada de, eu estou a perguntar porque que, alias eu sei porque, nos sabemos que neste momento temos sintomas do que é necessário para que o crioulo esteja presente no currículo escolar mas ninguém disse como, as pessoas, há que defendam que deve começar no pré escolar, outros no ensino superior, outros, não sei, depois dos nove anos e estamos ainda nessa de decidir, de decidir não, de encontrar realmente, de respond..., resposta a essa pergunta: como? Como é que o crioulo vai passar para a sala de aula vai como língua veicular ou vai como uma disciplina? Qual que parecer ser a melhor solução, professora?

R – É, talvez como uma, uma disciplina, porque a postura que eu tive em relação ao crioulo na época do meu bacharelato, bacharelato nos tivemos uma cadeira anual sobre a língua crioula, então a postura que eu tive a partir daquela altura relativamente ao crioulo mudou. Daí que eu acho que por exemplo no que diz respeito a isso, isso como, talvez mais uma disciplina para vermos, nos conhecemos o imprescindivelmente, só que talvez este estudo vai mostrar para, como é que é, como é que é o crioulo essa construção toda, talvez ajude melhor no ensino do português de como língua vincular, apesar de nas outras disciplinas penso que neste momento, alias quando os professores, num exemplo mais, mais concreto, nos estamos neste, neste segundo trimestre a implementar aulas de preparação em matemática, português, tem sido uma das

disciplinas mais visadas, então um professor de matemática disse que ele nas suas aulas de recuperação ele não vai utilizar a língua portuguesa, porque as dificuldades irão continuar a ser as mesmas, então nas suas aulas de recuperação ele vai utilizar o crioulo, ele vai explicar o crioulo, para ver os resultados, para ver se os resultados irão melhorar. Daí que eu penso que as outras disciplinas que o recurso a língua crioula seja uma forma de melhorar o aproveitamento, e nos a língua portuguesa como uma das dificuldades que os alunos tem também ter sucessos nas outras, nas outras disciplinas.

P – Eu já entendi. Portanto, o crioulo pode, ser uma disciplina ser introduzida como uma, uma disciplina e ele ser usado como recurso para explicar outras, outras disciplinas tem uma linguagem mais técnica, um pouco menos quotidiano. O que é que pensa, portanto, esta era uma das perguntas, eu acho que estamos a chegar ao fim e, e eu queria lhe perguntar o seguinte, os manuais, os material didáctico que é utilizado nas aulas de língua portuguesa neste momento, os manuais que existem, os programas que existem...?

R – Relativamente aos manuais, eh, eu posso falar também ao nível do secundário, eu gosto do, do manual do 7º e do 8º Ano.

P – Hespérides.

R – Da *Hespérides*. Aquele manual pode ter algumas lacunas, mas eu pessoalmente gosto dele porque da ao aluno a oportunidade de, para alem de ter contactos com textos de natureza diversas, textos de, textos portugueses, de...., dos autores cabo-verdianos, de outros países, dos PALOP, e ainda tem as fichas, não é, o aluno então facilmente consulta por exemplo, a ficha de pronomes pessoais, facilmente ele tem la a mão todo esse material. Mas o manual do 9º do 10º, então é, é uma tristeza. No 9º vai safando, com um ou outro textos, vai se conseguir, não é, apesar dum esforço; mas os textos do nono ano não são muito atractivos. Os do 10º, do décimo ano, então são uma miséria. No do 11º e no 12º nos fizemos a compilação dos módulos, mas eu socorro-me sempre a outros os textos, principalmente na disciplina de Comunicação e Expressão os textos que estão módulos são textos vazados da nossa realidade. Então eu sempre quando trabalho a Comunicação e Expressão eu vou sempre para textos mais da nossa realidade. As vezes mesmo eu não utilizo textos dos, uso texto na, no ano passado por acaso eu tinha uma turma muito dinâmica, então nos produzimos os nossos próprios textos na sala, depois nos trabalhávamos.

P – Mas quando se fala da fraqueza do, dos textos do 9º e do 10º, esta a referir a qualidade linguística ou o próprio conteúdo em si que não é muito interessante.

R – O conteúdo que não é muito interessante. Acho que há tantos textos mais interessantes, mais, digamos, adequadas a idade.

P – A idade e a realidade.

R-... e a realidade das crianças nessa fase. Realmente, porque quando se trabalha um texto, isto é um facto experiência própria, esqueci-me o nome do, do "Tchutchinha" de Ouvido Martins. Eu trabalhei "Tchutchinha" quando eu estava a trabalhar no 10º ano, há uns anos a traz, então aquelas aulas foram dinâmicas, completamente diferentes porque era, digamos estávamos a falar de algo que as crianças nessa fase da vida estão muito interessados, nisso do amor do etc., essa conquistas, pronto então foram aulas realmente, eh, quando eu, e os professores, e os outros professores antes, depois come..., continuaram a utilizar este texto, quando eu, menos, me lembro, nessa altura eu tinha, também umas turmas muito boas, eu nunca tive digamos turmas com muitos problemas.

P – Para fecharmos essa entrevista, o que poderíamos fazer para melhorar o ensino do Português em Cabo Verde?

R – Antes disso, isso no falar do, digamos do estar satisfeito, isso não é, não sei. É claro que nos temos aquelas dificuldades só que pelo menos, eh, procuramos com novas estratégias por exemplo, nesse exemplo que eu estive a dar, procurar outros, outros textos, outras coisas não ficar, não cingir apenas, ah, ao material que nos temos, eh, por exemplo também procuro muito... Vamos trabalhar essa oralidade com outras estratégias, e não ficar apenas ligados a orientação, ah, porque, mas isso, isso é, é, faz parte da minha natureza própria, não gosto muito de reclamar das coisas, se eu tenho que fazer alguma coisa para mudar faço, se eu sei que a pessoa que esta ai ao lado não conseguira fazer nada, digamos assim, não, procuro não amassar essa pessoa com tantas reclamações etc. Mas apesar disso tudo, ah, temos a consciência clara de que nos alunos tem, tem muitas dificuldades e que é preciso fazer muitas coisas para melhorar essa postura dos alunos relativamente à língua portuguesa. Em relação há o que fazer, ora, talvez seja mesmo a mudança de postura, e isso implica, a recursos materiais, a outros recursos materiais outros manuais, outros textos mais adequados a nossa própria realidade. Aulas mais, mais dinâmicas, por exemplo, recurso à leitor de DVD, projecções, assim como os professores de inglês fazem, análises de, de canções, ver

filmes para se analisar. Para ver, talvez isso não cingir apenas a sala de aula, estar ai a explicar o que é uma conjunção, como é que se utiliza as conjunções é, talvez fazer isso de uma forma mais...

P – Portanto fazer mais recurso às novas tecnologias de informação e comunicação.

R – Exactamente. Trazer para dentro da sala de aula, mas também com os pés assentos no chão, sei que há muitas dificuldades, a escola não consegue dar tudo, tudo isso, mas aos poucos, aos pouquinhos.

P – Aos pouquinhos nós vamos chegar...

R – Nos chegaremos lá.

P – As reuniões de coordenação, senhora professora, ajuda, a, a ajudam, ou levam, nas reuniões de coordenação há preocupação de debater essas dificuldades e tentar reflectir e encontrar uma solução juntos?

R – Sempre nas reuniões de coordenação, para alem de planificar-mos aquilo que nos vamos trabalhar, há ainda, sempre no discutimos uma ou outra, outro assunto; por exemplo, o que me chamou a atenção por exemplo na sala de aula naquela semana, ah, de uma outra dificuldade que os meus alunos apresentaram da língua, digo isto aos meus colegas, procuro ver se os seus também tem essa dificuldades, o que poderíamos fazer em conjunto, eh, a dias por exemplo numa reunião de coordenação nos estamos a, a rever, fazer alguns exercícios de divisão e classificações de orações, então o que senti é que os meus alunos não conseguem ver quando é que...

P – Quando é relativa, quando é integrada...

R – Exactamente. Então eu propus, a coordenadora que fizéssemos alguns exercícios com os diferentes, com as diferenças e os outros professores também concordaram comigo, e disseram que também tinham notado isso, e convém que nessa, nessa fase, nós temos que rever alguns conteúdos que já viram nos anos anteriores, e porque não fazer alguns exercícios com eles antes de avançarmos com a matéria. Todos temos que descortinar alguma coisa.

P – E o fenómeno de transferência tem sido objecto de discurso nas reuniões de coordenação?

R – Algumas vezes, nós sempre falamos sobre isso dessa influência do crioulo na língua portuguesa e vice-versa. Até mesmo os alunos podem, falam em crioulo e muitas vezes também deixam, que também a língua portuguesa interfira, entre alunos e professores, mais nos professores; interfira também no seu discurso.

P – Só mais uma perguntinha. Os programas, que contributos traz estes programas do sétimo, do primeiro ciclo, segundo ciclo, terceiro ciclo no processo de ensino/aprendizagem da língua portuguesa? São muitos importantes, medianamente importantes, como?

R – No 7º ano, acho que se dá muita primazia a parte gramatical e isso poderá dalguma forma ajudar-nos acho que nestes primeiros anos poder-se-ia fazer era trabalhar mais a oralidade talvez os alunos conseguissem melhor se expressar ao invés de saberem, digamos todos os conteúdos gramaticais.

P – Mais atenção à competência comunicativa.

R – Competência comunicativa, e deixar...

P – Competência linguística.

R – E deixar isso para os anos seguintes talvez o 9º, a partir do nono e 10º anos; penso trabalhar essa parte no décimo ano. No 11º e 12º ano essa competência comunicativa é muito trabalhada por causa, principalmente nos alunos, do, de Humanística e das outras áreas científicas e tecnológica e económica social, aqui por causa também da comunicação, de uma disciplina de Comunicar e Expressar, também se trabalha essa competência comunicativa, mas penso que no sétimo ano talvez seria melhor...onde é que estávamos?

P – Dizia que no, no....

R – Competência comunicativa, isso. Defendo que competência comunicativa eh, talvez poderia ser trabalhado com mais, primeiramente antes dessa parte, até mesmo se vermos bem, se virmos bem, no EBI trabalha-se muito essa parte de, quase tudo que nos trabalhamos no sétimo ano, oitavo ano os alunos dizem que já viram no EBI, então por que não em vez de tornar a trabalhar, aquilo torna cansativo não é, então o professor e os alunos não trabalha essa competência comunicativa que interessa.

P – Ok, senhora professora, muito obrigada chegamos ao fim da nossa entrevista, obrigado por tudo e espero poder retribuir.

Sujeito: PI

Local: Mindelo – Residência do professor PI,

Data: Abril de 2008

P – Senhor professor, quais as línguas que o senhor domina?

R – Bom, eu já estou, já domino o português, o crioulo como é a língua materna, o inglês eu entendo mais ou menos para falar e ler e o francês também pra leitura, mais para a leitura, e o espanhol, agora terminei por aprender o Hebraico e o Grego, e estou apaixonado por estas duas línguas ultimamente.

P – Que lugares ocupa cada uma dessas línguas na sua vida?

R – Bom para mim o português é fundamental, porque é a língua que eu estou a lidar desde de, desde que eu entrei na escola e também na igreja porque habituamos nós habituamos a falar o português com as pessoas. É a língua da minha comunicação do dia-a-dia, tanto com os alunos como com a comunidade escolar. Agora, para mim é tão importante o português porque é a língua que estou a lidar com elas todos os dias, não é. Mas ultimamente eu acabei por aperceber que o hebraico e o grego são muitos importantes para uma outra área em que eu trabalho que é a interpretação bíblica.

P – E o crioulo?

R – O crioulo, esse é formidável, porque o crioulo é a língua de todos nós, é a língua em que nos sentimos mais à-vontade. Conseguimos expressar melhor, conseguimos comunicar desde da criança mais pequena ao idoso, ao mais idoso, nos conseguimos comunicar com essas pessoas. Então é a língua de todos os dias e todos os momentos.

P – E, quando e em que circunstancias é que aprendeu cada uma dessas línguas?

R – Em circunstância, praticamente obrigatórias, porque eu precisava do português para poder falar e responder as necessidades na escola como aluno, e também como professor também tenho que comunicar com os alunos, com o português, utilizando o português, também francês e inglês na altura quando eu estudava eu era obrigado a aprender poder comunicar e entender também os professores, também na leitura sou obrigado, porque, às vezes, eu tenho que pegar textos para tradução para poder entender. Já no sentido Hebraico e o Grego, sou, sinto-me obrigado por causa das

línguas originais bíblicas que eu tenho que recorrer para conhecer muito mais os contextos, culturais e também, históricos.

P – Considera-se um plurilingue?

R – Eu acho praticamente que sim, porque desde que se fala mais de que uma língua. Nós temos que pensar em, em, pensamos no crioulo e expressamos em português, não é, e agora praticamente quase que é automático, não é, já estamos tão habituados que isso, é por isso é que eu digo que somos sim.

P – Já estamos tão habituado que não fazem a tal, não pensam em crioulo para depois traduzir em português, ou então as vezes tenho duvidas se estou a pensar em crioulo ou se estou a pensar mesmo a partir da língua...

R – Mesmo dentro do crioulo como há uma variação, há, há variantes, então quando eu estou falando com as pessoas de Sotavento a mim já é mais fácil compreender, até certo ponto, também com o crioulo de São Vicente, mas, às vezes, com as outras variantes, a algumas mudanças e alterações que existem e eu tenho que pensar um pouco para poder entender.

P – Para poder entender. E como é que caracteriza a sociedade cabo-verdiana em termos linguísticos?

R – Eu acho que a sociedade cabo-verdiana é uma sociedade, que tem um a capacidade para aprender novas línguas, isto já esta aprovado, porque o cabo-verdiano mesmo aqueles que emigram aprendam as línguas com facilidade. Eu sei, eu creio que esta, esta coisa que nós temos desde criança de ouvir, de falar o crioulo, de aprender o português nos ajudou bastante, eh, na capacidade da aprendizagem da língua, ate porque ultimamente na formação com o Professor de Hebraico e do Grego ele nos disse isso, que ficou extremamente admirado com a capacidade dos cabo-verdianos na aprendizagem de, de línguas novas, línguas que nunca nos tínhamos ouvido, não tínhamos aprendidos e nos aprendemos a ler e a falar, então com uma facilidade que ele ficou mesmo admirado, eu creio que isso da’se ao habito desde cedo, de, de comunicarmos com estas duas línguas, de estarmos a falar o crioulo em casa, com os familiares com os amigos, no trabalho as vezes, e também eh, lendo português ouvindo a rádio, e as vezes a televisão, então tudo isto tem ajudado a poder ter este domínio e creio que isto tem despertado uma, uma habilidade grande para a aprendizagem das línguas.

P – Portanto o facto de nos sermos bilingues, de estar a falar sempre do crioulo e do português, encara o facto de nos sermos bilingues desperta no cabo-verdiano o interesse da aprendizagem ou a maleabilidade...

R – A maleabilidade.

P –...para aprender outras línguas. Em termos de interacção verbal na sala de aula, como é que são as turmas, muitos...?

R – As turmas, algumas, eu creio que isto vai varia bastante, e nos temos turmas que já expressam melhor o português, mesmo do sétimo, tenho uma turma por exemplo que é do 7c, os alunos falam o português e eu noto que eles falam com uma maior perfeição o português, e eu creio que isto tem a haver com nível de Professor que tiveram no básico e também com a maneira como vieram preparados desde, desde o básico. Noutras turmas, temos ate alunos repetentes e há muita interferência do crioulo, nessas turmas do sétimo ano e do oitavo, os alunos sentem quase inibidos em falar o português. E as vezes para comunicar-mos com eles nós não, eu por exemplo quando dou a aula, quando um aluno me responde em crioulo, eu prefiro que ele responde em crioulo a não responder nada os que ele expressa em crioulo tendo em conta, eu entendo por ser a, a língua materna, a maneira mais fácil para ele se comunicar, para ele se expressar comigo é o crioulo então eu aceito. Agora na hora da escrita eu note também que há dificuldades. Hoje note-se mais dificuldade a nível do português do que antes.

P – Nota-se mais do que antes. Isso devesse a quê, senhor professor?

R – Eu creio que, eu poderia dizer metodologias talvez, desde do, do básico para a aprendizagem do português, muitas interferências do crioulo na, na fala, mas também influencia do brasileiro, não é, influencia da língua brasileiro que praticamente é o português, mas um português com alguma, com algum, algumas, especificidade, sim e então os alunos tem introduzido, vê-se muitas telenovelas, já temos a televisão brasileira praticamente aberta o dia inteiro, então os alunos estão exposto a essas influências e eu creio que isto tem contribuído bastante para uma variação ou uma diminuição da, da capacidade de falar o português correcto.

P – Quer dizer que se os alunos estivessem expostos, por exemplo, ao canal SIC se calhar teriam uma competência em língua portuguesa portanto maior?

R – Tal vez, talvez sim.

P – O professor falou muito em interferências; qual tem sido a atitude do Professor perante essas interferências?

R – Bom, normalmente quando a uma interferência, eu tenho avisado os alunos desde do inicio que falem a vontade e sintam a vontade na comunicação, que mesmo errando ninguém o iria troçar de ninguém, mas iríamos tentar corrigir na hora certa, e poder fazer o aluno aprender, ajudar o aluno a aprender a dizer as coisas de forma correcta. No entanto isto tem acontecido no dia-a-dia, sempre que um aluno diz uma coisa de forma errada eu tento corrigir não apoio o colega para rir ou qualquer coisa assim para não também atrofiar a criança ou o aluno.

P – O professor é professor de uma disciplina que nos todos podemos chamar de uma disciplina da área de expressão?

R – Não neste momento estou a leccionar a Formação Pessoal e Social.

P – Formação Social e Pessoal. Como professor de FPS que é, mobiliza muitos debates nas salas de aula?

R – Muitos debates e os alunos falam.

P – Estes são feitos em português ou em crioulo?

R – Em português, eu tenho falar em português que é a prática do dia-a-dia que temos, mas de vez em quando, eu tenho que recorre ao crioulo para poder ajudar-lhes a entender alguma coisa. Por exemplos, agora estamos a falar de estereótipos de papéis sexuais, então tenho que recorrer a dados da cultura para poder ajudá-los a entender a matéria.

P – Até algumas metáforas em crioulo são estereotipadas, não é?

R – Sim, exacto. Então ainda hoje estávamos a tratar de um assunto que tem a ver com actividades dentro da casa, trabalhos domésticos, e coisa, que acham que é só para mulheres e, então nos estávamos a resolver um questionário com uma serie de perguntas de actividades que os dois, tanto o homem como a mulher devem participar, mas alguns alunos achavam que somente homens devia fazer, outros que somente a mulher deveria fazer, então ali eu tinha que entrar em uma discussão com eles, faze-los discutir, uns que são a favor outros que são contra para poder argumentar a, aquilo que disseram, que afirmaram.

P – O professor falou também que tem turmas que são muito boas, são muito participativas...

R – sim.

P – E acha que estes alunos são alunos que foram muito bem preparados no ensino primário, e há outras que são menos participativas. Essa falta de competência não está relacionada com o nível de socio-económico, cultural dos pais, das famílias?

R – Também, também, eu creio que isso tem haver, sim. Porque esses alunos, são alunos que praticamente habituaram a leituras de livros, livros infantis, não é, e então desde cedo estão sendo acompanhados, talvez uma boa parte vem com aquele hábito de ir a explicação também, e para isso tem ajudado os alunos. E os nossos alunos, como na maioria é, o nosso liceu acolhe um grande número de alunos carenciados, então há uma grande diferenciação entre as turmas por causa disso. E eu creio que as condições socio-económicas também têm influenciado a aprendizagem da língua portuguesa, sim.

P – Têm notado que os alunos pobres têm auto-estima mais baixa?

R – Em alguns casos sim, em outros casos não, isso varia. Nos temos alunos de todas essas comunidades distantes e as vezes com dificuldades. Temos alunos da ilha de Madeira, temos de, de Ribeira Bote, de Fonte Filipe, de, de, de Lombo Tanque, de Ribeirinha, de, de Norte de Baia, de Salamansa, de S. Pedro, de Ribeira de Julião, de Monte Sossego, de Campim, Dji D´Sal...

P – E em qualquer uma dessas zonas nos vamos encontrar...

R – ...E em qualquer uma dessas zonas a comunidades mais carentes, sim.

P – ...crianças culturalmente mais desfavorecidas.

R – Tanto é que a maioria dos alunos da nossa escola paga a propina, a taxa da propina mínima, isto é a prova que nos temos alunos que pertencem a famílias realmente muito pobres e ate famílias disfuncionais, eh, boa parte famílias disfuncionais; são dirigidas apenas por mães, por mulheres, e tem problemas. Temos casos de alunos que tem, que vivem com, com, os avos é caso do aluno que não tem nem mãe nem pai por perto. E estas dificuldades todas.

P – E quando é que o aluno faz recurso a língua materna?

R – Sempre que quer dizer alguma coisa, no dia-a-dia faz sempre, sempre que quer dizer alguma coisa, comunicando, por exemplo com os colegas só comunicam em língua materna. Nós, às vezes, insistimos no início que deviam comunicar em, em português para exactamente praticar a língua, a comunicação, mas, teimosamente, eles falam o crioulo e nós não insistimos tendo em conta que é a forma mais fácil para comunicar.

P – E na comunicação com o professor, quando é que o aluno recorrer a língua materna?

R – Com o professor também eles recorrem, de vezes em quando eles recorrem, quando o Professor dá uma chamada de atenção é que eles voltam agora em português, mas não sei.

P – O professor falo do quotidiano, quando o aluno está a falar de alguma coisa que tem a ver com o seu dia-a-dia...

R – Fala em crioulo.

P – Da sua realidade quotidiana...

R – Fala em crioulo.

P – Fala em...

R – Fala em crioulo, mas quando é um assunto da aula expressam em português, dentro da sala de aula

P – Quando o conteúdo é cientifico, programático...

R – Quando é cientifico, sim exacto.

P – Como é que o professor reage a este fenómeno?

R – Bom, eu, eu acho até normal, por serem alunos, eh, por ser pessoas que estão, que estão com o domínio das duas línguas no dia-a-dia, eh, e tirar um aluno que, por exemplo, de manha levanta e fala com a família crioulo, volta a casa e fala em crioulo, com os colegas no pátio fala em crioulo, e em tudo quanto faz expressa em crioulo, e na sala de alua apenas na sala de aula que, que é exposta a esta situação, que tem que falar em português. Então muitas vezes, eu não, fico, eu não exijo mais dos alunos, porque o que eu quero é que eles tenham capacidade para argumentar, que tenha capacidade para raciocinam sobre o assunto e poder expressar as suas ideias. Para mim, eu creio que é o

que mais satisfaz, e devíamos ser mais tolerantes a esses casos de interferência nesse sentido, interferência do crioulo, da comunicação no crioulo também, como uma Segunda sida para os alunos que tem dificuldades em expressar em português.

P – Então o professor acha que o uso do crioulo na sala de aula não prejudica o processo de ensinamento?

R – Não prejudica não, não prejudica porque devemos ter o recurso para ajudar o aluno a aprender que é o objectivo máximo em adquirir aprendizagem ou seja competências, então que ele tenha competências para expressar sobre o assunto. Agora ate por exemplo, Matemática se o aluno não esta entendo em português, poderia perfeitamente ser explicado em crioulo. E o Professor deveria sempre recorrer ao crioulo para ajudar um aluno a aprender ou a compreender um assunto se for necessário.

P – No dia 14 de Novembro de 2005, o senhor Ministro da Cultura declarou a língua cabo-verdiana como Língua Oficial. Sentiu, viveu essa oficialização?

R – Ainda não, infelizmente ainda não. E eu não sei, e eu teria dificuldades, para dizer a verdade, ainda, em, em, aceitar, eu tenho abertura em para comunicar em crioulo, mas teria uma certa dificuldade em aceitar a língua, o crioulo como oficial no sentido de ensinar na sala de aula; no seu todo.

P – Portanto crioulo como língua veicular de conhecimentos?

R – Sim, sim, exacto.

P – O professor acha..., e tem essa dificuldade de aceitar porque?

R – Porque, por causa das variantes. Por exemplo, eu agora, eu conheço muito mais variantes porque já estive em varias Ilhas, mas imagina que eu sou professor, e eu falo o crioulo de Sotavento e eu estou na sala d'aula aqui em S. Vicente, e estou a dar aula em crioulo, então os alunos de são Vicente não irão me entender, de certeza, muitas coisas, muitas expressões não iriam entender, porque a muitas coisas que a gente fala e eles dizem, esta a ver, ficam sem entender por causa dessas variantes. Então eu não, eu não diria que devia ser a única alternativa mas que deveria ser aberto para recorrer ao crioulo se for necessário, mas que o ensino fosse feito ainda em português.

P – Portanto, está-se a falar em, por exemplo, a pensar na introdução do crioulo no sistema de ensino.

R – Do ensino. Mas que seja paulatinamente, que não seja como uma coisa...

P – Isso, portanto eu estava a pensar em perguntar-lhe como? O professor já disse, que seja paulatinamente.

R – Paulatinamente, sim

P – Portanto o Professor defenderia que o crioulo fossa para a sala de aula como uma disciplina.

R – Sim, pode, pode ser, como disciplina sim.

P – Como foi o português, como o francês e o inglês.

R – Como uma disciplina como tem sido o português, como tem sido o francês e outras, outras línguas, fosse estudado agora para poderem entender as variantes e as diferenciações. Assim quando um aluno sai daqui de S. Vicente para S. Antão, entende mais ou menos algumas expressões que não é do uso comum aqui e quando for a Boavista ou, ou São Nicolau para entender que a diferenças em, em expressões, porque a ate coisa que podem significar, expressões que na Brava e aqui em S. Vicente significa outra coisa.

P – O “mofino” de Santiago e o “mofino” da Praia.

R – Sim, exacto, então, por isso é que eu vejo que temos que pensar nisso, estruturar correctamente isso para poder comunicar. Porque o objectivo, nos sabemos que somos um pais com nove ilhas, não é, habitadas então neste caso teremos influências diferentes, porque a cada ilha que, tem, a sua variação não é somente dois variantes do Sotavento e o Barlavento, porque mesmo dentro de Santiago existe expressões que na Brava ou no Fogo não se conhece.

P – Portanto nos temos que encontrar uma língua, uma língua, uma variante padrão.

R – Uma variante padrão, sim. E a variante padrão para se utilizado tem que ser conhecido, tem que ser estudado.

P – O Professor conhece o ALUPEC?

R – Sim. O ALUPEC, eu, eu tenho tido contacto com, primeiro por com a tradução da, da..

P – Da Bíblia.

R – ...da Bíblia, de, do Evangelho de Lucas, eu tenho-o inclusivo aqui. Mas sinceramente que eu não sinto à-vontade para fazer aquela leitura, porque como é

escrito naquela variante mesmo de Santiago, e eu sinto uma certa dificuldade em ler. Como, se escreve por exemplo casa com K, não é, então casa com K eu estou sempre habituado a escrever casa com C, então eu, eu fico meio atrapalhado na, ao fazer esta leitura.

P – Portanto, nos temos uma grande dificuldade que é com a, a proposta ortográfica.

R – Sim. A proposta.

P – O próprio, o próprio, o alfabeto, o ALUPEC não é uma norma, é um alfabeto unificado. Temos que encontrar um alfabeto padrão. Que, portanto já vi o que é que pensa o professor da introdução do crioulo, como é que acha que essa introdução deve ser feita, e não encara a possibilidade do crioulo vir a ser língua veicular de conhecimentos científicos em Cabo Verde?

R – Pode vir a ser, mas precisa, precisa levar tempo.

P – Quando isso acontecer, que lugar para a língua portuguesa?

R – Como língua segunda. Como língua segunda. Na mesma, como estudamos o inglês ou o francês, podia ser.

P – Portanto, como estudamos o inglês e o francês. E os manuais, senhor professor?

R – Quanto aos manuais eu tenho a dizer que precisamos, precisamos de, de melhor um pouco os manuais.

P – Melhorar em termos de?

R – Em termos de apresentação, em termos de, de, de qualidade. Precisa, precisa de haver uma, uma revisão geral em vários aspectos, por exemplo, há disciplinas que nós estudamos, que nos damos no ensino, ciclo secundário que não tem manuais, ate ainda. E então, praticamente aqui, eh, eh, aqui trata-se de um tema e noutro lugar não há uma uniformidade a nível do ensino em Cabo Verde. Eu creio que a nível de algumas disciplinas.

P – Por causa da inexistência de manuais.

R – Deve ser por causa da inexistência de manuais.

P – E esses manuais, quando falou na falta de qualidade, essa falta de qualidade, é falta de qualidade linguístico ou e conteudístico?

R – As vezes de conteúdo, bem trabalhos mas também mesmo linguístico no sentido de, usa-se para alunos do 7º ano, a linguagem é muito, é muito complicado as vezes para eles, usa-se termos que não é do, do domínio do vocabulário dos alunos. Então nos temos que chegar ao nível dos alunos, talvez quem faz esses manuais, quem propõem esses manuais são pessoas tem um nível de formação extremamente elevado, não estão no terreno no dia-a-dia com os alunos e quando se vem deparar no terreno encontra-se alguma dificuldade e o Professor que tem que esmiuçar aquilo e trocar para miúdos para poder fazer compreensível aos alunos. Eu tenho notado que em alguns casos, nos temos esse, esse caso, nalgumas disciplinas. Mas também a grande falta de manuais e o elevado custo as vezes para, para adquirirem também, quando há são...

P – São muito caras.

R – Muito caras e a maioria dos nossos alunos não pode comprar esses manuais.

P – Não pode comprar. Eu penso também que há alguma coisa que esteja ligada ao hábito de comprar livros, o aluno esta mais para fazer uma fotocópia.

R – Fotocópias.

P – 5 escudos todos os dias, durante um ano lectivo...

R – Também. Entrou, isto entrou no esquema no ensino secundário, que eu não concordo, também, e o aluno habituou-se a fazer fotocopias demais. Mais eu creio também que os Professores habituaram, colegas, habituaram a fazer o esquema mais fácil. Já não há aquele controlo, como havia antes de manuais na sala d'aula, para isso, então a muito fotocopias e acabam por gastar talvez se calhar muito mais do que se tivessem comprado o manual.

P – E sem utilidade nenhum.

R – E sem utilidade porque depois não associam, porque no próximo ano não serve. Por exemplo apontamentos que nos vendemos este ano, fotocopias, já no próximo ano, talvez precisamos dos mesmos apontamentos, e pedimos aos alunos do oitavo e eles não tem, não conservem bem.

P – Não tem. Eu acho que era tudo seu professor. Muito obrigado pela sua participação e espero poder retribuir algum dia.

R – Eu quero é que tenha sucessos e muito sucesso mesmo.

Sujeito: PJ

Local: Mindelo – Escola José Augusto Pinto,

Data: Abril de 2008

P – Queríamos saber em primeiro lugar quais as línguas que domina?

R– Domino? Posso falar que, falo, esforço-me para falar bem o português e o crioulo. Agora entendo perfeitamente o inglês, falo um bocadinho, de tempo que não estudo o inglês, acho que por falta de pratica, e francês apenas percebo, agora espanhol como a minha licenciatura foi feita quase toda em base de língua espanhol por isso que o espanhol é uma língua praticamente que eu entendo perfeitamente, a algum vocábulo que eu não percebo quando, quando é oralmente, mas escrita percebo perfeitamente o espanhol.

P– Que lugares ocupam o crioulo e o português na sua vida?

R – Bom,.., pessoalmente o português ocupa o primeiro lugar; pessoalmente, eu acho que umas das maiores heranças que podemos ter do colonialismo é a língua, essa língua é a língua portuguesa. Em casa socialmente, não é, é habito falarem crioulo, mas.., a língua do meu raciocínio, meu desenvolvimento de idéias, de pensamento é. sem dúvida, o português.

P– Quando e em que circunstancias a professora aprendeu cada uma dessas línguas?

R– Bom, o crioulo se aprende em casa, nasce falando o crioulo, eh.., agora o português vamos pra, em casa nunca tive, não na minha família não tem o habito de falarem o português, como eu tinha colegas de escola que nasceram a praticar o português em casa mesmo, o meu caso não é, não é esse, e eu aprendi a falar português na escola, com os professores, eh, no meu percurso. E em Portugal visto ser o país onde eu dei seguimento o meu, a minha formação superior.

P– Lembra do primeiro, tem memórias do primeiro contacto feito com a língua portuguesa?

R– Memória? Por acaso não me lembro, não me lembro porque, uma coisa curiosa, eu na minha casa tinha do...do..., duas crianças quatro anos mais velhas e eles andavam na escola e uma senhora que cuidava de mim me obrigava a estudar a cartilha junto com

eles aos quatro anos de idade, eu lia a tabuada a mesma coisa, eu comecei a estudar muito cedo e a memória não é...

P– E lembra-se da sua reação, no primeiro dia de aula, da sua reação a comunicação em língua portuguesa, do professor ou da professora?

R– Eu lembro, a professora falava em português, falava em português, só que na hora que ela se dirigia a mim e aos meus colegas, o medo, mas era um medo triste, de errar, de errar, não sei se passei semanas sem abrir a boca para falar com a professora, porque eu não sabia como dizer.

P– Já nessa altura a professora exigia que os seu alunos falassem....

R– Sim, na altura a professora exigia sempre, sempre, sempre teve a preocupação que quando nos dirigíssemos a ela e ate mesmo aos colegas que falassemos em português, hurun, em português.

P– E por causa disso passavam dias sem...

R– Sem falar.

P– Sem falar.

R– Sem falar com a professora, com os alunos eu, com os colegas eu sempre falava mas sempre baixinho para a professora não ouvir.

P– Para a professora não ouvir. Então nessa altura a professora partia do princípio de que os alunos compreendiam o discurso dela em português. Vocês não tinham dificuldades em...

R– Não tínhamos, a curiosidade é isto, não tínhamos dificuldades em aprender, em entender o português. Não sei se era por causa da rádio ou, da rádio, porque em casa o hábito era ouvir a rádio antes, e era social ouvir o português em casa.

P– Já tinham uma certa socialização com...

R– Já tínhamos esse contacto com o português.

P– Com a língua

R– Antes de irmos à escola mesmo.

P– Mas que representações tem do português? Já disse que é a sua língua de eleição, se tivesse que, que encontrar adjetivo para caracterizar a língua?

R – A língua portuguesa?

P – A língua portuguesa na sua relação individual.

R – Hum, adjectivos? Como eu caracterizo a língua?

P – Já disse que a língua portuguesa é a língua d eleição, é a língua que, eu posso dizer que por exemplo, eu posso caracterizar o crioulo como sendo uma, uma língua...emotiva, que eu uso para exprimir.

R – Já entendi. Não, para mim, o português é... a minha língua formal, é minha língua séria, até mesmo, às vezes, quando estou a falar com a minha sobrinha, eu quero dizer-lhe uma coisa com impacto eu digo em português.

P – A sua língua séria.

R – Sim, a língua séria.

P – A língua séria. Em termos de interacção verbal na sala de aula, como a professora caracteriza as suas turmas? São turmas muito participativas, pouco participativas.

R – Este ano não tenho muitas turmas, não tenho muitas turmas, mas eu tenho uma turma que é muito participativa, muito mesmo participativa, eu tenho, eu tenho que fazer uma gestão dessa participação todos os dias, porque se não perdemos o tempo na conversa, porque eles exploram imenso os temas que estamos a tratar na sala d'aula, mas eu tenho uma outra turma em que os alunos não querem participar, não querem não esforçam por participar, não sei porque mas eles fazem, um, um conjunto, de, de alunos desinteressados, desinteressados, e por mais que eu tento encontrar a técnica, ate as vezes metodologias para os incentivar, eles tem, eles são assim; e o curioso é que estão na área de humanística, desde o ano passado, eu lhes digo sempre: - vocês têm que ser mais abertos, mais autónomos, ter, ter vontade de conversar sempre; mas eles não são assim, eu por acaso todos os anos trabalho com a área de humanística, mas é uma turma difícil, neste sentido desde do ano passado.

P – Então, eu já ouvi, em outras escolas, eu já ouvi de professores de professores que dizem nos estamos perante uma turma de humanística que tem a língua portuguesa, são alunos que a principio vão trabalhar com a palavra e não querem utilizar a palavra.

R – Eles não querem, eles negam a utilizar a falar oralmente, só para ter uma ideia.

P – Eu gostaria de saber, eu gostaria saber porquê?

R – Eu também já verifiquei isso aqui na escola, desde a dois anos atrás eu trabalho nestas áreas, eu tenho trabalhado sempre com o terceiro ciclo. E os alunos das áreas

científicas tem uma maior desenvoltura, maior preocupação, levam a escola como um compromisso sério. É isso, é essa que é a diferença, levam a escola como um compromisso sério enquanto que os meninos das humanidades, da humanística, desculpem, da humanística eles, não, estão aqui só para terminar o décimo segundo ano, então esforçam o mínimo que conseguem.

P – E a professora, eu estou a tentar estabelecer uma relação, mas para isso preciso de dados, qual é o nível socio-económico e cultural desses alunos, o meio familiar, socio-económico e cultural.

R – Dos alunos num sentido geral, ou desses alunos com problemas...

P – Dos alunos da turma da professora que são menos participativos. Tem um meio cultural favorável, tem um meio familiar, estruturado; podemos fazer uma relação entre por exemplo, o auto-estima desses alunos e o auto-estima dos alunos da área cientifico – tecnológica?

R – Eu acho que a diferença está no interesse do aluno, e eu posso dizer também do interesse dos pais, por exemplo os alunos da área cientifico vem de, …é essa a informação que eu verifico, vem de famílias que estão interessadas em saber, em preocupar com o desenvolvimento desses jovens na escola, os pais vem cá saber desses filhos, etc. tem essa preocupação por parte da família. O que acontece nas humanísticas, os alunos, os pais não vem, um ou outro é que vem. No ano passado eu tinha apenas dois pais que vinham cá na escola saber dos filhos na área das humanísticas.

P – Poderia, por curiosidade nos descobrirmos qual o enquadramento profissional desses pais? A alguma informação aqui na escola que nos ajudaria?

R – A uma ficha que eles preencham, que esses alunos preencham, logo na época da candidatura sobre o nível socio-económico e cultural dos pais. Tem toda essa informação disponível nessa ficha e só pegar dessas fichas e fazer uma análise e uma relação com...

P – Então, pode não existir nenhuma relação?

R – Pode não existir, pode não existir, porque eu...

P – Pode ser uma selecção, uma fuga para o grupo de humanística?

R – É uma fuga, é uma fuga, porque eles tem dificuldades em matemática, mas também não tem nenhuma, não sei é essa a palavrinha, não tem nenhum vocação entre aspas

para as áreas humanísticas, porque um aluno que vai para as aulas de humanísticas é aquele que está propenso para a investigação, a leitura, e eu pergunto sempre quantos livros você leu este ano?

P – E pensamos que matemática e argumentação, mas.

R – E é verdade, no ano passado eu verifiquei isso, eu também lecciono a disciplina de filosofia, e os meus melhores alunos em filosofia onde é que vale é o pensamento e a argumentação, não é, e raciocínio, sim...

P – E a retórica, como é que chama o outro ramo?

R – A oratória.

P – A oratória e a retórica.

R – Sim. Os meus melhores alunos são das áreas cientificas, até ainda hoje são os melhores alunos da escola, da área científica, só para ter, para ver uma coisa, enquanto que os alunos suficientes, mas suficientes, quase medíocres, já não digo medíocres porque eu penso pela positiva, são os alunos das áreas humanísticas.

P – Eles não tem matemática, ajuda a desenvolver o raciocínio lógico, e a oratória e a retórica são lógicas, o discurso é lógico.

R – É verdade, é uma coisa interessante, mas é a realidade.

P – O que esta por detrás dessa fraca participação? O desinteresse? Já apontou a falta de interesse.

R – O desinteresse, e a motivação, a desmotivação, neste caso.

P – Esses alunos não estão motivados?

R – Não estão motivados, mas é uma motivação pessoal, eles não estão interessados em estudar para apanhar vinte, não estudam para ter vinte, eu, às vezes, pergunto-os: - porque é que estão aqui? - Professora eu quero só terminar o décima segundo ano e sair daqui, sair da escola, eu vou emigrar, eu vou trabalhar com a minha tia. – Não está a pensar estudar? - Para que professora, estudar para que, não há trabalho, para que eu estou a estudar.

P – Opinião salvadora.

R – Sim. Portanto é a desmotivação falta de interesse, falta de sonhos, falta de objectivos na vida, falta de ambição, eu acho que são estes os problemas desses alunos,

falta de ambição e, às vezes, fico triste com um aluno de dezoito anos, diz: - professora para que estou a estudar, eu estou aqui porque os meus pais me obrigam a estar na sala até terminar o décimo segundo ano.

P – O que é que podíamos fazer para melhorar essa motivação, a escola poderá desencadear alguma actividade, o professor dentro da sua sala de aula poderá fazer alguma coisa que melhora essa situação?

R – O professor deve fazer sempre muita coisa, deve encontrar mecanismos, deve primeiro de tudo procurar conhecer a turma que está a trabalhar, eu sei que é difícil porque a quem, às vezes, tem dez turmas, principalmente F.P.S que é uma disciplina que requer, que tem só dois tempos semanais, dez turmas. Eu acho que primeiro de tudo é isso, é procurar conhecer a turma com que se está a trabalhar, conhecendo os alunos se conhece, preocupando-se não é, ter conversas informais porque, às vezes há alunos que têm vontade de desabafar, vontade, então temos que criar estas condições e saber que aluno que tipo de aluno estamos a trabalhar que tipo de sensibilidade estamos a trabalhar, porque, às vezes, verifico alunos que estão com problemas, e basta uma conversinha e eles parece que são como as flores desabrocham por completo, e há outros que vêm para a escola por obrigação e por mais que tentemos a trabalhar com esses alunos eles não tem jeito, não tem jeito, mas temos que procurar sempre metodologias novas, trazer filmes para a aula para mostrar os conteúdos, dar exemplos, trazer informações das revistas dos programas que eles vê, que eles vêem mais, porque hoje em dia praticamente levam o tempo todo a ver telenovelas e esquecem das programas informativos, não lêem jornais, então, temos que trazer estas coisas para, trazer, praticamente, o quotidiano para sala de aula e é isso que eu pelos vistos, é isso que eu tento que fazer nas minhas turmas, e tenho conseguido pelo menos despertar o interesse, e ter conversas porque é sempre bom ter conversas, por mais que eles pensam que não, a professora é chata, isso são só conversas a realidade da professora é isso mas a minha realidade vai ser diferente, super fixe, mas temos que mostrar que a vida não é como se passa na televisão, a vida é diferente e cada história é uma história sim, mas as experiências contam.

P – Portanto aproveitar aquilo que os alunos, de que os alunos gostam, como as telenovelas...

R – Sim, as telenovelas.

P – Aproveitar as telenovelas, o futebol são coisas que os meninos gostam e que as meninas gostam também, e a partir daí...

R – Sim, e fazer disso materiais.

P – ... Construir conhecimentos a volta dos conteúdos, não é.

R – É isso mesmo.

P – Portanto, relativamente ao uso das línguas, o crioulo e o português, como é que essas duas línguas estão a conviver dentro da sala de aula?

R – Eu acho que, hoje em dia o crioulo tem ganhado muito espaço, em comparação com o meu tempo de formação secundaria e básica, os alunos hoje em dia já não falam apenas com os colegas em crioulo que quando se dirigem ao professor a primeira frase que eles fazem é em crioulo, a primeira intervenção, é automático a primeira intervenção, porque eles não querem pensar em português, mas acho também que a culpa não é só do aluno, a culpa também é do professor. Eu, por exemplo, lembro-me quando eu tava a formar-me ainda em adolescência, eu encontrava o professor na rua e o professor me cumprimentava em português. Hoje em dia não, hoje em dia, eu encontro professores a falar com os alunos na rua: - *Bo tá fixe? Bo te dret? Manera bo tá*? A usar tipos de calão, não é, e isso diminui o espaço o que é, que deve ser permitido entre o aluno e o professor, e ao diminuir o espaço toda a relação entre professor e aluno sofre influências, sofre influências, e o aluno pensa, não o professor é amigo, o professor fixe é aquele que é camarada, que é colega, que é isso, o outro professor que mantém aquela distância que é necessário, isso não, isso não é ser inimigo, não é ser autoritário, nem sempre é necessário o distanciamento porque é sempre o professor, é um agente da autoridade, não é, e é sempre o professor e é sempre o aluno, convém ser amigo e manter o distanciamento necessário e não, não ultrapassar certas fronteiras que são importantes. E quando o professores é que permite certas situações então o aluno sente-se no direito de fazer tudo o que lhe passar pela cabeça, mesmo dirigindo ao professor em crioulo dentro da sala, eu acho que é uma situação social nossa, os professores hoje em dia, cada vez, são mais jovens e a diferença também tá ai por causa disso, porque encontramos professores com 22 anos, 23 anos, e então eles ainda são jovens e encontramos alunos com vinte, vinte e um anos. A diferença não é la muita.

P – Portanto os alunos na sua comunicação usam o crioulo entre si e, muitas vezes, usam com o professor

R – Com o professor.

P – Na comunicação de sala de aula...

R – De sala de aula.

P – A professora esteve aqui a mostrar os aspectos que ela acha que são menos positivos nessa comunicação.

R – Nessa comunicação.

P – Como é que a professora reage a esta atitude do aluno, ou esta postura comunicativa do aluno dentro da sala de aula.

R – Eu acho, eu acho igual em todas as situações. É uma coisa curiosa que como eu disse anteriormente, no meu entender o português é uma das maiores heranças que Cabo Verde como nação ganhou do colonialismo, não é, não ganhamos apenas coisas negativas e o português é a maior riqueza que herdamos. E um aluno, uma pessoa com, já falamos o crioulo em casa, e em todas as situações da nossa vida, e ter oportunidades de exercitar o português, então devemos encorajar isso, e um aluno que dirigir a mim em crioulo eu lhe digo sempre: - olha, importa-se de falar em português? Porque isso é bom, é um exercício, não estou a impor, mas é, mas eu acho que é positivo aprendemos sempre, como todos, todos os dias estamos a dizer hoje em dia aos nossos familiares, aos nossos alunos, aos nossos colegas tem que aprender o inglês porque o inglês, porque a língua inglesa é a língua do mundo, hoje em dia a língua comercial, então porque não aprendemos o português. Porque quem que fala o crioulo no mundo? Nos, e nos somos quem um grãozinho de areia num deserto?

P – Portanto, a professora nunca esteve na situação de achar que o aluno tem alguma coisa a dizer, está a pensar alguma coisa mais ele não sabe como expressar em português.

R – Já tive em situação do género, principalmente quando tem alguma queixa, alguma queixa a fazer, e eles querem dizer, ser curto e grosso como dizem, curto e grosso e então vão automaticamente para o crioulo. Então o que é que eu faço? Eu faço o exercício contrário, eu lhes deixo explicar em crioulo e então eu coloco essa ideia que eles transmitiram em crioulo, em português para mostrar que é fácil fazer essa troca, eu

mostro-lhes isso, que é fácil fazer, apenas, às vezes não encontram as palavras certas, porque pensamos, o povo crioulo pensa primeiro em crioulo, e depois é que converte em português, e eles ainda não têm essa… esse exercício que é automático depois com uma certa idade, com um certo...

P – E nesse processo de conversão de troca de códigos, se é que podemos chamar isso troca de códigos porque é interno, é intrapsicológica, acontece fenómenos de interferência de uma língua na outra.

R – Na outra, sim.

P – Mesmo se um aluno está a falar em português o crioulo, está, aparece.

R – Aparece, aparece.

P – E o que é que uma pessoa faz com isso? Quando o discurso do aluno está carregado da marcas do código da língua materna. O aluno falou, falou em português mas com influências do crioulo.

R – Do crioulo.

P – Com aquilo que normalmente chamamos de erros de interferências.

R – Eu normalmente tento corrigir, corrigir estas situações, eu tento corrigir estas situações, que isso é natural, não é? É natural em Cabo Verde, às vezes, utilizámos expressões cabo-verdianas, não é, cabo-verdianas quando estamos a comunicar, a comunicar pelo menos na oralidade, é natural, e o que é tento fazer sempre é converter sempre isso, mostra-lhes essa relação, não é, sempre que possível, sempre que a necessidade eu faço isso.

P – A transparência linguística é um fenómeno que explica a semelhança entre as línguas, por exemplo o português ser muito parecido com o espanhol, e eu estar a falar português, ou estar a falar o espanhol convencido de que eu estou a falar português. Acha que esse fenómeno em Cabo Verde, esse fenómeno tem lugar em Cabo Verde? Como o crioulo é muito próximo do português, e por causa dessa proximidade essa proximidade pode facilitar essa interferência?

R – Sim, facilita, facilita, eu por acaso lembro-me de ler qualquer coisa relativamente a isso, por causa do português setentrional, acho que é uma coisa assim, se não, não tou a errar, e há palavras que são, que nós utilizámos no crioulo e que são portuguesas, chave.

P – chave, chave, chave?

R – Sim, chave. É chave. Certas coisinhas que nós usamos, que nós usámos e essas interferências são naturais e, às vezes, nem reparamos não é, nem reparamos.

P – O recurso? O aluno faz recurso à língua materna, já vimos que faz recurso à língua materna para exprimir aquilo que não consegue exprimir em português ou, outras vezes, está a falar o português e sofre influências, está convencido de que está a falar o português mas o seu discurso está cheio de marcas do fenómeno de interferência linguística. O recurso que o aluno faz ao crioulo para explicar uma ideia ou para transmitir um conceito, uma ideia que ele não consegue exprimir em língua portuguesa, é positivo ou negativo?

R – Se é positivo ou negativo? Uma questão complicada.

P – Um aluno tem uma ideia. Professora, tenho uma ideia mas não sei como...

R – Como dizer em português.

P – Como dizer isto em português. Nestes caso o que é que ele, o que é mais para a professora, a ideia ou o discurso do aluno?

R – É a ideia, é a ideia, é fundamental, porque devemos encorajar que tenham esse tipo de atitudes.

P – Então nessas situações o recurso a língua materna é positivo ou negativo?

R – É positivo, nestas situações é positivo.

P – Portanto a língua materna, pode influenciar o discurso, mas tem, há momentos em que o recurso segundo a professora é positivo. A professora já alguma vez pensou na possibilidade da introdução do crioulo no sistema de ensino?

R – A introdução do crioulo no sistema de ensino. Passar a ensinar em crioulo?

P- Eu ia lhe perguntar: depois como? Já, ouvimos falar, por exemplo do 14 de Novembro de 2005, o senhor Ministro da Cultura declarou o crioulo língua oficial. Sentiu essa oficialização?

R – Não. Não senti essa oficialização, porque não sei qual é o crioulo que é oficial, se temos variantes, temos variantes diferentes, até mesmo dentro da mesma ilha sentimos essa diferença.

P – A professora nunca pensou ou não tem reflectido sobre a possibilidade do crioulo ir para dentro das salas de aula, se sim eu ia lhe perguntar como? Se acha mais produtivo o crioulo ir para dentro da sala de aula como uma disciplina como o francês e o inglês, ou se esse será mais produtivo o crioulo ir para a sala de aula como um veículo de comunicação, isto é o professor de matemática dar aulas de matemática em crioulo?

R – Eu acho que como disciplina seria melhor do que como a língua, o instrumento não é? O instrumento de fazer passar todas as informações e porque eu acho que ia dar complicação, ia dar complicação, imagina, já é difícil os meninos pensarem, imagine numa aula de inglês no primeiro ciclo, onde os professores fazem auxílio da língua portuguesa, imagina agora fazer o auxílio a língua crioula, traduzir uma frasezinha do inglês para a língua crioula. Iam perceber sim, iam perceber, mas acho que ia complicar ao mesmo tempo, complicar porque o inglês já é uma língua estrangeira.

P – Portanto acha mais fácil o inglês a partir do português...

R – Do português.

P – Do que a partir do crioulo.

R – Do crioulo. É mais fácil porque eu entendo que o crioulo deve ser estudado, é uma coisa nossa, é nossa língua materna, uma coisa que herdamos, passou a ser oficial, mas é uma coisa nossa em todas as circunstancias das nossas, das nossas vidas, até os nossos sentimentos são melhores manifestados através do crioulo, não é, somos no crioulo. Mas eu acho que no sistema, no sistema formal de ensino, pensando como sistema formal que estamos a formar pessoas devemos sim dar espaço para o crioulo para aprendermos a, a nossa língua com uma estrutura, com gramática, não é, com fonética, tudo isso não é, mas é necessário também que deixemos também o crioulo em casa, não é, com os nossos amigos para os momentos de lazer, mas aproveitar-mos outras coisas, aproveitar-mos sim a língua inglesa, aproveitar-mos a língua francesa, o português como boas ferramentas para a nossa formação enquanto pessoa. Eu penso assim.

P – O que é que falta para que o crioulo seja um instrumento de comunicação como a língua portuguesa?

R – Falta tudo isso. Falta material didáctico, falta livros em crioulo, falta muita bibliografia num sentido geral, obras com conteúdos, grandes conteúdos trabalhados em crioulo e isso não há. Não encontramos uma grande obra, por exemplo, nos recursos

humanos no crioulo, não encontramos grande romance de um Prémio Nobel em crioulo. É a Bíblia que é a obra ainda mais lida.

P – É a única que está a ser traduzida para crioulo, é o único livro já...

R – Está a ver.

P – O livro de Lucas já foi totalmente traduzido, estão a traduzir, Actos dos Apóstolos?

R – É um esforço positivo. Falta material didáctico de apoio.

P – Exacto, o que é que a professora sabe do A.L.U.P.E.C.?

R – Do?

P – Do A.L.U.P.E.C., alfabeto unificada para a escrita do crioulo.

R – Eu só ouvi falar, só ouvi falar de, nos telejornais, só a situação.

P – Não conhece?...

R – Não conheço.

P – Não conhece o alfabeto. E a questão da oficialização do crioulo não deve estar ligada à questão da dificuldade que temos em escrever o crioulo?

R – Ninguém nos ensinou. Por isso a importância de ter aquela disciplina, não é, como currículo, de modo a estar no currículo uma disciplina que nos ensina a falar bem o crioulo, a escrever bem o crioulo. É isso que se passa hoje em dia, por exemplo eu entro no Messenger e estou a falar com uma pessoa que É de São Vicente, de São Vicente eu sou de São Vicente, essa pessoa escreve em crioulo e ao responder respondo em crioulo também, mas eu uso coisa diferentes, palavras, porque o importante é que passa a mensagem, não é? As palavrinhas, as abreviaturas, são diferentes de mim, eu uso uma coisa o meu colega usa outra, quando então estou a falar, estou a falar, estou a comunicar com uma pessoa da cidade da Praia, então a diferença é ainda maior, abrevia-se certas coisas que, às vezes, não entendo, tenho dificuldades em ler, as coisas que os meninos passam pela Internet toda em crioulo e que eu tenho dificuldades em ler, mas todos os dias estou ai com os meus amigos a falar em crioulo, a escrever em crioulo.

P – Portanto um sistema de comunicação que não está muito preocupado com o perfeccionismo linguístico, ou o purismo da língua, mas o mais importante é que haja troca de informação...

R – Troca de informação, sim.

P – Portanto é...

R – A mensagem é percebida, mas os códigos, os signos utilizados...

P – Os chats electrónicos têm as mesmas mensagens que passamos por telemóveis.

R – Sim, por telemóvel.

P – Tem, há um brevidade e um celeridade do tempo que impõe determinadas técnicas que aparecem, eu não sei de onde.

R – No outro dia eu escrevia qui tal, 5 tal.

P – Pela Internet, portanto é uma comunicação com uma especificidade, com uma especificidade própria.

P – Mas relativamente à questão da sala de aula, a comunicação pedagógica, nós carecemos de um norma. O que a professora acha que está por detrás dessa dificuldade de encontrar uma norma?

R – Essa dificuldade acho que esta mais no campo político. Cada um puxa a brasa pela a sua sardinha. Acho que esta mais ai.

P – E quando nos falamos de cada um, nos estamos a falar do que, de cada ilha, de...

R – De cada ilha, da ilha com maior referencia em Cabo Verde, que é a maior a maior ilha, maior taxa populacional de Cabo Verde esta la, tem todas as razoes para ser a, a, a ilha de Santiago, mas ainda há dores, a ciúmes das outras ilhas, outras coisas também, outros sentimentos, não é, outros sentimentos, são naturais em situação como a nossa, serem ilhas cada um com as suas características, sua vivências, sua experiência, a sua historia, e a nossa historia determina muito aquilo que nos somos, e ate mesmo encontrar essa norma linguística, não é;

P – Dá problemas.

R – Dá problema por causa da nossa história.

P – Então cada ilha quer preservar a sua especificidade.

R – Quer preservar.

P – E a língua variante com uma característica da nossa especificidade também eu acho que é mais, eh, que tem maior peso nessa preservação...

R – Nessa preservação.

P – ...da especificidade.

R – É verdade.

P – Eu queria perguntar-lhe, já falamos do fenómeno da interferência, da transferência linguística, que impacto tem esse fenómeno no ensino aprendizagem de uma forma geral?

R – Da transferência em...

P – Da transferência linguística. Do facto dos alunos, o que é que está a provocar este fenómeno, o facto dos alunos estarem hoje a utilizar, fazer o recurso muito mais recurso à língua materna do que antigamente.

R – Antigamente.

P – Cometendo muito mais falhas de interferência do que se fazia do que se cometia antigamente. Este fenómeno é um fenómeno que facilita ou dificulta o processo de aprendizagem de uma forma geral?

R – Dificulta de uma forma geral, por ser, por ainda privilegiar todo o sistema, todo o sistema está desenhado para ser, para ensinar no ensino, na língua portuguesa, todo o sistema. E quando o aluno faz recurso ao crioulo, é quase incompatível, então isso dificulta. Mas se o sistema for pensado de outra forma, não é dando mais atenção aos nossos aspectos que nos são naturais, que nos são culturais, e se o sistema for repensado desta forma ai eu acho que só traria beneficias, agora o problema é do sistema tal como ele esta feito; o sistema é assim e é pensado, todo, é desenhado no, como tendo a principal ferramenta a língua portuguesa, e ao alunos hoje em dia insistam, insistam em usar a língua crioula na sala de aula, eu acho que a uma certa incompatibilidade, praticamente o aluno tem uma ideia e tem preguiça em pros..., em falar em português, tem uma ideia mas sente coagido pela professora pela sala de aula que é uma instituição formal, em falar em crioulo, sente vergonha de falar portuguesa mas de uma forma errada, não é, porque não domina a língua portuguesa, não sei se é problema de formação também, isto traz outros problemas, outros assuntos, não é, que cada vez mais esses meninos de hoje em dia estão a ter problemas em falar o português; chega,

pegamos um aluno no decimo segundo ano, da erros ate no nome, a escrever o nome, nome que tem por ai quase, eh, quinze anos, não é, a escrever o nome, tem problema a escrever o nome um menino de decimo segundo ano; e a, são os mesmos problemas que os alunos do, do, do ensino básico tem, primeira coisa que nos ensinam escrever o nome correctamente. Esta a ver, e esses problemas...

P – E esse fenómeno é um fenómeno, esse fenómeno não pode estar ligado a própria vulnerabilidade, eu não diria vulnerabilidade, instabilidade emocional do adolescente?

R – Pode ser, pode não ser.

P – Pode ser, pode não ser. A distracção, a de estarem a pensar em outras coisas, não estarem concentrados na, na, na aula.

R – Quando é um factor de distracção, isso acontece. Ao responder de forma automática ele responde em crioulo. Mas acha também que esse é um problema de formação.

P – De formação.

R – Acho que o problema esta ai. Problema de formação porque eu, eu lembro, eu lembro na, na minha formação quando é que eu podia, eu não tinha, não tinha, praticamente não tinha permissão, essa permissão para dirigir a professora em crioulo, não tinha permissão, não tinha abertura para isso, hoje em dia não, o aluno... não há essa, é esse espaço que eu estava a dizer, o professor permite que noutras situações o aluno, se dirigem em crioulo, então o aluno acha natural dirigir em crioulo no, na escola.

P – Portanto há essa formalidade que, a essa formalidade que existia antes. Portanto a...

R – Também outra coisa que eu acho que é importante, hoje em dia, eh, eu acho que essa identidade de Cabo Verde, de sentir cabo-verdiano é muito maior do que uns anos atrás, então o que é que fazem...

P – Não nos sentíamos, a uns anos atrás nos nós sentimos, não sei,..., em princípio melhor, nos nós sentimos...

R – Muito ligados a Portugal.

P – Muito ligados a Portugal.

R – Muito ligados a Portugal, muito ligados a Portugal, hoje em dia estamos a sentir como cabo-verdiano, que estamos em África e que é...

P – E queremos distanciar ainda mais.

R – Então, queremos distanciar ainda mais. Acho que esse sentimento, que é esse sentimento que nos, não é a toa que estamos a viver esta preocupação em oficializar a língua crioula, em Ter materiais didácticos, em Ter uma gramática, em Ter grandes livros, como por exemplo a bíblia, em crioulo, não é, não é a toa, é esse sentimento do criolidade, de cabo-verdiano.

P – Sentimento de identidade.

R – Sentimento de identidade.

P – a professora disse que acha que seria prudente e, melhor, defende que o crioulo deve ir para as salas de aulas como uma disciplina. Em que momento da vida do estudante a professora acha que seria melhor, o melhor momento para a introdução do crioulo? A quem defenda que seja no pré-escolar a quem defenda que seja no ensino superior, e a outras pessoas ainda que defendem que, ah, que o crioulo devia aparecer por volta dos oito ou nove anos. Qual é a melhor, é o momento da vida do estudante que a professora acha que onde o crioulo é, que a introdução do crioulo seria mais produtivo?

R – Eu acho que seria mesmo no inicio de, do ensino secundário.

P – portanto na inicio do ensino secundário.

R – No inicio do ensino secundário. Encontra-se alunos de onze, doze anos. É uma idade em que os adolescente, pré adolescentes as vezes, hoje em dia acho que é mesmo adolescentes, não é, estão propensos para, ah, aprender, para aprender línguas, para trabalhar com essas línguas, eu não só acho que o crioulo deve ser introduzido ai como outras línguas, o próprio inglês, o francês, é uma idade em que, eu acho, não é, que é uma idade em que devemos ter essa possibilidade de ver essas diferenças, não é, de começar a trabalhar com essas línguas, eh, devido a globalização, que é importante hoje em dia Ter o inglês praticamente como a língua portuguesa não, o francês também, é urgente Ter, fazer estas coisa, e o crioulo, entender o nosso crioulo, e no inicio da adolescência acho a idade onde começamos a procuramos entender, saber o porque das coisas, não é, acho que vem a calhar ser nessa idade, entender porque é que dissemos...

P – Na idade de, a professora já disse na idade dos onze anos, do sétimo ano?

R – Sim, no sétimo, oitavo; onze, doze anos.

P – Onze, doze anos.

R – Onze, doze anos. É na idade, é na idade propicia para, para essas dinâmicas.

P – Nos já vimos que há uma incompetência a língua portuguesa, a uma participação fraca em algumas turmas, noutras turmas nem, nem por isso, mas, ah, e já vimos, a professora já disse aqui o que no seu entender poderá ser feito para melhorar essa incompetência. Os manuais que trabalha com a disciplina de sociologia, tem um manual de sociologia.

R – Eu tenho um manual português.

P – Tem um manual português. Que importância tem esse manual no processo de ensino/aprendizagem de sociologia, de ensino/aprendizagem dos conteúdos do seu programa?

R – Esse manual é muito importante porque esta la toda a informação programados, o conteúdo programado para a disciplina, é muito importante porque esta la, agora a maneira como a informação é trabalhada, a maneira que é trabalhada é que é importante, eu acho que, na disciplina, essa pratica de operacionalizar todas essas informações, é como as vezes eu digo, eu vou dar-vos uma definição que é cientifica que esta no livro, mas eu vou mostrar-vos essa definição no exemplo pratico. Essa é que é a diferença, porque um aluno pode pegar num manual e ler toda a informação que esta la e não ficar nada na cabeça, agora quando é mostrado aquilo que esta no livro através de um exemplo diário, é essa que é a utilidade, eu acho que tem de ser estas duas coisas.

P – A professora acha que o aluno não consegue visualizar o conceito a definição porque? Será por causa da linguagem, dos termos que são utilizados?

R – Por acaso o manual de sociologia esta numa linguagem bastante acessível, bastante mesmo acessível, eu ate chego a brincar com, com, ate digo que os meninos do nono ano se forem estudar esta disciplina, sociologia vão gostar porque são temas muito do dia-a-dia, isto tudo vão gostar. Mas acho que o problema não esta ai, o problema vem de outras...

P – De outros quadrantes.

R – De outros quadrantes.

P – enquanto subdirectora pedagógica tem recebido alguma reclamação de um professor que esteja ligado a, a eficácia de a ineficácia dos manuais?

R – Sim, sim. Eu recebo... constantemente, e já mandamos esta informação para o ministério de educação, principalmente na disciplina de mundo contemporâneo, do, no oitavo ano no mundo contemporâneo, o manual é muito pesado, muito pesado, e os alunos quase que não se percebem os conteúdos, encontrar alguma coisa dentro do texto que quase não tem imagem, o texto é muito compacto, e as informações muito complexas, eh, eh, não esta, não esta mesmo, acho que não trabalharam bem esta disciplina, estes conteúdos para, para a idade onde ela é leccionado. Um aluno de doze anos treze anos a trabalhar com conteúdos da época contemporânea, as grandes guerras, ah, bolchevique, trabalhar todos estes conteúdos, estes conteúdos são pesados, são pesados para a idade deles, coitados, e, e mesmo o manual, o manual também é pior, é muito maior do que trabalhar esses conteúdos, o problema do manual é muito maior do que trabalhar esses conteúdos na sala, porque o professor pode encontrar maneiras para trabalhar essas coisas, agora o manual é que é chato, coitado do aluno, esse manual para ler é difícil, coitadinho, a minha sobrinha passou essa, esse problema, eu tinha que estudar com ela todos os dias o manual de homem ambiente, para poder entender as coisas.

P – Homem e o ambiente ou mundo contemporâneo.

R – Oh, mundo contemporâneo, desculpe-me, mundo contemporâneo, e também o outro problema também de homem e o ambiente.

P – Homem e o ambiente.

R – Homem e o ambiente também é outra disciplina que se encontra varias, varias...

P – Assim é muito, eu lembro-me de que na escola em Palmarejo havia uma taxa de negativas muito alta.

R – Muito alta nesta disciplina, continua a ter.

P – E eu tenho a tendência de ligar esta disciplina a disciplina de ciências naturais que nos estudávamos e que era uma disciplina muito agradável.

R – Muito agradável, sim.

P – Muito agradável, e eu acho que não há, há alguma relação mas...

R – Muito pouca.

P – Mas esta dificuldade que começou a aparecer de conteúdos do..., não sei, mas há alguma coisa aqui que não, que não bate certo?

R – Primeiro: o conteúdo, o programa é muito extenso, o programa do homem e, da disciplina do homem e o ambiente é muito extenso e bastante complexa, bastante complexa.

P – E dos manuais de língua portuguesa?

R – Relativamente aos manuais de língua portuguesa, eh, a alguns anos faz que quase que não tem manuais, os professores tem que fazer uma, uma, uma síntese de...

P – Existe, ah, alguns manuais Hespérides, o do nono ano.

R – Sim, do nono do...

P – Do décimo.

R – Mas no décimo primeiro, decimo segundo não há manual.

P – Não há manual. Eles têm os módulos, em texto.

R – Os módulos, então os professores arranja, arranja, compilam essas, essas informações e colocam a disposição dos alunos.

P – Mas os professores não reclamam dos manuais, nem, dos manuais, nem do nono, nem do décimo, oitavo...

R – Do nono e do decimo ainda não tive nenhuma reclamação, mas no decimo, no terceiro ciclo os professores reclamam devia Ter um progra..., para alem de Ter um, os conteúdos deviam Ter um programa e um manual desenhado para, para as disciplinas de língua no terceiro ciclo.

P – Ta bom professora, com isso nos fechamos a nossa entrevista, e muito obrigado.

R – De nada.

P – Espero retribuir de alguma forma.

Sujeito: PK

Local: Mindelo – Escola José Augusto Pinto

Data: Abril de 2008

P – Que línguas o professor domina?

RH – Português e crioulo. Crioulo de São Vicente. Essa estória de crioulo é complicada.

P – Que importância tem cada uma dessas línguas na sua vida? Primeiro o professor prefere falar português ou crioulo?

RH – Na aula?

P – Na entrevista.

R – Na entrevista, por mim.

P – Tanto faz. Ok, então vamos la.

R – Quer dizer, na vida, no dia-a-dia, está a ver é na base do crioulo praticamente, nas aulas, bom, eu falo português embora sendo a matemática que é uma disciplina se calhar eu falo mais crioulo, não sei, cerca de 50% em crioulo em vez de português. Porque quando eu explico uma, duas, três vezes e o aluno não percebeu em português ponho em crioulo e o aluno percebe.

P – Quando e em que circunstancias o senhor aprendeu cada uma dessas línguas? O português e o crioulo.

R – O crioulo é aquele de..., aquele do dia-a-dia, não que tenho aprendido algo de forma, mas um, sei la, autoridade, e não sei o que; e lendo uma coisa em crioulo, eu tenho que ler, não é, vai se aprofundado algum tipo. Quanto a língua portuguesa é daqui da escola, é aquele pouco que você aprende na escola.

P – Como é que caracteriza a sociedade cabo-verdiana em termos linguístico, sociolinguísticos?

R – Complicado.

P – Complicado; não responde, se não quiser não responde. Em termos de interacção verbal na sala de aula, como são as suas turmas? Muito participativa ou pouco participativa? Como é que são as turmas?

R – Em termos...

P – Em termos de participação na aula, os alunos.

R – Língua materna?

P – Não de uma forma geral. Como classificaria as suas turmas em termos de participação dos alunos? São turmas muito participativas...

R – São, são, eu diria, muito não, porque seria um exagero, são turmas participativas, acabam por participar, pode haver uma turma onde a sempre aquele grupo de destaque, a minoria infelizmente é matemática, a minoria, o grosso nem por isso, é verdade que muitas vezes não participam por causa da questão da língua, o portuguesa, muitas vezes o menino não esta bem seguro, é por isso que, muitas vezes, acaba por desviar da língua portuguesa para o crioulo, para os alunos ficarem mais à-vontade, porque neste caso participam mais, estás a ver, participam mais.

P – Portanto, os alunos, há aqueles que são mais participativos, e aqueles que são menos participativos, e o professor acabou de dizer que, muitas vezes, os alunos não participam por questões ligados ao domínio da língua e que nessa, nesses casos ele troca automaticamente de códigos, então para o professor o mais importante é a comunicação a passagem de informação e não o código que vincula esta informação. Entendi isso.

R – Sim, sim, perfeitamente.

P – Mas quando um aluno começa a falar em português ou começa a falar em crioulo, e depois há uma mistura dessas duas línguas que acabam por muitas vezes, nem todas as vezes, muitas vezes provocando uma confusão linguística. Qual é a atitude do professor? Ou não tem tido casos dessas?

R – Eu acho que sim, acho que sim, acho que acontece, sei la, as gente acaba por aceitar ou por achar natural, estando a jogar com as duas línguas aquilo acaba por, eu penso que na matemática isto acontece muitas vezes porque, na matemática isto acontece o seguinte, quer dizer, o aluno lê o enunciado em português e traduz para o crioulo, resolve o exercício e volta a traduzir para o português para dar a resposta. E o problema maior que temos em matemática já agora é a interpretação, como que um aluno vai resolver um problema, quando o aluno lê o aluno não percebe, não é por acaso que muitas vezes depois de explicar; - professor, aquela história não estou a perceber; depois de explicar: - ah, é isso? O aluno já sabe fazer.

P – Que impacto terá, o professor la disse que em matemática as coisas passam de uma forma um pouco diferente, e que as vezes a falta de, os alunos tem problemas de compreender o que esta no enunciado isto tem a ver com a questão da língua que impacto, senhor professor terá o crioulo no processo de aprendizagem de uma forma geral, nas escolas cabo-verdianas?

R – Que impacto?

P – Hurum.

R – Se calhar de um modo geral o crioulo acaba...por atrapalhar, se calhar é por causa disso que o ensino português está como está, e não obstante acaba por, acaba por dar nisso, ou seja, quer dizer, aquela história, como é que eu vou explicar isso, é aquela confusão de, acho que em termos de português, os alunos não sabem, apesar de Ter nota de dezoito, dezoito, dezanove, vinte e não sei que, mas pronto não, não, não, e esse problema de língua que o aluno não domina acaba, passa para as outras disciplinas, quer dizer, às vezes não, se, já agora como é que um aluno tem nota de desaseis, dezassete, dezoito, dezanove ou vinte a língua portuguesa, e depois não consegue minimamente interpretar ai a coisa; e se calhar o crioulo tem, tem, tem parte de, de responsabilidade nisso tudo.

P – O professor encara ou já alguma vez encarou a possibilidade do crioulo ir para as salas de aulas, ir para o sistema de, de ensino?

R – Vejo isso um pouco complicado.

P – Um pouco complicado.

R – Por causa de, do, dessa história do crioulo, de, de, das regiões, se é que posso dizer regiões, ilhas não sei que, agora se partimos do principio, eu, eu, é o que eu costumo fazer e não sei se isso é certo ou errado, como eu digo, eu explico uma, duas, três vezes, e se o aluno não percebe, eu explico em crioulo e o aluno percebe, e daí começa, agora esta historia do crioulo, eu não sei, eu não consigo imaginar a estar o crioulo escrito, sinceramente, eu não...

P – Não consegue imaginar por causa das variantes.

R – Das variantes.

P – E necessariamente acha e sabe, que, que vai precisar, Cabo Verde vai precisar de uma norma e ele vai entrar numa situação de escolha, terá que escolher uma variante, e esse é a grande dificuldade, não é senhor professor.

R – Acho que sim, é melhor não escolher, é melhor não escolher, é melhor adoptar o português.

P – É melhor adoptar o português.

R – É melhor adoptar o português, porque se não...

P – O professor tem a consciência de que quando os alunos não entendem o português ele recorre a língua materna para explicar, e há interacção, há compreensão, portanto aqui o crioulo já tem.

R – Já tem.

P – Já tem uma importância positiva;

R – Pelo menos oralmente.

P – Oralmente já tem. Então o professor não acha, não encara a possibilidade do crioulo vir a ser língua de comunicação, de transmissão de conhecimentos científicos no nosso contexto educativo?

R – Sinceramente eu vejo isso... como um problema ai bem sério, a questão de variantes, depois quer dizer, actualmente que se fala na globalização, e um pais como Cabo Verde a tentar isolar a nível linguístico depois vem, quer dizer o problema dos manuais, que teriam que ser feitos, o problema financeiro o que o pais não tem, quer dizer, eu sinceramente não sei ate que ponto isso é, pelo menos por enquanto a viabilidade da coisa.

P – E o professor tocou aqui numa coisa, uma questão muito importante que é a questão do isolamento. A situação de gueto em que ficaria Cabo Verde é se ensinarmos o crioulo na escola? Cabo Verde...

R – Se nos resolvemos optar...

P – Optar...

R – Digamos pelo crioulo, o que acontece, por exemplo a nível da matemática neste momento todos os, os manuais, pelo menos a partir do nono ano, não sei que, são manuais portugueses, adoptamos, e no caso de tivermos de adoptar pela língua, pela língua crioula, Cabo Verde teria que assumir, fazer os manuais, a nível financeiro isso seria uma responsabilidade surpreendente, porque não sei se Cabo Verde está preparado para isso, mas não é a nível financeiros, mas quer dizer, eu vejo aquela contradição em termos de globalização, hoje em dia onde todos estão a agrupar-se e não sei que, e Cabo Verde tem de praxe todos os aspectos estaria a isolar, não é, um país pequenininho e falamos o crioulo, e não sei que, sinceramente tenho muitas dúvidas acerca disso.

P – E o professor acha que, se o crioulo for para a sala de aula, vai contribuir ainda mais para essa situação de isolamento. Já agora, quando se, admitamos a hipótese de que o crioulo vai para a sala de aula como língua vincular de conhecimento cientifico, nesse sentido que lugar para a língua portuguesa? O que é que o professor acha que acontece a língua portuguesa?

R – Seria o que, uma língua, uma língua estrangeira, depois, não sei, sinceramente, não sei.

P – A pouca exposição a língua e fracas oportunidades de produção de, de pratica.

R – Se calhar, quer dizer, é o que acontece, mesmo, já agora fazendo paralelismo, já agora é o que acontece com as outras línguas, quer dizer, temos ali, já agora, o aluno estuda seis anos a língua inglesa, e depois o aluno não sabe nada, não consegue, quer dizer, é preciso compensar, se calhar é possível um curso intensivo de pouco tempo, mas conversando, há pessoas que fazem aqueles cursos de, não sei, seis meses de inglês e não sei o que, e muitas vezes domina muito mais do que aquele aluno que teve seis anos que é muito tempo de língua inglesa e depois o aluno não sabe, não consegue conversar, sei la, com um turista, não sei que, minimamente, eu acho que alguma coisa, tem mesmo haver com o sistema de ensino, e o português é a mesma coisa.

P – Com o sistema de ensino, é com a forma como os programas estão desenhados, os programas estão desenhados mais para desenvolvimento de uma competência linguística, de estrutura da língua, do que desenvolvimento de uma competência comunicativa?

R – É preciso tornar a coisa mais prática.

P – Mais...o.k.; mais prática.

R – Embora, independentemente do sistema, há essa contradição de dar e aprender e depois sair la fora e é outra coisa, não é, mais tempo para o crioulo do que, também, se calhar...

P – A nível de ensino e aprendizagem das línguas, nós temos uma grande dificuldade em Cabo Verde. O que é que poderíamos fazer para melhorar essa situação? Nós, como professores, a escola como instituição...

R – Tirando, tirando aquelas...

P – ...o que é que poderíamos fazer?

R – Tirando aquelas coisas todas da entidade cultural, aquela coisa toda, eu deitava aquilo tudo abaixo e adoptaria a língua portuguesa, ficava tudo resolvido.

P – Ficava tudo resolvido. E os manuais senhor professor, que importância tem, tem os manuais, a questão da, da língua, falou dos enunciados que os alunos tem dificuldades em, muitas vezes tem dificuldades em entender; os manuais que os professores de matemática usam são manuais de língua portuguesa utilizados em nosso contexto, a qualidade linguística, desses manuais ajudam a compreensão da matéria, do conteúdo da matemática?

R – Olha, é complicado porque, o meu trabalho no, no...no terceiro ciclo, nos anos, os manuais são manuais portugueses, são manuais mesmo do sistema português, estamos

ai a adaptar, este capitulo aqui apanhamos no livro tal, esse segundo capitulo vamos apanhar no outro livro, não é, não existe um livro especifico, há esse livro, ah, ate o oitavo ano. No sétimo e no oitavo, não é, primeiro ciclo do ensino secundário adaptou-se livros, alias criou-se mesmo livros, portanto, os portugueses chegaram ca e fizeram as fotocopias e não sei que, e mesmo ali há um problema há, recordo-me agora de...do sétimo ano, há ai um manual cabo-verdiano, embora feito em português não sei que, e ha la um determinado conteúdo em que dá-se exemplo com casas típicas de, da Madeira não sei que, quer dizer, não diz nada, não diz nada para o aluno, casas típicas do, não é, para mostrarem a inclinação dos planos inclui la casas típicas da Madeira, quer dizer os alunos quase nunca tiveram na Madeira, era possível adaptar, e coisa não é, mas os manuais que utilizamos, são manuais, são manuais portugueses e é por isso que eu... Porque se tivermos que adoptar uma coisa mesmo nossa, não sei que...

P – Mas os manuais que utiliza no terceiro ciclo são, no terceiro ciclo são, são...boas ferramentas dentro da sala de aula, são muito úteis para o desenvolvimento dos...?

R – Penso que sim, penso que sim, são os mesmos manuais que os alunos utilizam em Portugal.

P – E esses alunos não, a dificuldade que os alunos apresentam na matemática não tem que ver com a linguagem apresentada nesses manuais?

R – Se calhar os manuais são mais para os professores do que para os alunos, porque os alunos não tem o habito de, da coisa, de estudar nos, em manuais, portanto eu não sei ate que ponto isto é diferencial, agora posso dizer que noventa e tal porcento, 99% dos alunos não estudam nos manuais, não estudam, mesmos alunos do decimo segundo não estudam nos manuais, é o que eu ando a dizer todos os dias aos alunos, um aluno do decimo segundo o professor é o orientador, vocês tem que ir a livros, tem que ir pro quadro, não estudam, ficam limitados a aquilo do caderno que o professor dá.

P – É uma questão de hábito?

R – Penso que sim, penso que sim, é preciso criar hábito de leitura desde o início, em língua portuguesa, se calhar é o que está a falhar.

P – A língua portuguesa.

R – A língua portuguesa, hábito desde o início, sei la, aqueles sistema de biblioteca de turma, dar... eu, já agora, já fui da direcção cá da escola e tentei implementar o sistema de, de, de biblioteca de turma, é pena que na altura a coisa não, através dos professores de português que era para, os alunos tinham acesso a livros, tinha que ler, não sei que,

depois ter que fazer um pequeno resumo daquilo, mas é coisa nova, era logo no início dessas escolas nos dois primeiros anos, havia muito dificuldade, mas eu penso também, estou a lembrar isso agora porque se calhar isso seria o momento ideal para tentarem fazer isso, e ver aquele habito de leitura que não existe, não existe.

P – Portanto o hábito de leitura está a começar a deixar, a dar sinais de começa a deixar falta, não só no desenvolvimento dos conteúdos programáticos de língua portuguesa, mas também de todas as disciplinas.

R – De todas as disciplinas.

P – O grande problema da língua portuguesa é que a língua portuguesa é conteúdo e é veiculo; portanto se o aluno não assimila o conteúdo ele não desenvolve competências, se não desenvolve competências ele terá problemas na aquisição de outros conhecimentos que tem a ver com outras disciplinas. Muito obrigado senhor professor.

Sujeito: PL

Local: Mindelo – Escola José Augusto Pinto

Data: Abril de 2008

P – Gostaríamos de perguntar o professor quais as línguas que domina?

R – Bom eu, línguas falando, falando de línguas como em pensar no português nossa língua oficial também domino o francês e, e o meu inglês é razoável.

P – Em que circunstâncias, o professor aprendeu cada uma dessas línguas?

R – Portanto, falando do francês e do inglês eh portanto estudei quatro anos num pais francófona na Costa do Marfim e também la como a língua Inglesa tem o seu, tem o seu lugar também ajudou muito na aprendizagem da língua inglesa, depois, pronto, uma pessoa com quatro anos de uma língua, seguramente, estará a nível de pelo menos estabelecer uma conversação à-vontade, também escrever com alguma à-vontade mas a nível do inglês, desde dessa data até então há curiosidade sempre é sempre, sempre bom para gente bom. Eu tenho praticado, tenho procurado explorar essa língua também.

P – Que lugares ocupam o português e o crioulo na sua vida?

R – Para mim, sinceramente o crioulo ocupa o primeiro lugar e, a língua portuguesa vem em segundo lugar embora saibamos que a língua portuguesa sempre é uma língua, para nós cabo-verdianos é uma língua de comunicação com o exterior de leccionação. Portanto, às vezes até poderá ficar complicado colocado em segundo lugar mas, eu prefiro, eu prefiro o crioulo em primeiro lugar por vários razões. Para mim o crioulo, quando nós falamos a um nível, a um nível etário, bastante baixo, para mim parece-me que o crioulo virá sempre em primeiro lugar e como estou neste momento leccionando eh alunos do, do primeiro ciclo, para mim eu acho crioulo vem em primeiro plano, na vida quotidiana do cabo-verdiano, também para mim ainda prevalece o crioulo porque o quando se fala de sentimento quando se fala de, quando de fala de música quando se fala de arte o crioulo não se discutia...sempre a primeira língua.

P – Como é que caracteriza a sociedade cabo-verdiana em termos eh linguísticos?

R – Em termos linguísticos eu posso dizer muito fraco nas duas:

Muito fraco no crioulo e muito fraco no português, porque sendo uma língua estrangeira, falando do português, quando digo uma língua estrangeira é uma língua que não é praticado na sua totalidade, então posso considerar uma língua estrangeira sendo

uma língua estrangeira, não é bem praticada, portanto fica sempre um fosso entre o aprender bem entre aspas o prender correctamente e praticá-la. A nível do crioulo, o crioulo que nós temos é o crioulo falado, crioulo que nós aprendemos desde criancinhas bem pequenas nasce penso que as pessoas no dia-a-dia não param porque não se concentram para estudar correctamente a língua, isso não quer dizer que o nosso crioulo está muito a quem mas, eu acho que poderia estar melhor.

P – O que podaríamos fazer para elevar esse, esse desempenho de do crioulo?

R – Eu acho que, pronto já se fez estudos já há dicionários já há muito sobre isso mas eu penso que a comunidade população em geral precisa ter isso em mãos, não ouvir só na comunicação social, que se fez um estudo de tal domínio se se fez um livro de tal domínio ou um dicionário a população precisa disso o mais o mais terra a terra possível, para saber e entender as palavras como é que funcionam como é formam tudo isso eu penso que se seria interessante para a comunidade. Agora enquanto isso enquanto isso estiver um bocadinho entre aspas escondido eu penso que o verdadeiro sentido do crioulo não sairá não avançará como muita gente como nós todos pretendemos. Agora tudo isso seria bom e pronto se as pessoas pudessem fazer um análise fria de tudo isso, porque nós sabemos que o cabo-verdiano, principalmente da música as pessoas gostam, gostam da músicas bem cantadas bem interpretadas boas composições mas é justamente isso que queria dizer de uma forma geral que o cabo-verdiana tivesse esse sentido de estudar música mais a fundo parecia muito que o crioulo estaria muito mais além.

P – Essa dificuldade não se prende com a inexistência de uma norma escrita?

R – Também acho que a norma escrito seria importante e também as pessoas precisam saber que a, a esse problema a sempre esse problema de varias ilhas cada um com o seu, como as pessoas dizem, com o seu crioulo. As pessoas precisam entender que não é cada um com o seu crioulo mas é um crioulo e as variantes. Portanto, primeiro seria bom incutir na cabeça das pessoas, que nós todos falamos o mesmo crioulo e que há variantes para não aparecer que aquele crioulo é melhor ou se vier um dia ter essa língua de uma forma mais bem estuda e mais oficializada para não haver esse confronto entre línguas. Mas eu penso que a questão de ser estudada, a questão de ser ligada e, e estudada a questão de ser estudada todo esse problema de toda esse manancial de normas, tudo isso seria óptimo, seria muito bom para às pessoas que no dia-a-dia trabalham com a nossa língua.

P – O professor falou da necessidade que a sociedade terá de ter em mãos os estudos em, em crioulo, se nós estamos a pensar numa nova escrita essa norma deverá ser ensinada a todos os cabo-verdianos. Na sua opinião a quem cabe a responsabilidade de difundir, essa norma da reprodução escrita?

R – Essa responsabilidade é de todos nós, eu penso que cada um terá o seu papel num devido e exacto momento, é claro que os linguistas, o Ministério da Educação a equipa terá que dar o primeiro passo. A comunicação terá que ajudar, as escolas terão que ajudar, os pais e a família terão que ajudar, portanto tudo isso é um processo, é um trabalho de todos nós.

P – Em termos de participação na sala de aula como são os seus alunos? São muitos participativos, pouco participativos?

R – Os alunos a questão dos alunos, portanto, penso que neste momento dependente das disciplinas os alunos poderão participar ou não com maior ou menor frequência, a nível da disciplina que eu lecciono, precisamos trabalhar o aluno na sua componente básica para podermos falar dessa questão de motivação, porque nós já detectamos esse problema. Portanto, é o maior problema dos alunos não só em Cabo Verde é um problema mundial. Portanto a motivação se o aluno não tiver motivada seja qual for a disciplina que estiverem em causa a motivação é pouco vista a nível dos alunos, então, sendo a matemática, neste momento o aluno, eu posso dizer até que motivação não está da forma desejada, porque matemática sempre foi o calcanhar de Aquiles de todos os alunos a nível, eu não digo só a nível desta escola, mas a nível do país e lá fora também. Mas, nós estamos a tentar ver a questão base de matemática básica, os pré-requisitos básicos para que o aluno, à partida, não se sinta com medo entre aspas da referida disciplina, e trabalhando essa parte penso que ai podemos ter um percentagem de alunos motivados maior. Então resta-nos arregaçar as mangas e trabalhar essa questão para podermos falar da motivação na sua totalidade.

P – Essa desmotivação se prende com questões de domínio da língua?

R – Eventualmente poderá entrar a língua. A língua poderá estar na origem dessa desmotivação, porque quando uma pessoa não entende isso não é só referente à nossa língua. Quando não se consegue estabelecer uma comunicação as duas partes têm sempre a tendência de criar aquele rancor, afastamento, rancor entre aspas e ai as coisas não se pode… não há comunicação… não se pode adiantar nada.

P – Portanto os enunciados o professor acha que pode fazer com que os alunos tenha dificuldade em interpretar os enunciados, os exercícios ou mesmo os enunciados a o professor usa para explicar os termos, os termos que o professor usa para explicar expressões de matemática.

R – Eu penso que nas minhas aulas em que eu tento fazer eu penso que a informação é geral a nível da pelo menos das disciplinas do primeiro ciclo o professor terá que adequar a linguagem ao aluno senão fizer isso não terá proveito. Portanto, a pessoa adequa a linguagem ao nível que tem, de seguida, poderá, eventualmente, fazer abordagens, abordagens com os alunos por forma a que o aluno faça uma progressão do seu nível linguístico, mas também a nível da prova, o professor não pode, não pode, deve não deve colocar expressões que pelo menos o aluno não tenha conhecimento. Agora falando de um forma geral os alunos têm dificuldade em analisar em interpretar os problemas e exercícios. Possivelmente poderão aparecer nessa faixa etária mas, é pronto a língua portuguesa para os alunos também acaba por ser um peso eu penso que é sempre complicado para uma pessoa, receber a mensagem pensar na língua, traduzir para língua materna e depois então fazer o exercício contrario para poder responder às necessidades do professor.

P – Em que línguas é que o aluno comunicam na sala de aula, entre si e com o professor?

R – Depende. Eu digo sempre dependo do professor, eu exijo que, como língua oficial, a língua de comunicação é o português dentro da sala de aula mas, quando houver dificuldades de comunicação dificuldade de entendimento, eu acho eu tenho feito perfeitamente o professor deverá procurar outras formas se não chegar se não for à português que vá à crioulo também, porque o objectivo é ter aproveitamento então, nós devemos socorrer desse instrumento que nós temos. Agora fora da sala de aula, ai, já a situação é bem diferente, é o crioulo, os alunos nem todos, nem todos, conseguem mesmo não sendo da aula não conseguem nem todos conseguem expressar com o professor em português, então a esse problema.

P – Porque quando o aluno numa aula de matemática o aluno tem uma ideia em mente tem uma operação em mente e ele quer explicar essa operação mas, não encontre as palavras para explicar, ou então começa em português depois passa para o crioulo ou o próprio discurso em português é um discurso que está cheio de marcas de, de língua crioula. Qual é atitude do professor face a esse fenómeno?

R – Para mim, eu deixo, eu, eu deixo comunicar da forma que, que ele consegue. Não da forma que ele quer mas, sim da forma que ele consegue e ai nós vamos nos ajudando mutuamente sem grandes pressões. O professor que consegue trabalhar o aluno nessa questão, o professor tem nove, nove meses para conviver com o aluno eu penso que alguma coisa ele irá aprender e do principio até o final do trimestre ele acaba por responder as perguntas ou expressar uma ideia toda ela em português mas, acontece alunos que definitivamente, ficam ai num cantinho porque efectivamente o português não é la, não tem um português corrente então tem dificuldades em algumas expressões e algumas expressões, perfeitamente, saem mais crioulado do que em português e ai pronto, a gente tem de fazer esse trabalho.

P – Portanto este é um fenómeno, um fenómeno de, de interferência é, é uma realidade nas nossas escolas, o aluno querer expressar muitas vezes socorresse da língua materna. Esse recurso a língua materna é para si um recurso positivo ou negativo?

R – Eu posso, eu posso dizer, é sempre bom as duas línguas juntas, porque quando se fala, quando se fala o português e não se consegue vai la buscar a língua materna, ajuda tanto falar o bom português mas, também até ajuda no crioulo, porque, às vezes as expressões também que mesmo aprendendo a língua materna desde de pequeno, as expressões são desviadas de acordo com a conveniência. Portanto se o aluno conseguir fazer um paralelo com as duas línguas isso irá facilitar não só a comunicação mas, também irá facilitar o melhoramente, dessas duas, dessas duas línguas.

P – Portanto, se ele encontrar se ele conseguir estabelecer, quando o professor fala de paralelo, fala de, de estabelecer a nítida diferença ou seja estabelecer fronteiras entre as duas línguas. Que implicações o professor acha que terá este fenómeno, no desenvolvimento, no processo de aprendizagem de uma forma geral. Nós estamos num contexto onde há coexistências dessas duas línguas, essa coexistência é uma realidade, que impacto o professor acha que esse recurso a língua materna, terá no processo de aprendizagem de uma forma geral?

R – Eu sinto que eu sinto e eu defendo que nós não vamos poder fugir portanto nós não vamos poder fugir a isso, o crioulo e o português de certeza vai estar cada vez mais, vão estão, vão estar cada vez mais, mais juntas, e eu penso que eu penso que para o aluno, ele só tirará proveito dessas duas línguas juntas, porque repara que eu não tenho certeza que o aluno inicia desde a sua fase eu não digo pré-escolar porque pré-escolar é uma criancinha mas, nós não temos a certeza se o aluno faz um percurso de seis anos falando

o português com o professor e depois de um momento pró outro nós exigimos do aluno que fale português com, com connosco. Portanto isso eu não tenho dados sobre isso eu na tenho estudo sobre isso mas, eu penso de uma forma geral o aluno a junção das duas línguas ou, ou falar as línguas em paralelo de forma correcta é claro só trará só trará beneficio aos alunos.

P – O quê que o professor pensa então na introdução do crioulo no sistema do ensino?

R – Eu acho que é bom, eu acho que é bom seria bom porque eu sei que não vai, não vai ser, eu que não vai ser fácil, mas implica, implica avultados recursos para, para, para a nossa para o nosso país mas eu penso começar as crianças com o crioulo, faze-los entender as coisas os problemas, os exercícios as actividades em crioulo seria interessante, pelo menos nos primeiros anos da do seu percurso escolar, seria óptimo, já ao nível do ensino secundário, ao nível do ensino secundário eu não sei se, se o crioulo seria uma opção, uma opção para os nossos alunos. Agora eu defendo sempre que o aluno tem sempre, o professor deverá estar minimamente capacitado e de abertura para que o aluno consiga pelo menos expressar as duas línguas ao mesmo tempo ou quando assim o aluno necessitar.

P – Portanto o professor defende que seria bom que fosse introduzido no pré-escolar e que no ensino secundário fosse feito o esforço de eeh separação das duas línguas nem, mais ou menos isso. Portanto, eu ia fazer-lhe uma pergunta como mas, já respondeu.

Acha que o crioulo poderá ser a língua veiculado de conhecimento científicos em Cabo Verde?

R – Eu penso que sim, pelo menos tenho ouvido falar dos encontros, os estudos sobre, sobre a nossa língua, eu penso que tarde ou cedo isso deverá acontecer aah, a língua é interessante portanto há muita gente há muitos estudiosos que já está muito, muito bem ah a nível dos estudos muito bem o aprofundamento dos estudos é visível, eu penso que tarde ou cedo nós vamos ter o crioulo como pelo menos entre nós pelo menos entre nós e mesmo o pessoal que nos vista o pessoal que vem de fora que nos visita aquele que estiver interessado eu penso que haverá seguramente um momento que nós vamos ah nós vamos ter o crioulo equiparado ao português, ou quem sabe ainda com ain bocadinho acima do português.

P – Eu ia perguntar-lhe quando isso acontecer quando o crioulo for língua veiculado de conhecimento, que lugar para a língua portuguesa mas, o professor já estabeleceu um paralelo disse falou da equiparação nem?

R – O português virá em segundo plano, o português será uma língua *business*, porque não estou a ver o crioulo a entrar de uma forma de rompante avançando o português a nível da ah de outras actividades mas, vai continuar a nível das industrias a nível do comercio firmar de uma forma geral para os grandes negócios o português continuará mas, a nível do nosso dia-a-dia possivelmente, possivelmente não eu tenho a certeza que o crioulo estará, estará como língua veicular dentro de qualquer ilha ou dentro de todo Cabo Verde seja qual, qual for a situação o crioulo estará, estará presente.

P – O professor acha que esta possibilidade do crioulo ser língua veiculado de conhecimentos científicos poderá melhorar os resultados da educação em Cabo Verde?

R – Melhora, melhora, melhora de certeza porque há países que tem o mesmo problema que nós, pronto já estão mais avançados nessa matéria, quando uma língua materna é conseguida é conseguida para o entendimento e aprendizagem dos nossos alunos é sempre, é sempre melhor é sempre bom os resultados serão sempre, sempre, sempre melhor, é só ver um aluno que estuda e tem um professor de explicação, eu penso que o professor explica em crioulo e o aluno, se for um aluno interessado com o tempo o aluno terá resultado, isso quer dizer que pensando em crioulo e resolvendo em crioulo o aluno consegue ter mais resultados do que outra língua.

P – Só para terminar Sr. Professor, os manuais, eh que importância tem tido os manuais no desenvolvimento dos conteúdos do seu programa, dos conteúdos da sua planificação?

R – Planificação, os manuais, Cabo Verde a nível de manuais, eu não sei se a todos os níveis somente no ensino secundário não tenho esse, esse dado mas eu penso que a nível de, a nível de, manuais ai a coisa está um bocadinho não tão bem trabalhada porque, porque o professor faz geralmente é claro nem todos os professores acho que ainda têm manuais mas, o que o professor faz recebe o, o a programação e depois tem os manuais que são aconselhadas então o professor vai no manual tira, tira uma parte da matéria que lhe interessa ou que está mais bem explicada ou que tem mais ilustração vai em outro pode, pode consultar vários manuais e conseguir ter a sua programação ate o final do ano mas, eu penso que, eu penso que já chegamos a um nível por exemplo ah cada coordenação ou cada, ou cada disciplina quanto a manuais que estão aconselhados que

são aconselhados porque não o professor ou a coordenação ou os professores fazerem eh efectivamente o que é preciso fascículo ou sei la programar a matéria de tal forma que eh não só vai haver a mesma vai haver o mesmo conteúdo leccionado da mesma forma, haverá um equilíbrio entre os professores mas, também o aluno poderá ter acesso, poderá ter acesso à esses fascículos e estudar neste segundo fascículos, porque eeh eu penso que no nosso nível, pelo menos até, eu posso dizer ate o 9° ah dizer o aluno vai a biblioteca e consulta tal livro e ai você encontra todas as matérias, portanto mesmo se for, mesmo se for um livro eu penso que isso não e é bom para o aluno, o aluno precisa ter exactamente, exactamente o que é, o que lhe é dado como pré requisito para transitar de um ano para o outro não, não obstante o aluno ser eh curioso ir a biblioteca e estudar outros manuais mas, falando nesse capitulo o aluno deve ter o seu manual, estudar neste manual para ver se a gente consegue ter resultados mais expressivos.

P – Então o Sub Director Administrativo tem ai notado se há, se os professores e os alunos têm uma cultura de recurso ao manual?

R – Bom a nível de, penso que a nível do a nível do sétimo e do oitavo eh todas as disciplinas tem manuais e, pronto os, o os conteúdos programados são baseados, nesses manuais, então obrigatoriamente eh o professor e o aluno tem de estar sempre em contacto com este manual, alias porque o manual para o primeiro ciclo foi pensado justamente, justamente para essa faixa etária, agora a nível dos outros, a nível dos outros ciclos, ciclos, o professor pode e aconselha ou faz tiragens dos manuais em, em cópias e a partir dai o assunto é, é discutido e transmitido na nas aulas, nas aulas normais.

P – os professores não reclama da qualidade linguística dos manuais, não há reclamação do tipo essa linguagem é pressão os alunos não vão entender?

R – não poderá, poderá te haver mas o professor, o professor normalmente se adequa se há alguma reclamação mas, o professor vai adequando, vai adequando o nível a informação que vai avançando portanto eu penso se há alguma reclamação mas, o professor consegue resolver, resolver esse problema.

P – Ok muito obrigado Sr. Professor por ter a participado, esperamos poder retribuir de alguma forma.

Sujeito: PM

Local: Mindelo – Escola José Augusto Pinto,

Data: Abril de 2008

P: E queríamos perguntar a professora, que línguas, é que a professora domina?

R: Bom dominar mesmo só português e crioulo, eu falo, eu percebo alguma coisa de inglês desenrasco e muito pouco em francês também, o básico, aquelas coisinhas básicas e espanhol também, como eu tive um mês em de férias na Espanha, aprendi também a falar alguma coisinha de espanhol e a perceber até melhor que francês.

P: Em que circunstancias, a professora a aprendeu as duas línguas, que a professora considera principais?

R – Inglês e crioulo, obviamente, nós somos cabo-verdianos, desde criança aprendemos a falar crioulo fluentemente, português aprendi na escola, passei parte da minha infância em Portugal, então quando eu voltei tinha seis anos, eu já falava português muito bem, mas depois eu pronto socializando com os outros meninos cabo-verdianos eu esqueci o português e passei a falar o crioulo, mas depois quando eu fui para escola primaria outra vez tive que reaprender e, mais tarde, eu fui estudar em Portugal, e melhorou em contacto com pessoas que falam, então, português, pelo menos vamos melhorando a língua.

P – Que lugar ocupa cada uma dessas línguas na vida professora?

R – O crioulo é língua que nós falamos diariamente com os nossos amigos, em casa com a família, aqui na escola na sala de aula, como já é um local já mais formal nós eu sempre falo em português com os meus alunos, as vezes quando há problemas aqui na direcção, nós temos de resolver com os alunos, as vezes falo em português outras vezes falo em crioulo depende da situação, depende do grau de a proximidade que eu tenho com o aluno, não é, as vezes eu posso expressar o meu português quando é uma situação mais formal, mas quando é um situação menos formal eu posso falar na língua materna.

P – Mas essa situação menos eh menos formal quer dizer exactamente a quê? Um exemplo de uma situação informal, onde a professora falaria o crioulo?

R – Por exemplo agora estavam aqui alguns alunos não é, que vão fazer um ensaio e nós estávamos aqui a falar, e eu estava a falar crioulo com eles, porque não é nenhuma

situação assim pronto eu acho, que seja necessário falar em português, estavam aqui comigo a espera de desocuparem a sala para ir ensaiar, e para eu lhes dar os materiais necessários que eles precisam, e nós estávamos aqui a dialogar em crioulo.

P – Exactamente. Quando a, a professora disse que nasceu em Portugal…

R – Nasci em Cabo Verde mas fui para Portugal com dois anos.

P – Portanto, viveu quatro anos em Portugal?

R – Sim, em Portugal.

P – Como é, tem a memória do seu primeiro contacto com a língua portuguesa? Foi em Portugal?

R – Foi, mas já não tenho memória era muito criança ainda quando fui para la com dois anos praticamente na altura em que um criança começa a falar, então, já não tenho não consigo recordar, não tenho memória dessa época.

P – Para si a aprendizagem da língua portuguesa foi uma tarefa fácil?

R – sim porque, digamos que eu já tinha um princípio porque quando eu voltei, quando cheguei aqui em Cabo Verde, eu falava o português embora era apenas, na oralidade eu não dominava a escrita, eu era criança então acho que foi para mim mais fácil se calhar do que os outros coleguinhas que eu tinha na minha classe aprender a falar o português.

P – Aqui na escola, enquanto Sub Directora de Assuntos Sociais a professora lida muito com questões que têm a ver com a comemoração de datas, com actividades extra curriculares, nessas actividades, qual é a língua que predomina?

R – Depende por exemplo, nós quando fazemos actividades para os alunos por exemplo no natal, fazemos uma actividade aqui no pátio, e onde os alunos vieram mostrar os seus talentos, ai foram eles próprios que apresentaram o espectáculo, foi falado em crioulo, também houve aqui algumas comemorações por exemplo, no dia mundial da luta contra sida, houve situações que os alunos estiveram com médicos, pessoal ligadas a ares da saúde, e ai essas pessoas falavam em português, expressavam em português e, os alunos colocavam questões também em português, mas houve também peças de teatro que foram feitas em crioulo não é, algumas partes da peça, onde entrava médicos, e outros especialistas na área, as pessoas fala, o personagem falavam em português, mas ai o resto dos outros personagem falavam em crioulo.

P – Sim mas a então, há uma preocupação em decidir previamente qual vai ser o código?

R – Não por acaso, exactamente, por acaso não temos tido essa preocupação, a situação determina por exemplo se é uma situação de palestra, de conferencia de qualquer coisa

assim mas formal obviamente nós expressamos em português, mas quando é uma situação mais, de estar mais a vontade, onde os alunos podem conviver eles expressão, por exemplo se for lá no pátio uma coisa assim, eles expressão em crioulo, mas se for uma situação se for numa sala de aula ou por exemplo na biblioteca uma coisa já mais elaborada mais formal, ai a língua pronto, a língua que se fala é em português, mas não é predeterminada é, é a situação na hora determina a língua.

P – Sra. Professora, como professora, dentro da sala de aula como essas duas línguas estão a concorrer?

R – Dentro da sala de aula eu só falo o português e as vezes há alunos que teimam em falar crioulo dentro da sala de aula, então quando eu faço uma pergunta, à algum aluno que quer fazer alguma intervenção e, se o faz em crioulo, eu lhe chamo sempre atenção, fala português, e eu e ai o aluno repete novamente a sua intervenção ou a sua pergunta sei lá em português, porque eu acho que dentro da sala de aula nós temos que estimular os alunos a falar português, porque eles, eles praticamente fora da sala de aula, nunca fala português, e assim, não tem como treinar não é, não tem como treinar para falar a língua, então é uma forma também, porque depois mais tarde eles vão estudar, eles vão para universidade e não dominem a língua portuguesa na oralidade.

P – Exacto, a professora acha que a sala de aula é o único espaço que eles têm de exposição à língua de prática da língua e que esse espaço, deve ser essa oportunidade deve ser centralizada e explorada. E na comunicação consigo então, os alunos falam em português, e sempre que houver comunicação em crioulo então, a professora pede que seja uma traça de códigos. E na interacção com os alunos?

R – Fora da sala de aulas?

P – Não dentro da sala de aula, na interacção aluno/aluno, aluno/aluno?

R – Eles sempre falam em crioulo não é, por que eu nunca vejo os alunos a falar em português uns com os outros, muito raro mesmo sempre falam, se tiverem a falar uma situação que não tem nada a ver com a aula, mas por exemplo se eu chamar um aluno para o quadro, ou se o aluno vai para frente da sala fazer uma exposição do trabalho de grupo ai obviamente, ele se comunica com os colegas em português, porque assim o professor o exige mas, se eles estão sentados lado a lado na carteira comentado qualquer coisa da aula ou ate coisa que não tem nada a ver com a aula, eles falam em crioulo.

P – Em crioulo. O quê que a professora pensa, da já esteve perante uma situação do aluno ter uma ideia de, de querer expressar alguma coisa, querer dizer alguma coisa e de não saber faze-lo em língua portuguesa ou que não?

R – Sim, já tive situações já vi, que muitas vezes, muitos alunos tem ideias, mas não sabem como expressar essa ideia na língua portuguesa, começam a falar e as tantas baralham, param, porque não sabem que palavra hão de utilizar e as vezes ficam ate embaraçados, porque os outros colegas começam a rir e a gozar, e as vezes esse aluno começa a ficar inibido e cala, professora eu já, esqueci eu já não quero dizer mais nada.

P – E qual é que tem sido a atitude da professora perante essa situação?

R – Não, quando é assim, eu estimulo o aluno, vou ajudando dando-lhe algumas palavras, crias dizer não é, quer dizer, ajudando-lhe a formar a que frase que ele, porque eu posso ver mais ou menos o que ele queria dizer, mas como ele não consegue expressá-lo, não consegue encontrar as palavras certas, ai eu vou ajuda dando umas não é uma dicas para o aluno conseguir, as vezes os eh continuam tentando expressar a ideia, as vezes outros ficam inibido já não querem falar.

P – Mas nunca pedem aquilo que tem a dizer em crioulo?

R – Não, mas já aconteceu situações, já aconteceu situações que uma aluna, lembro-me de uma aluna, ela foi explicar uma situação, algo que lhe tinha ocorrido no dia-a-dia era um exemplo assim prático do quotidiano e ela não estava conseguindo expressar encontrar as palavras certas e ai eu disse-lhe, bom então, já que não estas a conseguir falar em português, fala em crioulo não é, e ai ela conseguiu desenrascar, conseguiu falou.

P – O quê que a professora pensa da introdução do crioulo no sistema de ensino?

R – Por acaso é uma, é uma, é uma questão que eu já pensei algumas vezes mas, ainda não sei se tenho uma opinião muito bem formada acerca do assunto. Eu acho que vai ser complicado, no meu ponto de vista vai se complicado porque nós temos, eh, eh em Cabo Verde vários variantes do crioulo então, ai nós teríamos de escolher uma variante talvez para ser estudado, e essa variante que vai ser escolhida, e as outras ilhas que não falam essa variante, não será complicado, principalmente na parte da escrita, na parte da gramática, porque eu eh, muitas vezes já escrevi algumas eh alguns *sketch*s teatrais em crioulo, e senti essa dificuldade na pratica de escrever o crioulo não e, então eu não sei até que ponto isso é viável.

P – A professora tem consciência que será uma dificuldade por causa das, das variantes da norma de produção escrita que vai implicar uma escolha, uma

escolha, e não será uma escolha que de certeza vai agradar à todos da população, então será uma dificuldade. Mas, acha que tem essa dificuldade, mas a professora alguma vez já pensou se seria vantajoso ou se seria prejudicial para ah, ah para o sistema de ensino em si, essa introdução, a introdução de um no sistema de ensino?

R – Nós todos os manuais que nós temos, estão escritos na língua portuguesa, a introdução do crioulo isso significaria que nós iríamos ter manuais escritos na língua crioula. A língua crioula é sem duvida a nossa língua materna mas, até que ponto essa, essa introdução dessa língua no sistema de ensino, não prejudicaria o próprio sistema.

P – A professora está a achar que para a introdução do crioulo, sistema de ensino nós precisaríamos de…?

R – Também de ter manuais em crioulo não é, e acho que isso seria uma tarefa árdua, uma tarefa bastante difícil, e sinceramente eu não sei se isso será uma vantagem, se trará vantagens ou se poderá prejudicar porque pronto é, é digamos é mexer numa situação, no sistema que já v nós já estamos neste sistema há anos isso já está interiorizado em nós não é, então mexer mudar tudo isso irá trazer…

P – Para além dos, dos manuais que outros instrumentos ou que outras ferramentas a professora acha que falta ao crioulo, para que ela tenha condições de serem introduzido no sistema de ensino?

R – É como eu disse, por exemplo essa questão gramatical chegar a um consenso digamos as normas linguísticas, gramáticas, todas essas, a escrita, por eu escrevo crioulo da minha forma outra pessoa escreva de sua forma, acho que precisa ter um consenso geral não é, regras porque senão vai ser um pandê[1]…

R – Se calhar uma última pergunta Sr. professora relativamente aos manuais, qual é que tem sido a importância dos manuais para o desenvolvimento dos conteúdos que a professora planifica, a professora é professora de?

R – Sou professora de sociologia mas já leccionei F.P.S e M. contemporâneo, que por acaso na disciplina de sociologia nós usamos manuais mesmo de Portugal portugueses, nós não temos manuais feitos aqui em Cabo Verde para a disciplina de sociologia, FPS nós temos um e M. Contemporâneo também. E tem sido uma dificuldade. Tem sido porque? As vezes por exemplo no manual de FPS, é bastante incompleto, nós quando eu dava FPS, quando leccionava FPS nós estávamos sempre a procura de mais coisinhas para complementar o manual, as vezes a conteúdos que nem está no manual e, pronto as

[1] Pandemónio

vezes eu, eu tenho um material, outro professor tem outro material e, assim nós vamos trocando ideias. Mundo Contemporâneo também tem um manual, um manual extenso, mas eu acho que os conteúdos que estão no manual são muito vagos, é necessário aprofundar um bocadinho mais a matéria, porque dá aquela sensação que os alunos ficam apenas a saber muito vagamente das coisas, como se fosse só um cheirinho não é, e não fica com um conhecimento aprofundado. Quando que eu me lembro por exemplo quando eu estudava no liceu nós eh, aquelas matérias nós dávamos e ficávamos com um conhecimento realmente aprofundado e as vezes mais tarde, conforme os anos que íamos passando, íamos aprofundando mais essas questões, dependendo da área que nós estivemos escolhido. Na disciplina de sociologia nós temos dois livros, dois manuais que nós seguimos que são de Portugal e, que por acaso são bons manuais, têm textos, tem a matéria muito bem explicada numa linguagem muito acessível, mas precisaríamos também trabalhar algumas coisas, alguns conteúdos mais ligado a nossa realidade, a realidade Cabo-verdiana, a nossa sociedade de e nós não temos materiais nós não temos textos, as vezes eu vou mandando os alunos pegar ah jornais, revistas não é, coisinhas assim, para tentarmos ver um pouco, fazer trabalhos de grupo dentro como agora nós fizemos trabalhos sobre a cultura cabo-verdiana e não havia outros temas que nós já tínhamos vindo, mas realmente tem sido uma dificuldade, em sociologia não mas em outra disciplinas sim.

P – A professora, como sub directora de assuntos sociais, lida mais de perto com a questão socio-económico e cultural dos alunos. A professora tem notado que a inibição dos alunos a falta de participação mesmo o fraco desempenho, se esse fenómenos de fracassos de insucesso escolar se estão eh ligados a questão da situação sócio económico e familiar dos alunos?

R – Sim, essa é uma questão muito digamos muito sensível muito complicado, para responder a essa pergunta, talvez nós teremos de fazer um estudo, uma pesquisa, ma s há fortes indícios que, que realmente a situação socio-económico tem grande influencia no rendimento escolar do aluno, o seu interesse a sua motivação tanto que nós temos aqui alunos com problemas muitos graves e, nós vemos claramente que esses problemas acabam reflectindo no seu processo de ensino aprendizagem. Eu penso que sim, porque nós temos duma camada social, digamos mais desfavorecida, alunos que muitas vezes vem para escola sem comer, ou seja é difícil para um aluno estar num sala com o estômago vazio e conseguir prestar atenção na aula ou pensar, raciocinar qualquer coisa com fome, sim é uma das questões, outras vezes alunos que têm muitos problemas de

relacionamento em casa, alunos que não tem pai, nós temos muitos casos, nós temos muitos casos de alunos de mães que venha aqui e, que são mães que cuida sustentam os filhos sozinhos, sem ajuda do pai e, esses alunos para alem de não terem esse apoio financeiro, não tem amor nem carinho por parte dos pais, isso obviamente na cabecinha da criança e adolescentes com essa idade, acho que isso tem muito, muito influencia.

R – Muito influencia. Seria interessante eh ou a professora acha que se a escola conhecesse eh mais de perto a situação sócio-familiar e, desenvolver-se um programa de apoio, eu não sei porque a escola também a própria escola precisa de apoio, mas se escola procurasse por exemplo parceiros que pudessem auxiliar essas crianças pelo menos na resolução do problemas eh eu me lembro, estava a pensar por exemplo numa escola na, numa satélite da escola secundaria do Porto Novo por exemplo, oferece uma refeição quente, isso melhoraria?

R – Sim, sem dúvida nenhuma, isso daria uma grande ajuda aliás é uma coisa que nós já pensamos e este ano nós temos a ICASE que dão uma grande ajuda a escola, pagando as propinas dos alunos carenciado e também do transporte escolar dos alunos que vivem um pouco longe da escola.

Sujeito: PN

Local: Mindelo – Escola José Augusto Pinto,

Data: Abril de 2008

P – Começamos por lhe perguntar que línguas o professor domina?

R – Crioulo e o português.

P – Que lugares tem cada uma dessas línguas na sua vida?

R – O português escola, assuntos mais como que hei de dizer assuntos oficiais pelos professores crioulo como os meus amigos em casa.

P – Em que circunstância aprendeu cada uma dessas línguas?

R – O crioulo no dia-a-dia e o português na escola.

P – Para si, aprender a língua portuguesa foi uma tarefa fácil ou uma tarefa difícil?

R – Não dei por isso fui aprendendo com o tempo, foi natural.

P – Não tem memória do seu primeiro contacto com a língua portuguesa?

R – Não tenho.

P – Qual foi a sua primeira reacção à comunicação da professora na escola primaria?

R – Não tou a lembrar

P - Como é que caracteriza a sociedade Cabo-verdiana em termos sociolinguísticos?

R – A língua que a sociedade domina é a língua crioula o português é mais, uma influencia…eu não sei como é que vou responder essa, essa pergunta. Domina mais o crioulo.

P – O português aparece em que contexto?

R – Acho coisa da televisão uma referência da televisão o pessoal gostam muito de ver telenovelas justamente por isso que aula português não é muito brasileirado.

P – Na sala de aula, quais as línguas que os alunos falam nesse ambiente?

R – A tendência é falar o crioulo.

P – Consigo ou com os colegas?

R – Com toda a gente, comigo com os colegas, eu que tenho chamar-lhes atenção que está complete de chamar o aluno atenção para a mudança de código.

P – Se o professor deixar à-vontade, qual é a língua de eleição do aluno?

R – É o crioulo.

P – Porquê Sr. Professor?

R – Acho que eles estão acostumados, trazem essa forma de comunicar de casa é o que sentem mais à-vontade.

P – E por causa disso a participação nas aulas, aquela participação que contribua para o desenvolvimento dos conteúdos seu programa, pode dizer que essa participação é uma participação fluente há muita participação ou fraca participação?

R – Não por acaso até há muita participação e em crioulo muitas vezes quando exijo o português, essa exigência limita-lhes a participação.

P – o quê que o professor acha que possa estar por detrás desse fenómeno?

R – Acho que é costume, é difícil…

P – Não será falta de competência ou falta de domínio da língua portuguesa?

R – Acho que não, acho que não, sim mas, costume já tão mais acostumado com essa língua sentem mais facilidade, maior facilidade na comunicação de todos.

P – Mas os alunos não tem então, os alunos não têm dificuldade na comunicação em língua portuguesa, eles falam o crioulo por opção não por não saber a língua, não saber falar o português?

R – é sim, eu acho que o português é treino, é treino e eles muitas vezes como estão mais habituados a falar o crioulo eles sentem mais a vontade falar o crioulo e muitas até sabem, sabem di... expressar como deve ser em português mas a falta treino muitas vezes também como eles tem essa falta de treino eles não falam o português por medo e sabem que podem cometer alguma falha, vão ser alvos de gozo ou que, eu, eu acho que é um ponto que influencia.

P – A predisposição dos alunos em fazer troça do outro, está a cometer falhas de comunicação?

R – Mas, vê-se muitas vezes, que é por falta de treino, porque depois eles dizem uma coisa, não com um português que não é correcto, se eu chamo-lhes a atenção eu não preciso dizer-lhes como é que se diz, eu só chamo-lhes atenção e eles dizem logo correctamente, eh se ele prestarem atenção no que vão dizer, dizem como dever mas, assim fluentemente eh, isso as vezes acontece ate comigo por exemplo como tou muito habituado a falar o crioulo tou a falar algum, vou dizer alguma coisa em português e eu as vezes… não é porque eu não sei é porque é aquela falta de treino, aquele hábito domina no momento.

P – E, então, de momento e então o professor acha que este fenómeno não é um fenómeno de consciente?

R – Sim, sim não é.

P – Não é um fenómeno consciente, nós não introduzimos, misturamos o crioulo com o português de uma forma consciente, somos influenciados pelos nossos hábitos linguísticos?

R – É, é isso.

P – Os alunos fazem o professor já disse que os alunos fazem recurso a língua materna e se o professor deixar, eles comunicam inteiramente em língua eh materna no crioulo. Qual é que tem sido a atitude do professor faste face a essa situação. Como é que o professor tem gerido essa situação dentro da sala de aula por forma, a que isso contribua ou por forma, que haja não obstante este fenómeno, haja eh ensino e aprendizagem dentro da sua sala?

R – Tento sempre a nossa língua oficial, eu tento sempre que os alunos comuniquem na língua oficial, muitas vezes eu até como é que eu digo, quebro pau no ouvido mas, que eu quero é saber se eles estão a perceber, isso deixa-me satisfeito, então estão a perceber o que o conteúdo a matéria sim.

P – Então para o professor, o mais importante é que haja a compreensão dos conteúdos?

R – Sim.

P- Já teve situações…

R – Eu acho não é, por exemplo, o mais importante é isso mas não quer dizer que, que vou deixa-los eu tento fazer de uma forma escondida né.

P – Mas o professor já teve situação do aluno saber que é uma ideia feita de uma determinada conteúdo e estar na situação de dizer "professor m sabé ma m ka sebel dzel n`português»[1] o quê que o professor faz?

R – Eu digo já cheguei ao ponto dizer então, diga então, diga em crioulo (então diga em crioulo, deixar que os alunos expõe suas ideias em crioulo)

P – portanto este é um fenómeno que nas entrevistas que nós temos feito do conhecimento que temos da realidade é um fenómeno que domina a situação dentro da sala de aula essas duas línguas em, em presença. O quê que estamos a

[1] Professor sei a resposta, mas não a sei dizer em português.

querer saber é o quê os professores acham desse fenómeno? Que impacto terá esse fenómeno no processo de ensino aprendizagem de um forma geral? Esse fenómeno facilita ou dificulta a aprendizagem?

R – Eu acho que dificulta, eu acho que dificulta.

P – Sim, porquê?

R – Cria nos alunos um certo constrangimento, de vez em quando em expor as suas ideias, isso é uma limitação acho.

P – Portanto o professor acha que dificulta. O fenómeno de coexistência das duas línguas e de uma gestão de uma presença quase híbrida de não se distinguir essas duas línguas em momento de funcionamento dessas duas línguas?

R – Não percebi.

P – A existência dessas duas línguas dentro da sala de aula, numa mistura numa espécie de mestra, de mistura dificulta porque cria no aluno limitações Sr. Professor… penso eu percebi…?

R-…sim…

P – E essas limitações contribuem ou dificultem o processo de ensino aprendizagem, é isso?

R – Sim, dificulta.

P – Mas o recurso a língua materna em si, o aluno ter o domínio do conteúdo e não ser capaz de expressar esse domínio em português, e recorrer a língua materna para explicar o conteúdo, para explicitar as suas ideias, o quê que o professor acha disso? É um aspecto positivo ou negativo?

R – O recurso…

P – O recurso a língua materna, o recurso consciente, não é aquele recurso inconsciente que o senhor estava a falar? O recurso consciente de eu saber, eu sei, tenho a consciência de, de admitamos a hipótese de estamos a nível de uma ah, ah equação química, de uma experiência, o aluno sabe que quando reajá um elemento com outro elemento o fenómeno é X, mas ele não sabe explicar este fenómeno, ele ate diz ao professor, eu sei o quê que acontece mas, não sou capaz de dizer usando as palavras em língua portuguesa, e o professor deixa que ele expressa, se exprime em, em crioulo. Esse recurso nesta circunstância é um recurso positivo ou negativo?

R – Ah, ah

P – Não entendeu?

R – Não, já, percebi mas não, fiquei assim…

P – O professor nunca pensou nesse dado.

R – Nunca.

P – O professor já pensou na possibilidade da oficialização do, do, oficialização do crioulo é uma realidade, só que nós não sentimento esta realidade, Sr. Ministro da cultura diz no dia 14 de Novembro de 2005, que a partir daquela data, o crioulo passaria a uma língua, a ser uma língua oficial, sentiu essa oficialização?

R – Acho que não.

P – Viveu esta…

R – Não

P – Não teve nenhum, nenhuma não contribuiu para, nenhuma alteração no seu dia-a-dia, no seu quotidiano com professor?

R – Não, não, não.

P – Não. O quê que o Sr. pensa da oficialização do crioulo?

R – Tem os seus aspectos positivos e tem os negativos nem.

P – Os negativos. Vamos lá. Quais serão os aspectos negativos?

R – Os negativos é, por exemplo um, com a oficialização do crioulo dentro da sala de aula, vamos ter muitas limitações com os materiais, materiais didácticos, por exemplo matérias didácticos, e não só e também estou a falar mais na área mais na área ci, científica, porquê na área científica? Por exemplo os, o crioulo será que vamos ter um crioulo como é que eu digo, o cientificamente correcto vai ser qual? Não sei se estudos nesse, nesse sentido.

P – O professor tem dúvidas se o crioulo possa ser eh capaz de veicular conhecimentos científicos é isso.

R – Por forma sem deixar ambiguidade.

P – Sem deixar ambiguidade. E pontos positivos?

R – Pontos positivos os alunos vão estar na sala de aula menos, menos desinibidos, ou mais desinibidos.

P – O professor já pensou, nós estamos a falar em termos da oficialização de uma forma geral, na questão da introdução do crioulo no sistema de ensino o Sr. o professor já pensou alguma vez nessa possibilidade, na introdução do crioulo como língua… língua de ensino?

R – Vai ser, já pensei no sentido que vai ser uma realidade vamos ter como a séries eu acho vai ser uma realidade a que… sim.

P – Como é que o Sr. professor acha que essa realidade vai processar? Como é que vai, como é que o professor pensa ou que o professor acha, que o professor prevê que o crioulo vai paras as salas de aula?

R – Como é que come que vamos encarar…

P – Como é vai, vai com uma disciplina, como é que o crioulo vai aparecer no nosso currículo, vai aparecer como uma disciplina ou como uma língua veiculada?

R – Eu, tava a pensar, eu, tava a pensar, primeiramente como uma disciplina, para podermos ter um critério, uniformização tou a falar para falarmos o mesmo crioulo primeiro, e depois é ser a língua de sim de comunicação.

P – Então o professor acha que primeiro ele deve ir para sala de aula como uma disciplina assim como o francês e o Inglês (sim é certo) para gente poder uniformizar, essa uniformização tem a ver com a norma, norma de produção escrita por exemplo.

R – Sim escrita não, não, escrita como… péra ai, como oralmente, ok?

P – Quando o crioulo for para sala de aula, só mais uma perguntinha Sr. professor, quando o crioulo for para sala de aula como língua veiculada de conhecimentos científicos, que lugar, para a língua portuguesa? Qual será o espaço para da língua portuguesa, o lugar que vai ocupar a língua portuguesa na vida dos cabo-verdianos?

R – Essa aqui é a minha a minha grande dúvida, será que vão permitir essas duas outra vez, será que vamos ter essas duas línguas outra vez.

P – Só mais, uma, perguntinha, os manuais Sr. professor, que importância tem os manuais no processo de desenvolvimento dos seus conteúdos?

R – Extremamente importante nem… embora nesta, nesta altura na minha disciplina eu que faço, é como é que tou a fazer a tradução do manual para os alunos não têm o contacto com os manuais…

P – Eles não têm contacto porquê?

R – Acho que eles ainda não viram a importância. Por exemplo, em termos de manuais de língua …quando se fala de ciências, das disciplinas de ciências, não vejo os alunos com essa cultura de usar livros.

P – então o manual é utilizado mais para os conhecimentos. Essa conta, essa conta tem, tem a haver mais ou menos com o quê, o professor faz a adaptação da linguagem, faz a selecção dos textos?

R – sim é isso, faço a selecção dos textos, vejo o que é mais importante embora, muitas vezes isso possa até estar marginalizar, essa.

Muita obrigada pela a sua participação Sr. professor, espero poder contribuir com alguma coisa, algum.

Sujeito: PO

Local: Mindelo – Escola José Augusto Pinto,

Data: Abril de 2008

P – Queríamos saber que línguas que o professor domina?

R – Línguas? Bom dominar eu, eu diria que o crioulo, língua materna mas, eu posso dizer que eu falo o português e algumas línguas tais como o inglês, eu também desenrasco muito, e o francês também tenho não muita coisa.

P – Como e em que circunstancia o professor aprendeu cada uma dessas línguas?

R – Bom, em princípio, na escola, o inglês é uma língua que sempre gostei, desde o início tive acesso ao inglês, então, consegui desenvolver um pouco o inglês, francês também tive conhecimento na escola.

P – Como é que o professor caracteriza a sociedade cabo-verdiana em termos sociolinguísticos em termos de comunicação, domínio de línguas?

R – Bom em princípio em S. Vicente vê-se que o pessoal mesmo o pessoal que vive nas ruas, tem algum domínio sobre as línguas, já se ouve pessoas a falarem o italiano, coreano, francês, inglês mesmo aquele inglês bruto mas há pessoas que ao fim ao cabo consegue-se comunicar com estrangeiro, a sociedade mindelense já tem isso presente nem.

P – E isso se deve a que?

R – Bom, as pessoas que vem cá, os barcos nem, normalmente aquele pessoal trabalha no cais tem portanto acesso aos turistas e eles de uma forma ou de outra tem o contacto, e então vê-se muita gente que não tem instrução mas que se consegue fluir eh em outras línguas?

P – Então nós podemos dizer que a ilha de S. Vicente é uma ilha aberta a aprendizagem de outras línguas por causa do porto e do contacto com outras pessoas?

R – Sim, sim, sim é exactamente isso que eu diria.

P – Em termos da interacção verbal na sala de aula, há que línguas fala os seus alunos na sala de aula?

R – Principalmente o português, o português é falada na sala de aulas mas, com certeza há sempre algum que sai, vai para o crioulo muitas vezes para expressar melhor porque não tem aquele termo e outras vezes introduz um termo em crioulo no português.

P – Então os, os alunos falam consigo em língua comunicam consigo em língua portuguesa, e como é que comunicam entre si?

R – Entre eles basicamente em crioulo.

P – Em crioulo. O professor falou que, às vezes, faltam-lhes o termo e eles usam termo em crioulo que não sabem ou não encontram a expressão em língua portuguesa eles usam o termo em crioulo. Como é que o professor se posiciona face a este fenómeno a esta troca de códigos?

R – Bom, o professor neste caso deve ser sempre motivador, neste caso, para falar português, também a corrigir os alunos em caso de um termo, muitas vezes, qualquer um de nós esquece de um termo ou então não se lembra ou coisa do tipo, então o professor aparece ai como alguém que vai levar esse termo aos alunos, corrigir e fazer com que das próximas vezes elevar o nível de conhecimento...

P – E o professor considera que as suas turmas são turmas muito participativas ou pouco participativas? Se o professor quiser fazer as suas aulas, são aulas positivas ou são aulas interactivas, o professor é professor de informática trabalha com maquinas essa comunicação é verbal ou ela é mediada pelo o equipamento electrónico?

R – Neste caso como temos aulas, muitas aulas práticas e já o equipamento não, não há uma interacção verbal só no caso de houver dúvidas e essas dúvidas normalmente são dúvidas práticos nem e neste vou la tirar essas dúvidas. Há casos em que dou os trabalhos para eles apresentarem e ai os casos eles virão cá apresentar o trabalho e fazer tipo dar uma aula e coisa do tipo.

P – O que é que o professor acha da introdução do crioulo no sistema de ensino?

R – Bom é sempre mais qualquer coisa, quando o aluno aprende mais qualquer coisa é sempre bom para o aluno, tanto para o aluno como para qualquer pessoa visto que o intuito é transmitir conhecimentos, agora no caso de substituição eu acho que substituir a língua portuguesa pela a língua crioula eu acho que não poderia, não poderíamos ir por ai, mas introduzir a língua crioula com certeza aspectos da nossa cultura, claro que a língua faz parte da cultura e outros aspectos que poderiam ser introduzidos no currículo dos alunos.

P – Portanto, não substituir o português pelo o crioulo mas, permitir que essas duas línguas vivam em, em paralelo dentro da sal de aula? O professor acha que a introdução do crioulo dentro do sistema de ensino vai facilitar ou dificultar o processo ensino aprendizagem?

R – Bom nesse aspecto pode facilitar, porque como por exemplo alguns temas ai o professor pode pegar um tema em crioulo e fazer perceber o aluno que é que pode dizer, muitas vezes, em português o aluno não pode perceber tudo aquilo que o professor expressa que a ideia que está na, no que ele quer dizer.

P – Se o professor quer explicar um conceito explicar um ideia ah o aluno tem dificuldade de compreender o português porque não entende uma Expressão ou porque que não está a dominar a linguagem ele pode para facilitar utilizar recorrer a língua materna. O professor já falou, acha que a introdução do crioulo no sistema de ensino é vantajoso neste sentido (é)? Alguma vez pensou em como, qual seria a melhor forma de fazer essa introdução? Se seria como uma disciplina ou como língua veicular de conhecimento?

R – Se calhar como uma disciplina francês (inglês) sim.

P – E não vislumbra a possibilidade de a longo prazo depois dessa etapa da introdução do crioulo como uma disciplina o crioulo vir ser língua veicular de conhecimento científico?

R – Bom, isto aqui requer muito mais, mais coisa, um estudo, ah um profundo da língua eh conceitos básicos da língua eh, eh, também dicionários e coisas do tipo, então se calhar seria visto como uma disciplina ai poderia, poder-se-ia ver o caminho poderíamos tomar, introduzir como uma língua não vai, não vai poder competir com o português porque ai nós temos em Cabo Verde dez, nove variantes diferentes e ai alguns termos que diferem em alguma coisa, então temos de criar uma língua padrão para Cabo Verde inteiro.

P – O professor está a falar na criação de uma a língua padrão, isto é na escolha de uma das variantes?

R – Se calhar não na escolha de uma das variantes mas, sim numa pegar as várias variantes e criar algo padrão nem.

P – Mas, seria uma terceira variante que seria variante padrão?

R – Sim.

P – E essa variante nasceria da junção das outras variantes? Neste momento temos a questão da norma escrita, temos o ALUPEC. O professor conhece o ALUPEC?

R – Não.

P – Ok, então é um alfabeto unificado que não é conhecido exactamente porque não é divulgado mas, admitamos a hipótese que da junção dessas nove línguas nós consigamos realmente um instrumento de educação que seja valido que seja fruto

dessa união, nós temos a partir dai desenhar uma proposta de ortografia. Eh, a quem o professor atribuiria a responsabilidade da difusão dessa norma da reprodução escrita?

R – Escola ou ministério da educação porque nas escolas e que se transmitir qualquer coisa.

P – e o pessoal que não trabalha e que não está mais nos meios…?

R – neste caso eh seria mais difícil, nas escolas pode-se transmitir tudo ao pessoal ai nem, por isso que eu defendo uma introdução paulatina sim, se introduzir automaticamente, nós íamos ter problemas do tipo, enquanto se vai assim por exemplo com o tempo, nós teremos pessoais formados já que podem desenvolver estudos pela língua que jé direccionado para essa questão linguística ai já teremos que pessoal está direccionado, o professor está a pensar para a questão do ensino em massa o ensino ou a, alfabetização em crioulo, em uma alfabetização.

P – os manuais, a disciplina com que o professor trabalha, é uma disciplina que tem suporte em manuais ou só tem como suporte o equipamento electrónico?

R – não, nós temos manuais, e também nós temos a Internet que nós podemos ter acesso a todo tipo de informação então é baseado em, em manuais.

P – mas, a relação que os alunos têm com esses manuais, os alunos são muitos utilizadores, utilizam muitos esses manuais não utilizam, fazem algum comentário a volta desses manuais, como é que é?

R – Não, nesta caso eles muitas vezes alguém, algum manual consultas os manuais mas a maioria não vá atrás dos manuais.

P – O professor confirma a ideia de que os alunos cabo-verdianos não têm cultura de utilização dos manuais, que estudam mais pelos cadernos do que nos livros?

R – Sim, sim.

P – E tem dado também uma falta de leitura. Tem indícios de que os alunos têm bom hábito de leitura, fraco hábito de leitura?

R – Talvez, a maioria tem fraco hábito de leitura.

P – O que poderíamos fazer para melhorar essa situação?

R – .... Por que ai…

P – O hábito de leitura?

R – Sim, sim, se nós conseguirmos introduzir nos, nos mais novos eles vão criar esse hábito ao longo da, da sua vida, então vai ser algo normal, agora já né rrhn nesta altura é extremamente difícil introduzir algo a pessoa, ele ta, ele ta a transformar ele ta afirmar-

se eh sua personalidade, então depende da pessoa, ele é que sabe a partir de, de certa data se opta para a leitura ou então eh se não, por isso neste caso isso deve ser introduzido na fase primaria ai…

P – perguntar ao professor se aprendizagem da língua portuguesa foi para si uma tarefa fácil ou uma tarefa difícil?

R – eu diria difícil, é uma língua muito complexa exige eh muito então eu diria que é difícil.

P – o professor tem memória do seu primeiro contacto com a língua portuguesa?

R – bom, lembro, vem-me a mente... pela, rádio... o primeiro contacto com certeza foi pela rádio, depois pela escola nem.

P – e na escola o primeiro contacto que o professor teve na escola primária causou-lhe, alguns, alguma estranheza na forma de comunicar do professor na língua portuguesa?

R – não, neste caso não.

P – porque já estavas habituado já a ouvir aquilo que dizem não tinha dificuldade em compreender. O quê que o professor acha se, se é professor da língua portuguesa no nosso contexto?

R – Ser professor de português!? Bom eu, eu acho…

P – É uma tarefa fácil ou uma tarefa difícil?

R – Não, eu acho que não é, não é, não é fácil visto que para além da língua não ser fácil temos alguns limitações no tipo de, pouco hábito de leitura mais ou menos nem e língua não é fácil e também se não há uma cultura de leitura ai complica alunos num nível bastante avançado com os cuidados normais na língua portuguesa.

P – Muito obrigado Sr. professor pela sua participação nesse nosso projecto, esperamos poder contribuir algum dia com alguma coisa, contribuir retribuir melhor dizendo nem.

Sujeito: PP

Local: Mindelo – Escola José Augusto Pinto,

Data: Abril de 2008

P – Gostaríamos de começar a nossa entrevista perguntando a professoras a professora que língua a professora domina?

R – Domino o português, domino a língua materna, o crioulo domino o francês e inglês somente a parte escrita.

P – Como é que a professora adquiriu cada uma dessas línguas?

R – A materna em casa a língua portuguesa foi ensino a nível ensino formando assim como o francês ensino formando bem como o inglês mas, o francês, eu costume praticar por ter sobrinhos eh no Luxemburgo e França.

P – Portanto, aprendeu essas línguas no contexto para alem da língua materna aprendeu as outras no contexto formal, e para si aprender a língua portuguesa foi uma tarefa fácil ou uma tarefa difícil?

R – No início, no início eu penso, que terá sido um pouco complicado, acredito que sim, lembro da minha gramática José Maria Relvas que nós tínhamos de decorar todos os verbos eu penso que a parte verbos foi mais difícil no início da minha escolarização.

P – Lembre em que circunstância se deu o primeiro contacto com a língua portuguesa?

R – seguramente terá sido na escola, em casa eu acho que em casa poderá ter sido não me lembro a memoria tá me falhar, eu acho que terá sido por sermos católicos, termos de ler, a bíblia em casa os meus pais nos tínhamos esse hábito em criança rezar o terço com um livrinho exactamente ta me vir a memória.

P – e a comunicação social?

R – Sim…

P – a rádio e a televisão?

R – também mas, já crescida, já crescida eu penso já estava na escola, já entender-me como gente.

P – mas na escola o seu primeiro contacto com a, a comunicação do professor ou da professora em língua portuguesa causou-lhe alguma estranheza ou não teve dificuldades em compreender?

R – Assim, a lembrança que eu tenho da minha professora de primária, a minha primeira professora era em crioulo, professora Perpétua, lembro ali na escola selesiana, estudei ali primeiro agora no segundo ano já tinha a professora Adriana, já falavamos sempre em português e, foi complicado para nós eu acho que em tudo, quase toda a turma ficou para trás, quase toda a turma reprovou no segundo ano com a professora Adriana, quase a turma inteira, não se terá sido por causa de termos ter desenvolvido a competência na língua portuguesa. Sinceramente eu acho, agora isso me vem se calhar terá sido, mas foi com a dona Adriana que começamos a usar o português, no segundo ano de base.

P – Lembro de um episodio engraçado, que esteja ligado a ensino ou a aprendizagem, nunca foi professora da língua portuguesa pois não?

R – Eu fui um ano.

P – Portanto, um episodio engraçado que esteja que ligado ao ensino ou a aprendizagem da língua portuguesa no seu percurso?

R – Episodia engraçado, é se calhar terá sido a que chamo creolês quando os alunos utilizam uma expressão, uma palavra do crioulo mas aportuguesado eu me lembro por exemplo o bater à porta, eu lembro de uma vez, o aluno me ter dito, professora estão a *cunquir*. Na sua simplicidade isso em Jorge Barbosa, quando em 90, 91. Em termos de…professora estão a *cunquir*, isso eu acho, em termos de ensinar e aprender com os meus alunos, esse terá sido se calhar, o facto mais interessante, porque, às vezes nós dizemos a brincar, estão a *cunquir* mas, realmente isso já me ocorreu, na simplicidade do aluno dizer essa expressão.

P – Em termos de interacção verbal na sala de aula, os seus alunos, o crioulo e o português, como é que essas duas línguas estão a conviver na sua aula?

R – É sim, comigo e os meus alunos nós trabalhamos em português mas, eu reparo que às vezes, há alunos por mais que a gente desça a nível de linguagem, por mais que conscientemente utilizam a linguagem mais simples, uma vezes que há alunos que não captam, não conseguem apanhar a ideia e então eu peço, às vezes peço aos alunos, então diga-me o quê tu já entendeste e arrancam em crioulo, respondem em crioulo o que me parece que alguma falta de sintonia entre o português e o crioulo deve ser. Problema da interferência do crioulo no português que lhe impede de captar, de apanhar as matérias depressa, por causa disso. Eu penso que terá, terá de ser essa a razão a interferência, sim.

P – E qual que tem sido a atitude do professor face esse fenómeno, o fenómeno do crioulo no português?

R – Às vezes, eu digo, olha, se tem que ser em crioulo, se tu consegues só exprimir em crioulo faça favor, porque também eh, não acho correcto impedir-lhe de falar mas, as vezes eh olha, da próximo dia não vai dar.

P – Mas é sim professora, o aluno consegue dar uma resposta que agrada a professora em crioulo que chegam a ser correctos do ponto de vista científico?

R – Sim!

P – Esse recurso que o aluno faz a língua materna, como é que a professora pretende, classificaria esse recurso como sendo positivo ou negativo dentro do processo de aprendizagem em si?

R – Eu penso que por um lado é positivo porque eu tenho, teremos e tenho mais alunos a falar, aquele que fica acanhado com o português já tem oportunidade de pelo menos, o professor deixou-me falar, mas, por outro não tendo manuais na língua materna, serão aspecto negativo, porque ao confrontar-se com material de apoio em termos didácticos, os livros as fotocopias estão em português, portanto a um, a um discrepância entre o que eu lhe facilita-lhes mas, depois ao deixar material para terminar na sala de aula, o documento é em português, então eu penso que por uma lado é positivo porque poderá ver e as vezes eu próprio pergunto aos meus alunos, se tivéssemos de falar em port, em crioulo a Irlanda por exemplo, se nós tivéssemos que falar em crioulo a Irlanda tu falarias, mais vezes e, sim com a cabeça, o que significa que seria positivo por um lado, mas, por outro teriam de acompanhar com manuais em crioulo.

P – É nesse sentido que eu queria perguntar a professora, o que a professora pensa da introdução do crioulo no sistema de ensino?

R – Não seria mau mas, eu vislumbro sinceramente porque para…, eu não tenho nada contra, pessoalmente eu não tenho nada contra, que é que eu digo, eu teria mais alunos a expor as suas ideias com mais naturalidade, com mais a vontade sem acanhamento mas, por outro, eu penso que, teremos muita dificuldade até aprendermos a ler em crioulo.

P – Portanto a professora acha que falta coisas?

R – Falta, falta e claramente.

P – Que coisas?

R – Falta saber escrever…

P – Portanto, falta uma norma de produção escrita…?

R – Uma norma que seja divulgada, por que existir, sabemos que pelo menos já existe alguma coisa escrita, pessoalmente conhece alguma coisa escrita mas, que esteja divulgado no seio dos professores, por exemplo, no seio dos ditos letrados, no seio dos intelectuais, em termos porque eu vê, eu tenho um sobrinho que já está no mestrado ele desde que está em Portugal, só se comunica em crioulo, mesmo quando é carta em crioulo quando é e-mail em crioulo totalmente mas, o que ele utiliza para escrever não é o que ta padronizado, não é o que está estabelecido como norma do que, do que pouco que eu conheço portanto eu acho que precisam fazer divulgação dos que já, da padronização que já existe, das normas que já existem, precisa divulgar o que já existe da gramática, precisa divulgar o ALUPEC, às vezes nós falamos do ALUPEC, as pessoas é, que é isso, não se pode pensar e oficializar se não se divulgar as coisa exactamente o trabalho que já está, que já está sendo feito a volta disto.

P – E quem teria essa responsabilidade, essa divulgação ficaria a cargo de quem, de quem instituições, de quem entidades?

R – Olha em termos de ensino formal, o Ministério de Educação teria de fazer um investimento dos processos. Posso contar um episódio interessantíssimo, acho que era em 99 quando eu vim para aqui, para José Augusto Pinto, havia uma colega estávamos com um documento em crioulo e ela ia tentar ler…" mas este documento aqui, esse aqui está escrito em inglês? Mas, esse aqui é para nós virmos trabalharmos em inglês?" Ou encontrar um tava só no titulo, era um documento que tinha o titulo em crioulo de Santiago, que eu …Mas isso está escrito em crioulo? Como isso é crioulo? Quero dizer, eu acho que é um bocado ridículo também.

P – E não é de se estranhar porque nós não aprendemos aquilo que ninguém nos ensinou?

R – Exactamente! Mas eu penso que o Ministério de Educação para já, para já terá um papel muito importante de investir nos professores, porque falar já sabemos, precisamos aprender e, e é um trabalho que tem de ser feito com muito carinho, porque à pessoas que vão tudo que rodeia implicar obstáculos, barreiras, as pessoas não vão aceitar, eu vejo pessoas claramente contra crioulo. Que é que sabe o crioulo no mundo, quem, quem que vai nos entender a nível, então o ministério terá de investir nos professores, teremos de aprender a escrever assim com nós aprendemos o português, assim como nós aprendemos o francês, se nós nos desenrascamos em português e em francês então nós temos de saber desenrascarmos em crioulo assim com uma pessoa de Santo Antão tem saber escrever como eu, eu não posso usar a minha maneira para uma pessoa de

Santo Antão, portanto para isso temos de reconhecer a gramática, a gramática e outros meios…

P – Quando a professora diz que não posso usar a minha maneira para a pessoa de Santo Antão usar a sua maneira, a professora está a falar na situação de escolha?

R – Não! Não estou a falar em termos de ter regras claras para escrever, estou a falar a nível da escrita.

P – E os dialectos como é que, os dialectos não, as variantes?

R – As variantes, as variantes para mim não, não constitui obstáculo, uma vez que a variante pressupõe que cada sector de Cabo Verde, digamos sector de Barlavento e sector de Sotavento terá variante e, nós sabemos que as pessoas de Santo Antão nos percebam e vice-versa eu sei que as pessoas de S. Nicolau, as pessoas de S. Nicolau me percebam e nós nos percebemos então eu não vejo obstáculo nisto, anteontem eu tive um convite da OMVC e GOIPE gabinete da apoio a mulher como ta li, publicidade do quê que isso está escrito no crioulo de Santiago e pronto, o crioulo de Santiago digamos crioulo de sotavento e em baixo está escrito a mesma coisa para o barlavento, eu não vejo, eu pessoalmente eu sou optimista em relação ao crioulo, eu sou optimista.

P – Não é por inexistência de nove línguas em Cabo Verde?

R: não, não… pelo contrario… eu acho

P – Portanto, as pessoas defendem a existência de nove línguas em Cabo Verde?

R – Acho, que é um pouco de desconhecimento.

P – Nós estávamos a falar da possibilidade de introdução do crioulo e a professora acha que o crioulo a introdução do crioulo pode facilitar-nos que ainda falta muita coisa… Que falou de, da, de do papel que terá ministério no processo de ensino aprendizagem, o ministério da educação, eu queria, ministério da educação, ministério da cultura e a população la em casa que não está mais a frequentar mais os bancos da escola.

R – Mas ai será o papel do Ministério da Cultura. Estou a pensar o Ministério da Cultura em termos de divulgação a nível de rádio, TV, jornais todas rádios, felizmente nós temos hoje em dia várias rádios, várias estações, temos televisões privadas, portanto eu não vejo, tou a ver é mesmo a nível de produção escrita em termos de jornais, teremos de conviver como em Angola, porque que em Angola que tem mais conseguem sobreviver e comunicar-se, porque não aqui em Cabo Verde.

P – E essa introdução, como, como é que, que essa introdução que a professora veja que seria melhor forma de introduzirmos o crioulo na sala de aula como uma disciplina ou como uma língua veiculado de conhecimento científico?

R – Numa primeira fase, tinha de ser uma língua para gente aprender.

P – Uma língua para gente aprender, como a gente aprende o francês?

R – Não, como aprender uma língua totalmente estranha, estrangeira mas, seria no sentido de haver, num sentido de escrita, aprender a escrever, porque eu penso que teríamos de aprender a escrever.

P – Numa primeira fase?

R – Porque eu vejo quando as pessoas dizem por exemplo "m ti t`bei pá Kaza", "m ti t`bei pá kaza" , escrito "um", "um" . e é por isso que causa algum problema na hora de ler então teremos que aprender o que Dulce Almada chama de normalização padronização da língua crioula, não importa se é de Barlavento se é, se é de Sotavento, nós devemos aprender numa fase de nós todos, as professoras de ensino pré-escolar todos nós, temos de passar por isto para depois ser uma língua sistema ou mesmo tempo podemos aprender escrita será simultaneamente uma língua utilizada para veicular conhecimentos científicos.

P – Conhecimentos científicos e, em que nível professora, em que nível, qual seria o nível mais adequado para essa instrução, no pré-escolar, no ensino básico, ou ensino secundário no ensino superior qual é que seria?

R – Penso que tudo tem o seu processo normal penso que terão de começar na base, terão de começar na base mas, para aprender a escrever eu não vejo, não teria nada contra se começasse por exemplo num quarto ano, no quarto ano se calhar estou pegada à português não sei, não sei, eu tou, eu tou ainda se calhar apegada à português, porque tou a ver, nós aprendemos desde o primeiro ano de ensino básico, eu chamo-me fulano de tal, eu sou de Cabo Verde, eu sou, eu tou, eu tou aqui a dizer quarto ano mas podia até ser no primeiro ano se já tivessem sido criadas as condições, para que os professores de básico as próprias soubessem escrever, para que pudessem transmitir, porque eu só posso ensinar o que eu sei.

P – Para aqui, para aqui a professora está constantemente a dizer que ah falar da criação dessas condições e uma das condições é a formação de professores…

R – Exactamente…

P – Para uma equipa mais especifica.

R – Tinha de ser necessário, não se poderá fazer se passar pelo o processo de ensino, os professores terão de aprender, os professores, quando eu digo os professores de uma maneira geral desde do pré-escolar ao universitário.

P – São competentes à língua portuguesa?

R – Infelizmente, há erros gravíssimos que não se admitem, não se admitem nem no sétimo ano de escolaridade quanto mais quando o aluno já está no décimo, no nono, são competências que deveriam ter adquirido aprendido desde muito cedo.

P – E quando nós temos essas duas posturas no mesmo estabelecimento, professores que ditam e outros professores que acha (que exigem, olha) que o aluno preciso aprender a tirar apontamentos (tem de ser o aluno) teria de ter uma espécie de atenção e o aluno (exacto mas, o aluno tem de criar a sua própria autonomia, produzir o seu próprio texto).

Ok, muito obrigada Sr. Professora por ter aceita participar no nosso projecto.

Sujeito: PQ

Local: Mindelo – Escola José Augusto Pinto,

Data: Abril de 2008

P – Gostaria de perguntar ao senhor o que pensa da realidade linguística e comunicativa desta escola em particular?

R – Bom, porque tecnicamente eu talvez não tenha propriedades suficientes para lhe explicar, mas destas constatações que eu tenho feito é o seguinte: nas salas de aulas, não é, ainda que a comunicação: o português, ou seja, quanto à escrita não se fala, não é ,que obrigatoriamente deveria ser e mas a oralidade também faz-se em português porque as pessoas estão privadas a isso. Fora das salas de aulas nos temos uma situação em que as pessoas falam o crioulo, ou seja os alunos se comunicam entre si no crioulo, quanto na língua como na técnica. E eu nunca presenciei, posso até afirmar, casos de alunos em situações informais a se comunicarem aqui na escola em português.

E apesar do esforço que fazemos em relação aos professores, no sentido dos professores utilizarem o português fora das salas de aulas, nos corredores, em qualquer situação de comunicação com o aluno, os professores também insistam em falar o crioulo com os alunos. E não temos mecanismos para controlar esta situação, só não pode proibir uma pessoa de falar a língua materna, pode até haver situações de paradoxo onde você valorize a sua cultura, valorize o crioulo, e por experiência própria temos aula da cultura cabo-verdiana, que o professor de cultura cabo-verdiana, se fala da importância do crioulo e incute teoricamente a importância do crioulo, mas depois nas aulas é feita em português, usando o português para explicar a importância do crioulo, portanto uma contradição que nos temos aqui, andamos a gerir; mas eu nas minhas aulas, estou a falar agora como professor, normalmente eu faço uma introdução inicial para explicar digamos esta situação, pois claro, depois prosseguirá a aula em português, ou seja a língua portuguesa. A língua portuguesa que é sobretudo falada na comunicação professor aluno dentro da sala de aula, quando se fora da aula já a predominância do crioulo. É claro que existe professores que exclusivamente falam o português com os alunos, mesmo falam português com os alunos mesmos nas situações informais fora das salas de aulas, mas tenho a noção que a maioria dos professores que falam o crioulo, comunicam com os alunos e mesmo entre eles.

P – Tem indícios que estes professores que falam português com os alunos mesmo fora do espaço da sala de aula são professores de língua portuguesa?

R – Portanto, os professores de língua portuguesa de uma maneira geral falam o português, mas há professores que não de língua portuguesa que falam o português com os alunos, mas são poucos. No meu caso na qualidade de director, comunico com os alunos exclusivamente em português, mas, às vezes, eles se dirigem a mim em crioulo, mas, antes de estabelecer a comunicação eu faço o reparo, não é: ‘’vamos falar o português, porque você precisa se exercitar, etc. e tal, e é a língua oficial. Nas situações formais, então, fazemos isso; mas esse grupo que utiliza o português constantemente, digamos, que fica a perder em relação à maioria.

P – Assim sendo, como é que classificaria a competência comunicativa dos alunos em língua portuguesa... em termos… o que é que pensa desta competência, os alunos têm...

R – Acho que há níveis o aluno de digamos da competência até certo ponto fraca, não é, de modo na, por vezes, na oralidade, percebe-se que alguns alunos, até a grande maioria expressa-se principalmente muito bem na língua portuguesa mesmo que sucede, não é, com erros mas estes erros são aceitáveis para determinados níveis da convivência que os alunos tem em casa, muitos desses alunos são crianças em casa nunca falaram português, não é, só se fala crioulo em casa, e que aprenderam português só nas escolas, a nível que apresentam acho que digamos, dentro do contexto em que estamos a analisar, há uma situação, uma situação razoável; quando vamos para a escrita já temos alguns, mais problemas acho, mais problemas... você tem situações em que é difícil encontrar uma frase em que tenha graves erros ou seja, um professor de língua portuguesa lendo as coisas que os alunos escrevem e coloca cruz, para colocar por exemplo qualquer informação fora. No átrio devem precisar de uma autorização da direcção, mas por vezes colocam, e essas informações trazem por vezes falhas na escrita, ontem por exemplo encontrei “mesa’’ escrita com “z”, encontrei “costura” escrita com “u”, então levei as mãos à cabeça, nos estamos numa escola onde há vários professores de língua portuguesa e os alunos deviam mesmo aqueles trabalhos devem ter sido orientados por professores, não é, eles deveriam Ter entregue aqueles trabalhos a um professor de língua portuguesa para fazer correcção, é uma orientação que eles tem, mas por vezes esqueçam essas informações e fazem estas coisas. A nível do terceiro ciclo, podemos dizer que os alunos já têm mais há vontade para falar, o segundo

e o terceiro ciclo para falar o português mais firmemente mas observe-se também alguma dificuldade na escrita, na escrita, e eu creio que podíamos estar melhor, não é.

P – Mas o que é que o professor acha que possa estar na origem desses erros? Que é, se nos estivéssemos que assinalar um grande motivador dessas falhas, qual seria?

R – Dessas falhas na ...

P – Na produção escrita.

R – Na produção escrita, bom, é difícil, digamos de localizar assim um , uma razão concreta para isso; mas essas falhas, são falhas que se acumulam ao longo dos anos, eu acho que desde a escola primaria, os alunos vão acumulando falhas, acumulando falhas, e darão um trabalho insistente a reparação destas falhas, por exemplo nos passamos informação aos professores que qualquer professor , professor de língua portuguesa ,não é, e então se uma palavra deve iniciar-se com, deve iniciar com uma letra minúscula, ou se a palavra deve-se escrever com "ç" ou com "s", etc. , o professor deve fazer a correcção ,não é, no teste sumativo , mas muitos professores não fazem isso ,alegando falta de tempo ,ou seja ,o professor cumpre uma parte da sua e deixa uma outra parte, ou seja, quer dizer, é uma penitencia, praticamente a toda gente em relação a esta situação ,e é preciso que o professor se responsabilize de facto no seu, o professor no, no seu todo se responsabilize em relação a esta situação, por exemplo dar uma faixa para o aluno, a palavra escreve-se assim e ir corrigindo sistematicamente os erros de ortografia e é claro que os erros não vão desaparecer, até nos todos temos duvidas em relação a isso em determinadas situações, mas a gente vai ,digamos, aquelas situações mais, mais simples, não é, vão sendo corrigidas e ficando talvez, os comuns digamos assim a maioria deles, a maioria das pessoas, eu não posso apontar o dedo a alguém, portanto, e eu não posso atribuir essa a responsabilidade também aos professores de língua portuguesa, é uma responsabilidade daqui da escola, e é uma responsabilidade quer da comunidade, por exemplo, a dias estive a auxiliar meu aluno em matemática o meu filho e ele na disciplina de matemática, trazia o ...., os enunciados a parte escrita que o professor ditou , é da escola primaria, não é, o professor ditou, escreveu, ou então transcreveu de facto para o caderno mas trazia um série de erros, e então antes de fazer o exercício , a primeira coisa que nos fizemos foi fazer a correcção da língua portuguesa, enunciar correctamente a pergunta para depois poder responder porque ai tem a possibilidades de, por vezes o aluno nem sequer entender o

que escreveu ,e depois não pode responder, acho que é uma situação que tem de ser assumida por todos.

P – E na oralidade? Na produção escrita, o senhor apontou o acumular dessas, dessas falhas, portanto, falhas que não foram trabalhadas ao longo do percurso escolar o que estão de certa forma utilizadas. E na comunicação oral?

R – Sim, na comunicação oral é preciso exercitar-se, não é....., a muitos alunos que ficam porque tem dificuldades com a oralidade, não é, como tem supostamente uma certa vergonha, nas salas de aulas por exemplo não se oferecem para participar nas aulas, e ai tem, o professor tem a responsabilidade de incentivar a participação dos alunos; a alunos que se sentem inibidos por causa de...como tem medo de dar uma resposta mal de...errar ao responder uma questão..., ou porque pode não ter uma pronuncia que não seja digamos, então fica acomodada no seu lugar, no seu canto, mas o professor deve também incentivar o aluno a participação e evitar a chacota dos outros orgulhosos que enfatuariam o grupo de participação e do exercício da capacidade, de relatório, não é.

P – E qual o papel que a língua materna tem nesse processo todo, nesse processo de desenvolvimento de competência de comunicação a língua portuguesa, o crioulo?

R – Bom, eu acho que o crioulo tem, tem uma importância grande, porque mesmo nas situações de comunicação em português, tanto o professor digamos, e... o aluno expressar-se em português, eu tenho a impressão, muitas vezes fica-me a impressão que o raciocino do aluno é feito em crioulo, não é, fica essa impressão, por isso não há a aquela espontaneidade ao responder em português, se você fizer uma pergunta a qualquer, a qualquer o aluno em crioulo, o aluno espontâneo, responde imediatamente, mas se fizer em português ele começa que fazer a arrumação das... coisas, das ideias, das frases, não sei o que, não sei quais, e eventualmente anda a procura de erros etc., antes de começar a responder, e esta é, e ai está, digamos uma questão que deve ser analisada, não é, acho que o raciocínio é, mesmo feita em, por vezes é feita em crioulo, portanto esses são os níveis, não tenho, não tenho a certeza de que, porque nunca, nunca me debrucei totalmente sobre esse assunto ai, mas eu tenho essa impressão, quer dizer que o aluno não é fluente, não é fluente porque, porque ele passa toda a sua vida, e as coisa toda, tudo em crioulo e depois quando tem necessidade de capturar, uma necessidade de comunicar em português ele tem de recorrer permanentemente ao raciocínio em crioulo e isso dificulte o, o termo de aprendizagem, pelo menos ele não tem a rapidez na, na, no raciocínio, não tem rapidez, na, na, nas respostas, é claro nos

níveis, digamos um aluno no terceiro e mesmo no segundo ciclo, seria, não é suposto que o aluno tenha digamos dificuldades moderadas em raciocinar em português, mas acho que eh...., a maioria das pessoas devem persuadir permanente, permanente em crioulo, por vezes as pessoas, a gente fala português e sai, sai palavras em crioulo, não, não porque não sabes, é porque tens o habito de falar, de falar eh o crioulo, não e, e ate o certo, a ...a aceitar-se no crioulo é muito diferente, não é, de aceitar-se na língua portuguesa , você é, você é, ..., digamos, apostar numa frase e sai mal, e não sabe se por vezes falou português ou se falou crioulo ,eh, os vocábulos são, ..., de língua portuguesa mas a expressão que construiu, a frase foi construída é uma frase crioula, e esta questão precisa-se ser muito bem, muito bem ponderada.

P – Então o senhor directo acha que se os alunos são pouco participativos, e tem alguma inibição relativamente a língua portuguesa, acha que se comunicação escolar fosse em crioulo, se a língua vinculada na comunicação fosse ah....., a língua cabo-verdiana eles seriam mais participativos, mais espontâneos, mais....?

R – Tenho quase a certeza que sim, agora eu tenho também as minhas duvidas digamos em relação ao uso sim, portanto das duas línguas na sala, na sala de aula, eu tenho, eu tenho as minhas duvidas porque uma coisa pode influenciar a outra, não é mas o aluno se tiver possibilidade de responder em crioulo vai ser muito mais participativo.

P – O que é que pensa da interferência do crioulo no português? A interferência tanto de fala do crioulo no português que às vezes dá origem a construções, híbridas há aquilo que acabamos de dizer aqui, muitas vezes falamos em português e as coisas....

R –....Se trocam.

P – Sim.

R – A influência do crioulo é muito grande, não é, na língua portuguesa, eh, pronto o português, as palavras que utilizamos, no crioulo são palavras de origem portuguesa não é mas a toda a consta do arranjo que nos fazemos é nosso, não é, nos reinventámos uma língua, e portanto ai, ai estão a ver que essa influencia dificilmente vai deixar de existir, porque, enquanto nos, enquanto nos estivermos a portanto, a comunicação é uma coisa muito rica não é, portanto não tem digamos um discurso construído, mas as línguas se interpretam de uma forma muito dinâmica, e tanto o português pode influenciar o crioulo, como crioulo pode influenciar o português, talvez seja o mais fácil de estabelecer as fronteiras, não é.

P – E nesse estabelecer de... de fronteiras, acha que, o senhor director acha que o ensino do crioulo nas escolas seria uma forma de clarificar, ou de estabelecer as fronteiras entre as duas línguas?

R – Eu acho que pode ser, pode ser, mas digamos os professores também teriam de estar muito bem preparados, não é, porque se noutras paragens as pessoas conseguem fazer isso, embora o crioulo e o português estão muito próximo, e eu costumo por vezes fazer uma analogia entre o espanhol também e o português, que são línguas muito próximas, e de certeza que se um português estudar o espanhol, vai saber qual é português qual é espanhol, porque ele estuda apropria-se das regras de uma língua e da outra língua e ai da uma, e é claro que isso leva o seu tempo são séculos de trabalho, não é, e por vezes eu faço essa comparação com o crioulo, quer dizer se o crioulo for trabalhado, se os professores forem suficientemente preparados, não é, e o lado, o estético por exemplo estará, melhor dizendo, mas poderá ter união das fronteiras, que estejam, digamos devidamente, devidamente estabelecidas, e mesmo que haja engano, mas a coisa é...uma coisa pontual, você sabe não, a estatística deve ser utilizado no contexto da escrita ou da oralidade do crioulo, e este no contexto da escrita ou da oralidade da língua portuguesa neste momento o problema não é nem sequer é situal, não é, que nos falamos de varias maneiras o que sair, portanto sai e você não tem a preocupação de caracterizar se falou em crioulo ou se falou em português, não é....

P – E os professores que falam.....

R – posso até dizer que alguém matou a cabeça, não é....

P – Sim!

R – depende da situação que, gostei de o ver num livro de, Duque Fernando Duarte, não é...

P – Exacto.

R – Ele é perspicaz, Duque Fernando Duarte, e foi uma coisa engraçada porque você pode pegar essas palavras da língua portuguesa, não é, e na pratica você esta a falar português, não é, porque....

P – Mas existe os professores que reclamam, os professores que reclamam muito desta confusão linguística?

R – Não, a reclamação não é..., não é.., os professores quando reclamam dos alunos...., pronto la os problemas dos alunos não terem muita propriedade na escrita da língua portuguesa, não tem também muita propriedade na oralidade da língua portuguesa, mas não é essa a preocupação de justificar se esta a ser crioulo, nos sabemos, não é, nos

sabemos que o crioulo influencia, mas o professor não fazem esta digamos a ligação directa, e...e...por vezes alegam que os alunos estão com falta de interesse do aluno, a falta de leitura, eu acho que a questão leitura é muito importante, porque se o aluno não esta habituado a palavra leva seis meses para ouvir uma determinada expressão, ou só no teste, ou só na sala de aula que vê a palavra escrita ou que lêem a palavra, não vai Ter o domínio daquela palavra, mas se tem o habito de leitura ele pode de facto, porque... veja acho que sempre também se falou o crioulo, não é, na maior parte de.., e... a pessoas que falam português e com muita propriedade e.....e..... na reconciliação de estar simultaneamente a conviver o crioulo e com o português.....portanto isto é muito complicado, não é, muito complicado.

P – entre as disciplinas de língua que nos temos nas escolas, nos temos o português como língua vincular, nos temos o francês e o inglês como línguas estrangeiras, qual dessas línguas se apresenta aqui nesta escola, maior índice de insucesso? Qual a percentagem de negativas?

R – Agora não estou com, se quiser depois eu posso, eu não fiz essa, essa comparação porque de facto não são essas, o português tem uma acentuada taxa de negativas,..... mas agora de cabeça não tenho, mas eu posso no final da entrevista, não é, eh.., analisar os dados para em a ...., não tive essa comparação entre o português e inglês e francês, mas, mas o português é uma preocupação que nos temos, portanto a muitas, eh, eh, seguramente, seguramente podemos Ter mais taxas negativas em, as taxas negativas a português, na língua portuguesa podem ser mais elevadas do que no inglês e no, no, ate porque o inglês e o francês também são básicas , não é, não estamos muito preocupados digamos, mas a nossa grande preocupação que nos temos é língua portuguesa e matemática, estas a ver, língua portuguesa e matemática.

P – Que relação o professor de francês e inglês estabelecem com o português e o crioulo em sintonia, em aula?

R – Temos situações de professores que recorrem ao português para, a sério, não todos, recorrem ao português para facilitarem a aprendizagem, de... do inglês ou a aprendizagem do francês, não é, mais na aprendizagem de inglês do que na aprendizagem do francês, não tenho a informação do recurso anterior para, digamos seleccionar o mesmo, o mesmo problema, mas acho que como os professores são obrigados a utilizar o português na sala de aula, então é normal que seja também assim.

P – Portanto, nas actividades extras curriculares, os alunos falam português ou crioulo, isso acho ate que o professor já respondeu, mas nas actividades extras curriculares, colocando a hipótese de que há aqui uma...., exposição de materiais reciclados que foram produzidos, e a um grupo de alunos que estejam a fazer, que esteja a fazer esta apresentação, ou que a uma outra actividade recreativa qualquer no pátio, os alunos nesta actividade falam português ou crioulo?

R – Bom, veja desde que haja um mínimo de exigência formal, não é, de apresentação, por exemplo, de um trabalho que é para avaliação, os alunos vão fazer a apresentação em português, não é, então a diversas situações, se tiver que fazer a apresentação sempre, será em língua portuguesa, mas se o aluno está simplesmente a perguntar, não de uma forma formal, mas digamos, o aluno participou deste trabalho, não é, e está a explicar para os colegas, explicar para o professor, e ate para professor, tem a tendência de utilizar o crioulo para fazer digamos a apresentação do seu trabalho, ele já com essa espontaneidade: ”oh prefssor esse troboi mi é ke fezel. “, é sempre assim que os alunos reagem, o professor tem, deve, deve fazer aquilo que nos dissemos no inicio, responde em português, logo que o professor responde em português o aluno já deve fazer a, alguma correcção, na, no seu, na, na linguagem, não é, mas por vezes não fazem, não fazem.

P – Normalmente nas escolas....., as actividades extras curriculares, eu falo de actividades que acontecem fora da sala de aula, essas actividades, eh, que a escola tem desenvolvido tem dado, ou visam a contribuir para melhorar a competência linguística comunicativa dos alunos?

R – Eu penso que sim, porque em situações que, por exemplo, quando a exposições, nos fazemos exposições, o aluno é obrigado digamos a fazer a apresentação do trabalho, por vezes são, esses alunos tem orgulho em, digamos, em mostrar portanto o trabalho, por exemplo, durante as feiras de ciências que nos fazemos aqui na escola e, então os alunos sempre que vêem visitar a feira, todos os anos que fizemos isso os alunos explicam exclusivamente em português, ou seja, a uma pré preparação por parte do professor também, não é, e.., e o aluno já esta, porque ate os conceitos, não é, quando tem utilizado conceito já muito elaborados etc., que possivelmente na linguagem que utilizam o crioulo, o nível de linguagem não é idêntico, então ele recorre, recorre preferencialmente ao português porque, ira faltar-lhe palavras para exprimir em crioulo, então fala, fala em português, por exemplo as actividades na biblioteca, exposições, etc., já os alunos falam com os professores comigo, como tenho observado, com os

professores, e comigo falam sempre em português, e mesmo entre eles para estudar se comunicam em crioulo, em crioulo, trocar um livro, perguntar por exemplo o que é que esta escrito ai, não vai, o aluno não vai perguntar a nenhum colega o que esta escrito ai, esta escrito ai tal coisa,..., vai fazer a perguntar sempre, sempre, sempre em crioulo, mesmo dentro da sala de aula o aluno que esta ao lado se comunica com o colega em crioulo, em crioulo, fala baixinho e por as vezes da problemas com o professor, porque o professor proíbe entre " de falar crioulo na sala de aula, o professor ouve o aluno sistematicamente a falar o crioulo, se comunicar com os outros no crioulo dentro da sala de aula e quando se torna insistente por vezes da problemas com o próprio professor, mas é impossível a gente corrigir a, digamos essa situação de todo, podemos é convencer o aluno que ele como aluno de língua portuguesa que é, quanto mais se exercitar em português a nota a de se elevar, não é, e pode ter um melhor resultado, mas se o aluno se compenetra dessa ideia vai tentar esforçar-se para melhorar o seu desempenho, mas pela via da imposição a gente não vai conseguir, não funciona.

P – E o que é que pensa da introdução do crioulo no sistema de ensino cabo-verdiano?

R – Essa questão é muito, é muito controversa, não é, eu pessoalmente, eu, eu, eu tenho acompanhado alguns discussões não é, e acho que se deve começar de cima para baixo, eu tenho essa impressão de que se começar de cima para baixo poderá ser melhor, porque é preciso que os professores se apropriam dos instrumentos necessários para trabalhar o, o crioulo, para depois estar digamos, para ter condições para trabalhar o crioulo com os alunos, e portanto se isso for verdade então será verdade se toda agente começar de um nível de ensino superior depois do seu trabalho pode resultar melhor, agora, também não estudo possibilidade de, por exemplo, nos aqui na escola estamos a tentar a implementar aulas de recuperação de alunos na disciplina de matemática, eu não sei se.., o professor tenta explicar, por exemplo a um aluno, um determinado conceito em língua portuguesa e ele não consegue entender, e não há outro recurso que não seja o crioulo, o crioulo, e ele pode tentar através, através do crioulo passar essa informação ao aluno.

P – cargo dos instrumentos para fazer o ensino, do crioulo, que instrumentos tem?

R – Pronto, primeiro das regras de escrita do, das regras de escrita do, do crioulo, não é, portanto ai, é, é preciso também que estas regras existam, portanto na biblioteca tem que existir o mínimo de material, não é, você deve ter gramática do crioulo, não é assim.

P – Sim.

R – Tem de ter documentação em crioulo para, para, poder trabalhar, portanto, se não, se não existirem essas regras, o professor também não pode estudar, não, não pode transmitir, quando eu estou a falar em instrumentos, estou a falar fundamentalmente das regras da, da escrita, do, de, acho que o crioulo neste momento é umas língua completamente livre, não é, ou seja, fala, não se pode entender, etc., mas eu acho que pode, pode ser trabalhado, e quer dizer que há, quer dizer que é um trabalho, para, para organizar, não é, depois, o, o, o professor tem de apropriar-se desse padrão e depois para comunicar com os outros, e transmitir, aos alunos. Penso que isto pode lhe levar um bom tempo, agora, antes estava dizendo, por exemplo se eu estiver a fazer uma aula de matemática e descobrir, descobrir que determinados conceitos, ou determinado exercício posso, se eu explicar em crioulo o aluno entende, mas se eu explicar em português o aluno não entende, eu estarei incriminado, digamos, a fazer passar essa informação em crioulo para, para, porque o meu objectivo neste caso é fazer com que o aluno aprenda matemática, não é, aprenda matemática, eu não sei, ate no caso de ensino de língua portuguesa o professor pode estar sujeito a utilizar o crioulo, ou seja, o professor, eu dei o exemplo de fulano de tal matou a cabeça, não é, então, é uma informação, que o aluno pode Ter ínfimas expressões do tipo, pode ser essas, pode ser uma outra, eu terei que, que, repetir a expressão em crioulo para explicar ao aluno que isto não é crioulo, é, é uma, não é português, é crioulo, não é, explicar como é que ele devia dizer em português, como devíamos dizer em crioulo, etc., etc., quer dizer essa, essa dinâmica pode, pode, existir, agora quando o, o, o, eu me lembro de um professor que eu tive de inglês, que nas aulas de inglês só falava, só falava a língua inglesa, e para explicar os conceitos recorria a desenhos,..., a grafismo, não é, para fazer os conceitos, nos podemos, os, o professor é, é livre para utilizar o material que quer para trabalhar, eu acho que estas coisas não devem ser tão rígidas sabendo de antemão que, nos temos essa convivência.

P – Então encare a possibilidade do crioulo vir a ser língua vincular de conhecimento científico nas escolas?

R – Evidentemente que sim, agora o problema é conseguir ter..., digamos estes conhecimentos científicos não é, que elaboramos em crioulo, eu não sei se conseguiremos chegar la, não é, mas teríamos, teríamos que fazer um trabalho no sentido, e acho que, não sei falar um bom crioulo, mas pode utilizar conhecimentos cientifico sem problema, porque, eu dei o exemplo do espanhol e do português, agora

acho que, a uma língua que é a língua portuguesa que esta definida como tal, não é, mas digamos que o conhecimento cientifico, acho como a forma como se diz determinadas coisas, tanto em português como em crioulo é praticamente a mesma coisa, não é?

P – Mesmo as vezes não significando a mesma coisa?

R – Sim, sim.

P – Agora se sim, se o crioulo, nos podemos eh... se calhar acelerar um pouco o tempo e imaginar o dia em que o crioulo for para a sala de aula como língua vincular de conhecimento, nesta situação o que, qual, que lugar nos podíamos reservar a língua portuguesa neste, neste contexto?

R – Bom, a situação mesma nas escolas primárias, digamos assim...

P – Sim uma situação hipotética, colocamos a hipótese de que o crioulo venha a ser língua vincular de conhecimento científico que pode ser daqui a cinquenta, cem anos neste contexto o que nos podemos pensar, que lugar teria o português neste contexto?

R – Português vai ser sempre a língua segunda, por exemplo..., nos não estou a dizer língua estrangeira não, não, porque não é, mas será sempre a língua segunda porque, eh.., acho que o que predomina mais é a oralidade, não é, e se o crioulo que é a língua de convívio fundamentalmente, a oralidade é mais para falar nas situações informais..., portanto se, se o crioulo é que é usado no dia a dia, e aqui em Cabo Verde veja que o crioulo é usado em todas as esferas, desde o presidente da republica ate o varredor, nos todos utilizamos o crioulo, a situações em que você é, são raras as situações em que você é, fala com uma pessoa e ele responde em português, não é, e, e se você, você tomou a iniciativa digamos de dirigir a alguém para falar com essa pessoa, e a pessoa responde em português, a pessoa já não é bem vista, não sei se entende esta expressão.

P – Uma distância...

R – Porque a pessoa esta a procura de distanciamento de qualquer coisa, de obstáculos, ou não sei que, portanto há uma problema social a volta, a volta disso, mas, eh, que não é tão grave assim, não é, mas estou a dizer que praticamente toda a gente, toda a gente fala crioulo, é ver por exemplo nas campanhas qual é a língua que, que as pessoas utiliza, o presidente em, se, se, o, os candidatos por exemplo os candidatos por exemplo primeiro ministro, presidente da republica, sei lá, comunica com as pessoas em crioulo é porque eles tem a certeza que o crioulo lhes trará melhores frutos, melhores resultados do que, do que o português, e portanto se o crioulo traz melhores resultados ao político também pode trazer bom resultado ao professor, não é, não sei se, é claro estas

circunstancias são diferentes porque se o professor pretende ensinar a língua portuguesa, não é, tem, o aluno tem de ser insinuo, não é, em língua, em língua portuguesa, digamos para transmitir conhecimento de uma maneira geral esse, esse crioulo é mais eficaz...., por exemplo fazemos na comunicação política, etc., etc., é só ver no parlamento as pessoas falam português, mas quando estão a comunicar entre si, não é, mas quando estão a fazer discurso fora do parlamento para atingir a comunidade, la vai tocando cada pessoa com o discurso em crioulo e manda bocas em crioulo que é para a maior parte das pessoas poderem ouvir e que fique muito claro, não é, o que ele esta a dizer, para que ninguém tenha duvida, ou seja, também se nos quisermos, digamos numa situação de clarificação das coisas, temos que, temos que comunicar, permitir que as pessoas comuniquem em crioulo. Eu pessoalmente se me perguntar, eu sou a favor da utilização do crioulo mas, da utilização do crioulo numa situação não, não numa situação, porque as pessoas maltratam por vezes o crioulo, nos não vamos falar o crioulo dentro da sala de aula e as pessoas estarem a criar caos e não sei que mais, e aquelas coisas, aquelas canções, a dançar e etc., não, nos vamos dar a, a exclusividade ao crioulo, nos podemos, eu posso abrir mesmo sendo obrigado a falar o português eu posso na minha aula, abrir digamos um parêntesis e comunicar, comunicar com os alunos em crioulo, mas tenho que falar aos alunos para a necessidade de emprestar, emprestar não, de darem vida, dignidade ao crioulo ou seja, vamos conversar, vamos conversar com normalidade sem utilizar cada um sem, porque sobretudo ao nível de, de adolescência, eh, se nos passarmos do português para o crioulo a tendência é baixar o nível de linguagem. E isso deve ser, deve ser evitado, não sei se tem esta prospecção.

P – Que pensa da, oficialização do crioulo, declarada pelo Sr. Ministro da Cultura no dia cinco de Novembro.

R – Sim, sim o efeito comemorou-se agora. Decla..., declarou como?

P – Sim, o Ministro da Cultura declarou, no dia cinco de Novembro de 2005, que a partir daquela data o crioulo passaria a ser a língua oficial..., língua oficial..., mais uma língua oficial de Cabo Verde, neste momento temos duas línguas oficiais: o crioulo e o português.

R – Não, mas acho...

P – O que é que pensa dessa oficialização?

R – Não, mas acho que pode haver algum engano ai, porque o crioulo pode ser oficializado, portanto a partir do momento em que, digamos as leis forem alteradas.

P – Mas essa declaração antecipou a ...

R – Sim mas a isso não, isso é declaração dele, ai, não, não tem, não tem poder para, através de um discurso mudar as coisa, não é, portanto, eh..., o que muda determinada situação de competência formal é a lei, portanto o, a questão do crioulo tem de subir a assembleia nacional, ser discutida e depois terá que ser aprovada numa, numa lei, e, e, todas as outras leis já conhecidas com português como língua oficial, como a única língua oficial, não é, terão de, digamos, de, de rever essa, essa, essa situação, mas é declaração de um indivíduo mesmo sendo ministro, não, não é vinculativa, não é, ah, ah, portanto, por exemplo se, no dia em que o crioulo passar a ser uma, ah, língua oficial, nos também vamos passar, a utilizar o crioulo nas salas de aulas, não é, portanto, ai ninguém me vai criticar se utilizar nem me punir, porque nesta situação nos estamos, as coisas podem, ate, ate, ser punidas por usarem o crioulo na sala de aula, porque legalmente deve usar língua portuguesa, eu tenho, por exemplo, eu insisto, se eu tiver professores que insistir em falar o crioulo na, a falar o crioulo na, ate coisa, eu posso ate criar problemas se eu quiser por crime porque, o professor não esta a acatando as regras que de acordo com a lei devia ser assim, língua portuguesa, portanto no dia em que for oficializado nos vamos, nos vamos utilizar crioulo na sala de aula. Agora como haverá tendência para utilizar o crioulo mais que o português também os professores terão que precaver em relação a esta situação porque digamos nem tanto o mar nem tanto a terra, mas se precisamos da língua portuguesa, a língua portuguesa também é nossa, é nossa e nossa língua de ciência, não é, é a nossa línguas de comunicação externa, de comunicação com outros povos agente tem que precaver contra esta situação de tentação das pessoas falarem só o crioulo e depois acabo por reduzir a nossa capacidade de porque nos somos mais ricos tendo simultaneamente o crioulo e o português. Agora se nos temos o português e vamos agora oficializar o crioulo passar a utilizar o crioulo e deixar de utilizar o português nos vamos cair é na pobreza, não é? Vamos ficar mais pobres do ponto de vista linguístico da capacidade de comunicação etc., etc., nos teremos a coisa terá que se evoluir de tal forma que a oficialização do crioulo não ponha também em risco a capacidade que nós temos de utilizar o crioulo no, na nossa comunicação, ou, de utilizar o português

P – Portanto eu queria perguntar depois se acha que essa oficialização a dita oficialização do crioulo declarada pelo o Sr. Ministro da Cultura em 2005 se trouxe algum benefício para a educação de uma forma geral?

R – Portanto não eu não tenho a informação de que ele... eu sei que ele terá tomado essa decisão não é eu sei que ele é um apologista do uso do crioulo.

P – Se lhe perguntar neste momento quais são as línguas oficiais de Cabo Verde ele vai responder que nos temos duas línguas oficiais: o crioulo que é a nossa língua materna e que ele agora não quer chamar mais de crioulo está a chamá-lo de língua cabo-verdiana.

Eu já vi escrito isto, o crioulo cabo-verdiano

Mas não, não mudam, mesmo do ponto de vista da legalidade não muda, também, tem de ser, as leis tem de ser, tem de ser publicadas eu, não tenho não tenho conhecimento, eu sei que ele é seu defensor, estas a me perguntar sobre as suas consequências, não é isso?

P – As consequências, se, isso, traga algum beneficio para a educação de uma forma geral?

R – Não, eu acho que só fazer declarações e mesmo que por unidades de créditos, etc, não, não trazem nada, portanto o que pode trazer algum, algum resultado é saber em que circunstancias, não é, claro para nos enquanto escolas, o que nos traz benefícios é saber em que circunstancias dentro das escolas nos podemos utilizar o crioulo e em que circunstancia devemos utilizar o português, nos vamos utilizar o crioulo ou português naquelas circunstancias em que uma ou outra seja vantajosa para a aprendizagem do, para a aprendizagem, do aluno se eu vou utilizar o crioulo no contexto periódico, eu, eu sei que, portanto, dificulte a aprendizagem do aluno eu não vou utilizar o crioulo, assim como também se eu estiver a falar o português e estiver com um nível de linguagem que não esteja acessível a, digamos ao nível do aluno, neste caso estou utilizando o português, estou a prejudicar o aluno, eu devo ou baixar o nível de linguagem ou então recorrer a, ter a possibilidade, não é, de recorrer ao crioulo para me explicar perante o, perante o aluno, quer dizer tirar partido desses dois recursos que eu tenho, na, na, nos, nos melhores situações para fazer a vontade do conhecimento do aluno, agora só porque alguém disse, não, o crioulo a partir de agora passa a ser oficial deve ser utilizado, não o, eu vou no momento certo ponderar se para os meus alunos, eu pessoalmente como

professor tenho a responsabilidade de os ensinar se, se é vantajoso ou não, se considerar que é vantajoso deve ter possibilidade de utilizar os dois, não é, mas não serei obrigado a isso, ate se os dois são nossos não é, não devo ser obrigado a utilizar nem um deles, eu devo fazer a minha escolha, é essa a liberdade que as pessoas devem, não devem abrir mão dela.

P – Portanto, nos concluímos que para o professor o mais importante é que haja aprendizagem, e como não há aprendizagem sem ensino, cabe ao professor e, e o aluno encontrar as situações, a língua própria para as devidas situações. Nos agradecemos profundamente essa disponibilidade.

ANEXO II – TESTES SUMATIVOS

TESTES SUMATIVOS DOS ALUNOS DO PA

T2

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante B

Nome _____ **Nº** _____ **Turma** _____

Texto

Nha Candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode-se dizer, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto, com o tempo, apagou-se da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas não me esqueci. Dos olhos – pretos sorridente e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna… Além disso basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia a ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nha Candinha tinha uma voz, que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Era descansando numa cadeira de baloiço ou assomando à janela que eu encontrava Nha Candinha, à tarde, Quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de Nhã Maria Arcângela… com a mariolagem da minha rua.

Ela sorria-me e com a mão, acenava para que eu me chegasse. Um instante depois, afofava-me no ninho dos seus braços e segredava-me na sua voz de rola ao primeiro arroxear da alva:

- Vem aqui, homem. Dias há não te vi. Porquê? Já não me queres? Ah!... Já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? Também comigo é que estas. Já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito. Porque não vieste ontem? Estive à tua espera…tu não apareceste. Não sabes o que perdeste. Guardei-te uma coisa "sabe". Mas deixaste-me sem a tua visita… comia-a. Vês que não é bom ser ingrato?

Eu não dava resposta. Calava-me – o rosto entreaberto num sorriso – e inclinava a cabeça o seu ombro, a sentir-me tão bem como não saberia dizer. Nhã Candinha conservava-me preso e o seu murmúrio prosseguia:

- Não é verdade ouviste? Tu não és ainda feio, nem ingrato. Feio, ingrato, o meu Cristiano? É mentira. Mas diz: queres-me cheio? Sim? Diz outra vez que sim. Então vais ver aquela coisa "sabe".

Levantava-se e, à volta, trazia escondido na mão um pequeno frasco. Assentava-se, enlaçava-me pousava-me os dedos frescos sobre as pálpebras e dizia-me:

- Fecha os olhos e abra a boca.

Eu obedecia; daí a nadinha, um bombom, uma pastilha de hortelã-pimenta começava a desfazerse-me sobre a língua. Eu soltava uma gargalhada de prazer.

(Adaptado)

António Aurélio Gonçalves, Noite de vento

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens que dão vida a esta narrativa, qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

Eu considero protagonista a senhora que se chamava Nha Candinha. Porque é dela que estão a falar.

2. Como classificas o narrador quanto à sua presença. Justifica com um exemplo do texto.

Eu classifico o narrador, quanto a sua presença participante. "Guardei-te uma coisa "sabe". O sujeito é omisso ou subentendido (Eu).

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

"Nha Candinha". Porque estão a descrever-la e falam o tempo todo nela.

4. "Tu não és ainda feio, nem ingrato."

b) Porque dizia Nha Candina esta frase ao narrador?

Nha Candinha dizia ( ) isso porque ele visitava-a sempre.

5. Refere os sentimentos expressos pelo narrador em relação à personagem.

São: ela era uma pessoa alegre, era boa pessoa, era meiga, etc.

6. "Nha Candinha tinha uma voz, que era uma música..."

a) Faz o levantamento de palavras/expressões do primeiro parágrafo que caracterizam Nha Candinha.

São: ela era uma mulata muito escura, tinha os cabelos não muito crespos, sempre escondidos, etc.

b) Indica o processo de caracterização utilizado, justificando a tua resposta.

O processo de caracterização utilizado é física e psicológica.

7. "O tempo longo, apagou o desenho das suas feições, mas de três coisas nunca me esqueci."

a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª oração - O tempo longo

2ª oração - apagou o desenho das suas feições.

65

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

O tempo longo, apagou o desenho das suas feições
Suj. → O tempo longo ✓
Predicado → apagou o desenho das suas feições 20
C.D. → o desenho das suas feições ✓

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

longo → adjectivo, masculino do singular 15
apagou → verbo apagar na 3ª pessoa do singular d
mas ? indicativo.

8) Atenta nas seguintes frases:
" Nha Candinha tinha uma voz que era uma verdadeira música..."
" Dos olhos pretos sorridentes e dos mais meigos..."

a) Indica justificando a figura de estilo presente nas frases.

A figura de estilo presente no texto 0
é enumeração, porque as frases estão
enumeradas

7- c) mas → determinante

Bom trabalho! 100

T3

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante A

Nome _____ **Nº** _____ **Turma** _____

Texto

Uma noite José da Cruz foi para a cama animado. Cheirara-lhe que o tempo ia mudar de um momento para o outro. Dormiu profundamente. De manhã cedo acordou agitado, sentou-se no esteirado. A transição do sono para a vigília foi tão brusca, que ele teve a impressão de que escorria água. Deixou a Zepa e os meninos embrulhados nas mantas, saiu cá para fora. Viu névoas no horizonte, por cima da linha do mar, e uns farrapos de nuvens agarrados ao Topo de Coroa, mas o céu apresentava-se, como nos outros dias, limpo. (…)

Meteu-se no caminho e foi andando e botando fumaças até se aproximar da casa do seu compadre João Felícia, no Lombinho. Havia dias que não dera fala ao compadre. Tinha hoje que contar: por isso foi lá.

João Felícia, de pé, no meio do terreiro, olhava para o céu, de braços cruzados sobre a camisa aberta até ao umbigo.

- Bom dia, compadre.

Voltou-se num movimento de quem não esperava visita tão cedo. Era um homenzarrão, espigado, de ar decidido. Tinha também um grande bigode, mas ao contrário do de José da Cruz, que era manso e caído como chorão, o seu era raivoso e puxado dos lados.

- Eh compadre, bom dia. Que cedura é está? Pensava mesmo em ocê nesta agorinha assim. Tava a olhar aqueles farrapinhos de névoa na linha do mar e a perguntar para mim: que é que comadre Isé diz daquilo?

- Pois eu vi também. Mas aquelas névoas não me dizem nada enquanto o vento não rondar pr´aquelas bandas. Não vejo sinal do vento rodar. Mas o que digo ocê é que sinto o ar molhado a roçar-me a pele. Venha de onde vier, o tempo tá a tomar caminho. Agora vou contar ocê uma coisa. Não sou muito acreditado em histórias de sonhos, mas o sonho que tive esta madrugadinha caiu-me dentro do coração. Eu mesmo esperava uma coisa dessas. Eu tava entre-sono, mas era a mesma coisa como eu estar neste momento com os olhos abertos a ver deveras. Um anjo a descer do céu para a terra, montado numa nuvem, uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco, ou que virou um cavalo já não sei, um cavalão muito grande e manso. O anjo trazia um balde d´água nas mãos, e quando chegou assim nesta endireitura, virou o balde de boca para baixo, e a água que saía do balde parecia não acabar nunca. O compadre, só visto, um nunca acabar d´água por cima destes campos. Acordei assim no meio de tanta fartura d´água, assarapantado, exactamente como se me estivesse a afogar, e larguei a tarimba com o sentido cheio daquela esmola vinda das mãos de Deus.

Manuel Lopes,
Os Flagelados do Vento Leste
(com supressões)

/13

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens dão vida a esta narrativa qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

O José da Cruz. porque ele é que é o personagem principal e que o texto fala mais.

2. Como classificas o narrador quanto à sua presença? Justifica com um exemplo do texto.

É um narrador não participante (objecti ou cinematográfica).
Sx Cheirava-lhe que o tempo ia mudar de um momento para o outro 77

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

O Sonho → porque o texto fala-nos do sonho do José da Cruz.

4. "Uma noite José da cruz foi para a cama animado."
O que é que determinou esse estado de espírito de José da Cruz?

Porque pensava que o tempo ia mudar de um momento para o outro.

5. "José da Cruz teve um sonho durante a noite."
Como interpreta ele esse sonho? Porquê?

Um Anjo a descer do céu para a terra montado numa nuvem que parecia um cavalo branco que era grande e manso e trazia um saco de

6. "Meteu-se no caminho (...) até aproximar da casa do seu compadre João Felício. (...)
a) Faz o levantamento de palavras/expressões que caracterizam João Felício.

olhava para o céu de braços cruzados sobre a camisa aberta até o umbigo. Era um homem sábio, espigado, de cor decid tinha um grande bigode

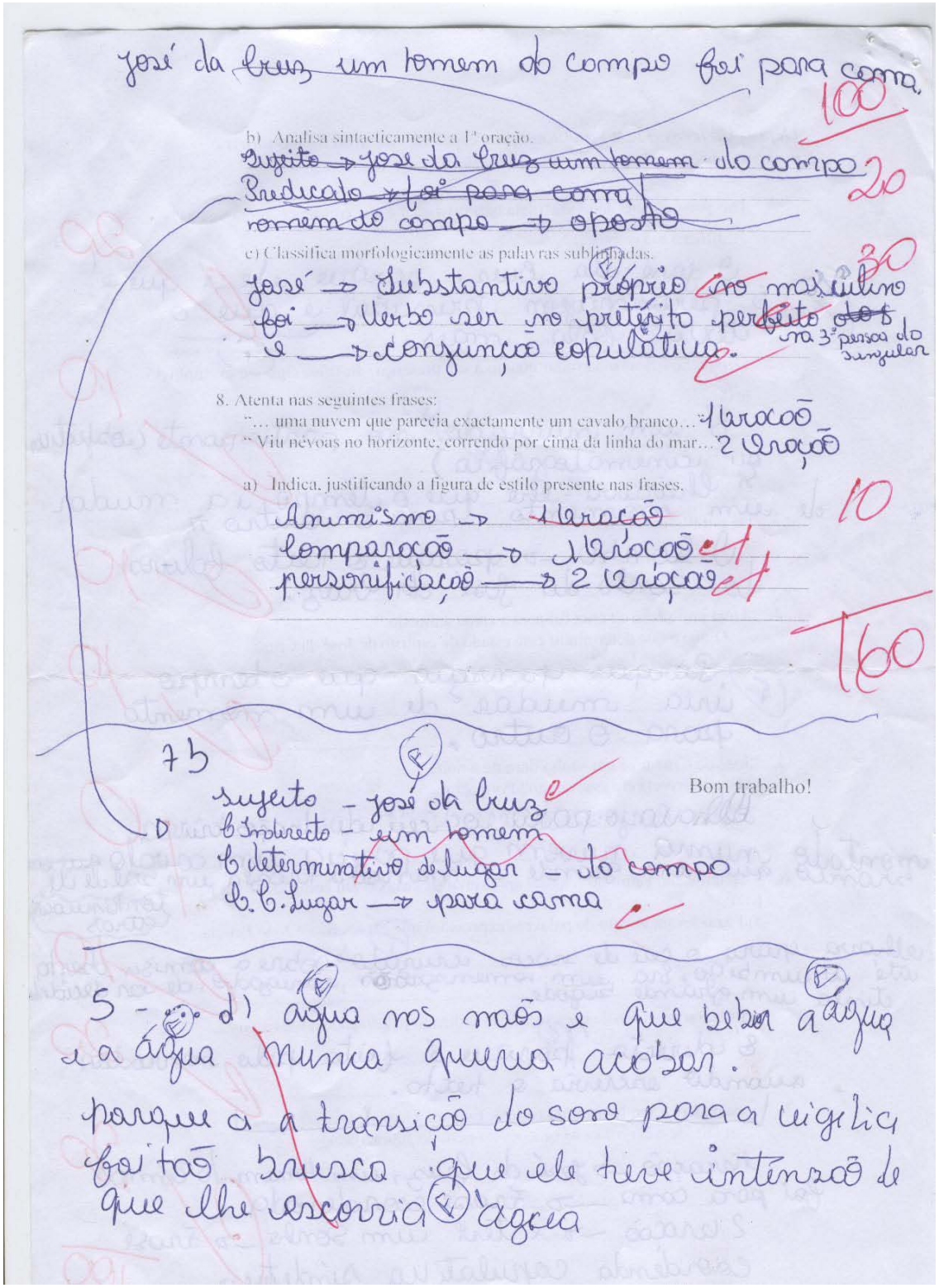
b) Indica o processo de caracterização utilizado justificando a tua resposta.

É directa. Porque é feita pelo narrador quando escrevia o texto.

7. "José da Cruz, um homem do campo, foi para a cama e teve um sonho."
a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1 oração → José da Cruz, um homem do campo foi para cama → Frase coordenada
2 oração → e teve um sonho → Frase coordenada copulativa sindética.

100



José da Cruz um homem do campo foi para cama.

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

~~Sujeito → José da Cruz um homem do campo~~
~~Predicado → foi para cama~~
~~homem do campo → oposto~~

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

José → Substantivo próprio no masculino
foi → Verbo ser no pretérito perfeito ~~do~~ na 3ª pessoa do singular
e → conjunção copulativa.

8. Atenta nas seguintes frases:

"... uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco..." 1 Oração
"Viu névoas no horizonte, correndo por cima da linha do mar..." 2 Oração

a) Indica, justificando a figura de estilo presente nas frases.

Animismo → 1 Oração
Comparação → 1 Oração
personificação → 2 Oração

7 b

sujeito - José da Cruz
b Indirecto - um homem
b determinativo de lugar - do campo
b. C. Lugar → para cama

Bom trabalho!

5 - d) água nos mãos e que beba a água e a água nunca queria acabar.
porque a a transição do sono para a vigília foi tão brusca que ele teve intenção de que lhe escorria a água

T5

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante B

Nome _____ **Nº** ____ **Turma** ____

Texto

Nha Candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode-se dizer, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto, com o tempo, apagou-se da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas não me esqueci. Dos olhos – pretos sorridente e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna… Além disso basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia a ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nha Candinha tinha uma voz, que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Era descansando numa cadeira de baloiço ou assomando à janela que eu encontrava Nha Candinha, à tarde, Quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de Nhã Maria Arcângela… com a mariolagem da minha rua.

Ela sorria-me e com a mão, acenava para que eu me chegasse. Um instante depois, afofava-me no ninho dos seus braços e segredava-me na sua voz de rola ao primeiro arroxear da alva:

- Vem aqui, homem. Dias há não te vi. Porquê? Já não me queres? Ah!... Já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? Também comigo é que estas. Já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito. Porque não vieste ontem? Estive à tua espera…tu não apareceste. Não sabes o que perdeste. Guardei-te uma coisa "sabe". Mas deixaste-me sem a tua visita… comia-a. Vês que não é bom ser ingrato?

Eu não dava resposta. Calava-me – o rosto entreaberto num sorriso – e inclinava a cabeça o seu ombro, a sentir-me tão bem como não saberia dizer. Nhã Candinha conservava-me preso e o seu murmúrio prosseguia:

- Não é verdade ouviste? Tu não és ainda feio, nem ingrato. Feio, ingrato, o meu Cristiano? É mentira. Mas diz: queres-me cheio? Sim? Diz outra vez que sim. Então vais ver aquela coisa "sabe".

Levantava-se e, à volta, trazia escondido na mão um pequeno frasco. Assentava-se, enlaçava-me pousava-me os dedos frescos sobre as pálpebras e dizia-me:

- Fecha os olhos e abra a boca.

Eu obedecia; daí a nadinha, um bombom, uma pastilha de hortelã-pimenta começava a desfazerse-me sobre a língua. Eu soltava uma gargalhada de prazer.

(Adaptado)

António Aurélio Gonçalves, Noite de vento

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens que dão vida a esta narrativa, qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

A personagem que é protagonista é a personagem Nha Candinha porque maioria das ações desenvolvem à volta dela. 20

2. Como classificas o narrador quanto a sua presença. Justifica com um exemplo do texto.

T T

O Narrador é Participante porque participa na história e o texto está narrado na 1ª pessoa. "Não (me) lembro bem o resto... 10

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

Lembranças de Nha Candinha. Porque o texto fala muito das suas lembranças naquela época 10

4. "Tu não és ainda feio, nem ingrato."

b) Porque dizia Nha Candina esta frase ao narrador?

F F

talvez porque ele era o seu amigo, gostava dela. E também ela tinha dito que ele era feio e ingrato porque ele não é feio nem ingrato, eles eram amigos. 10

5. Refere os sentimentos expressos pelo narrador em relação à personagem.

~~Alegria~~ Os sentimentos, são: Alegria, felicidade, grandes lembranças, afecto, amor, ele gostava muito dela. 10

6. " Nha Candinha tinha uma voz, que era uma música..."

a) Faz o levantamento de palavras/expressões do primeiro parágrafo que caracterizam Nha Candinha.

Ela era uma mulata muito escura, cabelos não muito crespo, usava sempre brincos. Tinha estatura regular (pareia baixa) nutrida e forte 10

b) Indica o processo de caracterização utilizado, justificando a tua resposta.

É uma caracterização direta porque é feita pelo narrador do texto. 10

7. " O tempo longo, apagou o desenho das suas feições, mas de três coisas nunca me esqueci."

a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª oração ⇒ O tempo longo ⇒ oração coordenada assindética

2ª oração ⇒ apagou o desenho das suas feições ⇒ oração coordenada assindética

3ª oração ⇒ mas de três coisas nunca me esqueci ⇒ oração coordenada adversativa sindética 20

Atrás

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

O tempo ⇒ sujeito
longo ⇒ predicado
verbo intransitivo

30

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

20

longo ⇒ advérbio de modo
apagou ⇒ flexão do verbo apagar do pretérito perfeito no modo indicativo, na 3ª pessoa do singular
mas ⇒ conjunção adversativa

8) Atenta nas seguintes frases:

a) "Nha Candinha tinha uma voz que era uma verdadeira música..."
b) "Dos olhos pretos sorridentes e dos mais meigos..."

a) Indica justificando a figura de estilo presente nas frases.

30

a) Metáfora ⇒ Estabelece uma relação semelhança e comparação mas não se utiliza partícula comparativa.
b) Personificação ⇒ Atribui características ao olho que são características de uma pessoa

7. a)

1ª oração ⇒ O tempo longo apagou o desenho das suas feições ⇒ oração coordenada
2ª oração ⇒ mas eu três coisas nunca me esqueci ⇒ oração coordenada adversativa sindética.

Bom trabalho!

b) Sujeito ⇒ O tempo longo
Predicado ⇒ apagou o desenho das suas feições
CD ⇒ o desenho
C. Determinativo ⇒ das suas feições

19,90

~~Invasismo~~
~~Personificação~~
~~comparação~~
~~Hipérbole~~
~~Enumeração~~
Metáfora

T6

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante B

Nome _____ **Nº** _____ **Turma** _____

Texto

Nha Candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode-se dizer, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto, com o tempo, apagou-se da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas não me esqueci. Dos olhos – pretos sorridente e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna… Além disso basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia a ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nha Candinha tinha uma voz, que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Era descansando numa cadeira de baloiço ou assomando à janela que eu encontrava Nha Candinha, à tarde, Quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de Nhã Maria Arcângela… com a mariolagem da minha rua.

Ela sorria-me e com a mão, acenava para que eu me chegasse. Um instante depois, afofava-me no ninho dos seus braços e segredava-me na sua voz de rola ao primeiro arroxear da alva:

- Vem aqui, homem. Dias há não te vi. Porquê? Já não me queres? Ah!... Já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? Também comigo é que estas. Já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito. Porque não vieste ontem? Estive à tua espera…tu não apareceste. Não sabes o que perdeste. Guardei-te uma coisa "sabe". Mas deixaste-me sem a tua visita… comia-a. Vês que não é bom ser ingrato?

Eu não dava resposta. Calava-me – o rosto entreaberto num sorriso – e inclinava a cabeça o seu ombro, a sentir-me tão bem como não saberia dizer. Nhã Candinha conservava-me preso e o seu murmúrio prosseguia:

- Não é verdade ouviste? Tu não és ainda feio, nem ingrato. Feio, ingrato, o meu Cristiano? É mentira. Mas diz: queres-me cheio? Sim? Diz outra vez que sim. Então vais ver aquela coisa "sabe".

Levantava-se e, à volta, trazia escondido na mão um pequeno frasco. Assentava-se, enlaçava-me pousava-me os dedos frescos sobre as pálpebras e dizia-me:

- Fecha os olhos e abra a boca.

Eu obedecia; daí a nadinha, um bombom, uma pastilha de hortelã-pimenta começava a desfazerse-me sobre a língua. Eu soltava uma gargalhada de prazer.

(Adaptado)

António Aurélio Gonçalves, Noite de vento

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens que dão vida a esta narrativa, qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

É o Cristiano para mim ele dá vida à narrativa.

2. Como classificas o narrador quanto a sua presença. Justifica com um exemplo do texto.

O narrador é participante para mim. "Eu não dava beijos lá."

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

"A minha melhor amiga" para mim o Cristiano dá a sua amiguinha e ela vira a amiga dele.

4. "Tu não és ainda feio, nem ingrato."

b) Porque dizia Nha Candina esta frase ao narrador?

Para mim ela gostava dele e não achava o narrador feio nem ingrato.

5. Refere os sentimentos expressos pelo narrador em relação à personagem.

O narrador diz que os cabelos de Nha Candinha deslumbrava os olhos de criança e ele gostava bem dela.

6. " Nha Candinha tinha uma voz, que era uma música..."

a) Faz o levantamento de palavras/expressões do primeiro parágrafo que caracterizam Nha Candinha.

Nha Candinha era muito gosta, gostava muito dos pipos, usava sempre laço, tinha estatura regular, ela era

b) Indica o processo de caracterização utilizado, justificando a tua resposta. Direta e porque é

Foi uma caracterização indirecta porque foi através

7. " O tempo longo, apagou o desenho das suas feições, mas de três coisas nunca me esqueci."

a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª Oração – O tempo longo, apagou o desenho das suas feições.
Oração Coordenada assindética
2ª Oração – Mas de três coisas nunca me esqueci.
Oração Coordenada adversativa.

68

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

O tempo longo → sujeito simples ✓
apagou o desenho dos seus feições. → predicado nominal.

10

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

apagou → Verbo apagar na 3ª pessoa do singular.
Por → conjunção adversativa ✓
longo → adjetivo no singular. ✓

20

8) Atenta nas seguintes frases:

" Nha Candinha tinha uma voz que era uma verdadeira música..."
" Dos olhos pretos sorridentes e dos mais meigos..."

a) Indica justificando a figura de estilo presente nas frases.

1ª frase comparação porque está a comparar os olhos de Nha Candinha com música.
2ª frase metáfora.

0

98

Bom trabalho!

T12

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante A

Nome _____ **Nº** _____ **Turma** _____

Texto

Uma noite José da Cruz foi para a cama animado. Cheirara-lhe que o tempo ia mudar de um momento para o outro. Dormiu profundamente. De manhã cedo acordou agitado, sentou-se no esteirado. A transição do sono para a vigília foi tão brusca, que ele teve a impressão de que escorria água. Deixou a Zepa e os meninos embrulhados nas mantas, saiu cá para fora. Viu névoas no horizonte, por cima da linha do mar, e uns farrapos de nuvens agarrados ao Topo de Coroa, mas o céu apresentava-se, como nos outros dias, limpo. (…)

Meteu-se no caminho e foi andando e botando fumaças até se aproximar da casa do seu compadre João Felícia, no Lombinho. Havia dias que não dera fala ao compadre. Tinha hoje que contar; por isso foi lá.

João Felícia, de pé, no meio do terreiro, olhava para o céu, de braços cruzados sobre a camisa aberta até ao umbigo.

- Bom dia, compadre.

Voltou-se num movimento de quem não esperava visita tão cedo. Era um homenzarrão, espigado, de ar decidido. Tinha também um grande bigode, mas ao contrário do de José da Cruz, que era manso e caído como chorão, o seu era raivoso e puxado dos lados.

- Eh compadre, bom dia. Que cedura é está? Pensava mesmo em ocê nesta agorinha assim. Tava a olhar aqueles farrapinhos de névoa na linha do mar e a perguntar para mim: que é que comadre Isé diz daquilo?

- Pois eu vi também. Mas aquelas névoas não me dizem nada enquanto o vento não rondar pr´aquelas bandas. Não vejo sinal do vento rodar. Mas o que digo ocê é que sinto o ar molhado a roçar-me a pele. Venha de onde vier, o tempo tá a tomar caminho. Agora vou contar ocê uma coisa. Não sou muito acreditado em histórias de sonhos, mas o sonho que tive esta madrugadinha caiu-me dentro do coração. Eu mesmo esperava uma coisa dessas. Eu tava entre-sono, mas era a mesma coisa como eu estar neste momento com os olhos abertos a ver deveras. Um anjo a descer do céu para a terra, montado numa nuvem, uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco, ou que virou um cavalo já não sei, um cavalão muito grande e manso. O anjo trazia um balde d´água nas mãos, e quando chegou assim nesta endireitura, virou o balde de boca para baixo, e a água que saía do balde parecia não acabar nunca. O compadre, só visto, um nunca acabar d´água por cima destes campos. Acordei assim no meio de tanta fartura d´água, assarapantado, exactamente como se me estivesse a afogar, e larguei a tarimba com o sentido cheio daquela esmola vinda das mãos de Deus.

Manuel Lopes,
Os Flagelados do Vento Leste
(com supressões)

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens dão vida a esta narrativa qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

José da cruz - porque a história do texto fala sobre ele. E

2. Como classificas o narrador quanto à sua presença? Justifica com um exemplo do texto.

O narrador é participante ~~x~~ Pois ele vai também. E

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

O sonho → porque no texto fala sobre um sonho que José da Cruz teve. E

4. "Uma noite José da cruz foi para a cama animado."
O que é que determinou esse estado de espírito de José da Cruz?

Porque sonhara-lhe que o tempo ia mudar de um momento para outro.

5. "José da Cruz teve um sonho durante a noite."
Como interpreta ele esse sonho? Porquê?

Como se fosse uma esmola vinda de Deus. E

6. "Meteu-se no caminho (…) até aproximar da casa do seu compadre João Felícia (…)
a) Faz o levantamento de palavras/expressões que caracterizam João Felícia.

Era um homem gordo, espigado, de boa decidido, tinha um grande bigode, era saioso.

b) Indica o processo de caracterização utilizado justificando a tua resposta.

Caracterização direta - porque no texto diz como ele é. E

7. "José da Cruz, um homem do campo, foi para a cama e teve um sonho."
a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

~~1ª oração - José da Cruz um homem do campo~~
~~oração coordenada~~.
~~2ª oração - foi para cama e teve um sonho~~
~~oração coordenada~~

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

1ª oração - José da Cruz, um homem do campo ⇒ oração coordenada

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

José → nome próprio

foi → verbo ir, 3ª pessoa do singular.

e → conjunção coordenativa.

8. Atenta nas seguintes frases:

"... uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco..."

"Viu névoas no horizonte, correndo por cima da linha do mar..."

a) Indica, justificando a figura de estilo presente nas frases.

~~uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco → comparação porque está a comparar~~ ~~atribuir uma característica de correr.~~

~~viu névoas no horizonte, correndo por cima da linha do mar → personificação → porque está a atribuir uma característica de pessoa.~~

? na primeira frase a figura de estilo é parecia porque serve para comparar.

na segunda frase é correndo porque está a atribuir uma característica de pessoa.

Bom trabalho!

T14

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante B

Nome _____ **Nº** ____ **Turma** ____

Texto

Nha Candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode-se dizer, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto, com o tempo, apagou-se da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas não me esqueci. Dos olhos – pretos sorridente e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna… Além disso basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia a ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nha Candinha tinha uma voz, que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Era descansando numa cadeira de baloiço ou assomando à janela que eu encontrava Nha Candinha, à tarde, Quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de Nhã Maria Arcângela… com a mariolagem da minha rua.

Ela sorria-me e com a mão, acenava para que eu me chegasse. Um instante depois, afofava-me no ninho dos seus braços e segredava-me na sua voz de rola ao primeiro arroxear da alva:

- Vem aqui, homem. Dias há não te vi. Porquê? Já não me queres? Ah!... Já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? Também comigo é que estas. Já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito. Porque não vieste ontem? Estive à tua espera…tu não apareceste. Não sabes o que perdeste. Guardei-te uma coisa "sabe". Mas deixaste-me sem a tua visita… comia-a. Vês que não é bom ser ingrato?

Eu não dava resposta. Calava-me – o rosto entreaberto num sorriso – e inclinava a cabeça o seu ombro, a sentir-me tão bem como não saberia dizer. Nhã Candinha conservava-me preso e o seu murmúrio prosseguia:

- Não é verdade ouviste? Tu não és ainda feio, nem ingrato. Feio, ingrato, o meu Cristiano? É mentira. Mas diz: queres-me cheio? Sim? Diz outra vez que sim. Então vais ver aquela coisa "sabe".

Levantava-se e, à volta, trazia escondido na mão um pequeno frasco. Assentava-se, enlaçava-me pousava-me os dedos frescos sobre as pálpebras e dizia-me:

- Fecha os olhos e abra a boca.

Eu obedecia; daí a nadinha, um bombom, uma pastilha de hortelã-pimenta começava a desfazerse-me sobre a língua. Eu soltava uma gargalhada de prazer.

(Adaptado)

António Aurélio Gonçalves, Noite de vento

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens que dão vida a esta narrativa, qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

A protagonista é Nha Candinha porque o texto fala sobre ela

2. Como classificas o narrador quanto a sua presença. Justifica com um exemplo do texto.

Quanto a presença o narrador é participa "Eu soltava uma gargalhada de prazer"

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

Lembrança de Nha Candinha porque o narrador fala das lembranças que tinha dela.

4. "Tu não és ainda feio, nem ingrato."

b) Porque dizia Nha Candina esta frase ao narrador?

Porque ele não o fora visitar

5. Refere os sentimentos expressos pelo narrador em relação à personagem.

Os sentimentos expressos pelo narrador são (voz doce como uma música, olhos sorridentes, felicidade, grande lembrança)

6. " Nha Candinha tinha uma voz, que era uma música..."

a) Faz o levantamento de palavras/expressões do primeiro parágrafo que caracterizam Nha Candinha.

Nha Candinha era uma mulata muito escura quase preta pode-se dizer de cabelos muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não

b) Indica o processo de caracterização utilizado, justificando a tua resposta.

O processo de caracterização utilizado é a caracterização directa porque o narrador indica os seus caracteres

7. "O tempo longo, apagou o desenho das suas feições, mas de três coisas nunca me esqueci."

a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

O tempo longo, apagou o desenho das suas feições, mas de três coisas nunca me esqueci - 1ª oração coordenada assindética, 2ª oração coordenada assindética, 3ª oração coordenada sindética.

78

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

O tempo longo apagou o desenho das suas

sujeito simples — verbo transitivo direto — predicado — C.D

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

longo - adjetivo; apagou - verbo apagar 3ª pessoas do singular, mas - ...

8) Atenta nas seguintes frases:

1. "Nha Candinha tinha uma voz que era uma verdadeira música..."
2. "Dos olhos pretos sorridentes e dos mais meigos..."

a) Indica justificando a figura de estilo presente nas frases.

1 - metáfora porque é uma comparação sem partícula comparativa

2 ?

6- "Esse mulher de ~~furo~~, ~~teve~~ ~~corpo~~ lenço.

Bom trabalho!

Tinha estatura regular. No entanto como era nutrida e forte, parecia".

T10

123

T31

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante A

Nome _____ **Nº** _____ **Turma** _____

Texto

Uma noite José da Cruz foi para a cama animado. Cheirara-lhe que o tempo ia mudar de um momento para o outro. Dormiu profundamente. De manhã cedo acordou agitado, sentou-se no esteirado. A transição do sono para a vigília foi tão brusca, que ele teve a impressão de que escorria água. Deixou a Zepa e os meninos embrulhados nas mantas, saiu cá para fora. Viu névoas no horizonte, por cima da linha do mar, e uns farrapos de nuvens agarrados ao Topo de Coroa, mas o céu apresentava-se, como nos outros dias, limpo. (…)

Meteu-se no caminho e foi andando e botando fumaças até se aproximar da casa do seu compadre João Felícia, no Lombinho. Havia dias que não dera fala ao compadre. Tinha hoje que contar: por isso foi lá.

João Felícia, de pé, no meio do terreiro, olhava para o céu, de braços cruzados sobre a camisa aberta até ao umbigo.

- Bom dia, compadre.

Voltou-se num movimento de quem não esperava visita tão cedo. Era um homenzarrão, espigado, de ar decidido. Tinha também um grande bigode, mas ao contrário do de José da Cruz, que era manso e caído como chorão, o seu era raivoso e puxado dos lados.

- Eh compadre, bom dia. Que cedura é está? Pensava mesmo em ocê nesta agorinha assim. Tava a olhar aqueles farrapinhos de névoa na linha do mar e a perguntar para mim: que é que comadre Isé diz daquilo?

- Pois eu vi também. Mas aquelas névoas não me dizem nada enquanto o vento não rondar pr´aquelas bandas. Não vejo sinal do vento rodar. Mas o que digo ocê é que sinto o ar molhado a roçar-me a pele. Venha de onde vier, o tempo tá a tomar caminho. Agora vou contar ocê uma coisa. Não sou muito acreditado em histórias de sonhos, mas o sonho que tive esta madrugadinha caiu-me dentro do coração. Eu mesmo esperava uma coisa dessas. Eu tava entre-sono, mas era a mesma coisa como eu estar neste momento com os olhos abertos a ver deveras. Um anjo a descer do céu para a terra, montado numa nuvem, uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco, ou que virou um cavalo já não sei, um cavalão muito grande e manso. O anjo trazia um balde d´água nas mãos, e quando chegou assim nesta endireitura, virou o balde de boca para baixo, e a água que saía do balde parecia não acabar nunca. Ó compadre, só visto, um nunca acabar d´água por cima destes campos. Acordei assim no meio de tanta fartura d´água, assarapantado, exactamente como se me estivesse a afogar, e larguei a tarimba com o sentido cheio daquela esmola vinda das mãos de Deus.

Manuel Lopes,
Os Flagelados do Vento Leste
(com supressões)

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens dão vida a esta narrativa qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

O protagonista é o José da Cruz, porque o texto é como se fosse contado uma história que lhe aconteceu num dia

2. Como classificas o narrador quanto à sua presença? Justifica com um exemplo do texto.

O narrador quanto a sua presença ele é ausente "Chamaram-lhe que o tempo ia mudar de um momento para o outro."

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

"O Sonho de José da Cruz" este é o título que eu dava porque o texto não só fala de lá como fala do sonho que ele teve

4. "Uma noite José da cruz foi para a cama animado."
O que é que determinou esse estado de espírito de José da Cruz?

Porque para ele o tempo ia mudar de um ano para outro

5. "José da Cruz teve um sonho durante a noite."
Como interpreta ele esse sonho? Porquê?

Ele interpreta-o como uma chuva que vai dar

6. " Meteu-se no caminho (…) até aproximar da casa do seu compadre João Felícia (…)
a) Faz o levantamento de palavras/expressões que caracterizam João Felícia.

João Felício era um homem zarrão, espigado, de ar decidido tinha um grande bigode, era raivoso e puxado dos lados

b) Indica o processo de caracterização utilizado justificando a tua resposta.

É uma caracterização directa porque no texto encontramos as características não pelo seu comportamento mas sim porque o diz na mesma referes-os

7. "José da Cruz, um homem do campo, foi para a cama e teve um sonho."
a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

Está atroz

~~José: Substantivo próprio no Masculino no Sg. verbo in na 3ª pessoa do singular no pretérito perfeito do Modo Indicativo 3ª conjugação e - conjunção copulativa~~

T29

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

José do Cruz - Sujeito / um homem do campo - ~~atributo do vocativo~~ / foi para cama - predicado Verbal / foi - predicado para cama - Comp. circunstancial de lugar / do campo - Comp determinativo

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

José - Substantivo proprio no masculino / foi - verbo ir na 3ª pess do Singular no preterito perfeito no modo indicativo na 3ª conjugação / e - conjunção copulativa

8. Atenta nas seguintes frases:

1ª "... uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco..."

2ª "Viu néyoas no horizonte, correndo por cima da linha do mar..."

a) Indica, justificando a figura de estilo presente nas frases.

~~1ª - Personificação porque o texto dá vida a uma nuvem~~

1ª - Comparação - porque faz a comparação entre um nuvem e um cavalo branco / 2ª - personificação porque o texto dá vida a uma nevoa

7 - a) - 1ª (frase) Oração - José do Cruz, um homem do campo, foi para cama. - Oração ~~coordenada~~ coordenada

2ª frase - E teve um sonho - Oração coordenada copulativa e sindética.

Bom trabalho!

T34

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante B

Nome _____ **Nº** _____ **Turma** _____

Texto

Nha Candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode-se dizer, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto, com o tempo, apagou-se da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas não me esqueci. Dos olhos – pretos sorridente e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna… Além disso basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia a ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nha Candinha tinha uma voz, que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Era descansando numa cadeira de baloiço ou assomando à janela que eu encontrava Nha Candinha, à tarde, Quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de Nhã Maria Arcângela… com a mariolagem da minha rua.

Ela sorria-me e com a mão, acenava para que eu me chegasse. Um instante depois, afofava-me no ninho dos seus braços e segredava-me na sua voz de rola ao primeiro arroxear da alva:

- Vem aqui, homem. Dias há não te vi. Porquê? Já não me queres? Ah!... Já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? Também comigo é que estas. Já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito. Porque não vieste ontem? Estive à tua espera…tu não apareceste. Não sabes o que perdeste. Guardei-te uma coisa "sabe". Mas deixaste-me sem a tua visita… comia-a. Vês que não é bom ser ingrato?

Eu não dava resposta. Calava-me – o rosto entreaberto num sorriso – e inclinava a cabeça o seu ombro, a sentir-me tão bem como não saberia dizer. Nhã Candinha conservava-me preso e o seu murmúrio prosseguia:

- Não é verdade ouviste? Tu não és ainda feio, nem ingrato. Feio, ingrato, o meu Cristiano? É mentira. Mas diz: queres-me cheio? Sim? Diz outra vez que sim. Então vais ver aquela coisa "sabe".

Levantava-se e, à volta, trazia escondido na mão um pequeno frasco. Assentava-se, enlaçava-me pousava-me os dedos frescos sobre as pálpebras e dizia-me:

- Fecha os olhos e abra a boca.

Eu obedecia; daí a nadinha, um bombom, uma pastilha de hortelã-pimenta começava a desfazerse-me sobre a língua. Eu soltava uma gargalhada de prazer.

(Adaptado)

António Aurélio Gonçalves, Noite de vento

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens que dão vida a esta narrativa, qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

É a nha candinha. porque durante toda a narração ela é a mais falada pelo narrador.

2. Como classificas o narrador quanto a sua presença. Justifica com um exemplo do texto.

É um narrador participante. "Não me lembro bem do rosto,..." "Ela sorria-me..."

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

Eu dária o título "Nha Candinha" porque no texto falam sobre ela.

4. "Tu não és ainda feio, nem ingrato."

b) Porque dizia Nha Candina esta frase ao narrador?

porque quando ela disse que narrador que não é bom, ser ingrato ele baixava-se, abria um sorriso e inclinava a cabeça no ombro dela.

5. Refere os sentimentos expressos pelo narrador em relação à personagem.

Ele gostava da nha candinha, ele dava-lhe carinho, respeito, ele obedecia ela...

6. "Nha Candinha tinha uma voz, que era uma música..."

a) Faz o levantamento de palavras/expressões do primeiro parágrafo que caracterizam Nha Candinha.

Era mulata muito escura quase preta, cabelos não muito crespos, usava laço, estrutura regular era mulata e forte e parecia baixa.

b) Indica o processo de caracterização utilizado, justificando a tua resposta.

Caracterização directa. porque as características foram feitas directamente do narrador para a personag

7. "O tempo longo, apagou o desenho das suas feições, mas de três coisas nunca me esqueci."

a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª oração → o tempo [illegible]

2ª oração - apagou o desenho das suas fe

3ª oração → De três coisas nunca me esqueci

132

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

sujeito → o tempo

complemento circunstancial de tempo → longo

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

longo - adjectivo no grau normal ~~no~~ masculino

apagou - verbo apagar da primeira conjugação singular da 3ª pessoa do pretérito ~~imperfeito~~ perfeito do ~~singular~~

8) Atenta nas seguintes frases:

" Nha Candinha tinha uma voz que era uma verdadeira música..."

" Dos olhos pretos sorridentes e dos mais meigos..."

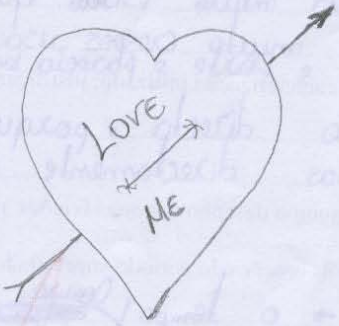
a) Indica justificando a figura de estilo presente nas frases.

1º ~~comparação~~ descrição e metáfora - porque desc
a voz de ~~nha~~ candinha e faz uma ~~comparação~~ abreviada

2º comparação - porque compara os olhos de nha candinha com todos os olhos que ele já viu.

c) mas - particula de conjunção ?

Bom trabalho!



T35

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante B

Nome _____ **Nº** _____ **Turma** _____

Texto

Nha Candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode-se dizer, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto, com o tempo, apagou-se da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas não me esqueci. Dos olhos – pretos sorridente e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna… Além disso basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia a ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nha Candinha tinha uma voz, que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Era descansando numa cadeira de baloiço ou assomando à janela que eu encontrava Nha Candinha, à tarde, Quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de Nhã Maria Arcângela… com a mariolagem da minha rua.

Ela sorria-me e com a mão, acenava para que eu me chegasse. Um instante depois, afofava-me no ninho dos seus braços e segredava-me na sua voz de rola ao primeiro arroxear da alva:

- Vem aqui, homem. Dias há não te vi. Porquê? Já não me queres? Ah!... Já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? Também comigo é que estas. Já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito. Porque não vieste ontem? Estive à tua espera…tu não apareceste. Não sabes o que perdeste. Guardei-te uma coisa "sabe". Mas deixaste-me sem a tua visita… comia-a. Vês que não é bom ser ingrato?

Eu não dava resposta. Calava-me – o rosto entreaberto num sorriso – e inclinava a cabeça o seu ombro, a sentir-me tão bem como não saberia dizer. Nhã Candinha conservava-me preso e o seu murmúrio prosseguia:

- Não é verdade ouviste? Tu não és ainda feio, nem ingrato. Feio, ingrato, o meu Cristiano? É mentira. Mas diz: queres-me cheio? Sim? Diz outra vez que sim. Então vais ver aquela coisa "sabe".

Levantava-se e, à volta, trazia escondido na mão um pequeno frasco. Assentava-se, enlaçava-me pousava-me os dedos frescos sobre as pálpebras e dizia-me:

- Fecha os olhos e abra a boca.

Eu obedecia; daí a nadinha, um bombom, uma pastilha de hortelã-pimenta começava a desfazerse-me sobre a língua. Eu soltava uma gargalhada de prazer.

(Adaptado)

António Aurélio Gonçalves, Noite de vento

T1

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens que dão vida a esta narrativa, qual é que consideras protagonista?

Justifica a tua resposta.

Nha candinha. Porque é dela que se fala ao longo do texto e também é ela que desempenha o papel principal

2. Como classificas o narrador quanto a sua presença. Justifica com um exemplo do texto.

É participante "Não me lembro bem do rosto, com o tempo apagou-se a memória e o desenho das suas feições..."

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

Nha candinha - Porque é ela que tem mais ver com o texto.

4. "Tu não és ainda feio, nem ingrato."

b) Porque dizia Nha Candina esta frase ao narrador?

Porque ele sempre ia visitar-se falta sem dia.

5. Refere os sentimentos expressos pelo narrador em relação à personagem.

Nha candinha tinha uma voz, que era uma verdadeira música, e uma carícia para os meus ouvidos do alma

6. "Nha Candinha tinha uma voz, que era uma música..."

a) Faz o levantamento de palavras/expressões do primeiro parágrafo que caracterizam Nha Candinha.

Era uma mulata escura, quase preta pode se dizer, de cabelos não muito crespos, sempre os olhos enbuc não posso mulher

b) Indica o processo de caracterização utilizado, justificando a tua resposta.

Retrato físico porque estamos a caracterizar como era ela.

7. "O tempo longo, apagou o desenho das suas feições, mas de três coisas nunca me esqueci."

a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª oração - O tempo longo, apagou o desenho das suas feições. Coordenada

2ª oração - mas de três coisas nunca me esqueci. Coordenada adversativa

T33 T1 85

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

Sujeito - Omisso	Predicado - O tempo logo
CD - o tempo	apagar o desenho das suas
~~CD~~ - PV - apagar	feições

5

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

logo -

apagar - ~~CD~~ verbo apagar na 3ª ~~pessoa~~ do singular

mas -

5

8) Atenta nas seguintes frases:

1 Nha Candinha tinha uma voz que era uma verdadeira música..."

2 Dos olhos pretos sorridentes e dos mais meigos..."

a) Indica justificando a figura de estilo presente nas frases.

~~1.~~ personificação - porque associa

c. decide - este é dar vida

a ideias, a coisas ~~e ideias~~ etc

0

95

Bom trabalho!
Obrigada.

T36

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante A

Nome [redacted] **Nº** [redacted] **Turma** [redacted]

Texto

Uma noite José da Cruz foi para a cama animado. Cheirara-lhe que o tempo ia mudar de um momento para o outro. Dormiu profundamente. De manhã cedo acordou agitado, sentou-se no esteirado. A transição do sono para a vigília foi tão brusca, que ele teve a impressão de que escorria água. Deixou a Zepa e os meninos embrulhados nas mantas, saiu cá para fora. Viu névoas no horizonte, por cima da linha do mar, e uns farrapos de nuvens agarrados ao Topo de Coroa, mas o céu apresentava-se, como nos outros dias, limpo. (…)

Meteu-se no caminho e foi andando e botando fumaças até se aproximar da casa do seu compadre João Felícia, no Lombinho. Havia dias que não dera fala ao compadre. Tinha hoje que contar; por isso foi lá.

João Felícia, de pé, no meio do terreiro, olhava para o céu, de braços cruzados sobre a camisa aberta até ao umbigo.

- Bom dia, compadre.

Voltou-se num movimento de quem não esperava visita tão cedo. Era um homenzarrão, espigado, de ar decidido. Tinha também um grande bigode, mas ao contrário do de José da Cruz, que era manso e caído como chorão, o seu era raivoso e puxado dos lados.

- Eh compadre, bom dia. Que cedura é está? Pensava mesmo em ocê nesta agorinha assim. Tava a olhar aqueles farrapinhos de névoa na linha do mar e a perguntar para mim: que é que comadre Isé diz daquilo?

- Pois eu vi também. Mas aquelas névoas não me dizem nada enquanto o vento não rondar pr´aquelas bandas. Não vejo sinal do vento rodar. Mas o que digo ocê é que sinto o ar molhado a roçar-me a pele. Venha de onde vier, o tempo tá a tomar caminho. Agora vou contar ocê uma coisa. Não sou muito acreditado em histórias de sonhos, mas o sonho que tive esta madrugadinha caiu-me dentro do coração. Eu mesmo esperava uma coisa dessas. Eu tava entre-sono, mas era a mesma coisa como eu estar neste momento com os olhos abertos a ver deveras. Um anjo a descer do céu para a terra, montado numa nuvem, uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco, ou que virou um cavalo já não sei, um cavalão muito grande e manso. O anjo trazia um balde d´água nas mãos, e quando chegou assim nesta endireitura, virou o balde de boca para baixo, e a água que saía do balde parecia não acabar nunca. O compadre, só visto, um nunca acabar d´água por cima destes campos. Acordei assim no meio de tanta fartura d´água, assarapantado, exactamente como se me estivesse a afogar, e larguei a tarimba com o sentido cheio daquela esmola vinda das mãos de Deus.

Manuel Lopes,
Os Flagelados do Vento Leste
(com supressões)

Paulo

T2

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens dão vida a esta narrativa qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

José da cruz. porque o texto fala mais sobre ele. 20

2. Como classificas o narrador quanto à sua presença? Justifica com um exemplo do texto.

O Narrador é presente. João Felício, de pé no ~~Meio~~ do terreiro, olhava para o céu de braços cruzados sobre a camisa dentro até ao umbigo 0

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

José da cruz. porque o texto fala sobre ele. 10

4. "Uma noite José da cruz foi para a cama animado."
O que é que determinou esse estado de espírito de José da Cruz?

porque Deixava-lhe que o tempo ia mudar de um momento para o outro. 10

5. "José da Cruz teve um sonho durante a noite."
Como interpreta ele esse sonho? Porquê?

porque ele estava Animado 0

6. " Meteu-se no caminho (…) até aproximar da casa do seu compadre João Felicia (…)
a) Faz o levantamento de palavras/expressões que caracterizam João Felicia.

Era um Homezarão, espagado, de ar decidido, tenha também um grande Bigode. 10

b) Indica o processo de caracterização utilizado justificando a tua resposta.

caracterização Indereta porque no texto não há muitas caracteristicas de João felícia. 0

7. "José da Cruz um homem do campo foi para a cama e teve um sonho."
a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª Oração - coordenada
2ª Oração - Coordenada Sendética.
3ª Oração - coordenada copulativa Sendética 0

50

T34

50

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

Sujeito - José da cruz

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

José - Substantivo próprio

foi - Verbo ser pretérito perfeito 3ª pessoa do singular

e -

8. Atenta nas seguintes frases:

1 "... uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco..."

2 "Viu névoas no horizonte, correndo por cima da linha do mar..."

a) Indica, justificando a figura de estilo presente nas frases.

1 - comparação - porque está a comparar a Nuvem com um cavalo branco.

2 - Anemasmo -

Bom trabalho!

T37

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante A

Nome [redacted] **Nº** [redacted] **Turma** [redacted]

Texto

Uma noite José da Cruz foi para a cama animado. Cheirara-lhe que o tempo ia mudar de um momento para o outro. Dormiu profundamente. De manhã cedo acordou agitado, sentou-se no esteirado. A transição do sono para a vigília foi tão brusca, que ele teve a impressão de que escorria água. Deixou a Zepa e os meninos embrulhados nas mantas, saiu cá para fora. Viu névoas no horizonte, por cima da linha do mar, e uns farrapos de nuvens agarrados ao Topo de Coroa, mas o céu apresentava-se, como nos outros dias, limpo. (…)

Meteu-se no caminho e foi andando e botando fumaças até se aproximar da casa do seu compadre João Felícia, no Lombinho. Havia dias que não dera fala ao compadre. Tinha hoje que contar; por isso foi lá.

João Felícia, de pé, no meio do terreiro, olhava para o céu, de braços cruzados sobre a camisa aberta até ao umbigo.

- Bom dia, compadre.

Voltou-se num movimento de quem não esperava visita tão cedo. Era um homenzarrão, espigado, de ar decidido. Tinha também um grande bigode, mas ao contrário do de José da Cruz, que era manso e caído como chorão, o seu era raivoso e puxado dos lados.

- Eh compadre, bom dia. Que cedura é está? Pensava mesmo em ocê nesta agorinha assim. Tava a olhar aqueles farrapinhos de névoa na linha do mar e a perguntar para mim: que é que comadre Isé diz daquilo?

- Pois eu vi também. Mas aquelas névoas não me dizem nada enquanto o vento não rondar pr´aquelas bandas. Não vejo sinal do vento rodar. Mas o que digo ocê é que sinto o ar molhado a roçar-me a pele. Venha de onde vier, o tempo tá a tomar caminho. Agora vou contar ocê uma coisa. Não sou muito acreditado em histórias de sonhos, mas o sonho que tive esta madrugadinha caiu-me dentro do coração. Eu mesmo esperava uma coisa dessas. Eu tava entre-sono, mas era a mesma coisa como eu estar neste momento com os olhos abertos a ver deveras. Um anjo a descer do céu para a terra, montado numa nuvem, uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco, ou que virou um cavalo já não sei, um cavalão muito grande e manso. O anjo trazia um balde d´água nas mãos, e quando chegou assim nesta endireitura, virou o balde de boca para baixo, e a água que saía do balde parecia não acabar nunca. O compadre, só visto, um nunca acabar d´água por cima destes campos. Acordei assim no meio de tanta fartura d´água, assarapantado, exactamente como se me estivesse a afogar, e larguei a tarimba com o sentido cheio daquela esmola vinda das mãos de Deus.

Manuel Lopes,
Os Flagelados do Vento Leste
(com supressões)

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens dão vida a esta narrativa qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

Considero José da cruz porque ele é que teve o sonho, através do sonho que tudo surgiu.

2. Como classificas o narrador quanto à sua presença? Justifica com um exemplo do texto.

Narrador participante. Voltou-se num movimento de quem não esperava visita tão cedo.

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

O sonho profundo. porque ele teve um sonho profundo.

4. "Uma noite José da cruz foi para a cama animado."
O que é que determinou esse estado de espírito de José da Cruz?

Porque deixaralhe que o tempo ia mudar.

5. "José da Cruz teve um sonho durante a noite."
Como interpreta ele esse sonho? Porquê?

6. " Meteu-se no caminho (…) até aproximar da casa do seu compadre João Felícia (…)
a) Faz o levantamento de palavras/expressões que caracterizam João Felícia.

Era um homem ~~de~~ ~~de~~ espigado de ar decidido.

b) Indica o processo de caracterização utilizado justificando a tua resposta.

É a caracterização directa porque estamos a caracterizar João Felicia directamente...

7. "José da Cruz, um homem do campo, foi para a cama e teve um sonho."
a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª oração: José da Cruz | — Oração coordenada
2ª oração: um homem do campo | — Oração coordenada copulativa assindética
3ª oração: foi para a cama | — oração coordenada copulativa assindética
4ª oração: teve um sonho | — oração coordenada copulativa

T35

63

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração. 10

José da cruz + Sujeito Simples

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas. 15

João - nome próprio, masculino.

foi - verbo ir

8. Atenta nas seguintes frases:

"... uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco..."

"Viu névoas no horizonte, correndo por cima da linha do mar..."

a) Indica, justificando a figura de estilo presente nas frases. 30

1- uma nuvem que parecia um cavalo branco.

É a comparação porque está a comparar uma nuvem com cavalo branco.

2- Hipérbole porque está a dizer algo muito exagerado!

118

Bom trabalho!

T39

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante B

Nome _____ **Nº** _____ **Turma** _____

Texto

Nha Candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode-se dizer, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto, com o tempo, apagou-se da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas não me esqueci. Dos olhos – pretos sorridente e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna… Além disso basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia a ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nha Candinha tinha uma voz, que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Era descansando numa cadeira de baloiço ou assomando à janela que eu encontrava Nha Candinha, à tarde, Quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de Nhã Maria Arcângela… com a mariolagem da minha rua.

Ela sorria-me e com a mão, acenava para que eu me chegasse. Um instante depois, afofava-me no ninho dos seus braços e segredava-me na sua voz de rola ao primeiro arroxear da alva:

- Vem aqui, homem. Dias há não te vi. Porquê? Já não me queres? Ah!... Já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? Também comigo é que estas. Já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito. Porque não vieste ontem? Estive à tua espera…tu não apareceste. Não sabes o que perdeste. Guardei-te uma coisa "sabe". Mas deixaste-me sem a tua visita… comia-a. Vês que não é bom ser ingrato?

Eu não dava resposta. Calava-me – o rosto entreaberto num sorriso – e inclinava a cabeça o seu ombro, a sentir-me tão bem como não saberia dizer. Nhã Candinha conservava-me preso e o seu murmúrio prosseguia:

- Não é verdade ouviste? Tu não és ainda feio, nem ingrato. Feio, ingrato, o meu Cristiano? É mentira. Mas diz: queres-me cheio? Sim? Diz outra vez que sim. Então vais ver aquela coisa "sabe".

Levantava-se e, à volta, trazia escondido na mão um pequeno frasco. Assentava-se, enlaçava-me pousava-me os dedos frescos sobre as pálpebras e dizia-me:

- Fecha os olhos e abra a boca.

Eu obedecia; daí a nadinha, um bombom, uma pastilha de hortelã-pimenta começava a desfazerse-me sobre a língua. Eu soltava uma gargalhada de prazer.

(Adaptado)

António Aurélio Gonçalves, Noite de vento

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens que dão vida a esta narrativa, qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

Nha Candinha porque o texto fala sobre ela.

2. Como classificas o narrador quanto a sua presença. Justifica com um exemplo do texto.

O narrador é participante. "Não me lembro bem do resto..."

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

Nha Candinha porque o texto fala sobre ela.

4. "Tu não és ainda feio, nem ingrato."
   b) Porque dizia Nha Candina esta frase ao narrador?

porque todos gozando ele crê-se diz-se feio e ingrato.

5. Refere os sentimentos expressos pelo narrador em relação à personagem.

Felicidade, carinho

6. " Nha Candinha tinha uma voz, que era uma música..."
   a) Faz o levantamento de palavras/expressões do primeiro parágrafo que caracterizam Nha Candinha.

Era mulata muito escura, quase preta, cabelos muitos crespos, usou sempre longos, estaturas regulares, nutrida, forte, baixa.

Cópia do texto

   b) Indica o processo de caracterização utilizado, justificando a tua resposta.

Caracterização direta. Porque no 1º parágrafo encontramos várias características da personagem.

7. " O tempo longo, apagou o desenho das suas feições, mas de três coisas nunca me esqueci."
   a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª oração - o tempo longo - oração coordenada
2ª " - apagou o desenho das suas feições -
3ª " - mas de três coisas nunca me esqueci.

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

longa - adjetivo qualificativo ~~uniforme~~

apagou - verbo apagar no pretérito perfeito ~~3ª~~ pessoa do s

mas -

8) Atenta nas seguintes frases:

" Nha Candinha tinha uma voz que era uma verdadeira música..."

" Dos olhos pretos sorridentes e dos mais meigos..."

a) Indica justificando a figura de estilo presente nas frases.

1-e

2-comparação-

Bom trabalho!

T40

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante B

Nome _____ **Nº** ____ **Turma** ____

Texto

Nha Candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode-se dizer, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto, com o tempo, apagou-se da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas não me esqueci. Dos olhos – pretos sorridente e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna… Além disso basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia a ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nha Candinha tinha uma voz, que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Era descansando numa cadeira de baloiço ou assomando à janela que eu encontrava Nha Candinha, à tarde, Quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de Nhã Maria Arcângela… com a mariolagem da minha rua.

Ela sorria-me e com a mão, acenava para que eu me chegasse. Um instante depois, afofava-me no ninho dos seus braços e segredava-me na sua voz de rola ao primeiro arroxear da alva:

- Vem aqui, homem. Dias há não te vi. Porquê? Já não me queres? Ah!... Já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? Também comigo é que estas. Já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito. Porque não vieste ontem? Estive à tua espera…tu não apareceste. Não sabes o que perdeste. Guardei-te uma coisa "sabe". Mas deixaste-me sem a tua visita… comia-a. Vês que não é bom ser ingrato?

Eu não dava resposta. Calava-me – o rosto entreaberto num sorriso – e inclinava a cabeça o seu ombro, a sentir-me tão bem como não saberia dizer. Nhã Candinha conservava-me preso e o seu murmúrio prosseguia:

- Não é verdade ouviste? Tu não és ainda feio, nem ingrato. Feio, ingrato, o meu Cristiano? É mentira. Mas diz: queres-me cheio? Sim? Diz outra vez que sim. Então vais ver aquela coisa "sabe".

Levantava-se e, à volta, trazia escondido na mão um pequeno frasco. Assentava-se, enlaçava-me pousava-me os dedos frescos sobre as pálpebras e dizia-me:

- Fecha os olhos e abra a boca.

Eu obedecia; daí a nadinha, um bombom, uma pastilha de hortelã-pimenta começava a desfazerse-me sobre a língua. Eu soltava uma gargalhada de prazer.

(Adaptado)

António Aurélio Gonçalves, Noite de vento

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens que dão vida a esta narrativa, qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

É a Nha Candinha. Porque ela é a personagem mais importante do texto. que dá vida ao resto.

2. Como classificas o narrador quanto à sua presença. Justifica com um exemplo do texto.

Não presente. Porque está a contar a história na 3ª pessoa.

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

A mulata Nha Candinha. Porque o texto fala da Nha Candinha

4. "Tu não és ainda feio, nem ingrato."

b) Porque dizia Nha Candina esta frase ao narrador?

Porque gostava do narrador. Porque havia dias que não via o narrador.

5. Refere os sentimentos expressos pelo narrador em relação à personagem.

O narrador gostava da personagem sentimento de alegria quando a via.

6. "Nha Candinha tinha uma voz, que era uma música..."

a) Faz o levantamento de palavras/expressões do primeiro parágrafo que caracterizam Nha Candinha.

Era uma mulata, muito escura quase preta usava sempre lenço, estatura regular era natural e tinha

b) Indica o processo de caracterização utilizado, justificando a tua resposta.

Físico → Porque está a descrever Nha Candinha de fora como ela era.

7. "O tempo longo, apagou o desenho das suas feições, mas de três coisas nunca me esqueci."

a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª oração → O tempo longo apagou o desenho das suas feições. coordenada sindética

2ª oração - mas de três coisas nunca me esqueci coordenada assindética explicativa

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

o tempo longo. ~~de tempo~~.
apagou os desenho dos suas feiçes - cd.
sujeito - subentendido
predicado apa o tempo longo apagou o desenho
dos suas feições

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

longo - adjectivo ~~qualificativo~~ masculino do singular
apagou - verbo apagar, pretérito ~~mais~~ imperfeito
masculino, singular. mas → ~~advérbio~~

8) Atenta nas seguintes frases:

1 "Nha Candinha tinha uma voz que era uma verdadeira música..."
2 "Dos olhos pretos sorridentes e dos mais meigos..."

a) Indica justificando a figura de estilo presente nas frases.

~~Nesta comparação está a comparar a voz~~
~~como verdadeira música.~~
2 ~~esta~~ personificação - está a referir
características aos seus olhos

(E)
metáfora - Porque diz como era a voz
1 mas não está a comparando.
Não tem a ~~coisa~~ que está a comparar.
locução

Bom trabalho!

TESTES SUMATIVOS DOS ALUNOS DA PD

T1

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante B

Nome [redacted] **Nº** [redacted] **Turma** [redacted]

Texto

Nha Candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode-se dizer, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto, com o tempo, apagou-se da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas não me esqueci. Dos olhos – pretos sorridente e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna… Além disso basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia a ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nha Candinha tinha uma voz, que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Era descansando numa cadeira de baloiço ou assomando à janela que eu encontrava Nha Candinha, à tarde, Quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de Nhã Maria Arcângela… com a mariolagem da minha rua.

Ela sorria-me e com a mão, acenava para que eu me chegasse. Um instante depois, afofava-me no ninho dos seus braços e segredava-me na sua voz de rola ao primeiro arroxear da alva:

- Vem aqui, homem. Dias há não te vi. Porquê? Já não me queres? Ah!... Já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? Também comigo é que estas. Já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito. Porque não vieste ontem? Estive à tua espera…tu não apareceste. Não sabes o que perdeste. Guardei-te uma coisa "sabe". Mas deixaste-me sem a tua visita… comia-a. Vês que não é bom ser ingrato?

Eu não dava resposta. Calava-me – o rosto entreaberto num sorriso – e inclinava a cabeça o seu ombro, a sentir-me tão bem como não saberia dizer. Nhã Candinha conservava-me preso e o seu murmúrio prosseguia:

- Não é verdade ouviste? Tu não és ainda feio, nem ingrato. Feio, ingrato, o meu Cristiano? E mentira. Mas diz: queres-me cheio? Sim? Diz outra vez que sim. Então vais ver aquela coisa "sabe".

Levantava-se e, à volta, trazia escondido na mão um pequeno frasco. Assentava-se, enlaçava-me pousava-me os dedos frescos sobre as pálpebras e dizia-me:

- Fecha os olhos e abra a boca.

Eu obedecia; daí a nadinha, um bombom, uma pastilha de hortelã-pimenta começava a desfazerse-me sobre a língua. Eu soltava uma gargalhada de prazer.

(Adaptado)

António Aurélio Gonçalves, Noite de vento

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens que dão vida a esta narrativa, qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

~~António Aurélio dos Santos~~. "Nha Candinha" e1 10

2. Como classificas o narrador quanto a sua presença. Justifica com um exemplo do texto.

"É participante "Não me lembro bem do resto,... mas de 3 coisas nunca me esqueci. 10

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha. (E)

"Lembrança" Porque no seu tempo lembrava de muitas coisas. 10

4. "Tu não és ainda feio, nem ingrato."

b) Porque dizia Nha Candina esta frase ao narrador? (E)

~~Ele~~ Ele sempre ~~[illegible]~~ ia visitar "nha candinha" nunca esquecia dela. 15

5. Refere os sentimentos expressos pelo narrador em relação à personagem.

Ficou-me também, a lembrança dos seus braços... 10

6. " Nha Candinha tinha uma voz, que era uma música..."

a) Faz o levantamento de palavras/expressões do primeiro parágrafo que caracterizam Nha Candinha. (E)

Nha candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode-se dizer, Aha 10

b) Indica o processo de caracterização utilizado, justificando a tua resposta.

característica física => era mulata, muito escura, cabelos quase crespos etc. 10

7. "O tempo longo, apagou o desenho das suas feições, mas de três coisas nunca me esqueci."

a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª oração - coordenada
2ª oração - coordenada (explicativa). e1 10

55

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

O tempo longo apagou o desenho dos meus/feições.
sujeito (predicado) c. direto

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

longo -
apagou - verbo "apagar", pretérito perfeito, 1ª pessoa do singular.

8) Atenta nas seguintes frases:
" Nha Candinha tinha uma voz que era uma verdadeira música..."
" Dos olhos pretos sorridentes e dos mais meigos..."

a) Indica justificando a figura de estilo presente nas frases.

É metáfora. dos olhos pretos sorridentes e dos mais meigos...

6-a) de cabelos muitos crespos, sempre escondidos, sempre usou lenço, Rutidade forte e baixa, etc.

Tos

Bom trabalho!

65

T4

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante B

Nome [redacted] **Nº** [redacted] **Turma** [redacted]

Texto

Nha Candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode-se dizer, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto, com o tempo, apagou-se da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas não me esqueci. Dos olhos – pretos sorridente e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna… Além disso basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia a ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nha Candinha tinha uma voz, que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Era descansando numa cadeira de baloiço ou assomando à janela que eu encontrava Nha Candinha, à tarde, Quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de Nhã Maria Arcângela… com a mariolagem da minha rua.

Ela sorria-me e com a mão, acenava para que eu me chegasse. Um instante depois, afofava-me no ninho dos seus braços e segredava-me na sua voz de rola ao primeiro arroxear da alva:

- Vem aqui, homem. Dias há não te vi. Porquê? Já não me queres? Ah!... Já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? Também comigo é que estas. Já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito. Porque não vieste ontem? Estive à tua espera…tu não apareceste. Não sabes o que perdeste. Guardei-te uma coisa "sabe". Mas deixaste-me sem a tua visita… comia-a. Vês que não é bom ser ingrato?

Eu não dava resposta. Calava-me – o rosto entreaberto num sorriso – e inclinava a cabeça o seu ombro, a sentir-me tão bem como não saberia dizer. Nhã Candinha conservava-me preso e o seu murmúrio prosseguia:

- Não é verdade ouviste? Tu não és ainda feio, nem ingrato. Feio, ingrato, o meu Cristiano? E mentira. Mas diz: queres-me cheio? Sim? Diz outra vez que sim. Então vais ver aquela coisa "sabe".

Levantava-se e, à volta, trazia escondido na mão um pequeno frasco. Assentava-se, enlaçava-me pousava-me os dedos frescos sobre as pálpebras e dizia-me:

- Fecha os olhos e abra a boca.

Eu obedecia; daí a nadinha, um bombom, uma pastilha de hortelã-pimenta começava a desfazerse-me sobre a língua. Eu soltava uma gargalhada de prazer.

(Adaptado)

António Aurélio Gonçalves, Noite de vento

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens que dão vida a esta narrativa, qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

Nhã Candinha porque ela que o texto fala.

2. Como classificas o narrador quanto a sua presença. Justifica com um exemplo do texto.

O narrador é participante porque ele diz: "Eu soltava uma gargalhada de prazer."

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

A minha escolha eu claro a seguinte: "As minhas memórias" porque o texto fala das memórias que o narrador tinha de Nhã Candinha.

4. "Tu não és ainda feio, nem ingrato."

b) Porque dizia Nha Candina esta frase ao narrador?

Porque ela sabia que ele não era feio nem ingrato e também porque o facto dele não ter ido uma vez não queria dizer que era ingrato.

5. Refere os sentimentos expressos pelo narrador em relação à personagem.

Ela era sorridente e simpática.

6. " Nha Candinha tinha uma voz, que era uma música..."

a) Faz o levantamento de palavras/expressões do primeiro parágrafo que caracterizam Nha Candinha.

Era uma mulata muito escura, preta, tinha cabelos crespos sempre arrumados, usava sempre um lenço.

b) Indica o processo de caracterização utilizado, justificando a tua resposta.

Ele fez uma caracterização física.

7. "O tempo longo, apagou o desenho das suas feições, mas de três coisas nunca me esqueci."

1ª oração 2ª oração

a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª Oração

2ª Oração

80

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

Sujeito - subentendido
Predicado - Predicado Verbal? 0

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

logo - ~
apagou - verbo apagar na 3ª pessoa do singular no pretérito perfeito. 10
mas

8) Atenta nas seguintes frases:
" Nha Candinha tinha uma voz que era uma verdadeira música..."
" Dos olhos pretos sorridentes e dos mais meigos..."

a) Indica justificando a figura de estilo presente nas frases.

0

90

Bom trabalho!

T7

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante B

Nome [redacted] **Nº** [redacted] **Turma** [redacted]

Texto

Nha Candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode-se dizer, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto, com o tempo, apagou-se da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas não me esqueci. Dos olhos – pretos sorridente e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna… Além disso basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia a ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nha Candinha tinha uma voz, que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Era descansando numa cadeira de baloiço ou assomando à janela que eu encontrava Nha Candinha, à tarde, Quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de Nhã Maria Arcângela… com a mariolagem da minha rua.

Ela sorria-me e com a mão, acenava para que eu me chegasse. Um instante depois, afofava-me no ninho dos seus braços e segredava-me na sua voz de rola ao primeiro arroxear da alva:

- Vem aqui, homem. Dias há não te vi. Porquê? Já não me queres? Ah!... Já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? Também comigo é que estas. Já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito. Porque não vieste ontem? Estive à tua espera…tu não apareceste. Não sabes o que perdeste. Guardei-te uma coisa "sabe". Mas deixaste-me sem a tua visita… comia-a. Vês que não é bom ser ingrato?

Eu não dava resposta. Calava-me – o rosto entreaberto num sorriso – e inclinava a cabeça o seu ombro, a sentir-me tão bem como não saberia dizer. Nhã Candinha conservava-me preso e o seu murmúrio prosseguia:

- Não é verdade ouviste? Tu não és ainda feio, nem ingrato. Feio, ingrato, o meu Cristiano? E mentira. Mas diz: queres-me cheio? Sim? Diz outra vez que sim. Então vais ver aquela coisa "sabe".

Levantava-se e, à volta, trazia escondido na mão um pequeno frasco. Assentava-se, enlaçava-me pousava-me os dedos frescos sobre as pálpebras e dizia-me:

- Fecha os olhos e abra a boca.

Eu obedecia; daí a nadinha, um bombom, uma pastilha de hortelã-pimenta começava a desfazerse-me sobre a língua. Eu soltava uma gargalhada de prazer.

(Adaptado)

António Aurélio Gonçalves, Noite de vento

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens que dão vida a esta narrativa, qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

É a Nhá Candinha.

2. Como classificas o narrador quanto a sua presença. Justifica com um exemplo do texto.

Com o tempo, apagou-se da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas que não esqueci.

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

A voz de Nha Candinha. - porque ela tinha uma voz para encher o tom.

4. "Tu não és ainda feio, nem ingrato."

b) Porque dizia Nha Candina esta frase ao narrador?

Porque Nha Candinha estava a espelhar-se e ele não apareceu.

5. Refere os sentimentos expressos pelo narrador em relação à personagem.

Ele não dava resposta. Colava-me o rosto enfiado num sorriso - e Nhá Candinha a admirar-se do seu amigo já sentia-se tão bem como não sabia dizer.

6. " Nha Candinha tinha uma voz, que era uma música..."

a) Faz o levantamento de palavras/expressões do primeiro parágrafo que caracterizam Nha Candinha.

Era uma mulata muito escura, cabelos nos muito crespos, sempre escondidos, tinha estatura regular etc.

b) Indica o processo de caracterização utilizado, justificando a tua resposta.

7. " O tempo longo, apagou o desenho das suas feições, mas de três coisas nunca me esqueci."

a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª oração - o tempo longo apagou o desenho das suas feições - coordenada.
2ª oração - mas de três coisas nunca me esqueci - coordenada copulativa ou aditiva.

T7

45

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

1ª oração - o tempo logo, apagou o desenho dos seus feições.

0

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

15

tempo - adjetivo qualificativo feminino;

apagou - verbo apagar 3ª pessoa do singular

mãos - coordenadas - pronomes pessoais

8) Atenta nas seguintes frases:

" Nha Candinha tinha uma voz que era uma verdadeira música..."

" Dos olhos pretos sorridentes e dos mais meigos..."

a) Indica justificando a figura de estilo presente nas frases.

comparação - consiste uma atribuição de vozes.

Enumeração -

0

60

Bom trabalho!

"assuada"

T15

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante A

Nome _____ **Nº** _____ **Turma** _____

Texto

Uma noite José da Cruz foi para a cama animado. Cheirara-lhe que o tempo ia mudar de um momento para o outro. Dormiu profundamente. De manhã cedo acordou agitado, sentou-se no esteirado. A transição do sono para a vigília foi tão brusca, que ele teve a impressão de que escorria água. Deixou a Zepa e os meninos embrulhados nas mantas, saiu cá para fora. Viu névoas no horizonte, por cima da linha do mar, e uns farrapos de nuvens agarrados ao Topo de Coroa, mas o céu apresentava-se, como nos outros dias, limpo. (…)

Meteu-se no caminho e foi andando e botando fumaças até se aproximar da casa do seu compadre João Felícia, no Lombinho. Havia dias que não dera fala ao compadre. Tinha hoje que contar: por isso foi lá.

João Felícia, de pé, no meio do terreiro, olhava para o céu, de braços cruzados sobre a camisa aberta até ao umbigo.

- Bom dia, compadre.

Voltou-se num movimento de quem não esperava visita tão cedo. Era um homenzarrão, espigado, de ar decidido. Tinha também um grande bigode, mas ao contrário do de José da Cruz, que era manso e caído como chorão, o seu era raivoso e puxado dos lados.

- Eh compadre, bom dia. Que cedura é está? Pensava mesmo em ocê nesta agorinha assim. Tava a olhar aqueles farrapinhos de névoa na linha do mar e a perguntar para mim: que é que comadre Isé diz daquilo?

- Pois eu vi também. Mas aquelas névoas não me dizem nada enquanto o vento não rondar pr´aquelas bandas. Não vejo sinal do vento rodar. Mas o que digo ocê é que sinto o ar molhado a roçar-me a pele. Venha de onde vier, o tempo tá a tomar caminho. Agora vou contar ocê uma coisa. Não sou muito acreditado em histórias de sonhos, mas o sonho que tive esta madrugadinha caiu-me dentro do coração. Eu mesmo esperava uma coisa dessas. Eu tava entre-sono, mas era a mesma coisa como eu estar neste momento com os olhos abertos a ver deveras. Um anjo a descer do céu para a terra, montado numa nuvem, uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco, ou que virou um cavalo já não sei, um cavalão muito grande e manso. O anjo trazia um balde d´água nas mãos, e quando chegou assim nesta endireitura, virou o balde de boca para baixo, e a água que saía do balde parecia não acabar nunca. O compadre, só visto, um nunca acabar d´água por cima destes campos. Acordei assim no meio de tanta fartura d´água, assarapantado, exactamente como se me estivesse a afogar, e larguei a tarimba com o sentido cheio daquela esmola vinda das mãos de Deus.

Manuel Lopes,
Os Flagelados do Vento Leste
(com supressões)

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens dão vida a esta narrativa qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

José da cruz - porque a história do texto fala sobre ele. E

2. Como classificas o narrador quanto à sua presença? Justifica com um exemplo do texto.

O narrador é participante → Pois ele vai também. E

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

O sonho → porque no texto fala sobre um sonho que José da Cruz teve. E

4. "Uma noite José da cruz foi para a cama animado."
O que é que determinou esse estado de espírito de José da Cruz?

Porque sonhara-lhe que o tempo ia mudar de um momento para outro.

5. "José da Cruz teve um sonho durante a noite."
Como interpreta ele esse sonho? Porquê?

Como se fora uma ordem vinda de deus. E

6. " Meteu-se no caminho (…) até aproximar da casa do seu compadre João Felícia (…)
a) Faz o levantamento de palavras/expressões que caracterizam João Felícia.

Era um homem gordo, espigado, de boa decidido, tinha um grande bigode, era saidoso.

b) Indica o processo de caracterização utilizado justificando a tua resposta.

Caracterização direta - porque no texto diz como ele é. E

7. "José da Cruz, um homem do campo, foi para a cama e teve um sonho."
a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª oração - José da Cruz um homem do campo, oração coordenada.

2ª oração - foi para cama e teve um sonho, oração coordenada

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

1ª oração - José da Cruz, um homem do campo ⇒ oração coordenada

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

José → nome próprio

foi → verbo ir, 3ª pessoa do singular.

e → conjunção coordenativa.

8. Atenta nas seguintes frases:

"... uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco..."

"Viu névoas no horizonte, correndo por cima da linha do mar..."

a) Indica, justificando a figura de estilo presente nas frases.

~~uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco → comparação porque está a comparar~~ ~~atribuir uma característica de animal.~~

~~viu névoas no horizonte, correndo por cima da linha do mar → personificação → porque está a atribuir uma característica de pessoa.~~

? na primeira frase a figura de estilo é parecia porque serve para comparar.

na segunda frase é correndo porque está a atribuir uma característica de pessoa.

Bom trabalho!

T16

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante B

Nome [redacted] **Nº** [redacted] **Turma** [redacted]

Texto

Nha Candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode-se dizer, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto, com o tempo, apagou-se da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas não me esqueci. Dos olhos – pretos sorridente e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna… Além disso basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia a ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nha Candinha tinha uma voz, que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Era descansando numa cadeira de baloiço ou assomando à janela que eu encontrava Nha Candinha, à tarde, Quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de Nhã Maria Arcângela… com a mariolagem da minha rua.

Ela sorria-me e com a mão, acenava para que eu me chegasse. Um instante depois, afofava-me no ninho dos seus braços e segredava-me na sua voz de rola ao primeiro arroxear da alva:

- Vem aqui, homem. Dias há não te vi. Porquê? Já não me queres? Ah!... Já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? Também comigo é que estas. Já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito. Porque não vieste ontem? Estive à tua espera…tu não apareceste. Não sabes o que perdeste. Guardei-te uma coisa "sabe". Mas deixaste-me sem a tua visita… comia-a. Vês que não é bom ser ingrato?

Eu não dava resposta. Calava-me – o rosto entreaberto num sorriso – e inclinava a cabeça o seu ombro, a sentir-me tão bem como não saberia dizer. Nhã Candinha conservava-me preso e o seu murmúrio prosseguia:

- Não é verdade ouviste? Tu não és ainda feio, nem ingrato. Feio, ingrato, o meu Cristiano? E mentira. Mas diz: queres-me cheio? Sim? Diz outra vez que sim. Então vais ver aquela coisa "sabe".

Levantava-se e, à volta, trazia escondido na mão um pequeno frasco. Assentava-se, enlaçava-me pousava-me os dedos frescos sobre as pálpebras e dizia-me:

- Fecha os olhos e abra a boca.

Eu obedecia; daí a nadinha, um bombom, uma pastilha de hortelã-pimenta começava a desfazerse-me sobre a língua. Eu soltava uma gargalhada de prazer.

(Adaptado)

António Aurélio Gonçalves, Noite de vento

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens que dão vida a esta narrativa, qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

O narrador porque ele é que é o personagem principal.

2. Como classificas o narrador quanto a sua presença. Justifica com um exemplo do texto.

O narrador é participante. "Além disso, basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz".

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

Nha Candinha porque o narrador fala da Nha Candinha.

4. "Tu não és ainda feio, nem ingrato."

b) Porque dizia Nha Candina esta frase ao narrador?

porque nha candinha tinha dito que ele era feio e engrato, e disse aquilo para o alegrar.

5. Refere os sentimentos expressos pelo narrador em relação à personagem.

"Além disso basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz".

6. " Nha Candinha tinha uma voz, que era uma música..."

a) Faz o levantamento de palavras/expressões do primeiro parágrafo que caracterizam Nha Candinha.

ela era mulata, quase preta, cabelos não muito crespos, estatura regular, era nutrida e forte, porém baixa.

b) Indica o processo de caracterização utilizado, justificando a tua resposta.

caracterização física - porque está a caracterizar fisicamente Nha Candinha.

7. "O tempo longo, apagou o desenho das suas feições, mas de três coisas nunca me esqueci."

a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª oração - O tempo longo, apagou o desenho das suas feições - coordenada

2ª oração - mas de três coisas nunca me esqueci - coordenada (copulativo)

40

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

10

O tempo longo, apagou o desenho das suas feições

Complemento circunstancial de tempo — P. verbal — C. directo

15

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

~~longo - adjectivo ... apagou - verbo apagar ... 3ª pessoa ... singular ... P. perfeito~~

8) Atenta nas seguintes frases:

" Nha Candinha tinha uma voz que era uma verdadeira música..."

" Dos olhos pretos sorridentes e dos mais meigos..."

a) Indica justificando a figura de estilo presente nas frases.

0

A

c) longo - adjectivo qualificativo uniforme masculino do singular, no grau ~~superlativo absoluto sintectico~~.

apagou - verbo apagar na 3ª pessoa ~~do~~ singular no P. perfeito

Bom trabalho!

mas - coordenada ~~copulativa~~.

112

65

T18

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante B

Nome [redacted] **Nº** [redacted] **Turma** [redacted]

Texto

Nha Candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode-se dizer, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto, com o tempo, apagou-se da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas não me esqueci. Dos olhos – pretos sorridente e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna… Além disso basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia a ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nha Candinha tinha uma voz, que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Era descansando numa cadeira de baloiço ou assomando à janela que eu encontrava Nha Candinha, à tarde, Quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de Nhã Maria Arcângela… com a mariolagem da minha rua.

Ela sorria-me e com a mão, acenava para que eu me chegasse. Um instante depois, afofava-me no ninho dos seus braços e segredava-me na sua voz de rola ao primeiro arroxear da alva:

- Vem aqui, homem. Dias há não te vi. Porquê? Já não me queres? Ah!... Já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? Também comigo é que estas. Já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito. Porque não vieste ontem? Estive à tua espera…tu não apareceste. Não sabes o que perdeste. Guardei-te uma coisa "sabe". Mas deixaste-me sem a tua visita… comia-a. Vês que não é bom ser ingrato?

Eu não dava resposta. Calava-me – o rosto entreaberto num sorriso – e inclinava a cabeça o seu ombro, a sentir-me tão bem como não saberia dizer. Nhã Candinha conservava-me preso e o seu murmúrio prosseguia:

- Não é verdade ouviste? Tu não és ainda feio, nem ingrato. Feio, ingrato, o meu Cristiano? E mentira. Mas diz: queres-me cheio? Sim? Diz outra vez que sim. Então vais ver aquela coisa "sabe".

Levantava-se e, à volta, trazia escondido na mão um pequeno frasco. Assentava-se, enlaçava-me pousava-me os dedos frescos sobre as pálpebras e dizia-me:

- Fecha os olhos e abra a boca.

Eu obedecia; daí a nadinha, um bombom, uma pastilha de hortelã-pimenta começava a desfazerse-me sobre a língua. Eu soltava uma gargalhada de prazer.

(Adaptado)

António Aurélio Gonçalves, Noite de vento

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens que dão vida a esta narrativa, qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

A protagonista é a Nha Candinha. Porque o texto conta a sua história

2. Como classificas o narrador quanto a sua presença. Justifica com um exemplo do texto.

Sim o narrador é participante.
Ficou-me indelével a lembrança dos seus beiços

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

"Nha Candinha, a uma mulata gaiosa preta"
Eu dei esse título ao texto porque o texto fala dela.

4. "Tu não és ainda feito, nem ingrato."

b) Porque dizia Nha Candina esta frase ao narrador?

Nha Candinha disse isso ao narrador porque estava a conversar-lo puro e o seu miúdo pensava.

5. Refere os sentimentos expressos pelo narrador em relação à personagem.

O narrador em relação à personagem expressa sentimentos de carinho.

6. " Nha Candinha tinha uma voz, que era uma música..."

a) Faz o levantamento de palavras/expressões do primeiro parágrafo que caracterizam Nha Candinha.

Nha Candinha era uma mulata muito escura, gaiosa preta, olhos não muitos abertos, estatura regular, bem feita mas muito e forte.

b) Indica o processo de caracterização utilizado, justificando a tua resposta.

O processo de caracterização é direto. Porque a caracterização está no texto.

7. " O tempo longo, apagou o desenho das suas feições, mas de três coisas nunca me esqueci."

a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1-oração - O tempo longo
2-oração - apagou o desenho das suas feições,
3-oração - mas de três coisas nunca me esqueci.

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

o tempo longo

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

longo - C. adjuntivo nos - C. adjetivos

gogan - verbo gogar no 3º pess. do singular no p. imperfeito

8) Atenta nas seguintes frases:

" Nha Candinha tinha uma voz que era uma verdadeira música..."

" Dos olhos pretos sorridentes e dos mais meigos..."

a) Indica justificando a figura de estilo presente nas frases.

1º pess - [illegible] - está a atribuir relação humanos a animais, coisas, seres.

2º pess - comparação - está a atribuir uma relação de semelhança.

T14

Bom trabalho!

Elton do Rosário

T32

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante B

Nome [redacted] **Nº** [redacted] **Turma** [redacted]

Texto

Nha Candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode-se dizer, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto, com o tempo, apagou-se da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas não me esqueci. Dos olhos – pretos sorridente e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna… Além disso basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia a ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nha Candinha tinha uma voz, que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Era descansando numa cadeira de baloiço ou assomando à janela que eu encontrava Nha Candinha, à tarde, Quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de Nhã Maria Arcângela… com a mariolagem da minha rua.

Ela sorria-me e com a mão, acenava para que eu me chegasse. Um instante depois, afofava-me no ninho dos seus braços e segredava-me na sua voz de rola ao primeiro arroxear da alva:

- Vem aqui, homem. Dias há não te vi. Porquê? Já não me queres? Ah!... Já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? Também comigo é que estas. Já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito. Porque não vieste ontem? Estive à tua espera…tu não apareceste. Não sabes o que perdeste. Guardei-te uma coisa "sabe". Mas deixaste-me sem a tua visita… comia-a. Vês que não é bom ser ingrato?

Eu não dava resposta. Calava-me – o rosto entreaberto num sorriso – e inclinava a cabeça o seu ombro, a sentir-me tão bem como não saberia dizer. Nhã Candinha conservava-me preso e o seu murmúrio prosseguia:

- Não é verdade ouviste? Tu não és ainda feio, nem ingrato. Feio, ingrato, o meu Cristiano? E mentira. Mas diz: queres-me cheio? Sim? Diz outra vez que sim. Então vais ver aquela coisa "sabe".

Levantava-se e, à volta, trazia escondido na mão um pequeno frasco. Assentava-se, enlaçava-me pousava-me os dedos frescos sobre as pálpebras e dizia-me:

- Fecha os olhos e abra a boca.

Eu obedecia; daí a nadinha, um bombom, uma pastilha de hortelã-pimenta começava a desfazerse-me sobre a língua. Eu soltava uma gargalhada de prazer.

(Adaptado)

António Aurélio Gonçalves, Noite de vento

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens que dão vida a esta narrativa, qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

Nha Candinha - porque o texto contanos a sua história e também só sobre ela q vos é falado. 20

2. Como classificas o narrador quanto à sua presença. Justifica com um exemplo do texto.

É participante - "Ela sorria-me e com a mão, acena va para que eu me chegasse." 10

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

A minha infância - porque o narrador está a contar o que lhe aconteceu na sua infância 10

4. "Tu não és ainda feio, nem ingrato."

b) Porque dizia Nha Candina esta frase ao narrador?

porque tinha dias q ela ũ via o Cristiano e quando ela lhe via lhe dizia: "viste como n é bom ser ingrato"... e depois lhe dizia a frase. 15

5. Refere os sentimentos expressos pelo narrador em relação à personagem.

"Dos olhos pretos e sorridentes e dos mais meiguices, dos seus braços q ela ũ causava de rolar, a sua pele fina e morna, da sua voz e das carícias..." 15

6. "Nha Candinha tinha uma voz, que era uma música..."

a) Faz o levantamento de palavras/expressões do primeiro parágrafo que caracterizam Nha Candinha.

"Mulata muito escura, quase preta, cabelos crespos sempre escondidos, usou sempre lenço, tinha estatura regular era nutrida e forte por isso parecia baixa. 10

b) Indica o processo de caracterização utilizado, justificando a tua resposta.

Caracterização física - porque eu disse as características q ao olhar-mos há uma pessoa conseguimos observar. 8

7. "O tempo longo apagou o desenho das suas feições, mas de três coisas nunca me esqueci."

a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª oração - oração coordenada sindética

2ª - oração - oração coordenada sindética 10

60

T30

60

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

1ª oração - sujeito, oração coordenada sindética, pretérito imperfeito do indicativo.

0

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

longo - adjectivo qualificativo masculino do singular.

apagou - verbo apagar 3ª pessoa do singular no pretérito imperfeito do indicativo.

mas - advérbio de frequência.

15

8) Atenta nas seguintes frases:

" Nha Candinha tinha uma voz que era uma verdadeira música..."

" Dos olhos pretos sorridentes e dos mais meigos..."

a) Indica justificando a figura de estilo presente nas frases.

1ª - personificação - porque está a descrever uma caracterização de uma pessoa.

2ª - animismo - está a atribuir vida a seres inanimados neste caso (os seus olhos).

0

75

Bom trabalho!

T8

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante A

Nome _____ Nº ___ Turma ___

Texto

Uma noite José da Cruz foi para a cama animado. Cheirara-lhe que o tempo ia mudar de um momento para o outro. Dormiu profundamente. De manhã cedo acordou agitado, sentou-se no esteirado. A transição do sono para a vigília foi tão brusca, que ele teve a impressão de que escorria água. Deixou a Zepa e os meninos embrulhados nas mantas, saiu cá para fora. Viu névoas no horizonte, por cima da linha do mar, e uns farrapos de nuvens agarrados ao Topo de Coroa, mas o céu apresentava-se, como nos outros dias, limpo. (…)

Meteu-se no caminho e foi andando e botando fumaças até se aproximar da casa do seu compadre João Felícia, no Lombinho. Havia dias que não dera fala ao compadre. Tinha hoje que contar: por isso foi lá.

João Felícia, de pé, no meio do terreiro, olhava para o céu, de braços cruzados sobre a camisa aberta até ao umbigo.

- Bom dia, compadre.

Voltou-se num movimento de quem não esperava visita tão cedo. Era um homenzarrão, espigado, de ar decidido. Tinha também um grande bigode, mas ao contrário do de José da Cruz, que era manso e caído como chorão, o seu era raivoso e puxado dos lados.

- Eh compadre, bom dia. Que cedura é está? Pensava mesmo em ocê nesta agorinha assim. Tava a olhar aqueles farrapinhos de névoa na linha do mar e a perguntar para mim: que é que comadre Isé diz daquilo?

- Pois eu vi também. Mas aquelas névoas não me dizem nada enquanto o vento não rondar pr´aquelas bandas. Não vejo sinal do vento rodar. Mas o que digo ocê é que sinto o ar molhado a roçar-me a pele. Venha de onde vier, o tempo tá a tomar caminho. Agora vou contar ocê uma coisa. Não sou muito acreditado em histórias de sonhos, mas o sonho que tive esta madrugadinha caiu-me dentro do coração. Eu mesmo esperava uma coisa dessas. Eu tava entre-sono, mas era a mesma coisa como eu estar neste momento com os olhos abertos a ver deveras. Um anjo a descer do céu para a terra, montado numa nuvem, uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco, ou que virou um cavalo já não sei, um cavalão muito grande e manso. O anjo trazia um balde d´água nas mãos, e quando chegou assim nesta endireitura, virou o balde de boca para baixo, e a água que saía do balde parecia não acabar nunca. O compadre, só visto, um nunca acabar d´água por cima destes campos. Acordei assim no meio de tanta fartura d´água, assarapantado, exactamente como se me estivesse a afogar, e larguei a tarimba com o sentido cheio daquela esmola vinda das mãos de Deus.

Manuel Lopes,
Os Flagelados do Vento Leste
(com supressões)

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens dão vida a esta narrativa qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

É o ~~compadre, porque~~ José da Cruz, porque ele é a personagem principal do texto. (E) 10

2. Como classificas o narrador quanto à sua presença? Justifica com um exemplo do texto.

O Narrador é não participante. "Uma noite José da Cruz foi para a cama animado." 10

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

"O sonho do homem do campo". 5

4. "Uma noite José da cruz foi para a cama animado."
O que é que determinou esse estado de espírito de José da Cruz?

Pensa-se o tempo ia mudar e que (E) no dia seguinte ia chover. 10

5. "José da Cruz teve um sonho durante a noite."
Como interpreta ele esse sonho? Porquê?

Interpretou como um aviso que o tempo ia mudar, porque tinha sonhado com um anjo. 5

6. "Meteu-se no caminho (…) até aproximar da casa do seu compadre João Felícia (…)

a) Faz o levantamento de palavras/expressões que caracterizam João Felícia.

Era um homem ~~cansado~~, espigado, decidido, tinha um grande bigode. 10

b) Indica o processo de caracterização utilizado justificando a tua resposta.

(F) Físico, porque estou a descrever uma pessoa fisicamente. 0

7. "José da Cruz, um homem do campo, foi para a cama e teve um sonho."

a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

predicado "~~José da Cruz, um homem do campo foi para a cama~~ e teve um sonho; ~~Predicado~~
~~José da Cruz - predicado sujeito~~ um homem do campo ~~foi para a cama~~ 0

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

~~Uma~~ José da cruz um homem do campo. José da cruz -- ~~nome~~ próprio
um homem do campo -- c.c. lugar

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

José - substantivo próprio masculino.
foi - do verbo "ser" da 2ª pessoa do singular.
e - ~~antiga preposição~~ do ~~singular~~.

8. Atenta nas seguintes frases:

"... uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco..."
"Viu névoas no horizonte, correndo por cima da linha do mar..."

a) Indica, justificando a figura de estilo presente nas frases.

uma nuvem, um cavalo branco.
no horizonte, linha do mar.

Bom trabalho!

T9

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante A

Nome _____ Nº _ _ Turma

Texto

Uma noite José da Cruz foi para a cama animado. Cheirara-lhe que o tempo ia mudar de um momento para o outro. Dormiu profundamente. De manhã cedo acordou agitado, sentou-se no esteirado. A transição do sono para a vigília foi tão brusca, que ele teve a impressão de que escorria água. Deixou a Zepa e os meninos embrulhados nas mantas, saiu cá para fora. Viu névoas no horizonte, por cima da linha do mar, e uns farrapos de nuvens agarrados ao Topo de Coroa, mas o céu apresentava-se, como nos outros dias, limpo. (…)

Meteu-se no caminho e foi andando e botando fumaças até se aproximar da casa do seu compadre João Felícia, no Lombinho. Havia dias que não dera fala ao compadre. Tinha hoje que contar: por isso foi lá.

João Felícia, de pé, no meio do terreiro, olhava para o céu, de braços cruzados sobre a camisa aberta até ao umbigo.

- Bom dia, compadre.

Voltou-se num movimento de quem não esperava visita tão cedo. Era um homenzarrão, espigado, de ar decidido. Tinha também um grande bigode, mas ao contrário do de José da Cruz, que era manso e caído como chorão, o seu era raivoso e puxado dos lados.

- Eh compadre, bom dia. Que cedura é está? Pensava mesmo em ocê nesta agorinha assim. Tava a olhar aqueles farrapinhos de névoa na linha do mar e a perguntar para mim: que é que comadre Isé diz daquilo?

- Pois eu vi também. Mas aquelas névoas não me dizem nada enquanto o vento não rondar pr´aquelas bandas. Não vejo sinal do vento rodar. Mas o que digo ocê é que sinto o ar molhado a roçar-me a pele. Venha de onde vier, o tempo tá a tomar caminho. Agora vou contar ocê uma coisa. Não sou muito acreditado em histórias de sonhos, mas o sonho que tive esta madrugadinha caiu-me dentro do coração. Eu mesmo esperava uma coisa dessas. Eu tava entre-sono, mas era a mesma coisa como eu estar neste momento com os olhos abertos a ver deveras. Um anjo a descer do céu para a terra, montado numa nuvem, uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco, ou que virou um cavalo já não sei, um cavalão muito grande e manso. O anjo trazia um balde d´água nas mãos, e quando chegou assim nesta endireitura, virou o balde de boca para baixo, e a água que saía do balde parecia não acabar nunca. O compadre, só visto, um nunca acabar d´água por cima destes campos. Acordei assim no meio de tanta fartura d´água, assarapantado, exactamente como se me estivesse a afogar, e larguei a tarimba com o sentido cheio daquela esmola vinda das mãos de Deus.

Manuel Lopes,
Os Flagelados do Vento Leste
(com supressões)

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens dão vida a esta narrativa qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

As personagens que são protagonistas.
Porque as personagens também fazer parte da narrativa.

2. Como classificas o narrador quanto à sua presença? Justifica com um exemplo do texto.

É participante.
Uma noite José a Cruz foi para a cama animado.

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

O sonho de José da Cruz.
Porque o José da Cruz teve um sonho.

4. "Uma noite José da cruz foi para a cama animado."
O que é que determinou esse estado de espírito de José da Cruz?

Determinou que o tempo ia mudar de um momento para o outro.

5. "José da Cruz teve um sonho durante a noite."
Como interpreta ele esse sonho? Porquê?

6. De pé no meio do terreiro, olhava para o céu, braços cruzados sobre o camisa aberta até ao umbigo.

6. "Meteu-se no caminho (…) até aproximar da casa do seu compadre João Felícia (…)
a) Faz o levantamento de palavras/expressões que caracterizam João Felícia.

5. Ele sonhava que havia escolhia de água.
Porque no sonho para a Virgílio foi tão bruxo.

b) Indica o processo de caracterização utilizado justificando a tua resposta.

Física. Porque está a caracterizar como João Felícia estava naquele momento.

7. "José da Cruz, um homem do campo, foi para a cama e teve um sonho."
a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1- José da Cruz um homem do campo | Foi para a cama | e teve um sonho
Coordenada — Coordenada copulativa

1- Oração José da Cruz um homem do campo - coordenada | Foi para a cama e teve um sonho
Coordenada copulativa

20

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração. 10

1ª Oração - José [illegible] um homem [illegible] c. direto
Sujeito Predicado i. verbal

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas. 10

José - Nome próprio
Seu - objetivo uniforme da 3ª pessoa [illegible] singular.
o - [illegible] determinante artigo.

8. Atenta nas seguintes frases:
"... uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco..."
" Viu névoas no horizonte, correndo por cima da linha do mar..."

a) Indica, justificando a figura de estilo presente nas frases. 10

40

102

Bom trabalho!

T10

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante A

Nome _____ Nº ___ Turma ___

Texto

Uma noite José da Cruz foi para a cama animado. Cheirara-lhe que o tempo ia mudar de um momento para o outro. Dormiu profundamente. De manhã cedo acordou agitado, sentou-se no esteirado. A transição do sono para a vigília foi tão brusca, que ele teve a impressão de que escorria água. Deixou a Zepa e os meninos embrulhados nas mantas, saiu cá para fora. Viu névoas no horizonte, por cima da linha do mar, e uns farrapos de nuvens agarrados ao Topo de Coroa, mas o céu apresentava-se, como nos outros dias, limpo. (…)

Meteu-se no caminho e foi andando e botando fumaças até se aproximar da casa do seu compadre João Felícia, no Lombinho. Havia dias que não dera fala ao compadre. Tinha hoje que contar: por isso foi lá.

João Felícia, de pé, no meio do terreiro, olhava para o céu, de braços cruzados sobre a camisa aberta até ao umbigo.

- Bom dia, compadre.

Voltou-se num movimento de quem não esperava visita tão cedo. Era um homenzarrão, espigado, de ar decidido. Tinha também um grande bigode, mas ao contrário do de José da Cruz, que era manso e caído como chorão, o seu era raivoso e puxado dos lados.

- Eh compadre, bom dia. Que cedura é está? Pensava mesmo em ocê nesta agorinha assim. Tava a olhar aqueles farrapinhos de névoa na linha do mar e a perguntar para mim: que é que comadre Isé diz daquilo?

- Pois eu vi também. Mas aquelas névoas não me dizem nada enquanto o vento não rondar pr´aquelas bandas. Não vejo sinal do vento rodar. Mas o que digo ocê é que sinto o ar molhado a roçar-me a pele. Venha de onde vier, o tempo tá a tomar caminho. Agora vou contar ocê uma coisa. Não sou muito acreditado em histórias de sonhos, mas o sonho que tive esta madrugadinha caiu-me dentro do coração. Eu mesmo esperava uma coisa dessas. Eu tava entre-sono, mas era a mesma coisa como eu estar neste momento com os olhos abertos a ver deveras. Um anjo a descer do céu para a terra, montado numa nuvem, uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco, ou que virou um cavalo já não sei, um cavalão muito grande e manso. O anjo trazia um balde d´água nas mãos, e quando chegou assim nesta endireitura, virou o balde de boca para baixo, e a água que saía do balde parecia não acabar nunca. O compadre, só visto, um nunca acabar d´água por cima destes campos. Acordei assim no meio de tanta fartura d´água, assarapantado, exactamente como se me estivesse a afogar, e larguei a tarimba com o sentido cheio daquela esmola vinda das mãos de Deus.

Manuel Lopes,
Os Flagelados do Vento Leste
(com supressões)

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens dão vida a esta narrativa qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

   Jose da Cruz, porque o Texto fala sobre ele

   (E)

2. Como classificas o narrador quanto à sua presença? Justifica com um exemplo do texto.

   Não é participante, "Uma noite Jose da Cruz foi para cama animado"

   (E)

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

   Uma manha de chuva, porque o Texto se trata de chuva

   (E)

4. "Uma noite José da cruz foi para a cama animado."
   O que é que determinou esse estado de espírito de José da Cruz?

   (1) O que determinou o Jose da Cruz esse estado espírito foi que chovia-lhe que o tempo ia mudar de um momento para outro

5. "José da Cruz teve um sonho durante a noite."
   Como interpreta ele esse sonho? Porquê?

   ~~Ele interpreta que [illegible] porque [illegible]~~
   O sonho caiu-lhe dentro do coração, porque ele mesmo esperava uma coisa dessa

6. " Meteu-se no caminho (…) até aproximar da casa do seu compadre João Felícia (…)
   a) Faz o levantamento de palavras/expressões que caracterizam João Felícia.

   ~~[illegible]~~ Homem crânio, espigado de ar decidido

   b) Indica o processo de caracterização utilizado justificando a tua resposta.

   Caracterização psicologica

7. "José da Cruz, um homem do campo, foi para a cama e teve um sonho."
   a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

1ª oração – José da Cruz ~~foi como era~~ um homem de campo → Coordenada

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

José – substantivo proprio

foi – forma do verbo ir 3ª pessoa do singular

e – ~~conjunção~~ copulativa ou aditiva

8. Atenta nas seguintes frases:

"... uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco..."

"Viu névoas no horizonte, correndo por cima da linha do mar..."

a) Indica, justificando a figura de estilo presente nas frases.

comparação – ~~ele a atribuir caracteristicas de animais~~

↳ está a comparar uma nuvem com um cavalo branco

– está a atribuir ~~caracteristicas~~ humanas (correr) às ~~nuvens~~ características

103

0

Bom trabalho!

T11

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante A

Nome _____ **Nº** ___ **Turma** ___

Texto

Uma noite José da Cruz foi para a cama animado. Cheirara-lhe que o tempo ia mudar de um momento para o outro. Dormiu profundamente. De manhã cedo acordou agitado, sentou-se no esteirado. A transição do sono para a vigília foi tão brusca, que ele teve a impressão de que escorria água. Deixou a Zepa e os meninos embrulhados nas mantas, saiu cá para fora. Viu névoas no horizonte, por cima da linha do mar, e uns farrapos de nuvens agarrados ao Topo de Coroa, mas o céu apresentava-se, como nos outros dias, limpo. (…)

Meteu-se no caminho e foi andando e botando fumaças até se aproximar da casa do seu compadre João Felícia, no Lombinho. Havia dias que não dera fala ao compadre. Tinha hoje que contar: por isso foi lá.

João Felícia, de pé, no meio do terreiro, olhava para o céu, de braços cruzados sobre a camisa aberta até ao umbigo.

- Bom dia, compadre.

Voltou-se num movimento de quem não esperava visita tão cedo. Era um homenzarrão, espigado, de ar decidido. Tinha também um grande bigode, mas ao contrário do de José da Cruz, que era manso e caído como chorão, o seu era raivoso e puxado dos lados.

- Eh compadre, bom dia. Que cedura é está? Pensava mesmo em ocê nesta agorinha assim. Tava a olhar aqueles farrapinhos de névoa na linha do mar e a perguntar para mim: que é que comadre Isé diz daquilo?

- Pois eu vi também. Mas aquelas névoas não me dizem nada enquanto o vento não rondar pr´aquelas bandas. Não vejo sinal do vento rodar. Mas o que digo ocê é que sinto o ar molhado a roçar-me a pele. Venha de onde vier, o tempo tá a tomar caminho. Agora vou contar ocê uma coisa. Não sou muito acreditado em histórias de sonhos, mas o sonho que tive esta madrugadinha caiu-me dentro do coração. Eu mesmo esperava uma coisa dessas. Eu tava entre-sono, mas era a mesma coisa como eu estar neste momento com os olhos abertos a ver deveras. Um anjo a descer do céu para a terra, montado numa nuvem, uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco, ou que virou um cavalo já não sei, um cavalão muito grande e manso. O anjo trazia um balde d´água nas mãos, e quando chegou assim nesta endireitura, virou o balde de boca para baixo, e a água que saía do balde parecia não acabar nunca. O compadre, só visto, um nunca acabar d´água por cima destes campos. Acordei assim no meio de tanta fartura d´água, assarapantado, exactamente como se me estivesse a afogar, e larguei a tarimba com o sentido cheio daquela esmola vinda das mãos de Deus.

Manuel Lopes,
Os Flagelados do Vento Leste
(com supressões)

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens dão vida a esta narrativa qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

   (E) (E) (E)
   O José da Cruz pq este ao contar uma história
   ele. Ex: Uma noite José da Cruz
   foi para a cama animado.

2. Como classificas o narrador quanto à sua presença? Justifica com um exemplo do texto.

   (E)
   É participante. - chama-lhe que o tempo
   ia muda de um ~~tempo~~ momento
   pro outro

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

   Águas de Sonho
   (E) pq ele esta a sonhar com muita agua

4. "Uma noite José da cruz foi para a cama animado."
   O que é que determinou esse estado de espírito de José da Cruz?

   (E) (T)
   ele sentiu que o tempo ia
   muda e ele dormiu profunda
   mente. (T)

5. "José da Cruz teve um sonho durante a noite."
   Como interpreta ele esse sonho? Porquê?

   (T)
   este sonho foi que sonhou com um anjo
   que descia do céu nas nuvens mas estas nuvens
   pareciam cada vez mais trazia muita agua. porque era uma

6. " Meteu-se no caminho (...) até aproximar da casa do seu compadre João Felícia (...)
   (E)
   a) Faz o levantamento de palavras/expressões que caracterizam João Felícia.

   homenzarão, espigado, de ar decidido

   b) Indica o processo de caracterização utilizado justificando a tua resposta.

   processo de caracterização físico.
   (T)

7. "José da Cruz, um homem do campo, foi para a cama e teve um sonho."
   a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

   1ª oração - José da Cruz, um homem do campo
   2ª oração - foi para a cama e teve um sonho
   - coordenada copulativa ou aditiva

50/5

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

José daqui um homem do campo

(E) sujeito simples | P. indicativo | C.C. lugar

c) Classifica morfologicamente (E) as palavras sublinhadas.

José - nome próprio masculino do singular

foi - verbo ir no pretérito do singular

e - figuras de estilo (coordenadas copulativa)

15

8. Atenta nas seguintes frases:

1ª "... uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco..."

2ª Viu névoas no horizonte, correndo por cima da linha do mar...

a) Indica, justificando a figura de estilo presente nas frases. (E)

1ª comparação - parecia - compara 2 coisas

2 personificação - alguma pessoa

viu nevoas

é um exagero

20

107

90

Bom trabalho!

T13

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante A

Nome _____ **Nº** _____ **Turma** _____

Texto

Uma noite José da Cruz foi para a cama animado. Cheirara-lhe que o tempo ia mudar de um momento para o outro. Dormiu profundamente. De manhã cedo acordou agitado, sentou-se no esteirado. A transição do sono para a vigília foi tão brusca, que ele teve a impressão de que escorria água. Deixou a Zepa e os meninos embrulhados nas mantas, saiu cá para fora. Viu névoas no horizonte, por cima da linha do mar, e uns farrapos de nuvens agarrados ao Topo de Coroa, mas o céu apresentava-se, como nos outros dias, limpo. (…)

Meteu-se no caminho e foi andando e botando fumaças até se aproximar da casa do seu compadre João Felícia, no Lombinho. Havia dias que não dera fala ao compadre. Tinha hoje que contar: por isso foi lá.

João Felícia, de pé, no meio do terreiro, olhava para o céu, de braços cruzados sobre a camisa aberta até ao umbigo.

- Bom dia, compadre.

Voltou-se num movimento de quem não esperava visita tão cedo. Era um homenzarrão, espigado, de ar decidido. Tinha também um grande bigode, mas ao contrário do de José da Cruz, que era manso e caído como chorão, o seu era raivoso e puxado dos lados.

- Eh compadre, bom dia. Que cedura é está? Pensava mesmo em ocê nesta agorinha assim. Tava a olhar aqueles farrapinhos de névoa na linha do mar e a perguntar para mim: que é que comadre Isé diz daquilo?

- Pois eu vi também. Mas aquelas névoas não me dizem nada enquanto o vento não rondar pr´aquelas bandas. Não vejo sinal do vento rodar. Mas o que digo ocê é que sinto o ar molhado a roçar-me a pele. Venha de onde vier, o tempo tá a tomar caminho. Agora vou contar ocê uma coisa. Não sou muito acreditado em histórias de sonhos, mas o sonho que tive esta madrugadinha caiu-me dentro do coração. Eu mesmo esperava uma coisa dessas. Eu tava entre-sono, mas era a mesma coisa como eu estar neste momento com os olhos abertos a ver deveras. Um anjo a descer do céu para a terra, montado numa nuvem, uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco, ou que virou um cavalo já não sei, um cavalão muito grande e manso. O anjo trazia um balde d´água nas mãos, e quando chegou assim nesta endireitura, virou o balde de boca para baixo, e a água que saía do balde parecia não acabar nunca. O compadre, só visto, um nunca acabar d´água por cima destes campos. Acordei assim no meio de tanta fartura d´água, assarapantado, exactamente como se me estivesse a afogar, e larguei a tarimba com o sentido cheio daquela esmola vinda das mãos de Deus.

Manuel Lopes,
Os Flagelados do Vento Leste
(com supressões)

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens dão vida a esta narrativa qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

José da Cruz.
Porque ele contava de uma maneira mais simples explicar ao compadre um sonho que ele teve.

2. Como classificas o narrador quanto à sua presença? Justifica com um exemplo do texto.

Não é participante.
Uma noite José da Cruz foi para a cama animado.

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

«O Sonho de José da Cruz.» Eu dei ao texto esse nome porque fala de um sonho que José da Cruz teve.

4. "Uma noite José da cruz foi para a cama animado."
O que é que determinou esse estado de espírito de José da Cruz?

O que determinou o estado de espírito de José da Cruz é que cheirava-lhe que o tempo ia mudar de um momento para outro.

5. "José da Cruz teve um sonho durante a noite."
Como interpreta ele esse sonho? Porquê?

Ele interpreta-o como um sinal. Porque há muito tempo que os campos não viam água, ele estava a sentir que algo iria acontecer.

6. " Meteu-se no caminho (…) até aproximar da casa do seu compadre João Felícia (…)
a) Faz o levantamento de palavras/expressões que caracterizam João Felícia.

Ele era um homenzarão, espigado, de ar decidido, tinha um grande bigode, era raivoso e pulsado de fadas

b) Indica o processo de caracterização utilizado justificando a tua resposta.

O processo de caracterização que eu utilizei é directa.

7. "José da Cruz, um homem do campo, foi para a cama e teve um sonho."
a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª Oração → José da Cruz, um homem do campo, foi para a cama - Coordenada
2ª Oração → e teve um sonho - Coordenada Copulativa

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

José - substantivo próprio masculino do singular
foi - verbo ser na 3ª pessoa do singular
e - conjunção copulativa

8. Atenta nas seguintes frases:
"... uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco..."
" Viu névoas no horizonte, correndo por cima da linha do mar..."

a) Indica, justificando a figura de estilo presente nas frases.

... uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco - animismo
... viu névoas no horizonte, correndo por cima da linha do mar - ~~ipérbole~~ perífrase

Bom trabalho!

T17

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante B

Nome [redacted] **Nº** [redacted] **Turma** [redacted]

Texto

Nha Candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode-se dizer, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto, com o tempo, apagou-se da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas não me esqueci. Dos olhos – pretos sorridente e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna… Além disso basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia a ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nha Candinha tinha uma voz, que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Era descansando numa cadeira de baloiço ou assomando à janela que eu encontrava Nha Candinha, à tarde, Quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de Nhã Maria Arcângela… com a mariolagem da minha rua.

Ela sorria-me e com a mão, acenava para que eu me chegasse. Um instante depois, afofava-me no ninho dos seus braços e segredava-me na sua voz de rola ao primeiro arroxear da alva:

- Vem aqui, homem. Dias há não te vi. Porquê? Já não me queres? Ah!... Já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? Também comigo é que estas. Já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito. Porque não vieste ontem? Estive à tua espera…tu não apareceste. Não sabes o que perdeste. Guardei-te uma coisa "sabe". Mas deixaste-me sem a tua visita… comia-a. Vês que não é bom ser ingrato?

Eu não dava resposta. Calava-me – o rosto entreaberto num sorriso – e inclinava a cabeça o seu ombro, a sentir-me tão bem como não saberia dizer. Nhã Candinha conservava-me preso e o seu murmúrio prosseguia:

- Não é verdade ouviste? Tu não és ainda feio, nem ingrato. Feio, ingrato, o meu Cristiano? E mentira. Mas diz: queres-me cheio? Sim? Diz outra vez que sim. Então vais ver aquela coisa "sabe".

Levantava-se e, à volta, trazia escondido na mão um pequeno frasco. Assentava-se, enlaçava-me pousava-me os dedos frescos sobre as pálpebras e dizia-me:

- Fecha os olhos e abra a boca.

Eu obedecia; daí a nadinha, um bombom, uma pastilha de hortelã-pimenta começava a desfazerse-me sobre a língua. Eu soltava uma gargalhada de prazer.

(Adaptado)

António Aurélio Gonçalves, Noite de vento

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens que dão vida a esta narrativa, qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

é nha Candinha, porque a sua ação no texto é a mais importante

2. Como classificas o narrador quanto à sua presença. Justifica com um exemplo do texto.

O narrador é participante porque diz assim "enrolei-me sobre eles e me cansava de falar"

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

Nhã pretinha porque era uma mulata quase escura, ou seja era preta.

4. "Tu não és ainda feio, nem ingrato."

b) Porque dizia Nha Candina esta frase ao narrador?

Porque nha candinha tinha dito que ela ja não gosta na dele porque ele era um ingrato.

5. Refere os sentimentos expressos pelo narrador em relação à personagem.

Ela estava sempre alegre, ela tinha uma boa voz que cantava no seu ouvido, ouvia-o no ninho dos seus braços.

6. "Nha Candinha tinha uma voz, que era uma música..."

a) Faz o levantamento de palavras/expressões do primeiro parágrafo que caracterizam Nha Candinha.

Nha candinha era uma mulata muito escura, quase preta, pode-se dizer de cabelos não muito crespo, sempre escondido sempre lenço, a sua estatura era regular, era robusta e forte.

b) Indica o processo de caracterização utilizado, justificando a tua resposta.

é uma caracterização física porque diz que era forte, escura, cabelos não muitos crespos, sempre com lenço

7. "O tempo longo, apagou o desenho das suas feições, mas de três coisas nunca me esqueci."

a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª oração - O tempo logo, apagou o desenho das seus feições - coordenativa. 2ª oração - Mas de três coisas nunca me esqueci - coordenativa (copulativa)

68

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

Sujeito - o Tempo
Predicado - apagou o desenho dos seus feições
Complemento - desenho dos seus feições

20

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

apagou - verbo acabar 3ª pessoa do singular pretérito imperfeito
mas - conjunção
logo - advérbio

5

8) Atenta nas seguintes frases:

" Nha Candinha tinha uma voz que era uma verdadeira música..."
" Dos olhos pretos sorridentes e dos mais meigos..." personificada

a) Indica justificando a figura de estilo presente nas frases.

A segunda frase é personificada porque atribui

5

T13

98

Bom trabalho!
Obrigado

T30

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante A

Nome _____ **Nº** _____ **Turma** _____

Texto

Uma noite José da Cruz foi para a cama animado. Cheirara-lhe que o tempo ia mudar de um momento para o outro. Dormiu profundamente. De manhã cedo acordou agitado, sentou-se no esteirado. A transição do sono para a vigília foi tão brusca, que ele teve a impressão de que escorria água. Deixou a Zepa e os meninos embrulhados nas mantas, saiu cá para fora. Viu névoas no horizonte, por cima da linha do mar, e uns farrapos de nuvens agarrados ao Topo de Coroa, mas o céu apresentava-se, como nos outros dias, limpo. (…)

Meteu-se no caminho e foi andando e botando fumaças até se aproximar da casa do seu compadre João Felícia, no Lombinho. Havia dias que não dera fala ao compadre. Tinha hoje que contar: por isso foi lá.

João Felícia, de pé, no meio do terreiro, olhava para o céu, de braços cruzados sobre a camisa aberta até ao umbigo.

- Bom dia, compadre.

Voltou-se num movimento de quem não esperava visita tão cedo. Era um homenzarrão, espigado, de ar decidido. Tinha também um grande bigode, mas ao contrário do de José da Cruz, que era manso e caído como chorão, o seu era raivoso e puxado dos lados.

- Eh compadre, bom dia. Que cedura é está? Pensava mesmo em ocê nesta agorinha assim. Tava a olhar aqueles farrapinhos de névoa na linha do mar e a perguntar para mim: que é que comadre Isé diz daquilo?

- Pois eu vi também. Mas aquelas névoas não me dizem nada enquanto o vento não rondar pr´aquelas bandas. Não vejo sinal do vento rodar. Mas o que digo ocê é que sinto o ar molhado a roçar-me a pele. Venha de onde vier, o tempo tá a tomar caminho. Agora vou contar ocê uma coisa. Não sou muito acreditado em histórias de sonhos, mas o sonho que tive esta madrugadinha caiu-me dentro do coração. Eu mesmo esperava uma coisa dessas. Eu tava entre-sono, mas era a mesma coisa como eu estar neste momento com os olhos abertos a ver deveras. Um anjo a descer do céu para a terra, montado numa nuvem, uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco, ou que virou um cavalo já não sei, um cavalão muito grande e manso. O anjo trazia um balde d´água nas mãos, e quando chegou assim nesta endireitura, virou o balde de boca para baixo, e a água que saía do balde parecia não acabar nunca. O compadre, só visto, um nunca acabar d´água por cima destes campos. Acordei assim no meio de tanta fartura d´água, assarapantado, exactamente como se me estivesse a afogar, e larguei a tarimba com o sentido cheio daquela esmola vinda das mãos de Deus.

Manuel Lopes,
Os Flagelados do Vento Leste
(com supressões)

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens dão vida a esta narrativa qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

Eu consideno José da Cruz a protagonista porque ele desempenha o papel principal da história. 10

2. Como classificas o narrador quanto à sua presença? Justifica com um exemplo do texto.

O narrador é não participante. "Uma noite José da Cruz foi para casa animado." 10

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

Eu dou ao texto o título: O sonho real porque o José da Cruz achou que o sonho era real e que era esmola de Deus 10

4. "Uma noite José da cruz foi para a cama animado."
O que é que determinou esse estado de espírito de José da Cruz?

Porque cheirava-lhe que o tempo ia mudar de um momento para outro. 10

5. "José da Cruz teve um sonho durante a noite."
Como interpreta ele esse sonho? Porquê?

Ele acordou assim no meio de tanta fartura d'agua ~~desmaiado~~, ~~assapan~~ assanapantado, exactamente como se estivesse a afogar. Ele achou que era esmola vinda de Deus. 5

6. "Meteu-se no caminho (...) até aproximar da casa do seu compadre João Felícia (...)
a) Faz o levantamento de palavras/expressões que caracterizam João Felícia.

João João Felícia era um homenzarrão, espigado, de ar decidido. Tinha, também um grande bigode, mas ao contrário de José da Cruz era manso e caído como chorão, o seu ar raivoso e puxado dos lados. 10

b) Indica o processo de caracterização utilizado justificando a tua resposta.

Eu utilizei caracterização directa porque fiz a sua caracterização através das palavras que o caracterizavam no texto. 20

7. "José da Cruz, um homem do campo, foi para a cama e teve um sonho."
a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

1ª oração → José da Cruz um homem do campo, foi para cama.
2ª oração → e teve um sonho
A frase é sindética 10

85

1,30

85

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

verbo transitivo

José da Cruz um homem do campo foi para a cama 20

José da Cruz um homem do campo → sujeito ✓

foi para a cama → predicado ✓ para cama → com. circ. lugar

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

José → substantivo próprio masculino ✓ 30

foi → flexão do verbo ir; 3ª pessoa do singular; pretérito perfeito do indicativo

e → conjunção aditiva ou copulativa. ✓

8. Atenta nas seguintes frases:

"... uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco..."

"Viu névoas no horizonte, correndo por cima da linha do mar..."

a) Indica, justificando a figura de estilo presente nas frases.

Uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco → ~~pers~~ comparação porque há uma palavra que mostra comparação (parecia)

b)

1ª Uma nuvem que parecia exactamente um cavalo branco

b) ~~pers~~ - Comparação porque há uma palavra que mostra comparação (parecia) 15

- personificação porque uma nuvem não parece com nada.

Bom trabalho!

2ª Viu névoas no horizonte correndo por cima da linha do mar

b) - Animismo 2 ✓

170

T33

ANO LECTIVO 07/08	Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto	DURAÇÃO 50 min.

Teste Sumativo de Língua Portuguesa

1º Ciclo / 8º ano Variante B

Nome [redacted] **Nº** [redacted] **Turma** [redacted]

Texto

Nha Candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode-se dizer, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto, com o tempo, apagou-se da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas não me esqueci. Dos olhos – pretos sorridente e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna… Além disso basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia a ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nha Candinha tinha uma voz, que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Era descansando numa cadeira de baloiço ou assomando à janela que eu encontrava Nha Candinha, à tarde, Quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de Nhã Maria Arcângela… com a mariolagem da minha rua.

Ela sorria-me e com a mão, acenava para que eu me chegasse. Um instante depois, afofava-me no ninho dos seus braços e segredava-me na sua voz de rola ao primeiro arroxear da alva:

- Vem aqui, homem. Dias há não te vi. Porquê? Já não me queres? Ah!... Já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? Também comigo é que estas. Já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito. Porque não vieste ontem? Estive à tua espera…tu não apareceste. Não sabes o que perdeste. Guardei-te uma coisa "sabe". Mas deixaste-me sem a tua visita… comia-a. Vês que não é bom ser ingrato?

Eu não dava resposta. Calava-me – o rosto entreaberto num sorriso – e inclinava a cabeça o seu ombro, a sentir-me tão bem como não saberia dizer. Nhã Candinha conservava-me preso e o seu murmúrio prosseguia:

- Não é verdade ouviste? Tu não és ainda feio, nem ingrato. Feio, ingrato, o meu Cristiano? E mentira. Mas diz: queres-me cheio? Sim? Diz outra vez que sim. Então vais ver aquela coisa "sabe".

Levantava-se e, à volta, trazia escondido na mão um pequeno frasco. Assentava-se, enlaçava-me pousava-me os dedos frescos sobre as pálpebras e dizia-me:

- Fecha os olhos e abra a boca.

Eu obedecia; daí a nadinha, um bombom, uma pastilha de hortelã-pimenta começava a desfazerse-me sobre a língua. Eu soltava uma gargalhada de prazer.

(Adaptado)

António Aurélio Gonçalves, Noite de vento

Depois de leres o texto atentamente responde, de uma forma clara e concisa, às questões que te são colocadas.

1. Das personagens que dão vida a esta narrativa, qual é que consideras protagonista? Justifica a tua resposta.

Nha Candinha já desempenha o maior papel na história. 20

2. Como classificas o narrador quanto a sua presença. Justifica com um exemplo do texto.

O narrador é participante. "Não me lembro bem do resto" 10

3. Dá um título ao texto, justificando a tua escolha.

"Nha Candinha": Deixo esse título porque a história todo é sobre Nha Candinha. 10

4. "Tu não és ainda feio, nem ingrato."
   b) Porque dizia Nha Candina esta frase ao narrador?

Porque o narrador ainda gostava de Nha Candinha e não deixou de lhe-la 10

5. Refere os sentimentos expressos pelo narrador em relação à personagem.

O narrador gostava muito de Nha Candinha. 5

6. " Nha Candinha tinha uma voz, que era uma música..."
   a) Faz o levantamento de palavras/expressões do primeiro parágrafo que caracterizam Nha Candinha.

Nha Candinha era uma mulata muito escura, tinha escabelos não muito crespos, tinha uma estatura regular e como era nutrida e forte tinha barba. 10

b) Indica o processo de caracterização utilizado, justificando a tua resposta.

Fez uma caracterização directa já o narrador me deu todas as informações sobre Nha Candinha 10

7. " O tempo longo, apagou o desenho das suas feições, mas de três coisas nunca me esqueci."
   a) Divide e classifica as orações do período supracitado.

~~1ª oração - O tempo longo → oração coordenada assindética~~
~~2ª oração - apagou o desenho das suas feições → O. coord. assindética~~
2ª oração - mas de 3 coisas nunca me esqueci → O. coord. Sindética
4ª oração - O tempo longo, apagou o desenho das suas feições → oração coordenada assindética 10

85

b) Analisa sintacticamente a 1ª oração.

O tempo longo, apagou os desenhos das suas feições

O tempo - sujeito

apagou - predicado verbal

D.O - os desenhos das suas feições

c) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

mas - conjunção coordenativa

longo - adjetivo no grau normal no masculino do singular

apagou - verbo apagar no pretérito perfeito do indicativo

8) Atenta nas seguintes frases: na 3ª pessoa do singular.

" Nha Candinha tinha uma voz que era uma verdadeira música..."

" Dos olhos pretos sorridentes e dos mais meigos..."

a) Indica justificando a figura de estilo presente nas frases.

1ª frase: Comparação → está a estabelecer as semelhanças entre a voz de Nha Candinha e uma música.

2ª frase: personificação → está a atribuir características humanas aos olhos.

Bom trabalho!

TESTES SUMATIVOS DOS ALUNOS DO PC

T19

Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto
1º Teste Sumativo de Português – 3º Trimestre

Nome: .. .. Nº .. Turma .Classificação ..6,25.....

Lê atentamente o texto e responde com clareza e correcção às questões que se seguem:

TEXTO

O ABRAÇO

(Momentos antes de jantar, Eugénio desprezara o pai não respondendo na rua ao seu cumprimento, com vergonha de que o seus colegas soubessem que ele era um pobre alfaiate.)

D. Alzira levantou-se:

- Ninguém quer mais nada?

Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente. Ernesto ficou imóvel um instante, acendendo o cigarro. A mãe começou a desfazer a mesa.

Aconteceu então o inevitável. Os olhos de Eugénio encontraram os do pai. Ângelo sorriu para o filho, não um sorriso dequem concede perdão, mas um sorriso servil e constrangido de quem pede perdão. Perdão por não ter dinheiro, por ser alfaiate, por andar mal vestido, por não passar de um pobre diabo. Eugénio desviou os olhos mas aquele soriso ficou a doer-lhe. Lembrou-se de um cachorrinho, que tivera havia muitos anos, pobre vira-lata pelado e sarnento. Vinha lamber as mãos dos que lhe davam pontapés…

E, pela primeira vez, naquela noite, Ângelo dirigiu-se ao filho:

- Genoca, tu não estás precisando de mais roupa?

Sem ousar fitá-lo, Eugénio respondeu:

- Não, pai, muito obrigado. Agora estou bem de roupa.(Como aquilo lhe roía! Por que era ele assim tão ruim? Por que não rompia todas as barreiras ? Por que não se erguia para abraçar o pai, para lhe pedir perdão pelo que lhe fizera? Sentiu um nó na garganta.)

- Não vê que eu tenho um corte de casimira muito bonito aí…

- Não, pai, muito obrigado.

Havia timidez e ternura no oferecimento do pai. Era como se ele quisesse compensar com o presente de um roupa culpa de não ser rico, de não ter posição, de não dar melhor sorte aos filhos

ERICO VERISSIMO, Olhai os lírios do Campo. (1938)

I

1.Explica por que razão Eugénio desprezara o pai?

.....

.....

.....

2. Que pensas da atitude do Eugénio?

.....

.....

3."Os olhos de Eugénio encontraram os do pai."

3.1.Como reagiram eles a este encontro de olhares?

.....

.....

4." Sentiu um nó na garganta."

4.1.Explica o sentido desta expressão.

.....

.....

4.2.Identifica e explica a figura de estilo aí presente.

.....

.....

B

II

1,5

1. Classifica o narrador do texto quanto à presença. Justifica a resposta.

O narrador não é participante porque não participa no texto ele só conta a história

2. Faz o levantamento de todas as personagens do texto e indica a principal. Justifica a resposta.

1,5 Álvaro Ginoca personagem secundária não participa muito

Auxiliadora e Angelo personagens principal A história conta a sua vida

3. Caracteriza psicologicamente Ângelo?

triste, sofrido, solitário

4. Localiza a acção do texto no tempo e no espaço.

1,0 tempo → Antes de Auxiliadora

espaço → No cemitério (em casa)

III

1. Considera a frase: "Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente."

1.1. Analisa-a sintacticamente

1,0

Sujeito → Eugénio e Ângelo

predicado → sacudiram a cabeça negativamente

C.D. → a cabeça

C.I. → negativamente

2. Nas frases que se seguem, coloca um V ou um F nas frases que considerares verdadeiras ou falsas:

a) A frase complexa é constituída por varias orações. V

b) As orações coordenadas são dependentes uma da outra. F

c) A palavra que liga as duas orações chama-se pronome. F

d) As coordenadas adversativas opõem-se uma a outra. V

0,75

3. Atenta na frase: "Desviou os olhos contudo aquele sorriso ficou a doer-lhe."

3.1. Divide-a em orações e classifica-as.

0,5 Desviou os olhos (1ª) contudo aquele sorriso ficou a doer-lhe (2ª coordenada adversativa)

BOM TRABALHO!

T20

Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto
1º Teste Sumativo de Português – 3º Trimestre

Nome: ..... Nº . Turma .. ..Classificação 8,75

Lê atentamente o texto e responde com clareza e correcção às questões que se seguem:

TEXTO

O ABRAÇO

(Momentos antes de jantar, Eugénio desprezara o pai não respondendo na rua ao seu cumprimento, com vergonha de que o seus colegas soubessem que ele era um pobre alfaiate.)

D. Alzira levantou-se:

- Ninguém quer mais nada?

Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente. Ernesto ficou imóvel um instante, acendendo o cigarro. A mãe começou a desfazer a mesa.

Aconteceu então o inevitável. Os olhos de Eugénio encontraram os do pai. Ângelo sorriu para o filho, não um sorriso dequem concede perdão, mas um sorriso servil e constrangido de quem pede perdão. Perdão por não ter dinheiro, por ser alfaiate, por andar mal vestido, por não passar de um pobre diabo. Eugénio desviou os olhos mas aquele soriso ficou a doer-lhe. Lembrou-se de um cachorrinho, que tivera havia muitos anos, pobre vira-lata pelado e sarnento. Vinha lamber as mãos dos que lhe davam pontapés…

E, pela primeira vez, naquela noite, Ângelo dirigiu-se ao filho:

- Genoca, tu não estás precisando de mais roupa?

Sem ousar fitá-lo, Eugénio respondeu:

- Não, pai, muito obrigado. Agora estou bem de roupa.(Como aquilo lhe roía! Por que era ele assim tão ruim? Por que não rompia todas as barreiras ? Por que não se erguia para abraçar o pai, para lhe pedir perdão pelo que lhe fizera? Sentiu um nó na garganta.)

- Não vê que eu tenho um corte de casimira muito bonito aí…

- Não, pai, muito obrigado.

Havia timidez e ternura no oferecimento do pai. Era como se ele quisesse compensar com o presente de um roupa culpa de não ser rico, de não ter posição, de não dar melhor sorte aos filhos

ERICO VERISSIMO, Olhai os lírios do Campo, (1938)

I

1. Explica por que razão Eugénio desprezara o pai?
O Eugénio desprezou o pai porque tinha vergonha do que os seus colegas soubessem que ele era um pobre alfaiate.

2. Que pensas da atitude do Eugénio?
Eu acho que devemos ser o que somos e não temos de ter vergonha que vejam que temos pais e mães que temos de ser.

3. "Os olhos de Eugénio encontraram os do pai."
3.1. Como reagiram eles a este encontro de olhares?
Com um sorriso servil e constrangido de quem pede perdão.

4. " Sentiu um nó na garganta."
4.1. Explica o sentido desta expressão.
Ele disse muitas palavras de uma vez só.
4.2. Identifica e explica a figura de estilo aí presente.
A figura de estilo é metáfora.

A

II

1. Classifica o narrador do texto quanto à presença. Justifica a resposta.

O narrador do texto é participante pois ele faz parte do texto.

2. Faz o levantamento de todas as personagens do texto e classifica-as de acordo com a sua importância.

O Eugénio personagem principal

O pai personagem secundária

A mãe [redacted] e os irmãos são personagens figurantes

1,0

3. Caracteriza psicologicamente Eugénio.

Eugénio era um rapaz atrevido e malcriado

e pai mais parecia ser um rapaz doido

4. Localiza a acção do texto no tempo e no espaço.

Tempo - era meio dia

Espaço - na rua

1,0

III

1. Considera a frase: "Eugénio desprezou o pai na rua."

1.1. Analisa-a sintacticamente

sujeito simples Eugénio

predicado desprezou o pai

C. Direto o pai

C. Lugar na rua

1,75

2. Nas frases que se seguem, coloca um V ou um F nas frases que considerares verdadeiras ou falsas:

a) A frase simples é constituída por várias orações. F

b) As orações coordenadas são independentes uma da outra. V

c) A palavra que liga as duas orações chama-se conjunção. V

d) As coordenadas explicativas opõem-se uma a outra. V

0,5

3. Atenta na frase: "Desviou os olhos, muito vermelho, mas aquele sorriso ficou a doer-lhe."

3.1. Divide-a em orações e classifica-as.

1º Oração - Desviou os olhos - Coordenada

2º Oração - muito vermelho - Subordinada

3º Oração - mas aquele sorriso ficou a doer-lhe - Coordenada

9,0

BOM TRABALHO!

T21

Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto
1º Teste Sumativo de Português – 3º Trimestre

Nome: [redacted] ... Nº .. Turma ... ...Classificação 11,75 [redacted]

Lê atentamente o texto e responde com clareza e correcção às questões que se seguem:

TEXTO

O ABRAÇO

(Momentos antes de jantar, Eugénio desprezara o pai não respondendo na rua ao seu cumprimento, com vergonha de que o seus colegas soubessem que ele era um pobre alfaiate.)

D. Alzira levantou-se:

- Ninguém quer mais nada?

Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente. Ernesto ficou imóvel um instante, acendendo o cigarro. A mãe começou a desfazer a mesa.

Aconteceu então o inevitável. Os olhos de Eugénio encontraram os do pai. Ângelo sorriu para o filho, não um sorriso dequem concede perdão, mas um sorriso servil e constrangido de quem pede perdão. Perdão por não ter dinheiro, por ser alfaiate, por andar mal vestido, por não passar de um pobre diabo. Eugénio desviou os olhos mas aquele soriso ficou a doer-lhe. Lembrou-se de um cachorrinho, que tivera havia muitos anos, pobre vira-lata pelado e sarnento. Vinha lamber as mãos dos que lhe davam pontapés…

E, pela primeira vez, naquela noite, Ângelo dirigiu-se ao filho:

- Genoca, tu não estás precisando de mais roupa?

Sem ousar fitá-lo, Eugénio respondeu:

- Não, pai, muito obrigado. Agora estou bem de roupa.(Como aquilo lhe roía! Por que era ele assim tão ruim? Por que não rompia todas as barreiras ? Por que não se erguia para abraçar o pai, para lhe pedir perdão pelo que lhe fizera? Sentiu um nó na garganta.)

- Não vê que eu tenho um corte de casimira muito bonito aí…

- Não, pai, muito obrigado.

Havia timidez e ternura no oferecimento do pai. Era como se ele quisesse compensar com o presente de um roupa culpa de não ser rico, de não ter posição, de não dar melhor sorte aos filhos

ERICO VERISSIMO, Olhai os lírios do Campo, (1938)

I

1.Explica por que razão Eugénio desprezara o pai?

Porque ele sentiu vergonha de que os seus colegas
tivessem que ele era um pobre alfaite

1,5

2. Que pensas da atitude do Eugénio?

Eu penso que ele é um sobrinho por ter vergonha do seu Pai,
A sua atitude foi uma atitude que todos desaprovam que é a errada.

1,5

3."Os olhos de Eugénio encontraram os do pai."

3.1.Como reagiram eles a este encontro de olhares?

Os olhos do Pai sorriram para o filho como pedindo Perdão
O Eugénio desviou os olhos porque aquele sorriso ficou a doer-lhe

2,0

4." Sentiu um nó na garganta."

4.1.Explica o sentido desta expressão.

Porque ele não conseguia falar nada para o seu Pai, e que
lhe queria dizer-lhe ficou com as Palavras Presas na garganta mas sabia.

4.2.Identifica e explica a figura de estilo aí presente.

Sentiu um nó na garganta, E quando a gente fica com aquelas
dizer alguma coisa a alguma Pessoa e não consegue

falar nada a gente fica com aquelas Palavras Presas na garganta.

B

II

1. Classifica o narrador do texto quanto à presença. Justifica a resposta.

1,5 O narrador que conta esta história é um narrador ausente: Dona Alzira levantou-se

2. Faz o levantamento de todas as personagens do texto e indica a principal. Justifica a resposta.

Ernesto As personagens são: Dona Alzira, Eugénio, Ângelo, e os seus colegas. O Ângelo. Principal é o Eugénio. Porque

1,5 estão a contar uma coisa que ele fez.

3. Caracteriza psicologicamente Ângelo?

Ele não tinha direito, ele andava mal vestido. Ele não possuía de um Pobre diabo

4. Localiza a acção do texto no tempo e no espaço.

Acção: A jantar

Tempo: A noite

1,0 Espaço: Em casa

III

1. Considera a frase: "Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente."

1.1. Analisa-a sintacticamente

0,5 Sujeito: Subentendido: Eugénio e Ângelo

Predicado: Sacudiram a cabeça negativamente

Complemento directo: Sacudiram a cabeça

Complemento indirecto: Negativamente

2. Nas frases que se seguem, coloca um V ou um F nas frases que considerares verdadeiras ou falsas:

a) A frase complexa é constituída por varias orações. V

b) As orações coordenadas são dependentes uma da outra. V

c) A palavra que liga as duas orações chama-se pronome. F 0,75

d) As coordenadas adversativas opõem-se uma a outra. V

3. Atenta na frase: "Desviou os olhos contudo aquele sorriso ficou a doer-lhe."

3.1. Divide-a em orações e classifica-as.

1º oração: Desviou os olhos contudo

2º oração: aquele sorriso ficou a doer-lhe

1º oração: Coordenada copulativa

2º oração: Coordenada adversativa

BOM TRABALHO!

T22

Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto
4º Teste Sumativo de Português – 3º Trimestre

Nome: [redacted] Nº . .. Turma ....Classificação ....9,5...

Lê atentamente o texto e responde com clareza e correcção às questões que se seguem:

TEXTO

O ABRAÇO

(Momentos antes de jantar, Eugénio desprezara o pai não respondendo na rua ao seu cumprimento, com vergonha de que o seus colegas soubessem que ele era um pobre alfaiate.)

D. Alzira levantou-se:

- Ninguém quer mais nada?

Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente. Ernesto ficou imóvel um instante, acendendo o cigarro. A mãe começou a desfazer a mesa.

Aconteceu então o inevitável. Os olhos de Eugénio encontraram os do pai. Ângelo sorriu para o filho, não um sorriso dequem concede perdão, mas um sorriso servil e constrangido de quem pede perdão. Perdão por não ter dinheiro, por ser alfaiate, por andar mal vestido, por não passar de um pobre diabo. Eugénio desviou os olhos mas aquele soriso ficou a doer-lhe. Lembrou-se de um cachorrinho, que tivera havia muitos anos, pobre vira-lata pelado e sarnento. Vinha lamber as mãos dos que lhe davam pontapés…

E, pela primeira vez, naquela noite, Ângelo dirigiu-se ao filho:

- Genoca, tu não estás precisando de mais roupa?

Sem ousar fitá-lo, Eugénio respondeu:

- Não, pai, muito obrigado. Agora estou bem de roupa.(Como aquilo lhe roía! Por que era ele assim tão ruim? Por que não rompia todas as barreiras ? Por que não se erguia para abraçar o pai, para lhe pedir perdão pelo que lhe fizera? Sentiu um nó na garganta.)

- Não vê que eu tenho um corte de casimira muito bonito aí…

- Não, pai, muito obrigado.

Havia timidez e ternura no oferecimento do pai. Era como se ele quisesse compensar com o presente de um roupa culpa de não ser rico, de não ter posição, de não dar melhor sorte aos filhos

ERICO VERISSIMO, Olhai os lírios do Campo, (1938)

I

1.Explica por que razão Eugénio desprezara o pai?

2. Que pensas da atitude do Eugénio?

3."Os olhos de Eugénio encontraram os do pai."

3.1.Como reagiram eles a este encontro de olhares?

4." Sentiu um nó na garganta."

4.1.Explica o sentido desta expressão.

4.2.Identifica e explica a figura de estilo aí presente.

A

II

1. Classifica o narrador do texto quanto à presença. Justifica a resposta.

2. Faz o levantamento de todas as personagens do texto e classifica-as de acordo com a sua importância.

3. Caracteriza psicologicamente Eugénio.

4. Localiza a acção do texto no tempo e no espaço.

III

1. Considera a frase: "Eugénio desprezou o pai na rua."

1.1. Analisa-a sintacticamente

2. Nas frases que se seguem, coloca um V ou um F nas frases que considerares verdadeiras ou falsas:

a) A frase simples é constituída por várias orações. ___

b) As orações coordenadas são independentes uma da outra. ___

c) A palavra que liga as duas orações chama-se conjunção. ___

d) As coordenadas explicativas opõem-se uma a outra. ___

3. Atenta na frase: "Desviou os olhos, muito vermelho, mas aquele sorriso ficou a doer-lhe."

3.1. Divide-a em orações e classifica-as.

BOM TRABALHO!

T23

3º Trimestre
1ª Prova

Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto
1º Teste Sumativo de Português – 3º Trimestre

Nome .. Nº .. Turma .. Classificação ..11,5..

Lê atentamente o texto e responde com clareza e correcção às questões que se seguem:

TEXTO

O ABRAÇO

(Momentos antes de jantar, Eugénio desprezara o pai não respondendo na rua ao seu cumprimento, com vergonha de que o seus colegas soubessem que ele era um pobre alfaiate.)

D. Alzira levantou-se:

- Ninguém quer mais nada?

Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente. Ernesto ficou imóvel um instante, acendendo o cigarro. A mãe começou a desfazer a mesa.

Aconteceu então o inevitável. Os olhos de Eugénio encontraram os do pai. Ângelo sorriu para o filho, não um sorriso dequem concede perdão, mas um sorriso servil e constrangido de quem pede perdão. Perdão por não ter dinheiro, por ser alfaiate, por andar mal vestido, por não passar de um pobre diabo. Eugénio desviou os olhos mas aquele soriso ficou a doer-lhe. Lembrou-se de um cachorrinho, que tivera havia muitos anos, pobre vira-lata pelado e sarnento. Vinha lamber as mãos dos que lhe davam pontapés…

E, pela primeira vez, naquela noite, Ângelo dirigiu-se ao filho:

- Genoca, tu não estás precisando de mais roupa?

Sem ousar fitá-lo, Eugénio respondeu:

- Não, pai, muito obrigado. Agora estou bem de roupa.(Como aquilo lhe roía! Por que era ele assim tão ruim? Por que não rompia todas as barreiras ? Por que não se erguia para abraçar o pai, para lhe pedir perdão pelo que lhe fizera? Sentiu um nó na garganta.)

- Não vê que eu tenho um corte de casimira muito bonito aí…

- Não, pai, muito obrigado.

Havia timidez e ternura no oferecimento do pai. Era como se ele quisesse compensar com o presente de um roupa culpa de não ser rico, de não ter posição, de não dar melhor sorte aos filhos

ERICO VERISSIMO, Olhai os lirios do Campo, (1938)

I

1.Explica por que razão Eugénio desprezara o pai?
Eugénio desprezara o pai não respondendo na rua ao seu cumprimento, com vergonha de que os seus colegas soubessem que era um pobre alfaiate. 1,5

2. Que pensas da atitude do Eugénio?
Eu acho que ele agiu muito mal com o seu pai porque uma pessoa por não ser pobre não deve estender dos pessoas. 1,0

3."Os olhos de Eugénio encontraram os do pai."

3.1.Como reagiram eles a este encontro de olhares?
Ângelo sorriu para o filho, não um sorriso de quem concede perdão, mas um sorriso servil e constrangido de quem pede perdão. 1,0

4." Sentiu um nó na garganta."

4.1.Explica o sentido desta expressão.
Ele queria chorar 1,0

4.2.Identifica e explica a figura de estilo aí presente.
A figura de estilo presente é a metáfora porque na minha opinião eu acho que ele exagerou muito. 1,5

Metafora- é uma espécie de comparação abreviada.

A

II

1. Classifica o narrador do texto quanto à presença. Justifica a resposta.

O narrador do texto é participante porque conta a história na primeira pessoa do singular.

2. Faz o levantamento de todas as personagens do texto e classifica-as de acordo com a sua importância.

Eugénio - Personagem Principal

O Pai - Personagem Secundária

Deliza - Personagem figurante

1,0

3. Caracteriza psicologicamente Eugénio.

Ele era um pobre alfaiate.

4. Localiza a acção do texto no tempo e no espaço.

No Tempo - Momentos Antes de jantar (a noite)

No Espaço - Em casa.

1,5

III

1. Considera a frase: "Eugénio desprezou o pai na rua."

1.1. Analisa-a sintacticamente

Sujeito Simples - Eugénio

Predicado - desprezou o pai na rua

C. Directo - desprezou o pai

C. Indirecto - na rua

1,0

2. Nas frases que se seguem, coloca um V ou um F nas frases que considerares verdadeiras ou falsas:

a) A frase simples é constituída por várias orações. F

b) As orações coordenadas são independentes uma da outra. V

c) A palavra que liga as duas orações chama-se conjunção. V

d) As coordenadas explicativas opõem-se uma a outra. F

1,0

3. Atenta na frase: "Desviou os olhos, muito vermelho, mas aquele sorriso ficou a doer-lhe."

3.1. Divide-a em orações e classifica-as.

1ª Oração - Desviou os olhos - oração coordenada

2ª Oração - muito vermelho - oração coordenada conclusiva

3ª oração - mas aquele sorriso ficou a doer-lhe - oração coordenada copulativa

1,0

BOM TRABALHO!

T24

34

V

Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto
1º Teste Sumativo de Português – 3º Trimestre

Nome [redacted] Nº [redacted]. Turma [redacted] .Classificação ...8,5.....

Lê atentamente o texto e responde com clareza e correcção às questões que se seguem:

TEXTO

O ABRAÇO

(Momentos antes de jantar, Eugénio desprezara o pai não respondendo na rua ao seu cumprimento, com vergonha de que o seus colegas soubessem que ele era um pobre alfaiate.)

D. Alzira levantou-se:

- Ninguém quer mais nada?

Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente. Ernesto ficou imóvel um instante, acendendo o cigarro. A mãe começou a desfazer a mesa.

Aconteceu então o inevitável. Os olhos de Eugénio encontraram os do pai. Ângelo sorriu para o filho, não um sorriso dequem concede perdão, mas um sorriso servil e constrangido de quem pede perdão. Perdão por não ter dinheiro, por ser alfaiate, por andar mal vestido, por não passar de um pobre diabo. Eugénio desviou os olhos mas aquele soriso ficou a doer-lhe. Lembrou-se de um cachorrinho, que tivera havia muitos anos, pobre vira-lata pelado e sarnento. Vinha lamber as mãos dos que lhe davam pontapés…

E, pela primeira vez, naquela noite, Ângelo dirigiu-se ao filho:

- Genoca, tu não estás precisando de mais roupa?

Sem ousar fitá-lo, Eugénio respondeu:

- Não, pai, muito obrigado. Agora estou bem de roupa.(Como aquilo lhe roía! Por que era ele assim tão ruim? Por que não rompia todas as barreiras ? Por que não se erguia para abraçar o pai, para lhe pedir perdão pelo que lhe fizera? Sentiu um nó na garganta.)

- Não vê que eu tenho um corte de casimira muito bonito aí…

- Não, pai, muito obrigado.

Havia timidez e ternura no oferecimento do pai. Era como se ele quisesse compensar com o presente de um roupa culpa de não ser rico, de não ter posição, de não dar melhor sorte aos filhos

ERICO VERISSIMO, Olhai os lírios do Campo, (1938)

I

1.Explica por que razão Eugénio desprezara o pai? 1,5

Eugénio desprezara o pai não respondendo na sua
ao seu cumprimento com vergonha de que o seus
colegas soubessem que ele era um pobre alfaiate.

2. Que pensas da atitude do Eugénio?

Penso que ele não o deveria ter desprezado pois
ele é seu pai.

3."Os olhos de Eugénio encontraram os do pai."

3.1.Como reagiram eles a este encontro de olhares?

Eles reagiram com um sorriso não um sorriso dequem
concede perdão, mas um sorriso servil e constrangido.

4." Sentiu um nó na garganta."

4.1.Explica o sentido desta expressão.

Porque não se orgulha para abraçar o pai, para lhe pedir
perdão pelo que lhe fizera? Eugénio sentiu um nó na
garganta.

4.2.Identifica e explica a figura de estilo aí presente.

Enumeração - porque está a enumerar

A
II

1. Classifica o narrador do texto quanto à presença. Justifica a resposta.
Narrador participante pois ... se ... em ... todo o ... pois!

2. Faz o levantamento de todas as personagens do texto e classifica-as de acordo com a sua importância.
Eugénio, Inês, o pai de Eugénio, D. Alzira
principal ... segundário

1,0

3. Caracteriza psicologicamente Eugénio.
Ele é um ... alto

1,0

4. Localiza a acção do texto no tempo e no espaço.
tempo - ... Inês ... jantar
espaço - ... estava na rua

1,0

III

1. Considera a frase: "Eugénio desprezou o pai na rua."
1.1. Analisa-a sintacticamente.
sujeito - Eugénio
predicado - desprezou o pai na rua
complemento - o pai

1,5

2. Nas frases que se seguem, coloca um V ou um F nas frases que considerares verdadeiras ou falsas:
a) A frase simples é constituída por várias orações. F
b) As orações coordenadas são independentes uma da outra. F
c) A palavra que liga as duas orações chama-se conjunção. V
d) As coordenadas explicativas opõem-se uma a outra. V

0,5

3. Atenta na frase: "Desviou os olhos, muito vermelho, mas aquele sorriso ficou a doer-lhe."
3.1. Divide-a em orações e classifica-as.
1º oração - Desviou os olhos, muito vermelho - oração coordenada
2º oração - mas aquele sorriso ficou a doer-lhe - oração coordenada adversativa

2,0

BOM TRABALHO!

T25

Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto
1º Teste Sumativo de Português – 3º Trimestre

Nome: ..... Nº ... Turma ... Classificação 12,5

Lê atentamente o texto e responde com clareza e correcção às questões que se seguem:

TEXTO

O ABRAÇO

(Momentos antes de jantar, Eugénio desprezara o pai não respondendo na rua ao seu cumprimento, com vergonha de que o seus colegas soubessem que ele era um pobre alfaiate.)

D. Alzira levantou-se:

- Ninguém quer mais nada?

Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente. Ernesto ficou imóvel um instante, acendendo o cigarro. A mãe começou a desfazer a mesa.

Aconteceu então o inevitável. Os olhos de Eugénio encontraram os do pai. Ângelo sorriu para o filho, não um sorriso dequem concede perdão, mas um sorriso servil e constrangido de quem pede perdão. Perdão por não ter dinheiro, por ser alfaiate, por andar mal vestido, por não passar de um pobre diabo. Eugénio desviou os olhos mas aquele soriso ficou a doer-lhe. Lembrou-se de um cachorrinho, que tivera havia muitos anos, pobre vira-lata pelado e sarnento. Vinha lamber as mãos dos que lhe davam pontapés…

E, pela primeira vez, naquela noite, Ângelo dirigiu-se ao filho:

- Genoca, tu não estás precisando de mais roupa?

Sem ousar fitá-lo, Eugénio respondeu:

- Não, pai, muito obrigado. Agora estou bem de roupa.(Como aquilo lhe roía! Por que era ele assim tão ruim? Por que não rompia todas as barreiras ? Por que não se erguia para abraçar o pai, para lhe pedir perdão pelo que lhe fizera? Sentiu um nó na garganta.)

- Não vê que eu tenho um corte de casimira muito bonito aí…

- Não, pai, muito obrigado.

Havia timidez e ternura no oferecimento do pai. Era como se ele quisesse compensar com o presente de um roupa culpa de não ser rico, de não ter posição, de não dar melhor sorte aos filhos

ERICO VERISSIMO, Olhai os lírios do Campo, (1938)

I

1.Explica por que razão Eugénio desprezara o pai?

Porque ele não queria que os seus colegas soubessem que ele era um pobre alfaiate. 1,5

2. Que pensas da atitude do Eugénio?

Eu acho que a atitude do Eugénio foi muito mau. Eu acho que ele não devia ter vergonha do seu pai. 1,5

3."Os olhos de Eugénio encontraram os do pai."

3.1.Como reagiram eles a este encontro de olhares?

O Ângelo baixou a cabeça não com ar de desgraçado pedindo perdão por ser alfaiate e andar mal vestido e não ser rico. 2,5

4." Sentiu um nó na garganta."

4.1.Explica o sentido desta expressão.

Ele sentiu que ele não devia ter feito aquilo e que queria dizer-lhe alguma coisa. 1,5

4.2.Identifica e explica a figura de estilo aí presente.

B

II

1. Classifica o narrador do texto quanto à presença. Justifica a resposta.

O narrador do texto não é personagem pois o texto não faz referência a ele ele não se conta uma história em que participa.

2. Faz o levantamento de todas as personagens do texto e indica a principal. Justifica a resposta.

As personagens são o Eugénio, o Ângelo, o pai, a mãe, Ernesta e a personagem principal do texto é o Eugénio porque o texto gira à sua volta.

3. Caracteriza psicologicamente Ângelo?

4. Localiza a acção do texto no tempo e no espaço.

A acção do texto foi na casa do Eugénio e foi em 1938

III

1. Considera a frase: "Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente."

   1.1. Analisa-a sintacticamente

Sujeito: Eugénio e Ângelo
Predicado: sacudiram a cabeça negativamente
Objecto directo: a cabeça

2. Nas frases que se seguem, coloca um V ou um F nas frases que considerares verdadeiras ou falsas:

   a) A frase complexa é constituída por varias orações. V
   b) As orações coordenadas são dependentes uma da outra. F
   c) A palavra que liga as duas orações chama-se pronome. F
   d) As coordenadas adversativas opõem-se uma a outra. V

3. Atenta na frase: "Desviou os olhos contudo aquele sorriso ficou a doer-lhe."

   3.1. Divide-a em orações e classifica-as.

1ª oração: Desviou os olhos - oração coordenada
2ª oração: contudo aquele sorriso ficou a doer-lhe - oração coordenada adversativa

BOM TRABALHO!

T26

Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto
1º Teste Sumativo de Português – 3º Trimestre

Nome: [redacted] ... Nº ..... Turma .. ..Classificação ..12,0..

Lê atentamente o texto e responde com clareza e correcção às questões que se seguem:

TEXTO

O ABRAÇO

(Momentos antes de jantar, Eugénio desprezara o pai não respondendo na rua ao seu cumprimento, com vergonha de que o seus colegas soubessem que ele era um pobre alfaiate.)

D. Alzira levantou-se:

- Ninguém quer mais nada?

Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente. Ernesto ficou imóvel um instante, acendendo o cigarro. A mãe começou a desfazer a mesa.

Aconteceu então o inevitável. Os olhos de Eugénio encontraram os do pai. Ângelo sorriu para o filho, não um sorriso dequem concede perdão, mas um sorriso servil e constrangido de quem pede perdão. Perdão por não ter dinheiro, por ser alfaiate, por andar mal vestido, por não passar de um pobre diabo. Eugénio desviou os olhos mas aquele soriso ficou a doer-lhe. Lembrou-se de um cachorrinho, que tivera havia muitos anos, pobre vira-lata pelado e sarnento. Vinha lamber as mãos dos que lhe davam pontapés...

E, pela primeira vez, naquela noite, Ângelo dirigiu-se ao filho:

- Genoca, tu não estás precisando de mais roupa?

Sem ousar fitá-lo, Eugénio respondeu:

- Não, pai, muito obrigado. Agora estou bem de roupa.(Como aquilo lhe roía! Por que era ele assim tão ruim? Por que não rompia todas as barreiras ? Por que não se erguia para abraçar o pai, para lhe pedir perdão pelo que lhe fizera? Sentiu um nó na garganta.)

- Não vê que eu tenho um corte de casimira muito bonito aí...

- Não, pai, muito obrigado.

Havia timidez e ternura no oferecimento do pai. Era como se ele quisesse compensar com o presente de um roupa culpa de não ser rico, de não ter posição, de não dar melhor sorte aos filhos

ERICO VERISSIMO, Olhai os lírios do Campo, (1938)

I

1.Explica por que razão Eugénio desprezara o pai?

...não respondeu ao seu cumprimento com vergonha de que os seus colegas soubessem que ele era um pobre alfaiate.....

2. Que pensas da atitude do Eugénio?

...Ele agiu muito mal. Se é o pai dele não deveria ter agido assim, não estava a ver bem.....

3."Os olhos de Eugénio encontraram os do pai."

3.1.Como reagiram eles a este encontro de olhares?

...Ângelo sorriu para o filho, não um sorriso de quem concede perdão, mas um sorriso servil e cheio de vergonha de quem pede perdão.....

4." Sentiu um nó na garganta." Eugénio desviou os olhos mas aquilo ficou a doer-lhe

4.1.Explica o sentido desta expressão

...não conseguia dizer mais nada.....

4.2.Identifica e explica a figura de estilo aí presente.

...metáfora.....

B
II

1. Classifica o narrador do texto quanto à presença. Justifica a resposta.
Personagem ... o que conta a história

2. Faz o levantamento de todas as personagens do texto e indica a principal. Justifica a resposta.
Eugénio, D. Alzira, Ângelo, barbeiro, empregados
Eugénio ... porque fala mais dele na história
1,5 e pai

3. Caracteriza psicologicamente Ângelo?
Ângelo - Ele não tem dinheiro por isso aceita, por vezes
vexa-se, pois não passa de um pobre coitado.

4. Localiza a acção do texto no tempo e no espaço.
tempo - durante a parte da tarde
1,0 espaço - na casa dele

III

1. Considera a frase: "Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente."
1.1. Analisa-a sintacticamente
Sujeito - Eugénio e Ângelo
1,0 P. Predicado - Sacudiram a cabeça negativamente
C. Directo - Sacudiram
C. Indirecto - a cabeça negativamente

2. Nas frases que se seguem, coloca um V ou um F nas frases que considerares verdadeiras ou falsas:
a) A frase complexa é constituída por varias orações. F
b) As orações coordenadas são dependentes uma da outra. V
c) A palavra que liga as duas orações chama-se pronome. F
d) As coordenadas adversativas opõem-se uma a outra. V
0,5

3. Atenta na frase: "Desviou os olhos contudo aquele sorriso ficou a doer-lhe."
3.1. Divide-a em orações e classifica-as.
1ª Oração - Desviou os olhos - Oração coordenada
1,5 2ª Oração - contudo aquele sorriso ficou a doer-lhe - Conclusiva

BOM TRABALHO!

T27

Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto
1º Teste Sumativo de Português – 3º Trimestre

Nome: .... Nº . . Turma .. ...Classificação 10,75

Lê atentamente o texto e responde com clareza e correcção às questões que se seguem:

TEXTO

O ABRAÇO

(Momentos antes de jantar, Eugénio desprezara o pai não respondendo na rua ao seu cumprimento, com vergonha de que o seus colegas soubessem que ele era um pobre alfaiate.)

D. Alzira levantou-se:

- Ninguém quer mais nada?

Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente. Ernesto ficou imóvel um instante, acendendo o cigarro. A mãe começou a desfazer a mesa.

Aconteceu então o inevitável. Os olhos de Eugénio encontraram os do pai. Ângelo sorriu para o filho, não um sorriso dequem concede perdão, mas um sorriso servil e constrangido de quem pede perdão. Perdão por não ter dinheiro, por ser alfaiate, por andar mal vestido, por não passar de um pobre diabo. Eugénio desviou os olhos mas aquele soriso ficou a doer-lhe. Lembrou-se de um cachorrinho, que tivera havia muitos anos, pobre vira-lata pelado e sarnento. Vinha lamber as mãos dos que lhe davam pontapés…

E, pela primeira vez, naquela noite, Ângelo dirigiu-se ao filho:

- Genoca, tu não estás precisando de mais roupa?

Sem ousar fitá-lo, Eugénio respondeu:

- Não, pai, muito obrigado. Agora estou bem de roupa.(Como aquilo lhe roía! Por que era ele assim tão ruim? Por que não rompia todas as barreiras ? Por que não se erguia para abraçar o pai, para lhe pedir perdão pelo que lhe fizera? Sentiu um nó na garganta.)

- Não vê que eu tenho um corte de casimira muito bonito aí…

- Não, pai, muito obrigado.

Havia timidez e ternura no oferecimento do pai. Era como se ele quisesse compensar com o presente de um roupa culpa de não ser rico, de não ter posição, de não dar melhor sorte aos filhos

ERICO VERISSIMO, Olhai os lírios do Campo, (1938)

I

1.Explica por que razão Eugénio desprezara o pai?

porque o pai era pobre, era um alfaiate, andava mal vestido, ele era um pobre diabo. 1,5

2. Que pensas da atitude do Eugénio?

Ele agiu de um maneira estúpida uma maneira agressiva, de uma maneira que um filho nunca podia responde 1,5

3."Os olhos de Eugénio encontraram os do pai." com pai

3.1.Como reagiram eles a este encontro de olhares?

O pai ficou feliz porque o filho que não suporta a pobreza olhou p
E o filho ficou com vergonha do pai quando desviou o olhar ele ficou muito angustiado 1,0

4." Sentiu um nó na garganta." ficou triste

4.1.Explica o sentido desta expressão

É como se tivesse algo a dizer para uma pessoa mas começa a ter dificuldade 1,0

4.2.Identifica e explica a figura de estilo aí presente.

B

II

1. Classifica o narrador do texto quanto à presença. Justifica a resposta.

O narrador é participante porque está a falar na 1ª pessoa.

2. Faz o levantamento de todas as personagens do texto e indica a principal. Justifica a resposta.

São Eugénio, Dona Alzira, Ângelo, Ernesto, a mãe

A personagem principal era o Eugénio. 1,5

Porque o texto está a falar dele.

3. Caracteriza psicologicamente Ângelo?

Ambicioso

malcriado

não suporta pobreza

4. Localiza a acção do texto no tempo e no espaço.

Tempo - momentos antes do jantar 1,0

Espaço - na sua

III

1. Considera a frase: "Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente."

1.1. Analisa-a sintacticamente

Sujeito composto - Eugénio e Ângelo

predicado verbal - sacudiram a cabeça negativamente 1,5

C. Directo - a cabeça negativamente

Advérbio de negação - negativamente

2. Nas frases que se seguem, coloca um V ou um F nas frases que considerares verdadeiras ou falsas:

a) A frase complexa é constituída por varias orações. V

b) As orações coordenadas são dependentes uma da outra. F

c) A palavra que liga as duas orações chama-se pronome. V 0,75

d) As coordenadas adversativas opõem-se uma a outra. V

3. Atenta na frase: "Desviou os olhos contudo aquele sorriso ficou a doer-lhe."

3.1. Divide-a em orações e classifica-as. 1,0

1ª oração - Desviou os olhos contudo - oração coordenada

2ª oração aquele sorriso ficou a doer-lhe - oração coordenada adversativa

BOM TRABALHO!

T28

Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto
1º Teste Sumativo de Português – 3º Trimestre

Nome: [redacted] Nº [redacted] Turma . [redacted] .Classificação . 8,75 [redacted]

Lê atentamente o texto e responde com clareza e correcção às questões que se seguem:

TEXTO

O ABRAÇO

(Momentos antes de jantar, Eugénio desprezara o pai não respondendo na rua ao seu cumprimento, com vergonha de que o seus colegas soubessem que ele era um pobre alfaiate.)

D. Alzira levantou-se:

- Ninguém quer mais nada?

Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente. Ernesto ficou imóvel um instante, acendendo o cigarro. A mãe começou a desfazer a mesa.

Aconteceu então o inevitável. Os olhos de Eugénio encontraram os do pai. Ângelo sorriu para o filho, não um sorriso dequem concede perdão, mas um sorriso servil e constrangido de quem pede perdão. Perdão por não ter dinheiro, por ser alfaiate, por andar mal vestido, por não passar de um pobre diabo. Eugénio desviou os olhos mas aquele soriso ficou a doer-lhe. Lembrou-se de um cachorrinho, que tivera havia muitos anos, pobre vira-lata pelado e sarnento. Vinha lamber as mãos dos que lhe davam pontapés…

E, pela primeira vez, naquela noite, Ângelo dirigiu-se ao filho:

- Genoca, tu não estás precisando de mais roupa?

Sem ousar fitá-lo, Eugénio respondeu:

- Não, pai, muito obrigado. Agora estou bem de roupa.(Como aquilo lhe roía! Por que era ele assim tão ruim? Por que não rompia todas as barreiras ? Por que não se erguia para abraçar o pai, para lhe pedir perdão pelo que lhe fizera? Sentiu um nó na garganta.)

- Não vê que eu tenho um corte de casimira muito bonito aí…

- Não, pai, muito obrigado.

Havia timidez e ternura no oferecimento do pai. Era como se ele quisesse compensar com o presente de um roupa culpa de não ser rico, de não ter posição, de não dar melhor sorte aos filhos

ERICO VERISSIMO, Olhai os lírios do Campo, (1938)

I

1.Explica por que razão Eugénio desprezara o pai? 1,5
Não respondeu na rua ao cumprimento, com vergonha de que os seus colegas soubessem que ele era um pobre alfaiate.

2. Que pensas da atitude do Eugénio? 0,5
Um mau atitude.

3."Os olhos de Eugénio encontraram os do pai."

3.1.Como reagiram eles a este encontro de olhares? 1,0
Ângelo sorriu para o filho, não um sorriso de quem concede perdão, mas um sorriso servil e constrangido de quem pede perdão.

4." Sentiu um nó na garganta."

4.1.Explica o sentido desta expressão. 1,0
Ele sentiu que tinha de pedir o pai desculpa por ter tido desprezo.

4.2.Identifica e explica a figura de estilo aí presente.
Figura de estilo Animismo.

B

II

1. Classifica o narrador do texto quanto à presença. Justifica a resposta.

2. Faz o levantamento de todas as personagens do texto e indica a principal. Justifica a resposta.

1,5

3. Caracteriza psicologicamente Ângelo?

4. Localiza a acção do texto no tempo e no espaço.

1,0

III

1. Considera a frase: "Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente."

   1.1. Analisa-a sintacticamente.

1,5

2. Nas frases que se seguem, coloca um V ou um F nas frases que considerares verdadeiras ou falsas:

   a) A frase complexa é constituída por varias orações. F
   b) As orações coordenadas são dependentes uma da outra. V
   c) A palavra que liga as duas orações chama-se pronome. V
   d) As coordenadas adversativas opõem-se uma a outra. F

3. Atenta na frase: "Desviou os olhos contudo aquele sorriso ficou a doer-lhe."

   3.1. Divide-a em orações e classifica-as.

0,75

1ª oração - Desviou os olhos - coordenada

2ª oração - contudo aquele sorriso ficou a doer-lhe - coordenada adversativa

BOM TRABALHO!

T29

Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto
1º Teste Sumativo de Português – 3º Trimestre

Nome: [redacted] Nº [redacted] Turma [redacted] Classificação 11,0

Lê atentamente o texto e responde com clareza e correcção às questões que se seguem:

TEXTO

O ABRAÇO

(Momentos antes de jantar, Eugénio desprezara o pai não respondendo na rua ao seu cumprimento, com vergonha de que o seus colegas soubessem que ele era um pobre alfaiate.)

D. Alzira levantou-se:

- Ninguém quer mais nada?

Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente. Ernesto ficou imóvel um instante, acendendo o cigarro. A mãe começou a desfazer a mesa.

Aconteceu então o inevitável. Os olhos de Eugénio encontraram os do pai. Ângelo sorriu para o filho, não um sorriso dequem concede perdão, mas um sorriso servil e constrangido de quem pede perdão. Perdão por não ter dinheiro, por ser alfaiate, por andar mal vestido, por não passar de um pobre diabo. Eugénio desviou os olhos mas aquele soriso ficou a doer-lhe. Lembrou-se de um cachorrinho, que tivera havia muitos anos, pobre vira-lata pelado e sarnento. Vinha lamber as mãos dos que lhe davam pontapés…

E, pela primeira vez, naquela noite, Ângelo dirigiu-se ao filho:

- Genoca, tu não estás precisando de mais roupa?

Sem ousar fitá-lo, Eugénio respondeu:

- Não, pai, muito obrigado. Agora estou bem de roupa.(Como aquilo lhe roía! Por que era ele assim tão ruim? Por que não rompia todas as barreiras ? Por que não se erguia para abraçar o pai, para lhe pedir perdão pelo que lhe fizera? Sentiu um nó na garganta.)

- Não vê que eu tenho um corte de casimira muito bonito aí…

- Não, pai, muito obrigado.

Havia timidez e ternura no oferecimento do pai. Era como se ele quisesse compensar com o presente de um roupa culpa de não ser rico, de não ter posição, de não dar melhor sorte aos filhos

ERICO VERISSIMO, Olhai os lírios do Campo, (1938)

I

1.Explica por que razão Eugénio desprezara o pai?

porque ele tem vergonha do pai, porque ele é um pobre alfaiate 1,5

2. Que pensas da atitude do Eugénio?

eu penso que não devia ter vergonha do pai porque alfaiate é uma profissão honrada 1,5

3."Os olhos de Eugénio encontraram os do pai."

3.1.Como reagiram eles a este encontro de olhares?

o pai sorriu para o filho, pedindo-lhe perdão por não ter dinheiro e o filho desviou os olhos do pai 2,0

4." Sentiu um nó na garganta."

4.1.Explica o sentido desta expressão.

ele ficou a doer que estava a espera uma reação do filho, queria dizer umas verdades para o filho.

4.2.Identifica e explica a figura de estilo aí presente.

metáfora exagero da verdade

4,0

II

1. Classifica o narrador do texto quanto à presença. Justifica a resposta.
o narrador é participante, porque conta a história na 1ª pessoa.

2. Faz o levantamento de todas as personagens do texto e indica a principal. Justifica a resposta.
principal - Eugénio
a mãe, a avó, os colegas e a D. Elvira.

1,5

3. Caracteriza psicologicamente Ângelo?
vergonha, ruim

4. Localiza a acção do texto no tempo e no espaço.
tempo - momentos antes de jantar
espaço - em casa

1,0

III

Suj composto Predicado nominal

1. Considera a frase: "Eugénio e Ângelo sacudiram a cabeça negativamente."
1.1. Analisa-a sintacticamente

Sujeito - Eugénio e Ângelo, Suj composto
Predicado nominal - sacudiram a cabeça negativamente
Complemento directo - a cabeça
Modificador -

1,5

2. Nas frases que se seguem, coloca um V ou um F nas frases que considerares verdadeiras ou falsas:
   a) A frase complexa é constituída por varias orações. V
   b) As orações coordenadas são dependentes uma da outra. F
   c) A palavra que liga as duas orações chama-se pronome. V
   d) As coordenadas adversativas opõem-se uma a outra. F

0,5

3. Atenta na frase: "Desviou os olhos contudo aquele sorriso ficou a doer-lhe."
   3.1. Divide-a em orações e classifica-as.

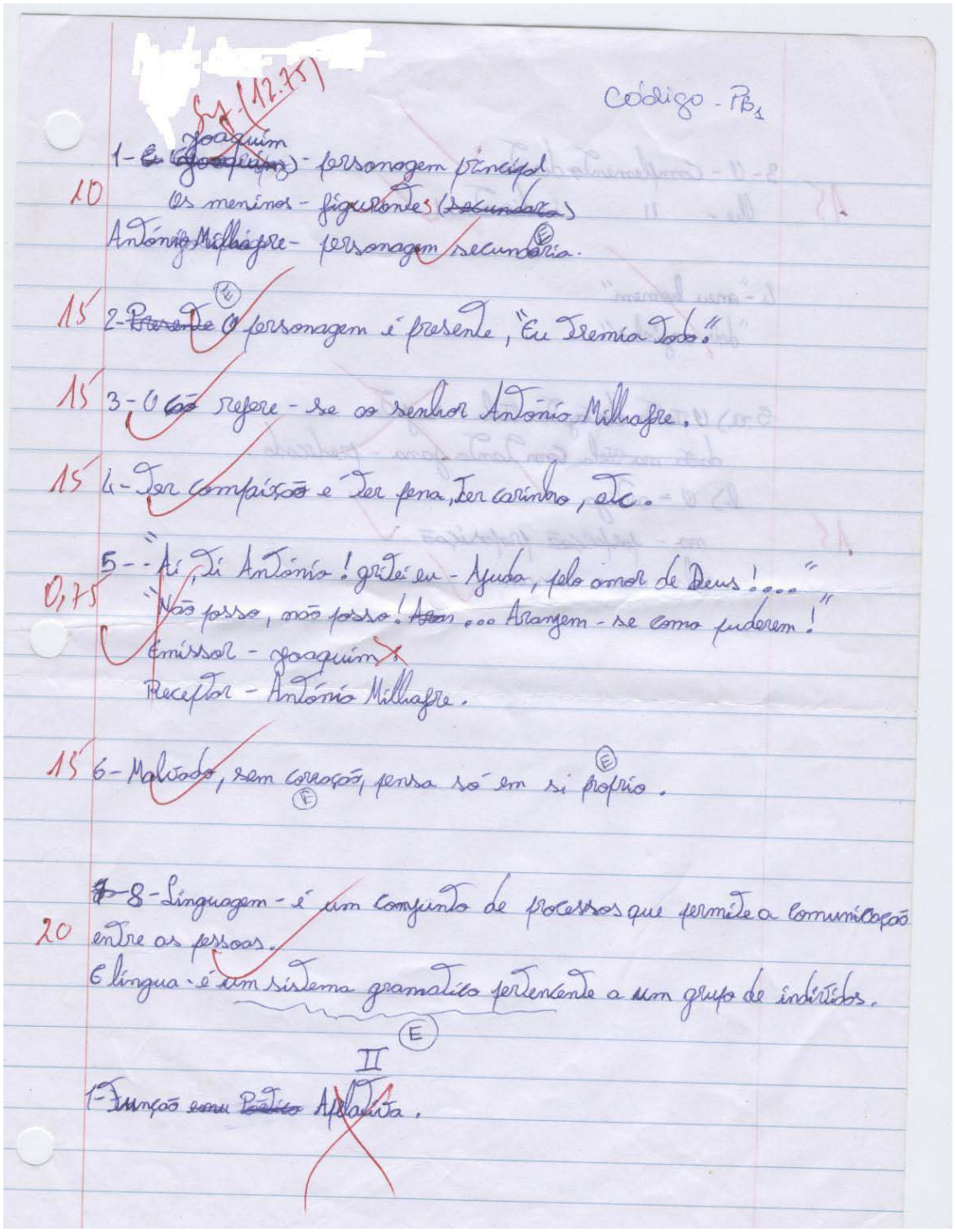
1ª oração - Desviou os olhos - oração coordenada copulativa
2ª oração - contudo aquele sorriso - oração coordenada adversativa
3ª oração - ficou a doer-lhe - oração coordenada adversativa

0,5

BOM TRABALHO!

TESTES SUMATIVOS DOS ALUNOS DO PB

TB – 1



Código - PB1

12.75

1- Joaquim - personagem principal
Os meninos - figurantes (secundária)
António Milhafre - personagem secundária.

2- O personagem é presente, "Eu Jeremia Jobs."

3- O refere-se ao senhor António Milhafre.

4- Ter compaixão é ter pena, ter carinho, etc.

5- "Ai Ti António! gritei eu - Ajuda, pelo amor de Deus!..."
"Não posso, não posso! ... Arranja-te como puderem!"
Emissor - Joaquim
Recetor - António Milhafre.

6- Malvado, sem coração, pensa só em si próprio.

8- Linguagem - é um conjunto de processos que permite a comunicação entre as pessoas.
E língua - é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos.

II

1- Função emotiva Apelativa.

15

3- O - Complemento direto ✓
lhe - " indireto ✓

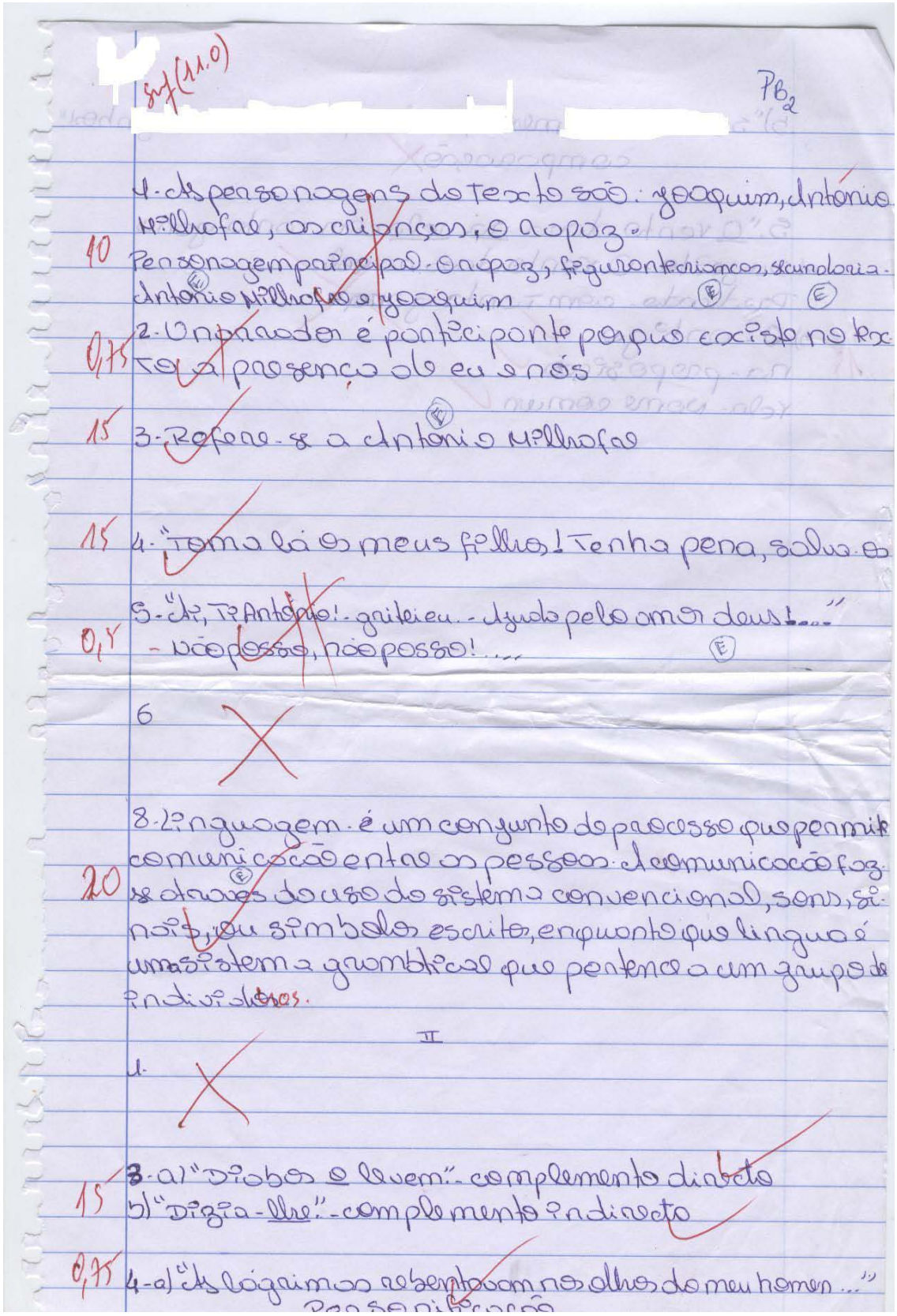
4- "meu ~~homem~~"
"dois anjinhos"

5-a) O Vento ~~dançava na vela~~ - ~~sujeito~~
~~dança na vela~~ com tanta gana - predicado.

b) O = artigo ✓
na - ~~preposição~~ preposição ✓
Vela - nome comum ✓

15

TB – 2



PB2

14,0

1. As personagens do texto são: Joaquim, António Milhafre, as crianças, o Lobo.
Personagem principal - o Lobo, figura fantástica, escuridão, escuridão - António Milhafre e Joaquim

2. O narrador é participante porque existe no texto a presença do eu e nós

3. Refere-se a António Milhafre

4. "Toma lá os meus filhos! Tenha pena, salve-os

5. "Ai, Tio António! - gritei eu. - Ajude pelo amor deus!..."
- Não posso, não posso!...

6

8. Linguagem - é um conjunto de processo que permite comunicação entre as pessoas. Comunicação faz-se através do uso do sistema convencional, sons, sinais, ou símbolos escrito, enquanto que língua é um sistema gramatical que pertence a um grupo de indivíduos.

II

1.

3. a) "Diabos o levem". - complemento directo
b) "Dizia-lhe". - complemento indirecto

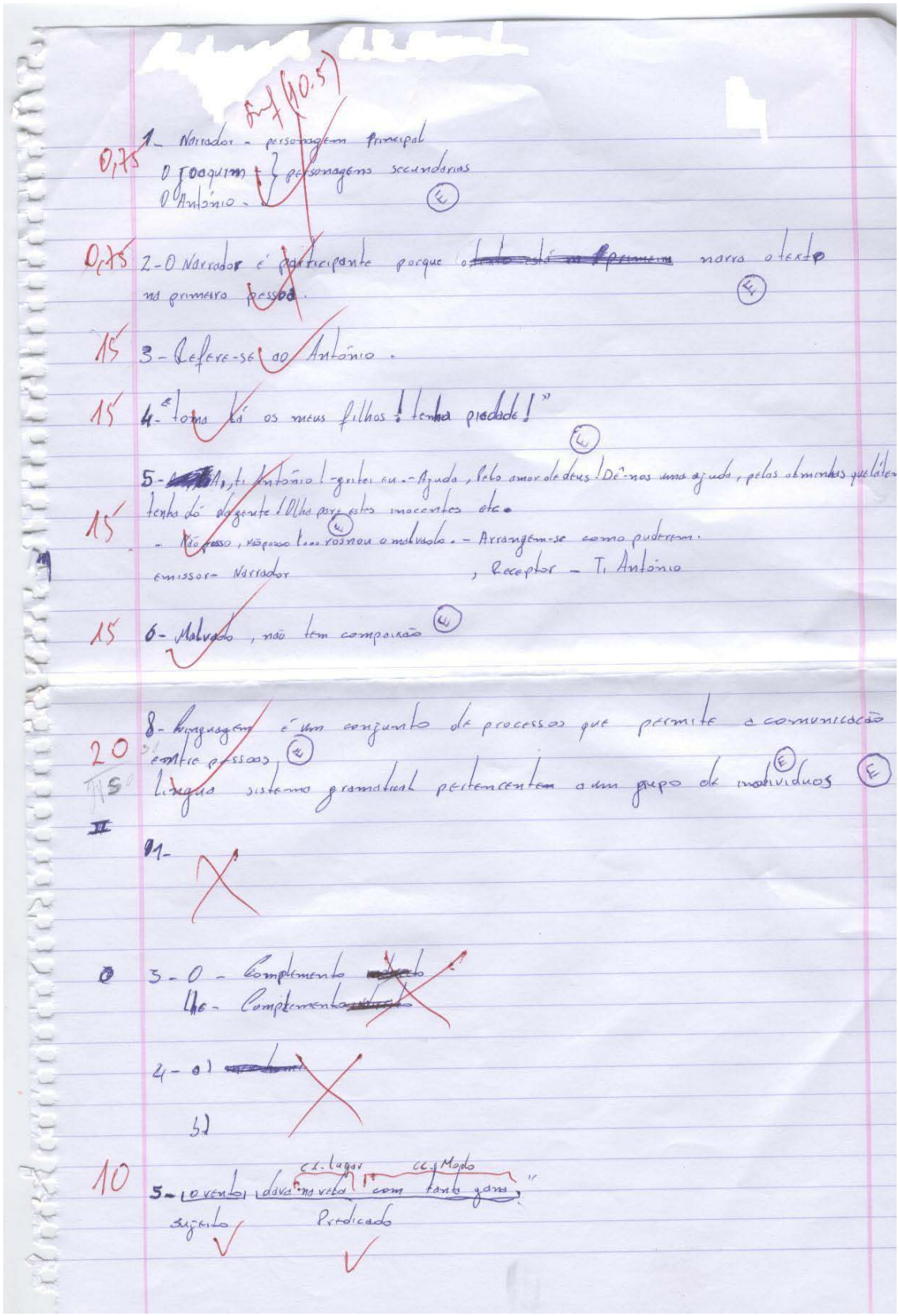
4. a) "As lágrimas ressentiram nos olhos do meu homem..."

b) "salve-os, ao menos, a eles que são dois anjinhos!"
composição ✗

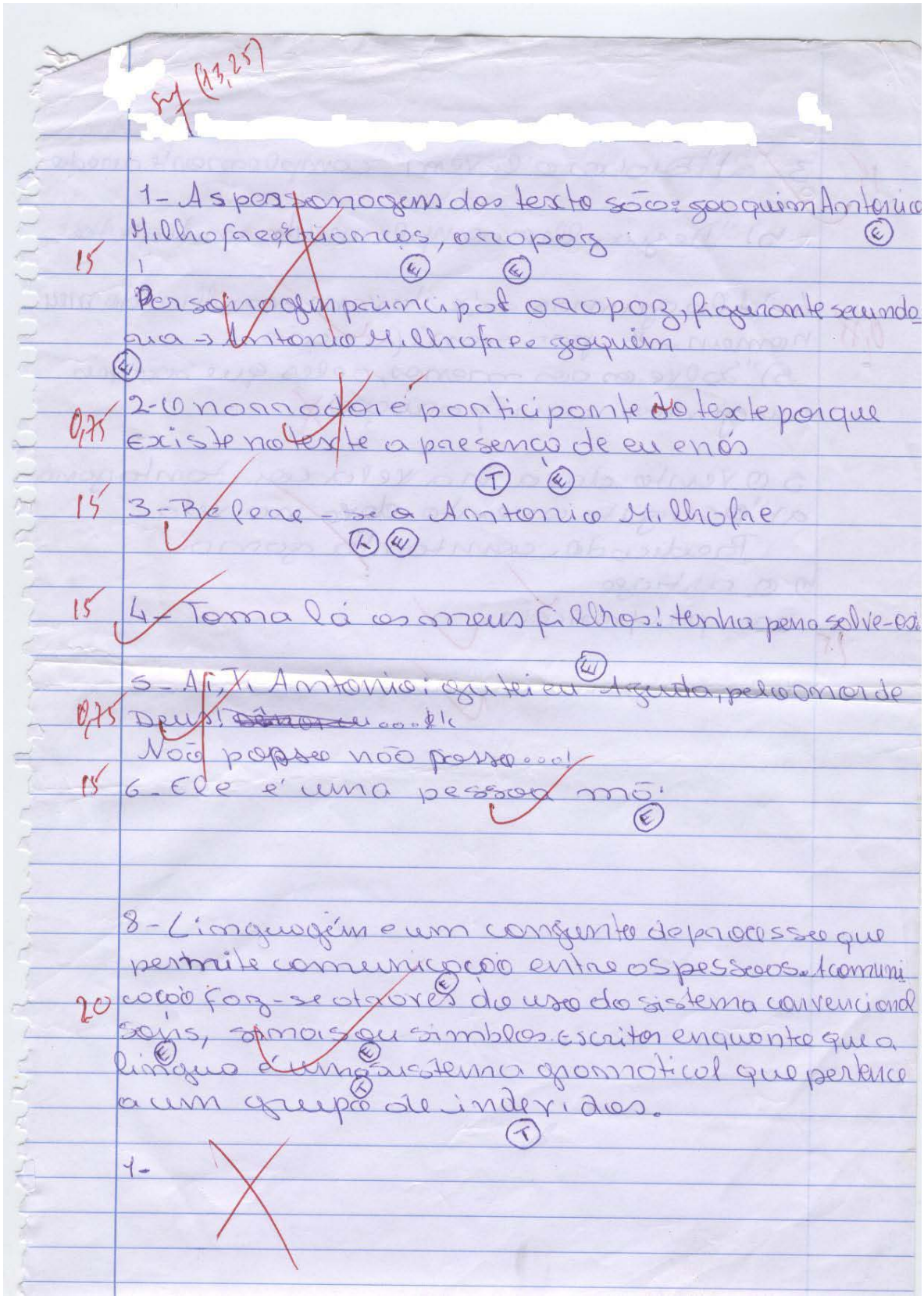
5.º O vento dava na vela com tanta gana
a) Sujeito - O vento dava na vela
Predicado - com tanta gana
b) O - artigo ✓
na - preposição ✓
vela - nome comum ✓

15

TB-3


Bom (10,5)
0,75 1- Narrador - personagem principal
O Joaquim } personagens secundárias
O António }
0,75 2- O Narrador é participante porque narra o texto na primeira pessoa.
1,5 3- Refere-se ao António.
1,5 4- "E toma lá os meus filhos! Tenha piedade!"
1,5 5- Ti António! - gritei eu. - Ajuda, pelo amor de deus! Dê-nos uma ajuda, pelas alminhas que lá tenha dó da gente! Olhe para estes inocentes etc.
- Não posso, não posso!... rosnou o malvado. - Arrangem-se como puderem.
emissor - Narrador , Receptor - Ti António
1,5 6- Malvado, não tem comparação
2 8- Linguagem é um conjunto de processos que permite a comunicação entre pessoas
1,5 Língua sistema gramatical pertencentes a um grupo de indivíduos
II
1-
3- O - Complemento
Lhe - Complemento
4- a)
b)
1 5- O vento | dava na vela | com tanta força
c.r. lugar c.c. Modo
sujeito Predicado

TB-4


5,7 (13,25)
1- As personagens do texto são: Joaquim Antonio Milhofa e Ironicos, o roupa
15
Personagem principal é o roupa, figurante sendo
que = Antonio Milhofa e Joaquim
0,75 2- O narrador é participante do texto porque
existe no texto a presença de eu e nós
15 3- Pelepe - se a Antonio Milhofa
15 4- Toma lá os teus filhos! tenha pena salve-os
0,75 5- Ai, Ai Antonio: ajuda eu Ajuda, pelo amor de
Deus! ...
Não posso não posso...!
15 6- Ele é uma pessoa má.
8- Linguagem é um conjunto de processos que
permite comunicação entre os pessoas. Comuni
20 cação faz-se através do uso do sistema convencional
sons, gestos ou simbolos escritos enquanto que a
linguagem é um sistema gramatical que pertence
a um grupo de individuos.
1-

15

3 a) "Dizem-lhe" complemento directo

b) "Diz-lhe" complemento indirecto

0,75

4 - "A logo nos ventaram nos olhos do meu homem..." personificação

5) "Salve-os dos menos, dos eles que são dois amigos" comparação X

5 O vento dava na vela que tomta gorna

a) "O" sujeito o vento dava na vela

Predicado. comtomta gorna.

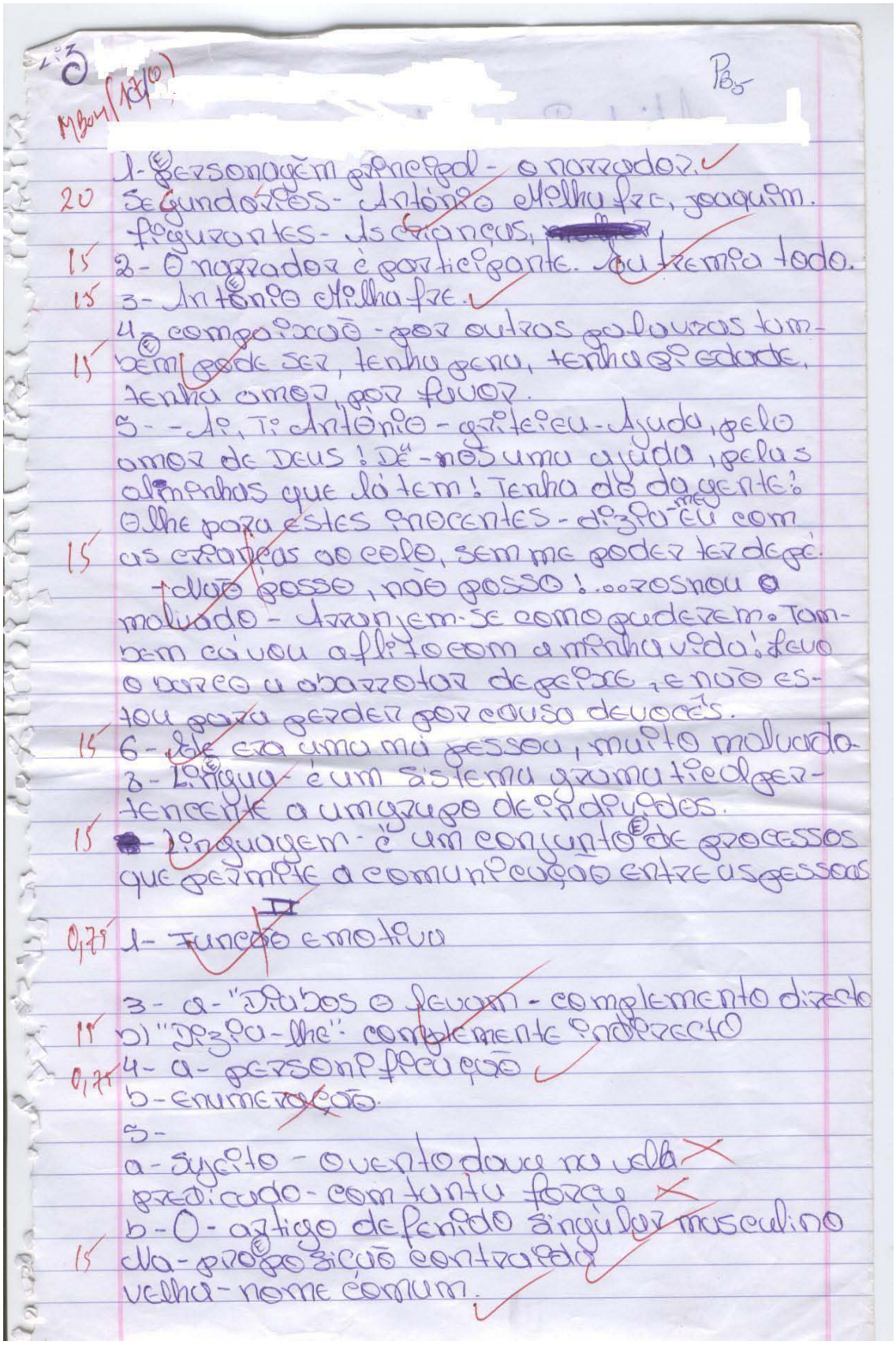
b) o artigo

na preposições.

15

vela - nome comum

TB-5



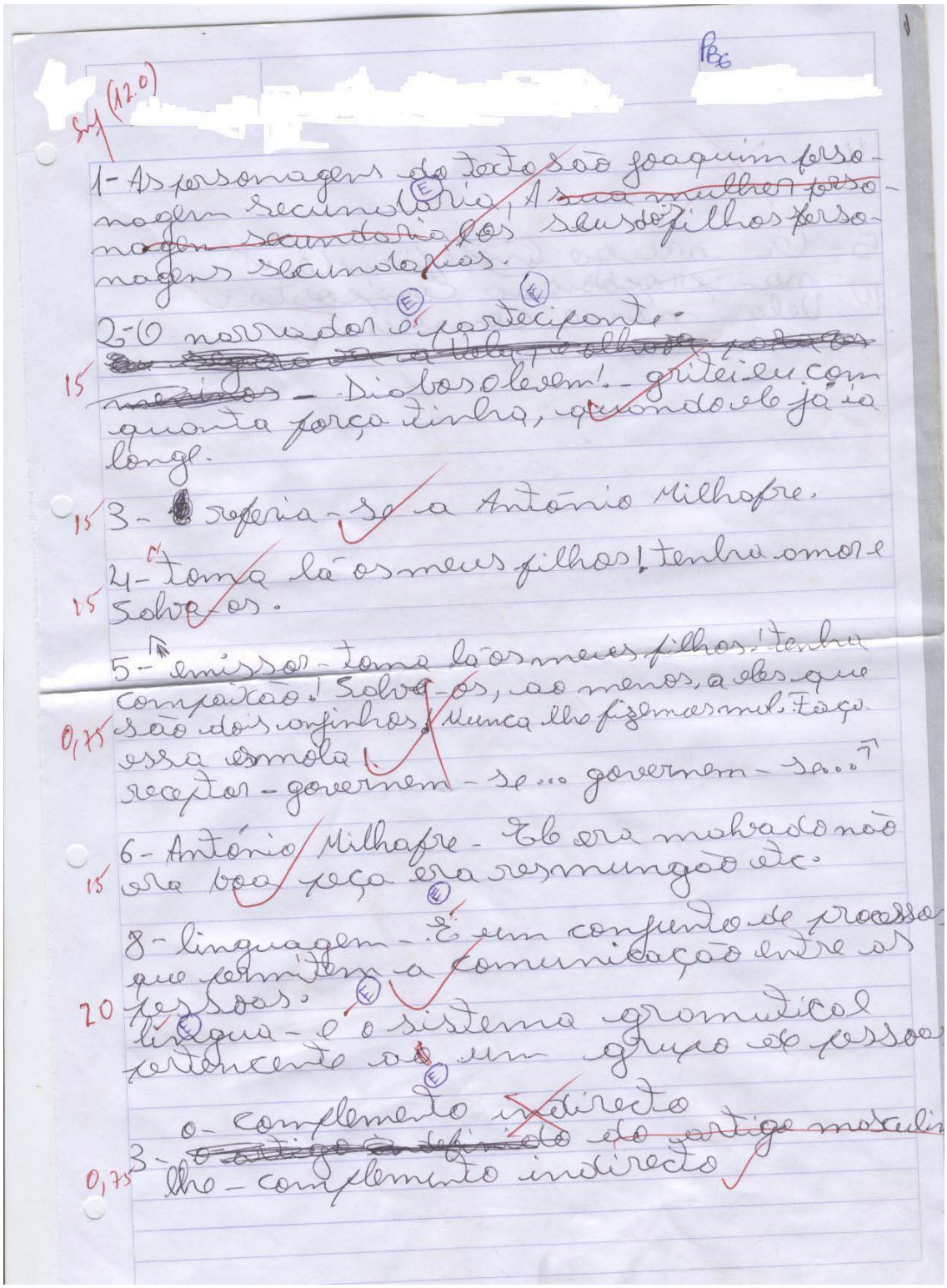
1- Personagem principal - o narrador.
2º Secundárias - António Malhafre, Joaquim.
Figurantes - As crianças, [illegible]
2- O narrador é participante. Tremia todo.
3- António Malhafre.
4- compaixão - por outras palavras também pode ser, tenha pena, tenha piedade, tenha amor, por favor.
5- - Ai, Ti António - gritei eu - Ajuda, pelo amor de Deus! Dê-nos uma ajuda, pelas alminhas que lá tem! Tenha dó da gente! Olhe para estes inocentes - disse eu com as crianças ao colo, sem me poder ter de pé.
- Não posso, não posso! ... rosnou o maluco - Arranjem-se como puderem. Também cá vou aflito com a minha vida! Levo o barco a abarrotar de peixe, e não estou para perder por causa de vocês.
6- Ele era uma má pessoa, muito maluco.
3- Língua - é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos.
- Linguagem - é um conjunto de processos que permite a comunicação entre as pessoas

II

1- Função emotiva

3- a- "Deus o levam - complemento direto
b) "Disse-lhe": complemento indireto
4- a- personificação
b- enumeração.
5-
a- Sujeito - o vento dava na vela
predicado - com tanta força
b- O - artigo definido singular masculino
da - preposição contraída
velha - nome comum.

TB – 6



1- As personagens de facto são Joaquim Personagem secundária, A ~~sua melhor personagem secundária~~ os seus filhos personagens secundárias.

2- O narrador é participante.

15 ~~Os ingratos de olhos pretos~~ ~~meninos~~ – Diabos o levem! – gritei-lhe com quanta força tinha, quando ele já ia longe.

15 3- ~~O~~ referia-se a António Milhafre.

15 4- Toma lá os meus filhos! tenha amor e Salva-os.

5- emissor - toma lá os meus filhos! tenha
0,75 compaixão! Salva-os, ao menos, a eles que são dois anjinhos! Nunca lhe fizemos mal. Faça essa esmola!
recetor - governem-se ... governem-se ...

15 6- António Milhafre - Ele era malvado não era boa peça era resmungão etc.

20 8- linguagem - É um conjunto de processos que permitem a comunicação entre as pessoas.
língua - é o sistema gramatical pertencente a um grupo de pessoas

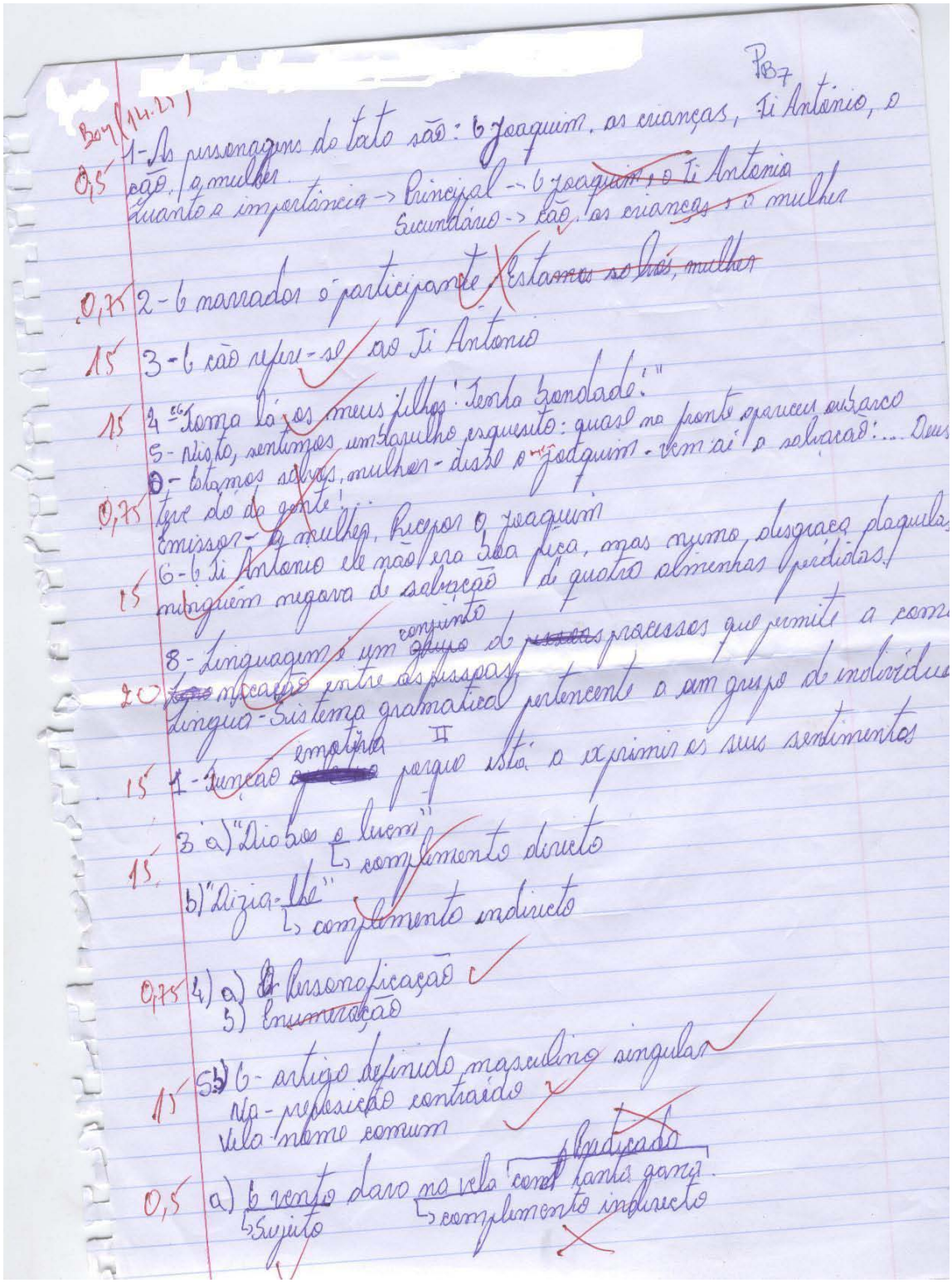
0,75 3- o- complemento indirecto
~~O artigo definido~~ do artigo masculi
lho - complemento indirecto

4 X

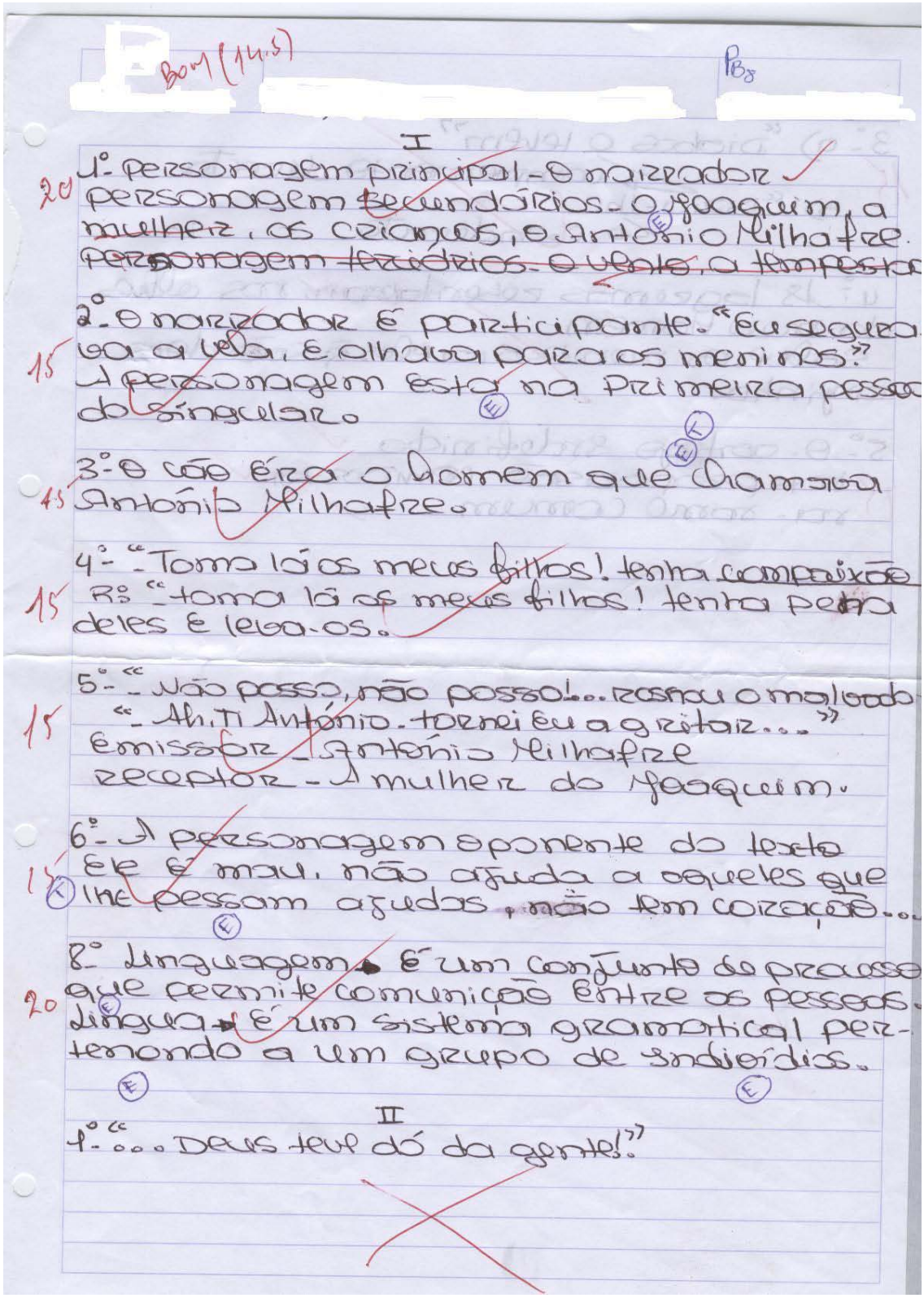
5- O artigo ~~in~~definido
na- preposição composta
Vela- nome comum

10

TB – 7


PB7
Bom (14.2)
0,5 1- As personagens do texto são: o Joaquim, as crianças, Ti António, o cão, a mulher
quanto a importância → Principal → o Joaquim e Ti António
Secundário → cão, as crianças e a mulher
0,75 2- o narrador é participante
1,5 3- o cão refere-se ao Ti António
1,5 4- "Toma lá os meus filhos! Tenho bondade!"
5- Nisto, sentimos um latido esquesito: quase no fronte apareceu outro cão
0,75 6- Estamos salvos, mulher - disse o Joaquim - vem aí o salvação!... Deus tem dó de gente!
1,5 Emissor - a mulher, Recepor o Joaquim
6- o Ti António ele não era boa pessoa, mas numa desgraça daquelas, ninguém negava de salvação
8- Linguagem é um conjunto de processos que permite a comunicação entre as pessoas
2,0 Língua - Sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos
1,5 1- função emotiva II porque está a exprimir os seus sentimentos
1,5 3 a) "Dio-los e luem"
└ complemento direto
b) "Dizia-lhe"
└ complemento indireto
0,75 4) a) Personificação
b) Enumeração
1,5 5) a) 6- artigo definido masculino singular
No - preposição contraído
vela nome comum
0,5 a) o vento dava na vela com toda a força.
└ Sujeito └ complemento indireto

TB – 8



Bom (14,5)

PB3

I

20 1º- Personagem principal - O narrador
personagem secundários - O Joaquim, a
mulher, os crianças, o António Milhafre.
personagem terciários - O vento, a tempesta

2º - O narrador é participante. "Eu segue-
va a vela, e olhava para os meninos."
A personagem está na primeira pesso
do singular.

3º - O cão era o homem que chamava
António Milhafre.

4º - "- Toma lá os meus filhos! tenha compaixão
R: "- toma lá os meus filhos! tenha pena
deles e leva-os.

5º - "- Não posso, não posso!... rosnou o maloado
"- Ah, ti António. torrei eu a gritar..."
Emissor - António Milhafre
receptor - A mulher do Joaquim.

6º - A personagem oponente do texto
ele é mau, não ajuda a aqueles que
lhe pessam ajudas, não tem coração...

8º - Linguagem - é um conjunto de proces
que permite comunicação entre as pessoas.
Língua - é um sistema gramatical per-
tencendo a um grupo de indivíduos.

II

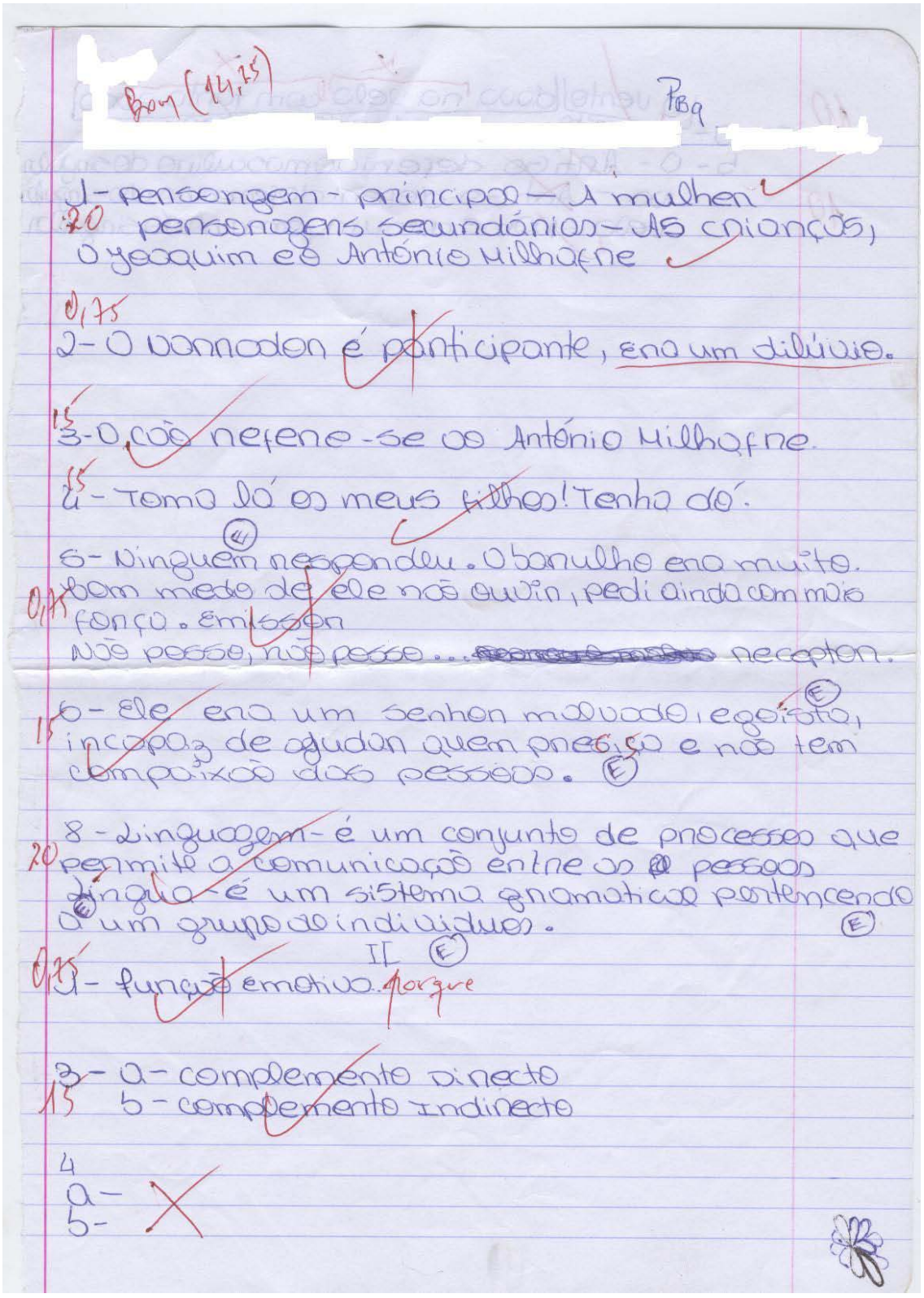
1º - "... Deus teve dó da gente!"

3.- a) "Diabos o levem"
15 b) "dizia-lhe"
complemento directo
complemento indirecto

4.- As lagrimas ~~rebentaram~~ nos olhos do meu Homem
Salvo, os meninos, a elas é são dois anjinhos.

5.- O - artigo indefinido ✓
na - preposição composta ✓
na - nome comum ✓
15

TB – 9


Bom (14,25)

1- personagem - principal — A mulher
personagens secundários — AS crianças, O Joaquim e o António Milhafre

2- O Vanmoden é participante, era um diálogo.

3- O, cão refere-se ao António Milhafre.

4- Toma lá os meus filhos! Tenha dó.

5- Ninguém respondeu. O barulho era muito. Tem medo de ele não ouvir, pedi ainda com mais força. Emissor
Não posso, não posso... recepton.

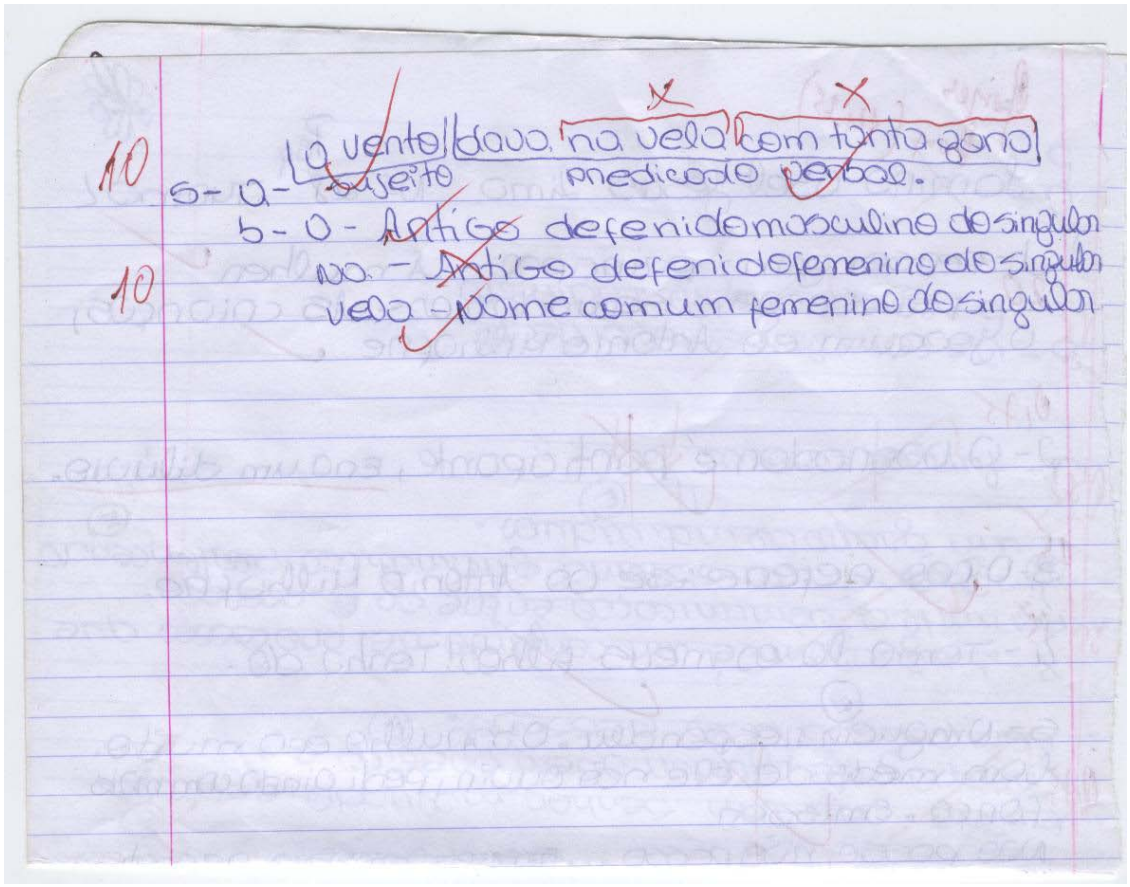
6- Ele era um senhor malvado, egoísta, incapaz de ajudar quem precisa e não tem compaixão dos pessoas.

8- Linguagem - é um conjunto de processos que permite a comunicação entre as pessoas
Língua - é um sistema gramatical pertencendo a um grupo de indivíduos.

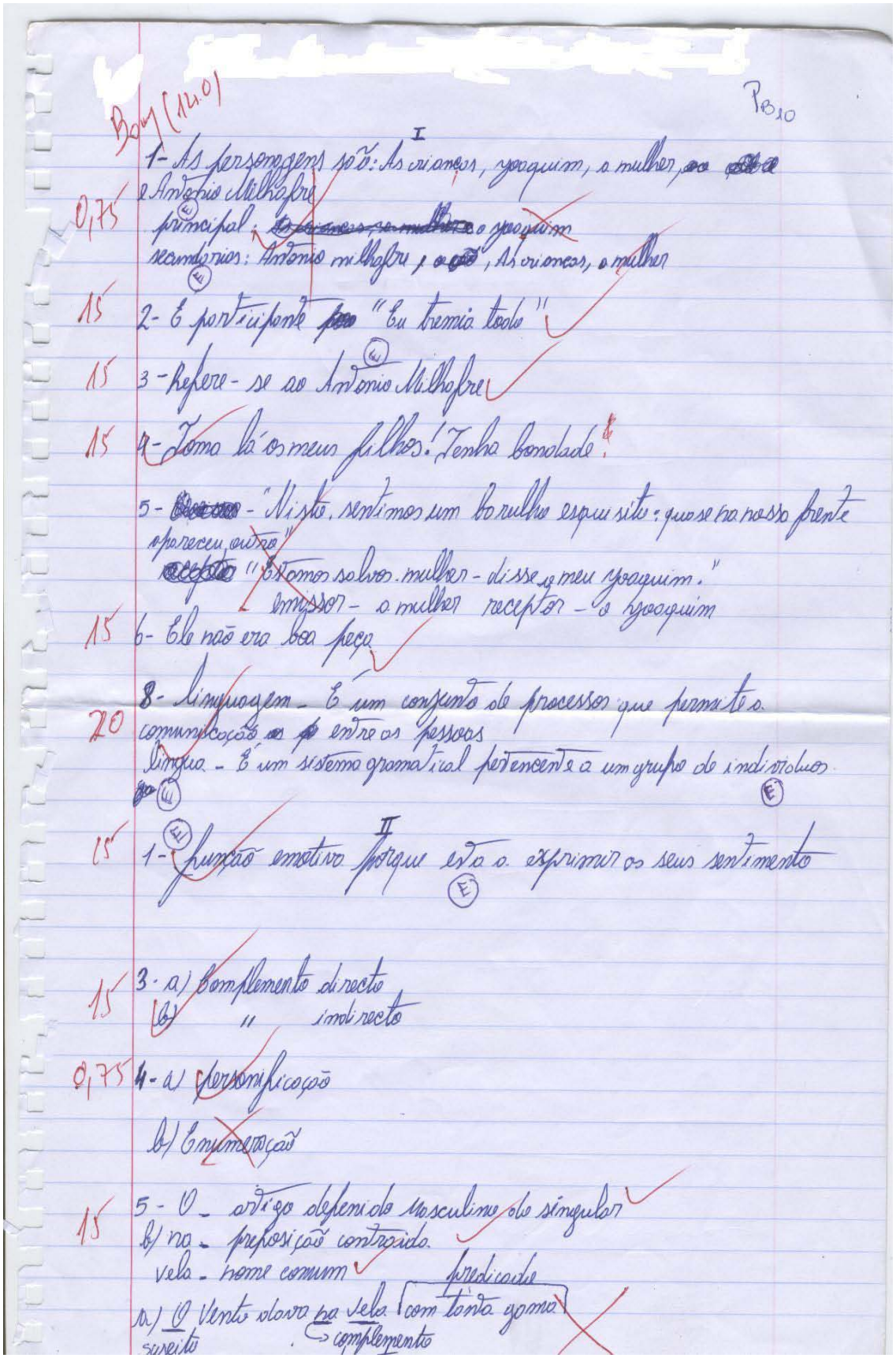
9- função emotiva. Porque

3- a- complemento directo
b- complemento indirecto

4
a- X
b-


10 5- a- O vento/ sujeito / bate na vela/ com tanta força/ predicado verbal.
b- O - Artigo definido masculino do singular
10 na - Artigo definido feminino do singular
vela - Nome comum feminino do singular

TB – 10



Bom (14,0)

PB10

I

1- As personagens são: As crianças, Joaquim, a mulher, e António Malhoa

0,75 (E) principal: o Joaquim

(E) secundárias: António malhoa, As crianças, a mulher

15 2- É participante "Eu tremia todo"

15 3- Refere-se ao António Malhoa (E)

15 4- Toma lá os meus filhos! Tenha bondade!

5- "Nisto, sentimos um borulho esquisito: que se via nossa frente apareceu outro"

"Estamos salvos, mulher - disse o meu Joaquim."

emissor - a mulher receptor - o Joaquim

15 6- Ele não era boa peça

8- Linguagem - É um conjunto de processos que permite a comunicação entre as pessoas

20 Língua - É um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos (E) (E)

II

15 1- (E) função emotiva porque está a exprimir os seus sentimento (E)

15 3- a) Complemento directo

b) " indirecto

0,75 4- a) personificação

b) Enumeração

15 5- O - artigo definido masculino do singular

b) na - preposição contraído.

vela - nome comum

predicado

c) O Vento olava na vela com toda a força

sujeito complemento

ANEXO III – TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS DO 8º ANO

TX1

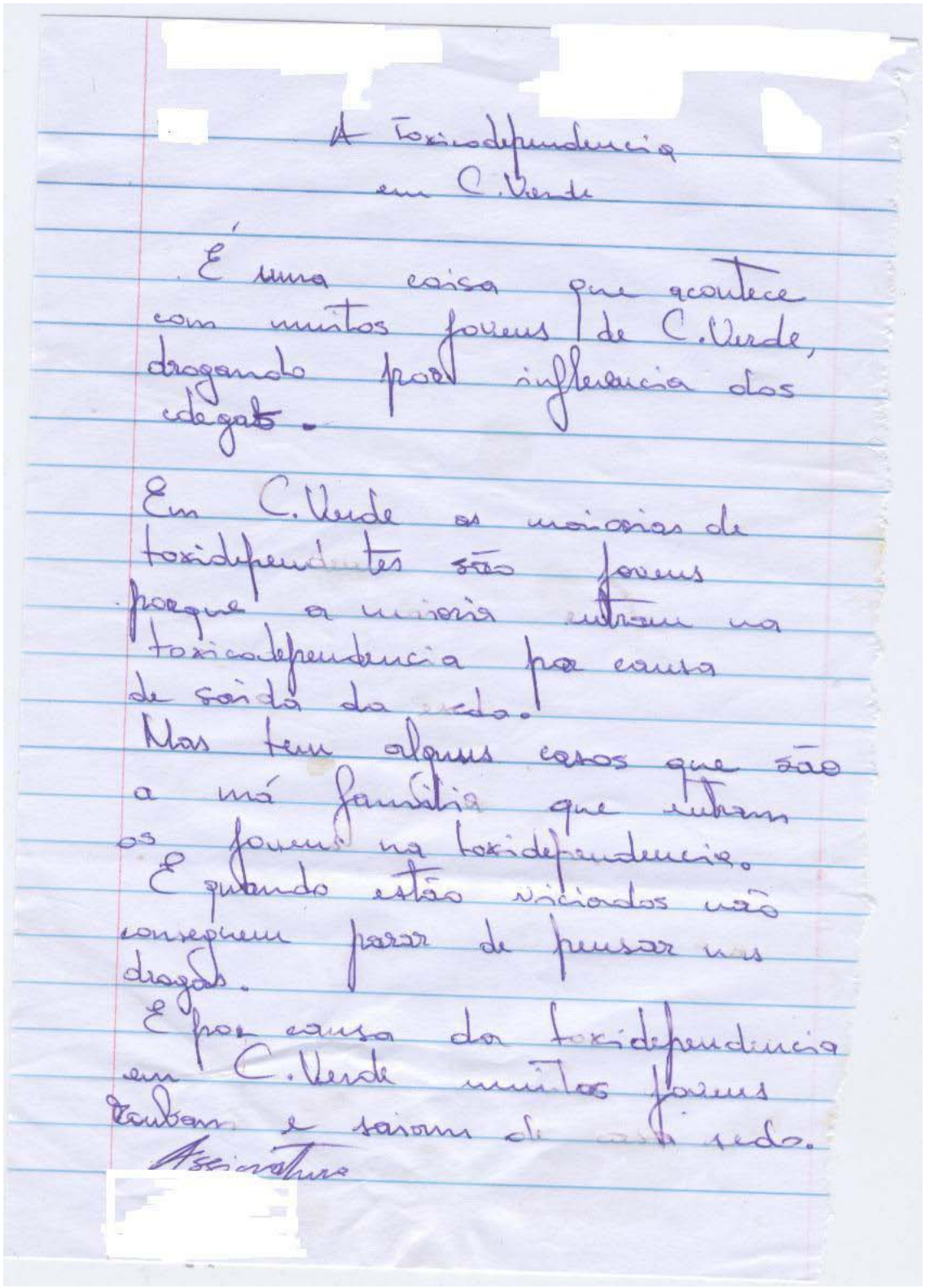
Quinta-feira, 15 de novembro de 2007

(E1)

Todos os dias venho para a escola assisto as aulas saio para o intervalo com as minhas amigas. Hoje, no 1º tempo eu tive Inglês estavamos à aprender a cant uma música em inglês e foi uma maravilha, no 2º tempo tive o f.p.s em que fomos entregar os tra balhos, no 3º tempo eu tive Português em que a pro fessora nos entregou os testes e fizemos a correçã no 4º tempo tive Matemática fizemos a correção dos testes e no último tempo finalmente tive IA nós demos os agentes económicos, a professora nos explicou muito bem a matéria e foi uma maravelha.

Para mim Quinta-feira foi um dia fantástico porque adoro tomar e fazer correções dos meus testes

TX2



A Toxicodependência
em C. Verde

É uma coisa que acontece com muitos jovens de C. Verde, drogando por influência dos colegas.

Em C. Verde as maiorias de toxidependentes são jovens porque a maioria entram na toxicodependência por causa de saída da escola.

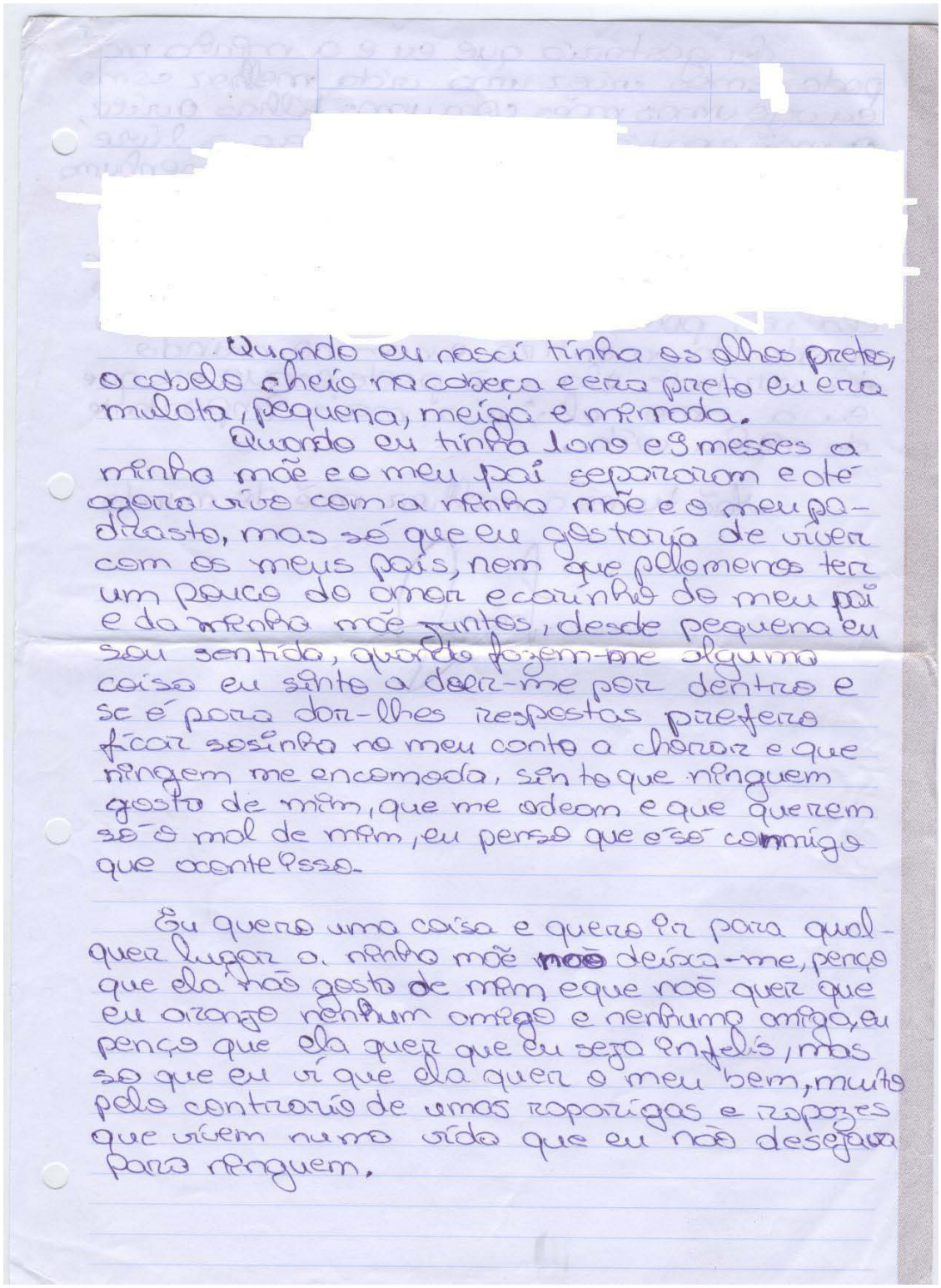
Mas tem alguns casos que são a má família que entram os jovens na toxidependência.

E quando estão viciados não conseguem parar de pensar nas drogas.

E por causa da toxidependência em C. Verde muitos jovens roubam e saíram da escola.

Assinatura

TX3



Quando eu nasci tinha os olhos pretos, o cabelo cheio na cabeça e era preto eu era mulata, pequena, meiga e mimada.

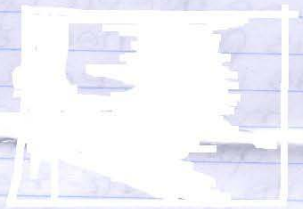
Quando eu tinha 1 ano e 9 meses a minha mãe e o meu pai separaram e até agora vivo com a minha mãe e o meu padrasto, mas só que eu gostaria de viver com os meus pais, nem que pelo menos ter um pouco do amor e carinho do meu pai e da minha mãe juntos, desde pequena eu sou sentida, quando fazem-me alguma coisa eu sinto a doer-me por dentro e se é para dar-lhes respostas prefiro ficar sozinha no meu canto a chorar e que ninguem me encomoda, sinto que ninguem gosta de mim, que me odeam e que querem só o mal de mim, eu penso que é só comigo que acontece isso.

Eu quero uma coisa e quero ir para qualquer lugar a minha mãe não deixa-me, penso que ela não gosta de mim e que não quer que eu arranje nenhum amigo e nenhuma amiga, eu penso que ela quer que eu seja infeliz, mas só que eu vi que ela quer o meu bem, muito pelo contrario de umas raparigas e rapazes que vivem numa vida que eu não desejava para ninguem.

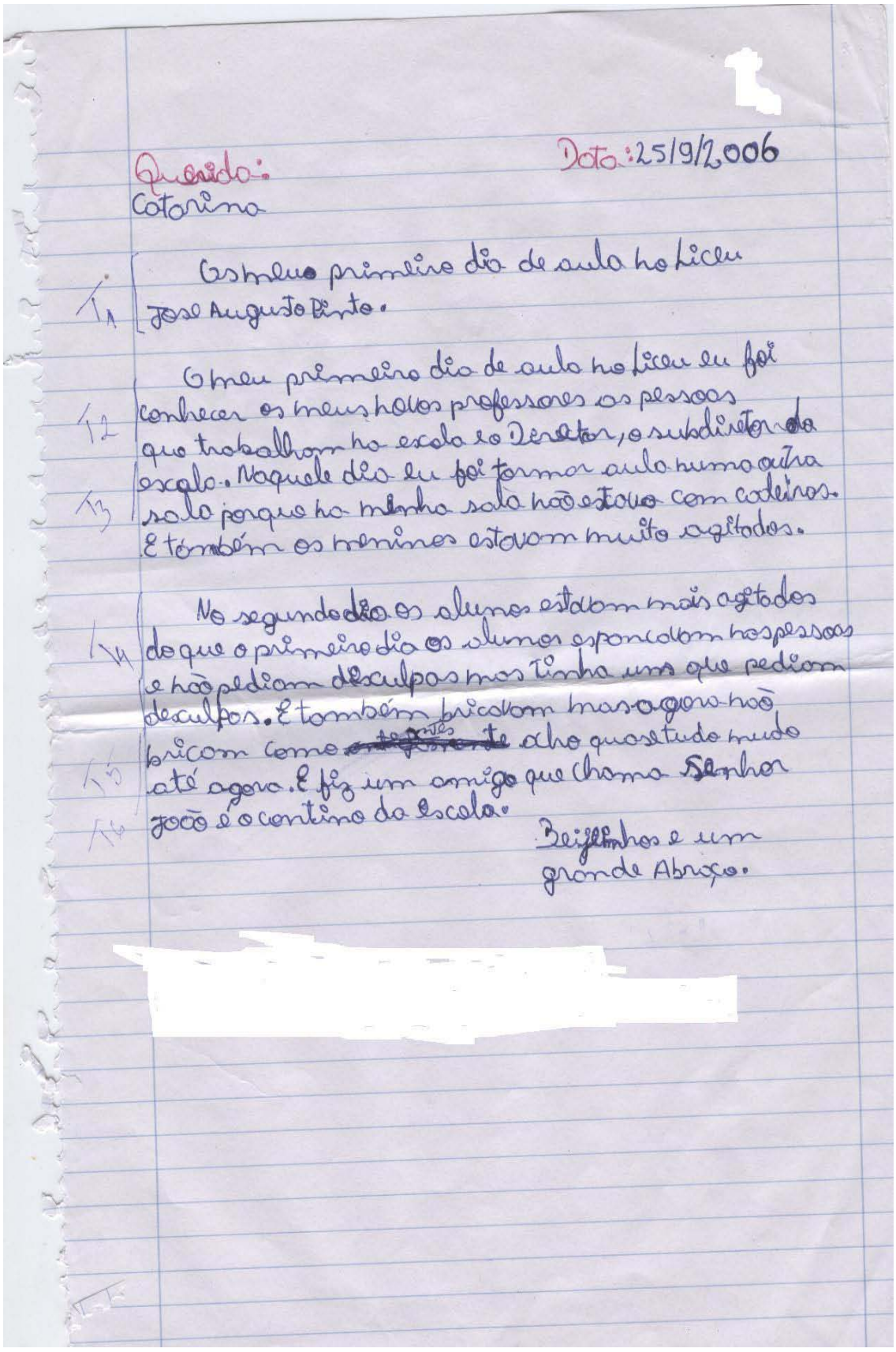
Eu gostaria que eu e a minha mãe
podessemos viver uma vida melhor como
eu vejo umas mães com umas filhas a viver,
a mãe confia na filha e deixa-a livre
não muito mas um pouco, e que nenhuma
delas escondam nada uma da outra.

A minha mãe as vezes ela fosme
nervo ela me irrita, mas uma coisa
ela não pode esquecer nem aqui no
mundo da mentira e nem no mundo
da verdade ela não pode esquecer que
eu a amo ela é a mais importante
da minha vida.

Mãe tu és a melhor mãe do mundo



TX4



Querido:
Catarina

Data: 25/9/2006

1/1 O meu primeiro dia de aula no Liceu José Augusto Pinto.

1/2 1/3 O meu primeiro dia de aula no Liceu eu foi conhecer os meus novos professores as pessoas que trabalham na escola o Diretor, o subdiretor da escola. Naquele dia eu foi tomar aula numa outra sala porque na minha sala não estava com cadeiras. E também os meninos estavam muito agitados.

1/4 No segundo dia os alunos estavam mais agitados do que o primeiro dia os alunos esponcavam nos pessoas e não pediam desculpas mas tinha uns que pediam desculpas. E também brincam mas agora não brincam como ~~antes~~ te acho que estudo muito até agora. E fiz um amigo que chama Senhor 1/5 João é o contino da escola.

1/6 Beijinhos e um grande Abraço.

TX5

[redacted]

Querida Haiana.

Pela primeira vez que eu estava a estudar 1ª classe numa escola de Berlim, os alunos dessa escola brincavam dando pontapés aos outros, quebravam vidros e eu não estava acostumada com essa escola eu sentava no meu canto parada, quietinha.

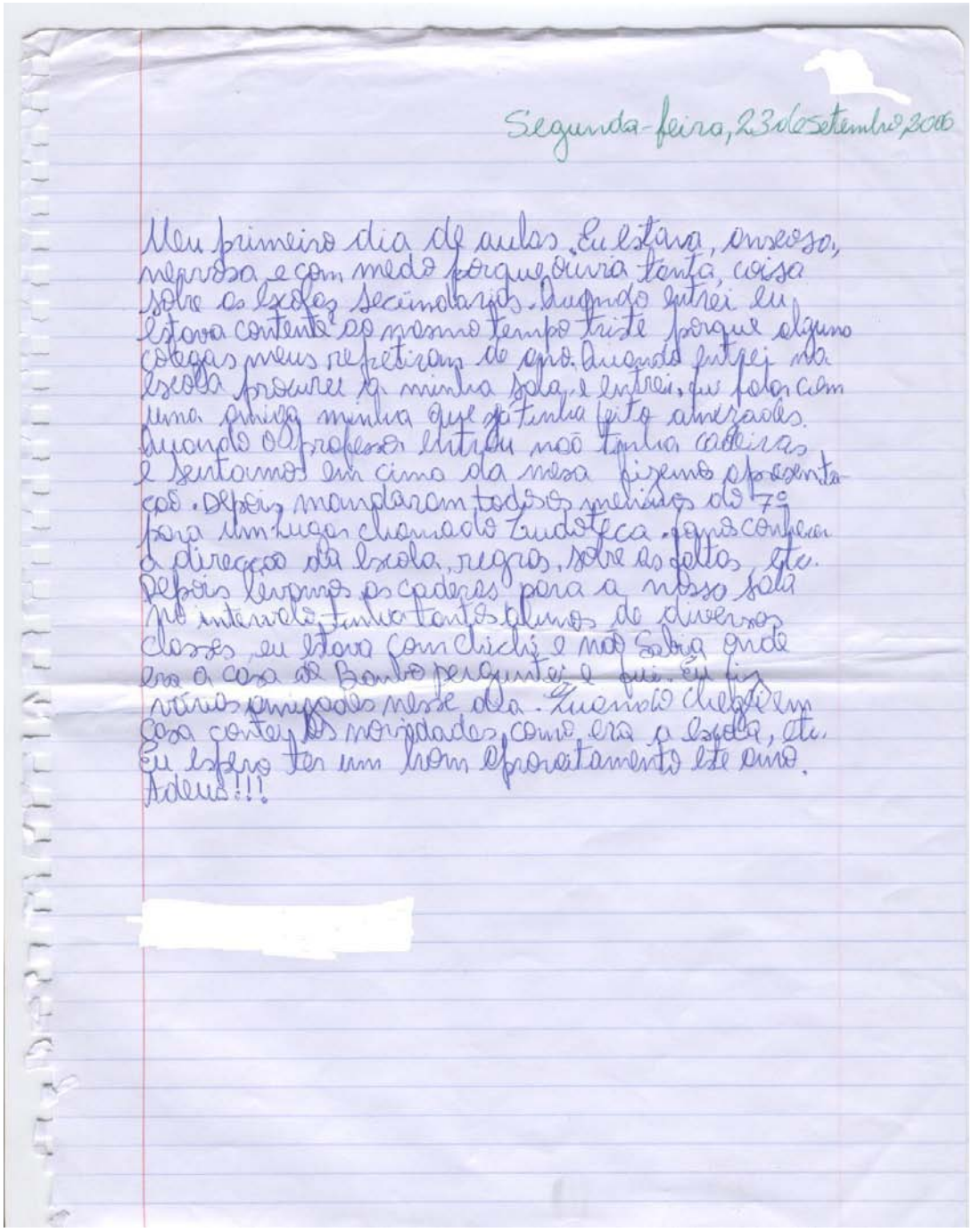
A escola tem um bom ambiente, depois de algumas semanas eu fiquei acostumada, brincava com as minhas amigas, eu gostava da escola, gostava do meu professor.

Nessa escola tem professores(as) simpáticos (as).

Todo o tempo passou e eu fiquei com saudades da escola.

Beijinhos da tua amiga [redacted] que gosta muito de ti.

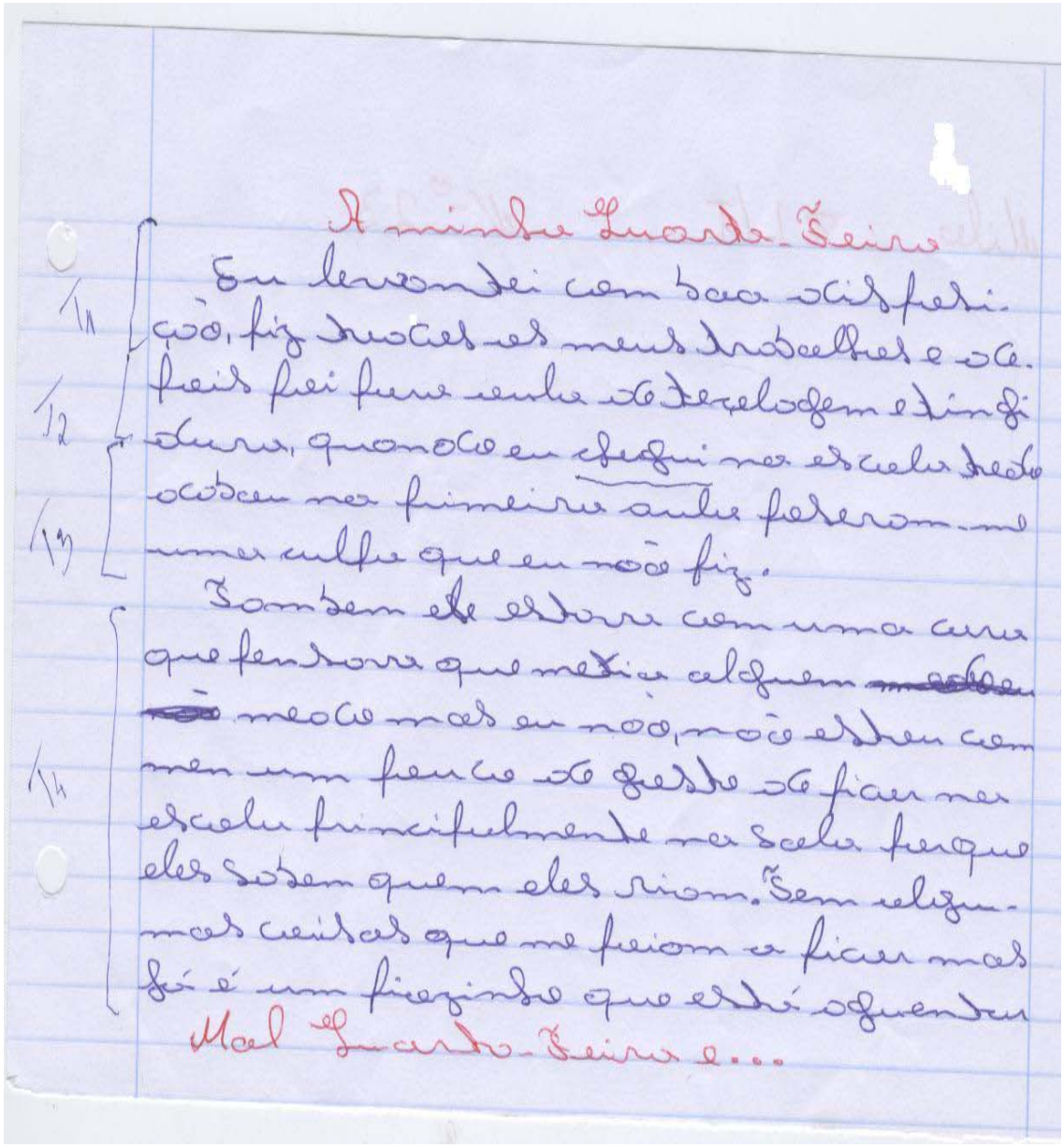
TX6



Segunda-feira, 23 de setembro 2006

Meu primeiro dia de aulas. Eu estava, ansioso, nervosa e com medo porque ouvia tanta coisa sobre as lxdas secundárias. Quando entrei eu estava contente ao mesmo tempo triste porque alguns colegas meus repetiram de ano. Quando entrei na lxcola procurei a minha sala, e entrei, que foi com uma amiga minha que já tinha feito amizades. Quando o professor entrou não tinha cadeiras e sentamos em cima da mesa fizemos apresentações. Depois mandaram todos os meninos do 7º para um lugar chamado Tudoteca. Lá explicaram a direcção da lxcola, regras, sobre as faltas, etc. Depois levamos os cadernos para a nossa sala no intervalo tinha tantos alunos de diversas classes eu estava com Cicha e não sabia onde era a casa de banho perguntei e fui. Eu fiz vários amigos nesse dia. Quando cheguei em casa contei as novidades como era a lxcola, etc. Eu espero ter um bom aproveitamento este ano. Adeus!!!

PX7



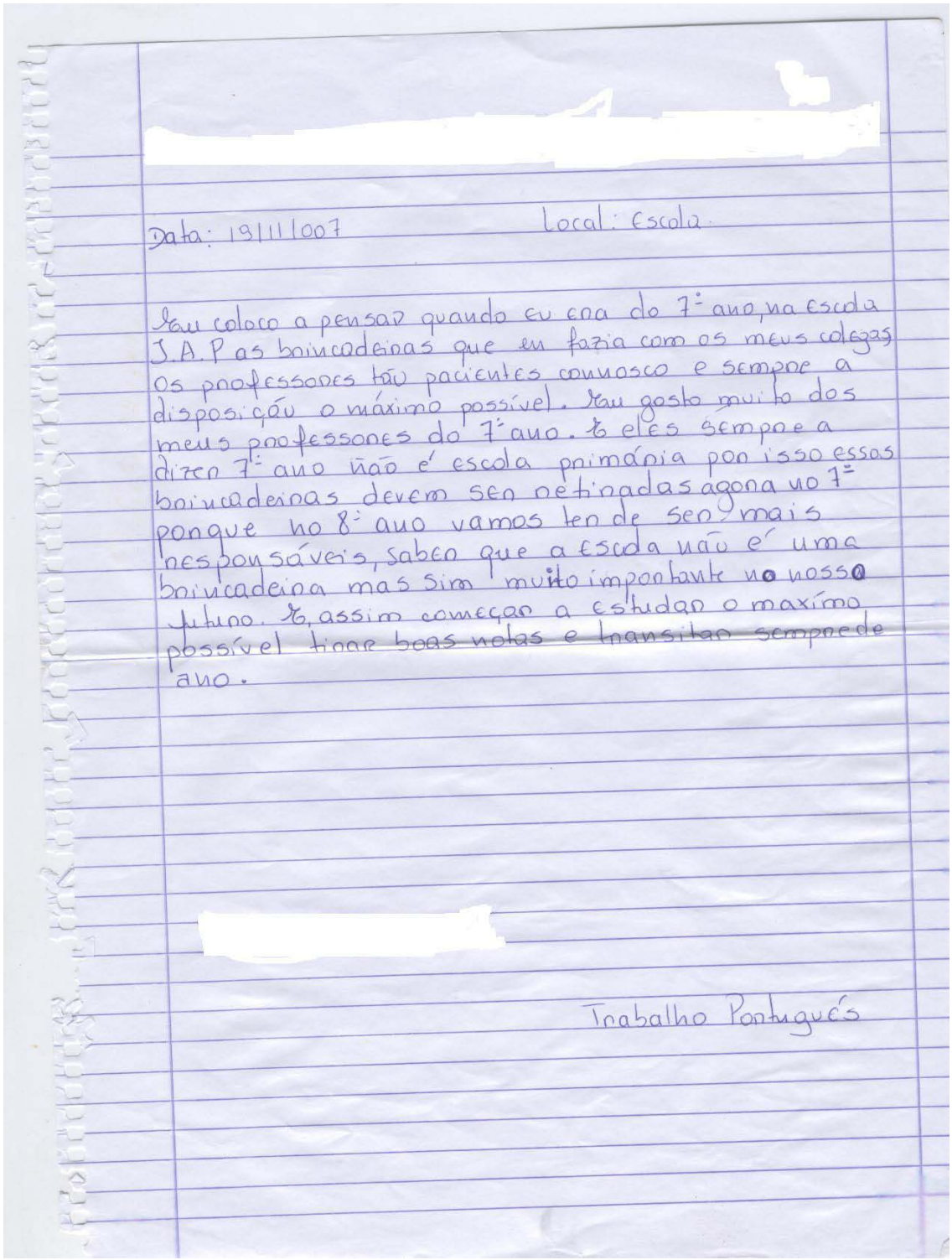
A minha Quarta-Feira

Eu levantei com boa disposição, fiz tudo o que tinha de fazer, fui à escola e tive lição e tinha duas, quando eu cheguei na escola tudo correu na primeira aula fizeram-me uma culpa que eu não fiz.

Também ele estava com uma cara que parecia que metia alguém ~~medo~~ medo mas eu não, não estava com nem um pouco de gosto de ficar na escola principalmente na sala porque eles sabem quem eles riem. Sem alguns mas coisas que me fazem a ficar mas só é um pouquinho que estão ofuscados

Mal Quarta-Feira e...

TX8

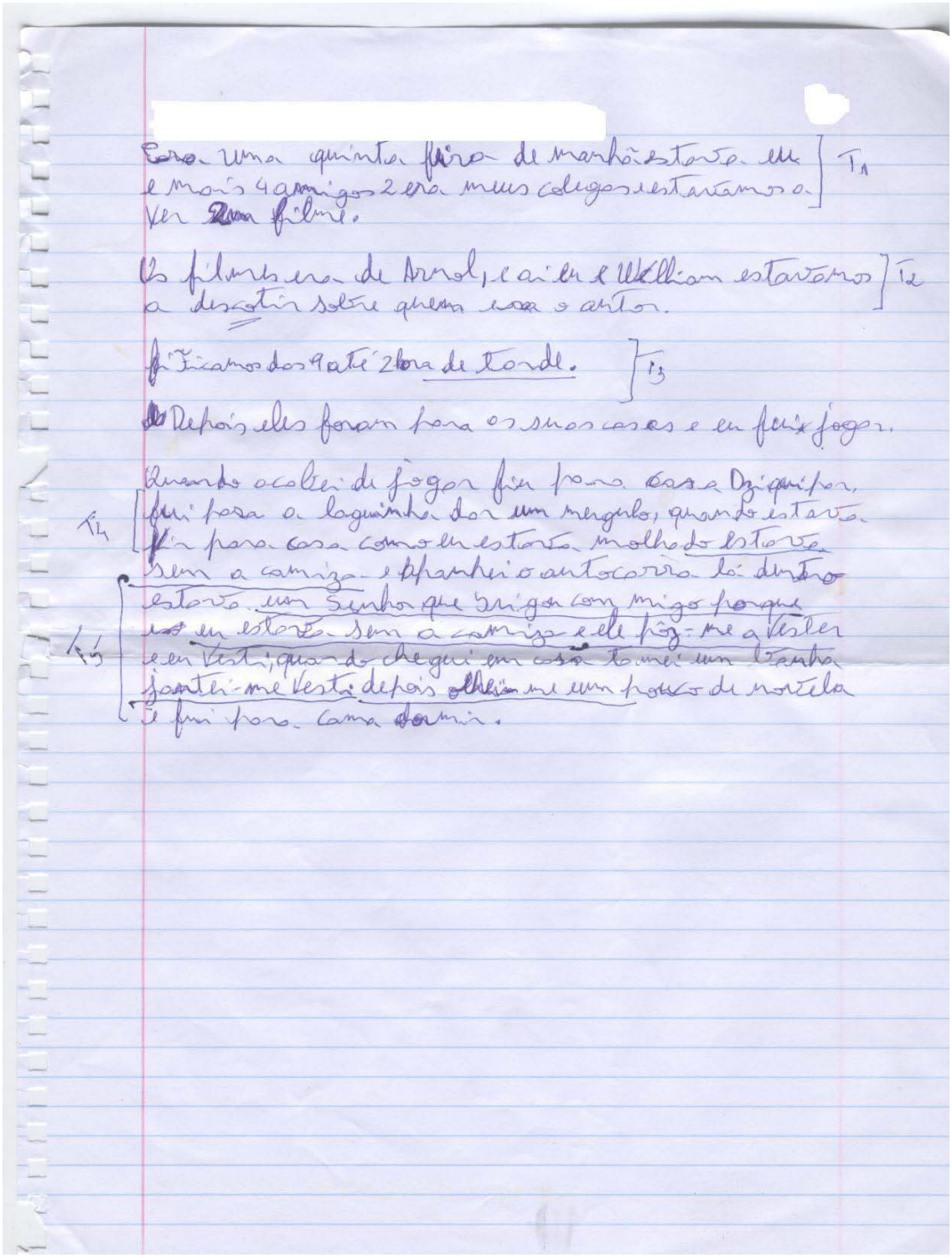


Data: 19/11/007 Local: Escola

Eu coloco a pensar quando eu era do 7º ano, na escola J.A.P as brincadeiras que eu fazia com os meus colegas os professores tão pacientes connosco e sempre a disposição o máximo possível. Eu gosto muito dos meus professores do 7º ano. E eles sempre a dizer 7º ano não é escola primária por isso essas brincadeiras devem ser retiradas agora no 7º porque no 8º ano vamos ter de ser mais responsáveis, sabes que a escola não é uma brincadeira mas sim muito importante no nosso futuro. E, assim começar a estudar o maximo possível tirar boas notas e transitar sempre de ano.

Trabalho Português

TX9



Era uma quinta feira de manhã estava eu e mais 4 amigos 2 era meus colegas estavamos a ver um filme. T1

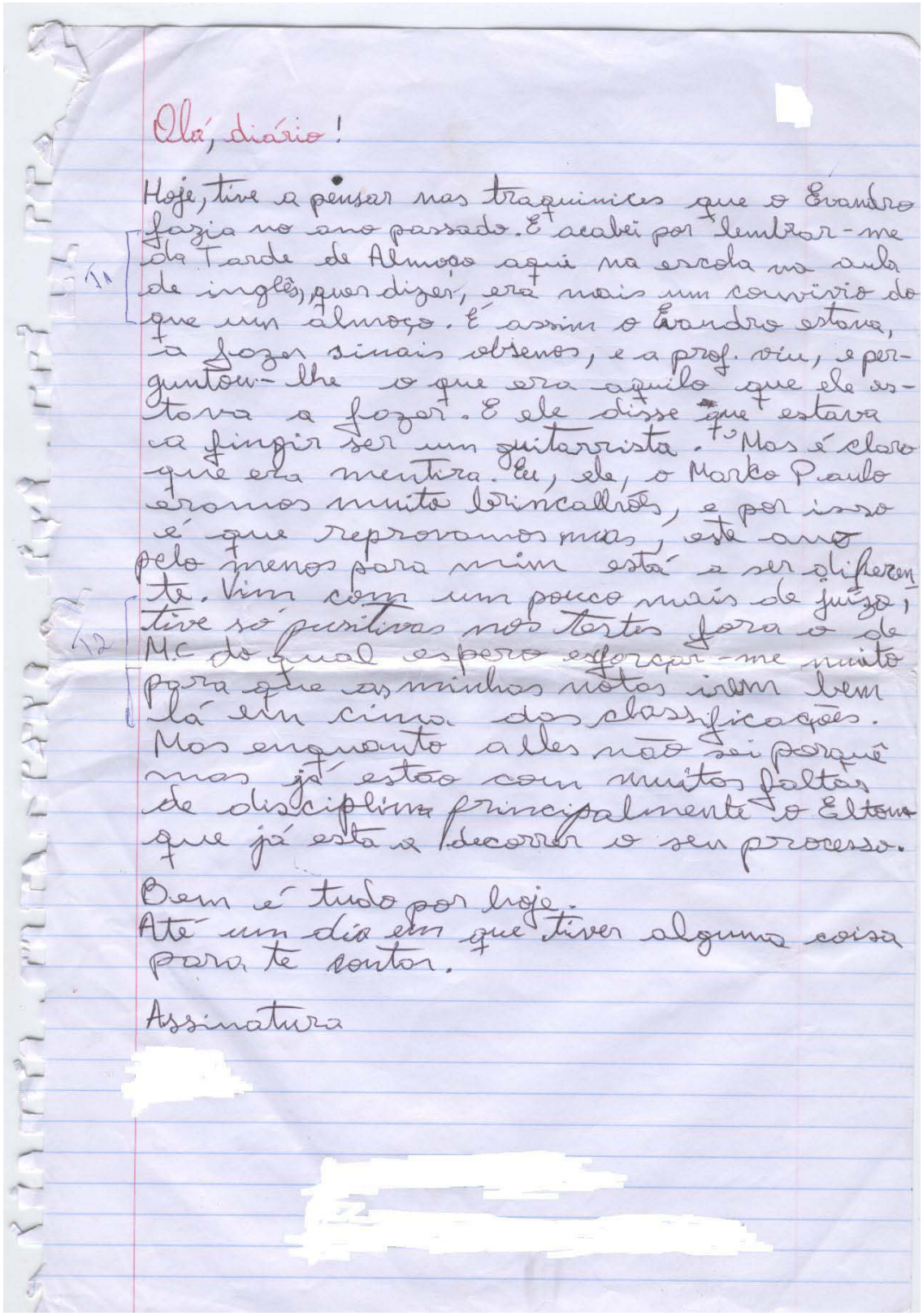
Os filmes era de Arnol, e a ele e William estavamos a discutir sobre quem era o autor. T2

Ficamos das 9 até 2 hora de tarde. T3

Depois eles foram para os seus casas e eu fui jogar.

T4 Quando acabei de jogar fui para casa e Dziquifor, fui para a lagoinha dar um mergulho, quando estava fui para casa como eu estava molhado estava sem a camiza e apanhei o autocarro. Lá dentro estava um senhor que brigou com migo porque eu estava sem a camiza e ele pôz-me a vestir e eu vesti, quando cheguei em casa tomei um banho, jantei-me vesti depois olhei me um pouco de novela e fui para cama dormir. T5

TX10



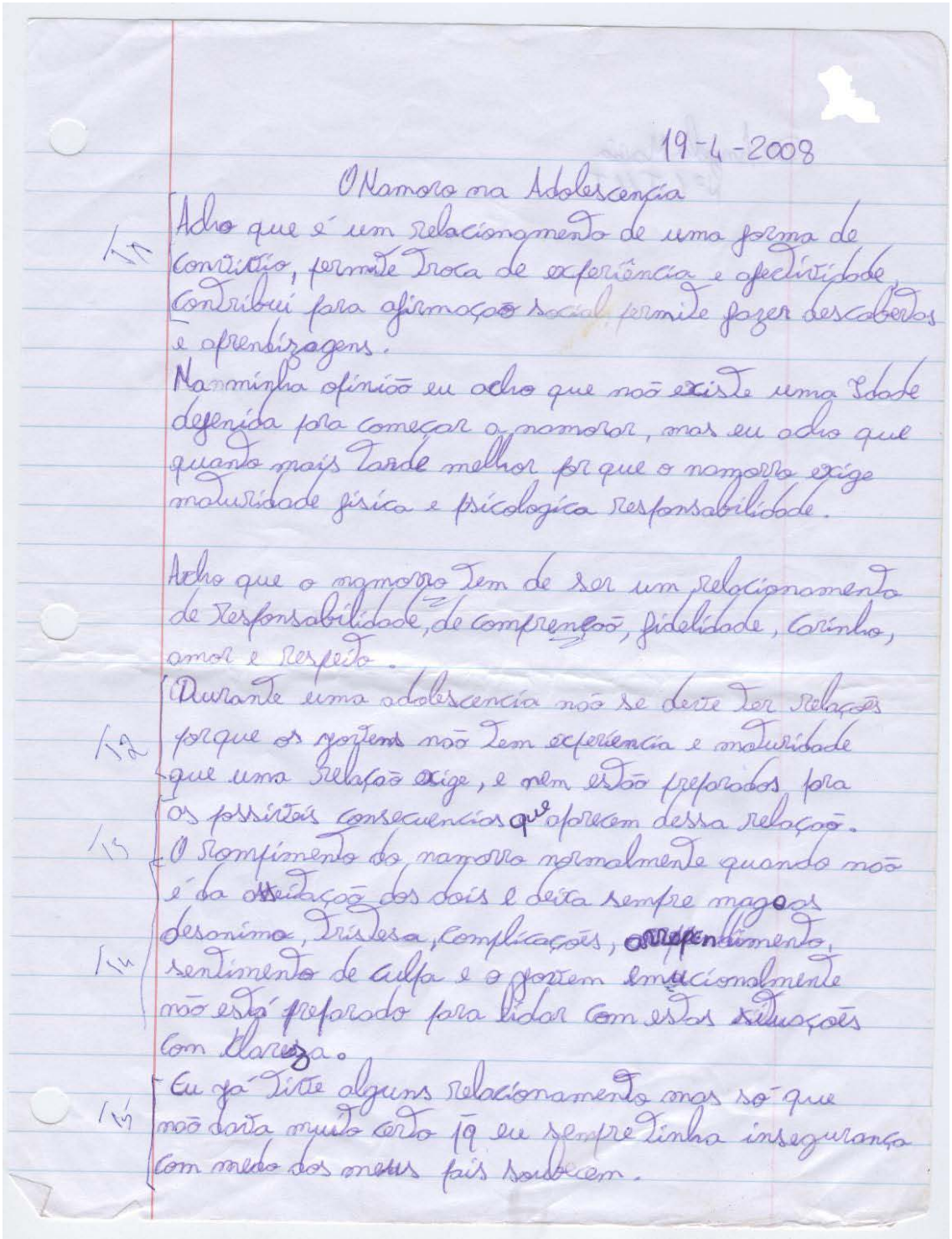
Olá, diário!

Hoje, tive a pensar nas traquinices que o Evandro fazia no ano passado. E acabei por lembrar-me da Tarde de Almoço aqui na escola na aula de inglês, quer dizer, era mais um convívio do que um almoço. É assim o Evandro estava a fazer sinais obscenos, e a prof. viu, e perguntou-lhe o que era aquilo que ele estava a fazer. E ele disse que estava a fingir ser um guitarrista. Mas é claro que era mentira. Eu, ele, o Marko Paulo éramos muito brincalhões, e por isso é que reprovamos mas, este ano pelo menos para mim está a ser diferente. Vim com um pouco mais de juízo, tive só positivas nos testes fora o de M.C do qual espero esforçar-me muito para que as minhas notas irem bem lá em cima das classificações. Mas enquanto a eles não sei porquê mas já estão com muitas faltas de disciplina principalmente o Elton que já está a decorrer o seu processo.

Bem é tudo por hoje.
Até um dia em que tiver alguma coisa para te contar.

Assinatura

TX11



19-4-2008

O Namoro na Adolescência

1/1 Acho que é um relacionamento de uma forma de convivio, permite troca de experiência e afectividade, contribui para afirmação social permite fazer descobertas e aprendizagens.

Na minha opinião eu acho que não existe uma idade definida para começar a namorar, mas eu acho que quanto mais tarde melhor pq que o namoro exige maturidade física e psicológica responsabilidade.

Acho que o namoro tem de ser um relacionamento de responsabilidade, de compreenção, fidelidade, carinho, amor e respeito.

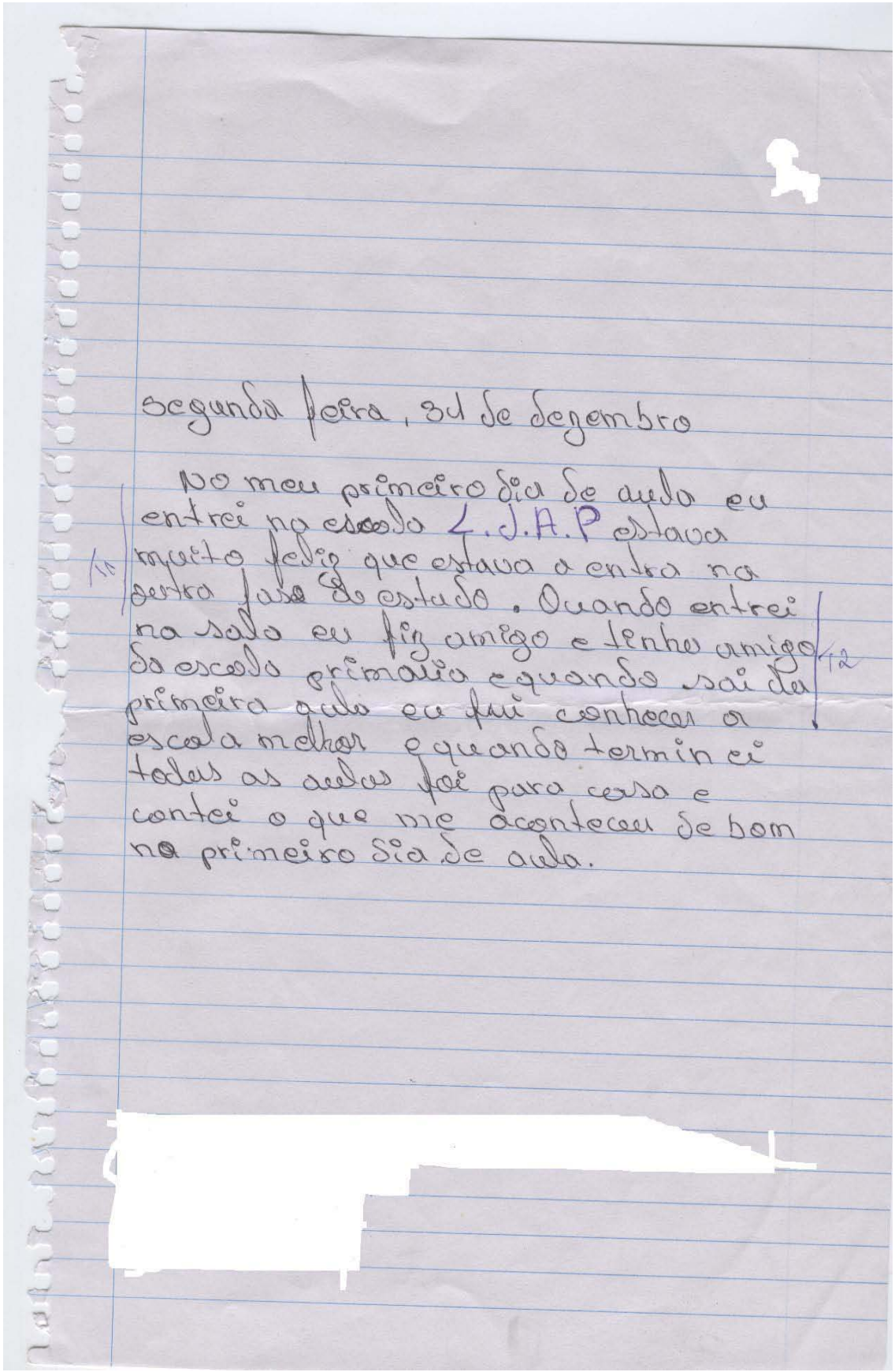
1/2 Durante uma adolescência não se deve ter relações porque os jovens não tem experiência e maturidade que uma relação exige, e nem estão preparados para os possiveis consequências que ofrecem dessa relação.

1/3 O rompimento do namoro normalmente quando não é da vontade dos dois e deixa sempre magoas desonima, tristeza, complicações, arrependimento,

1/4 sentimento de culpa e o jovem emocionalmente não está preparado para lidar com estas situações com clareza.

1/5 Eu já tive alguns relacionamento mas só que não dura muito certo pq eu sempre tinha insegurança com medo dos meus pais saberem.

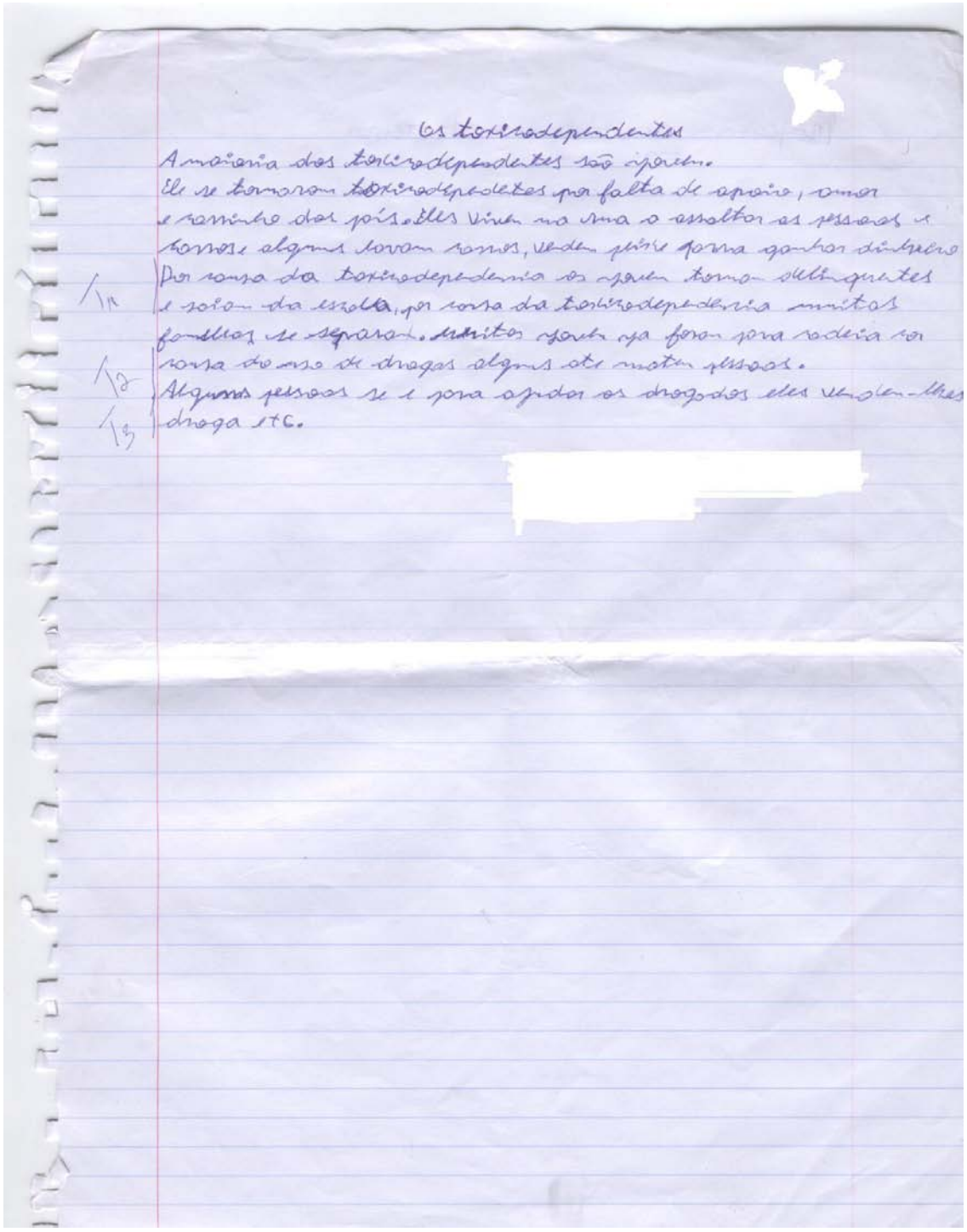
TX12



segunda feira, 31 de Setembro

No meu primeiro dia de aula eu entrei na escola E.J.A.P estava muito feliz que estava a entra na sexta fase do estudo. Quando entrei na sala eu fiz amigo e tenho amigo da escola primaria e quando saí da primeira aula eu fui conhecer a escola melhor e quando terminei todas as aulas foi para casa e contei o que me aconteceu de bom no primeiro dia de aula.

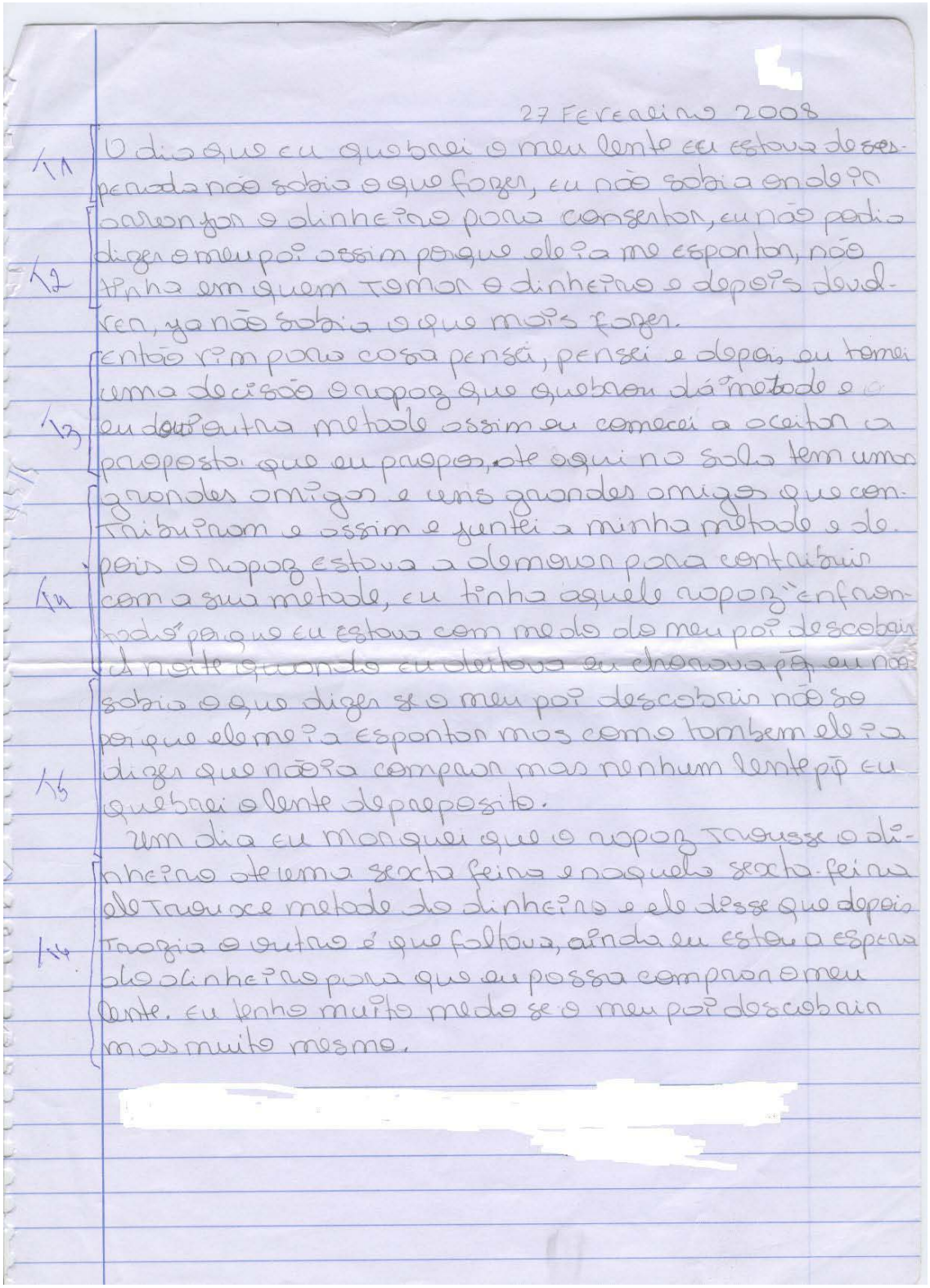
TX13



Os toxicodependentes

A maioria dos toxicodependentes são jovens.
Eles se tornaram toxicodependentes por falta de apoio, amor e carinho dos pais. Eles vivem na rua a assaltar as pessoas e roubar algumas foram roubos, vendem pipis para ganhar dinheiro
1/1a Por causa da toxicodependência os jovens tornam delinquentes e saíram da escola, por causa da toxicodependência muitas
1/2 famílias se separam. Muitos jovens vão para roubar por causa do uso de drogas alguns até matam pessoas.
1/3 Algumas pessoas se vão para ajudar os drogados eles vendem-lhes droga etc.

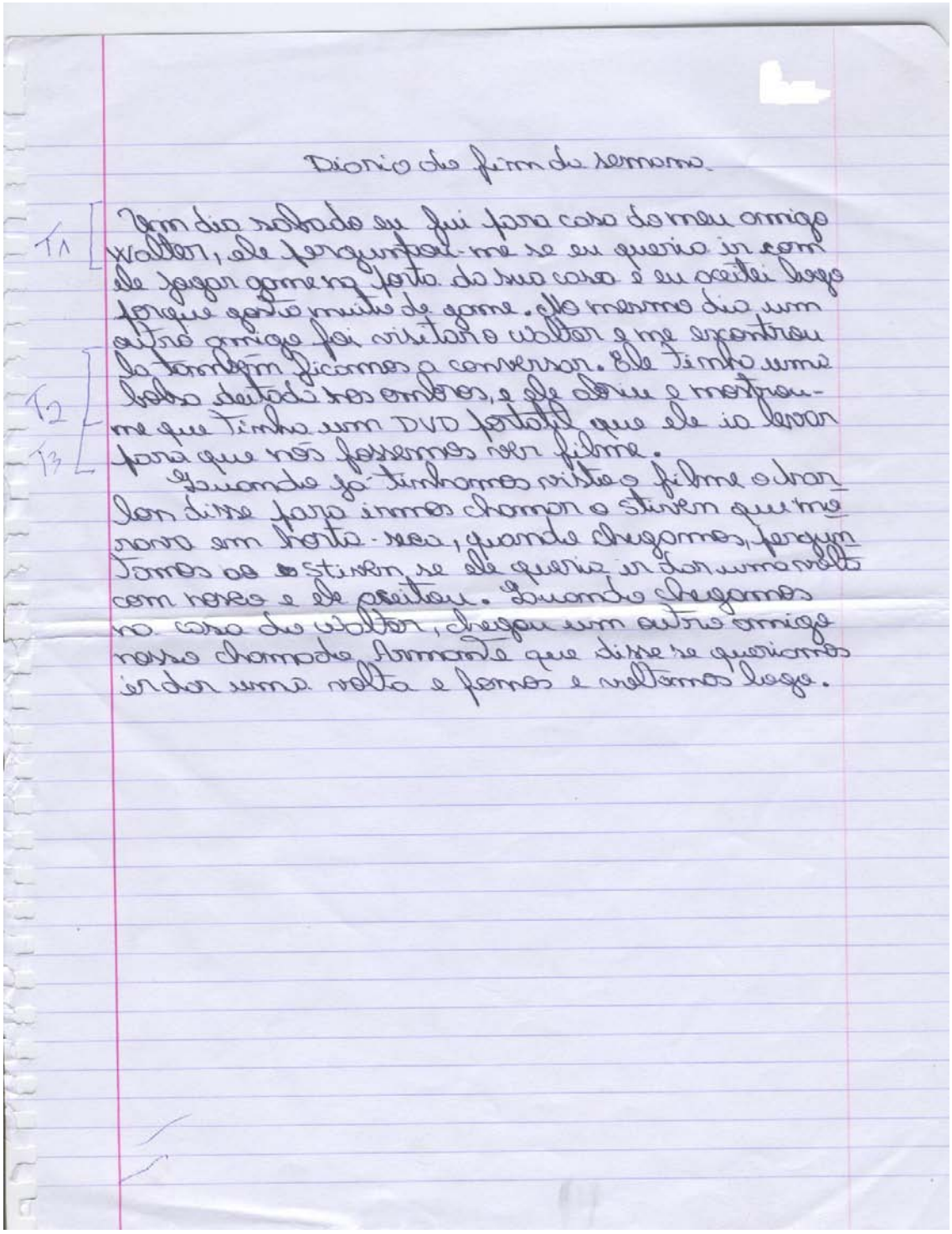
TX14



27 FEVEREIRO 2008

1/1 O dia que eu quebrei o meu lente eu estava desesperada não sabia o que fazer, eu não sabia onde ir arranjar o dinheiro para consertar, eu não podia
1/2 dizer o meu pai assim porque ele ia me esportar, não tinha em quem tomar o dinheiro e depois devolver, ya não sabia o que mais fazer.
Então rimpar coisa pensei, pensei e depois eu tomei uma decisão o rapaz que quebrou dá metade e
1/3 eu dou outra metade assim eu comecei a aceitar a proposta que eu propus, ate aqui no sala tem uma grandes amigas e uns grandes amigos que contribuirom e assim e juntei a minha metade e depois o rapaz estava a demorar para contribuir
1/4 com a sua metade, eu tinha aquele rapaz "enfrentado" porque eu estava com medo de meu pai descobrir ~~a morte quando eu deitava eu chorava pq eu não~~
sabia o que dizer se o meu pai descobrir não se porque ele me ia esportar mas como também ele ia
1/5 dizer que não ia comprar mas nenhum lente pq eu quebrei o lente de propósito.
Um dia eu marquei que o rapaz trouxe o dinheiro ate uma sexta feira e naquela sexta-feira ele trouxe metade do dinheiro e ele disse que depois
1/6 traria o outro é que faltava, ainda eu estou a espera do dinheiro para que eu possa comprar o meu lente. Eu tenho muito medo se o meu pai descobrir mas muito mesmo.

TX15

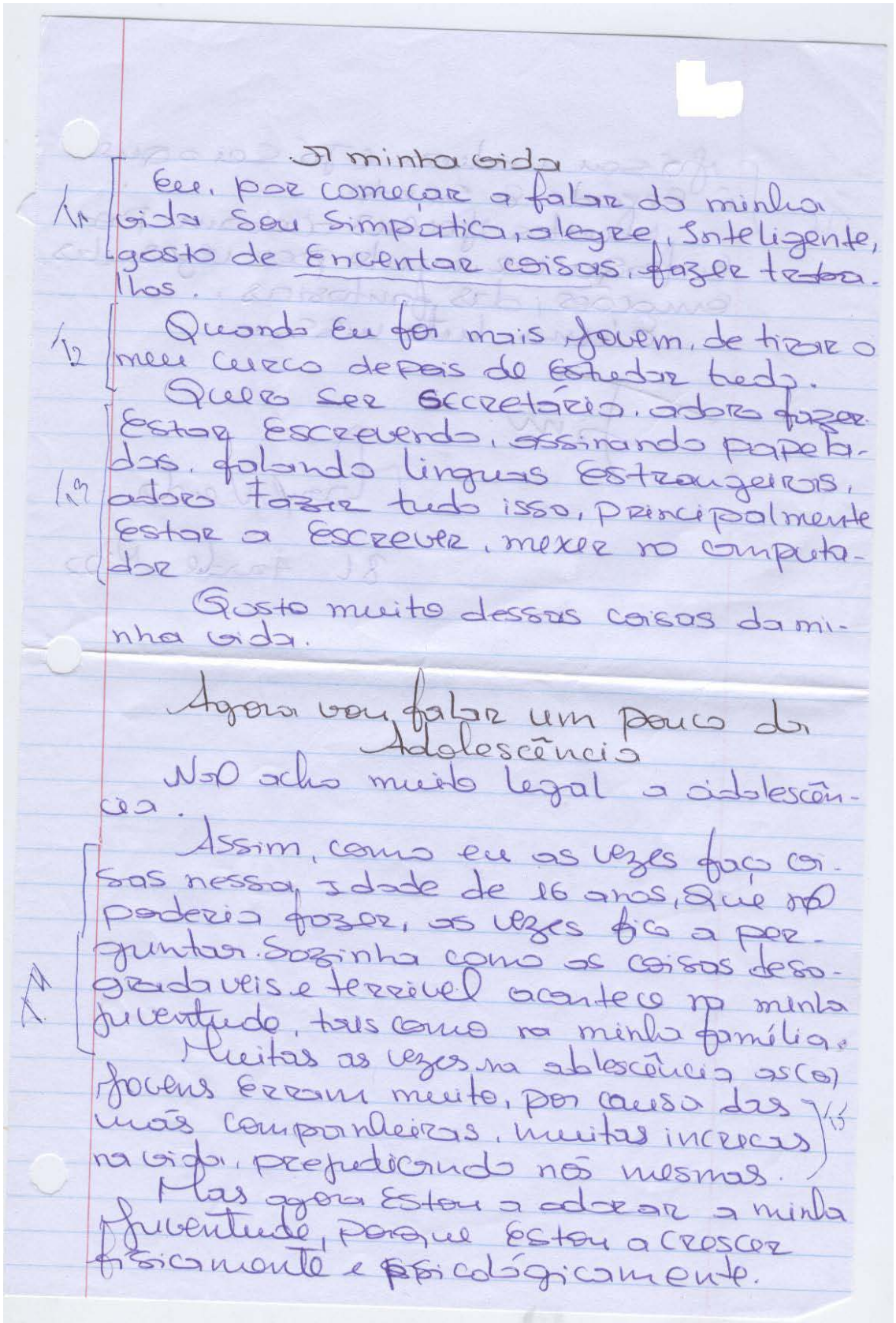


Diário do fim de semana.

T1 Um dia sábado eu fui para casa do meu amigo Walter, ele perguntou-me se eu queria ir com ele jogar game na casa do seu avô e eu aceitei logo porque gosto muito de game. No mesmo dia um outro amigo foi visitar o Walter e me encontrou lá também ficamos a conversar. Ele tinha uma bolsa deitada nos ombros, e ele abriu e mostrou-me que tinha um DVD portátil que ele ia levar para que nós fossemos ver filme.

T2 T3 Quando já tínhamos visto o filme o Avan lon disse para irmos chamar o Stiven que mora em frente - nesa, quando chegamos, perguntamos ao Stiven se ele queria ir dar uma volta com nós e ele aceitou. Quando chegamos no casa do Walter, chegou um outro amigo nosso chamado Armando que disse se queríamos ir dar uma volta e fomos e voltamos logo.

TX16



A minha vida

Eu, por começar a falar da minha vida sou simpatica, alegre, inteligente, gosto de encontar coisas, fazer trabalhos.

Quando eu for mais jovem, de tirar o meu curso depois de estudar tudo.

Quero ser secretária, adoro fazer estar escrevendo, assinando papeis. falando linguas estrangeiras, adoro fazer tudo isso, principalmente estar a escrever, mexer no computador

Gosto muito dessas coisas da minha vida.

Agora vou falar um pouco da Adolescência

Não acho muito legal a adolescência.

Assim, como eu as vezes faço coisas nessa idade de 16 anos, que não poderia fazer, as vezes fico a perguntar. Sozinha como as coisas desagradaveis e terrivel acontece na minha juventude, tais como na minha família.

Muitas as vezes na adolescência os(as) jovens erram muito, por causa das suas companheiras, muitas incertas na vida, prejudicando nós mesmas.

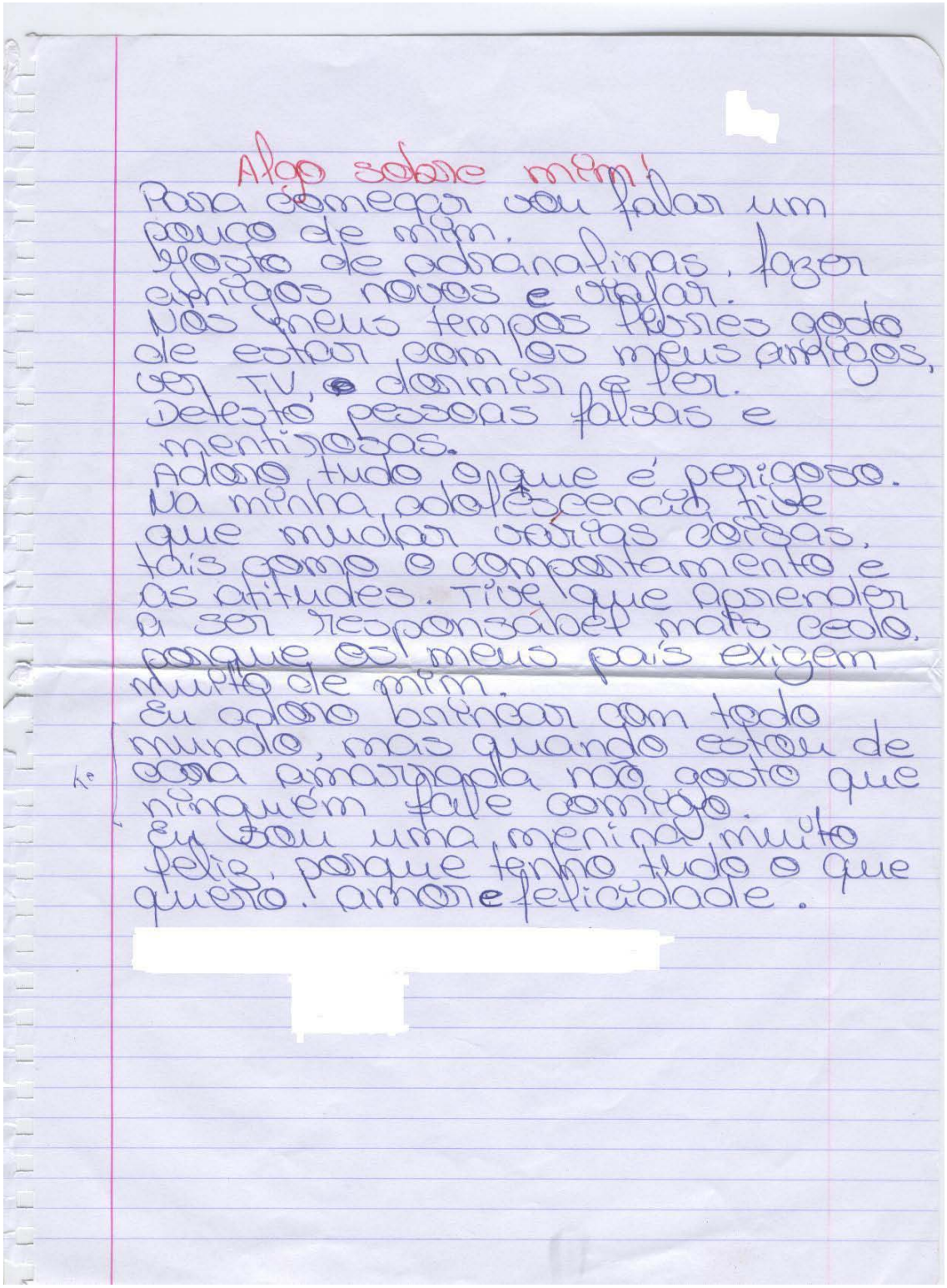
Mas agora estou a adorar a minha juventude, porque estou a crescer fisicamente e psicológicamente.

Tr { Já sou madura e já sei o que é errado e certo.
Muitos jovens adoram por enfraquecer, muito por vezes, das emoções, das fantasias.
É uma luta nisso

Fim.



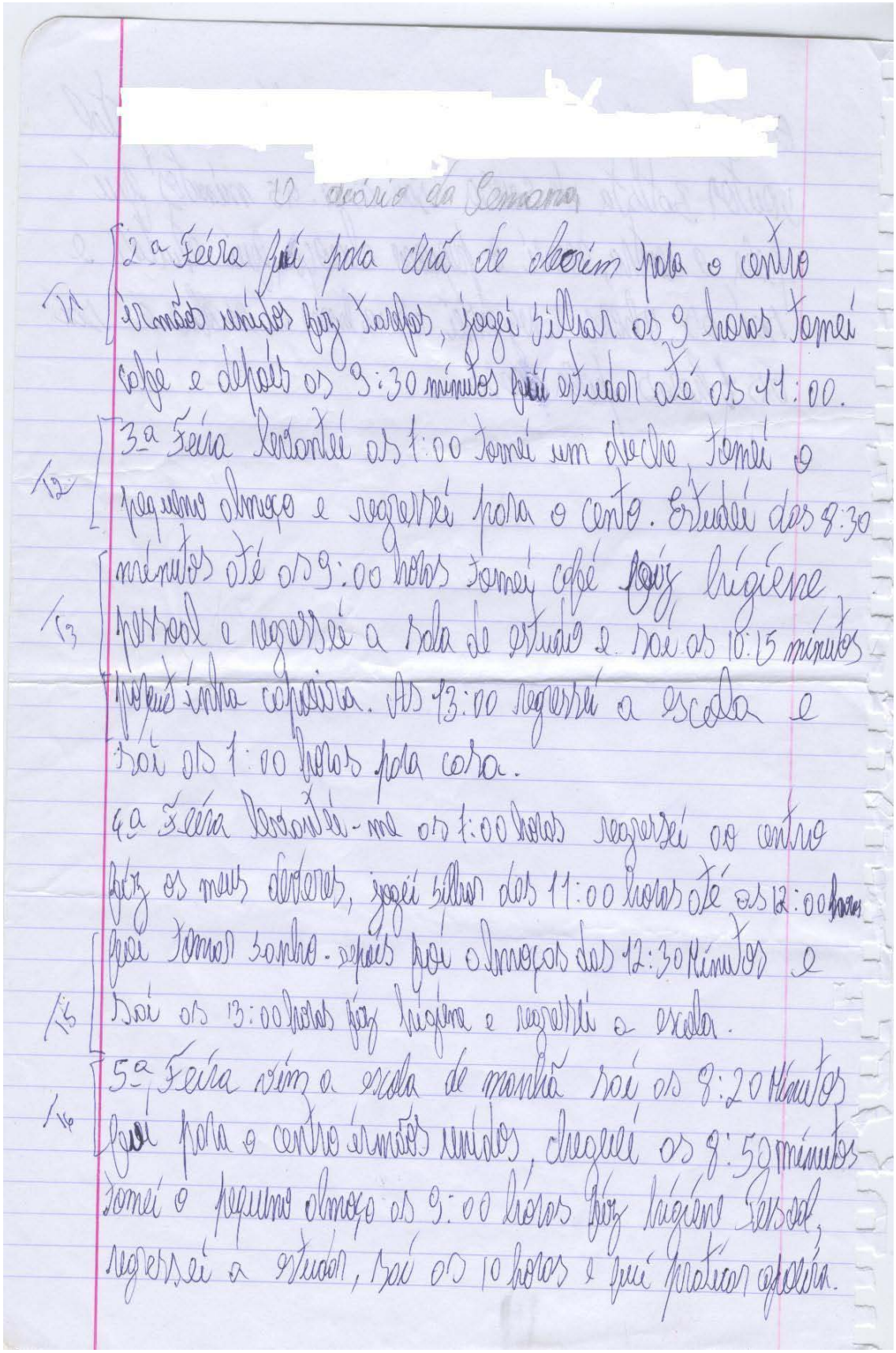
TX17



Algo sobre mim!

Para começar vou falar um pouco de mim.
Gosto de adrenalinas, fazer amigos novos e viajar.
Nos meus tempos livres gosto de estar com os meus amigos, ver TV, e dormir e ler.
Detesto pessoas falsas e mentirosas.
Adoro tudo o que é perigoso.
Na minha adolescência tive que mudar várias coisas, tais como o comportamento e as atitudes. Tive que aprender a ser responsável mais cedo, porque os meus pais exigem muito de mim.
Eu adoro brincar com todo mundo, mas quando estou de cara amarrada não gosto que ninguém fale comigo.
Eu sou uma menina muito feliz, porque tenho tudo o que quero! amor e felicidade.

TX18



O horário da Semana

12 2ª Feira fui para casa de oleirim pela o centro
Amigos unidos fiz tarefas, joguei bilhar as 9 horas tomei
café e depois os 9:30 minutos fui estudar até as 11:00.

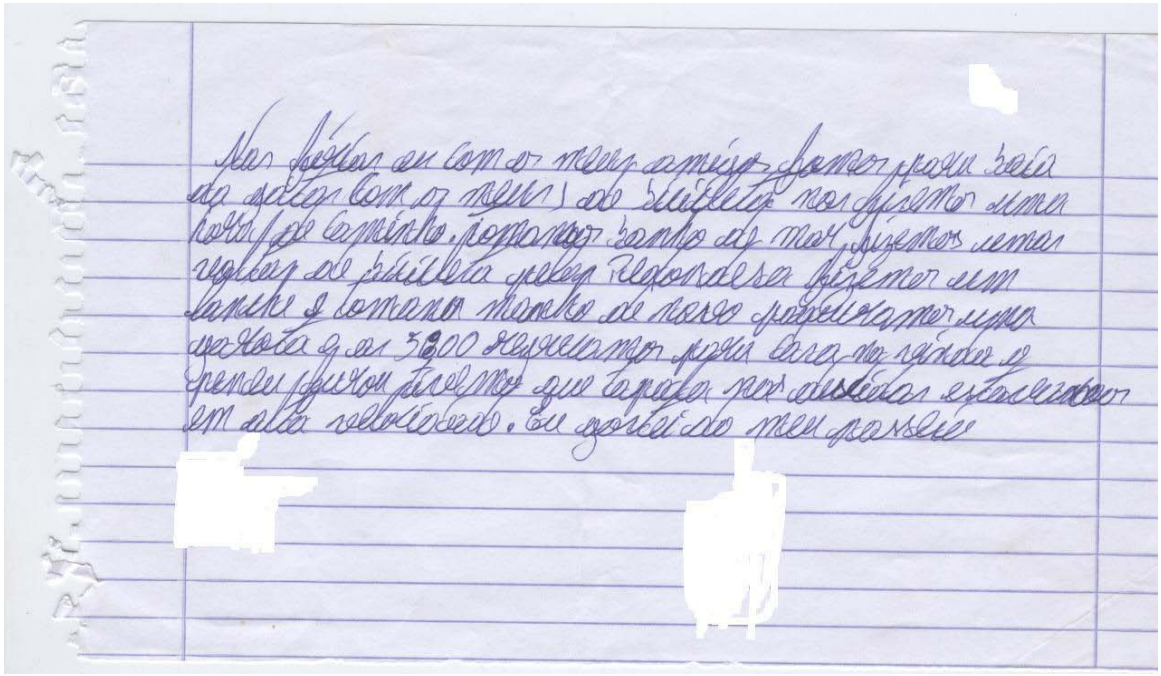
12 3ª Feira levantei as 7:00 tomei um duche, tomei o
pequeno almoço e regressei para o centro. Estudei das 8:30
minutos até as 9:00 horas tomei café fiz higiene
13 pessoal e regressei a sala de estudo e saí as 10:15 minutos
porque tinha consulta. As 13:00 regressei a escola e
saí as 1:00 horas para casa.

4ª Feira levantei-me as 7:00 horas regressei ao centro
fiz os meus deveres, joguei bilhar das 11:00 horas até as 12:00 horas
fui tomar banho. depois fui o almoços das 12:30 Minutos e
15 saí as 13:00 horas fiz higiene e regressei a escola.

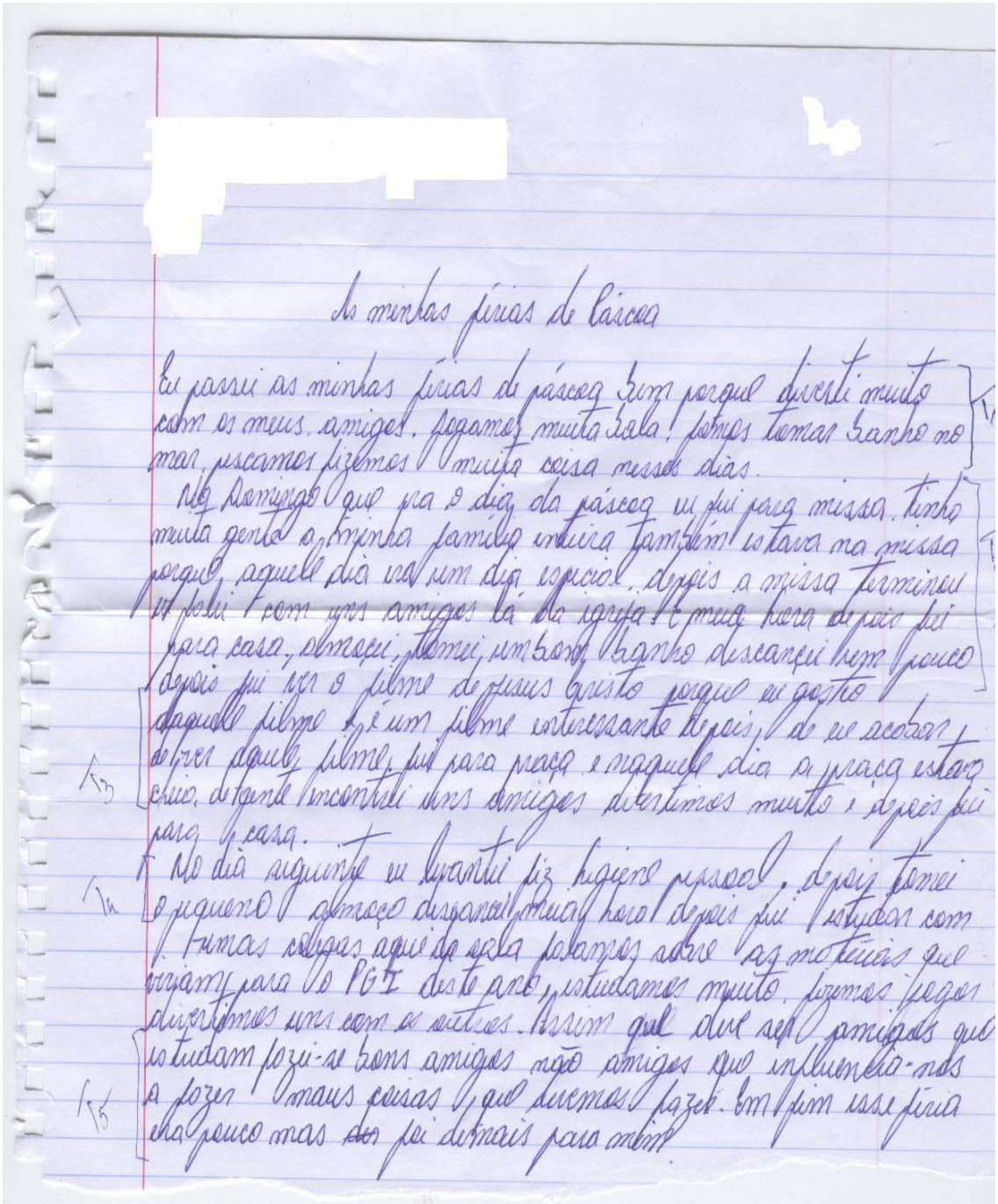
5ª Feira vim a escola de manhã saí as 8:20 Minutos
16 fui para o centro Amigos unidos, cheguei as 8:50 minutos
tomei o pequeno almoço as 9:00 horas fiz higiene pessoal,
regressei a estudar, saí as 10 horas e fui praticar atletismo.

6ª Feira foi de manhã fazer analise no Hospital Doutor Batista de Souza saí as 7:45 minutos fui pela o centro, tomei o peguno almoço, fui estudar e saí as 11 horas. regressei as 13 horas a escola e saí as 6 horas pela tarde.

TX19



TX20



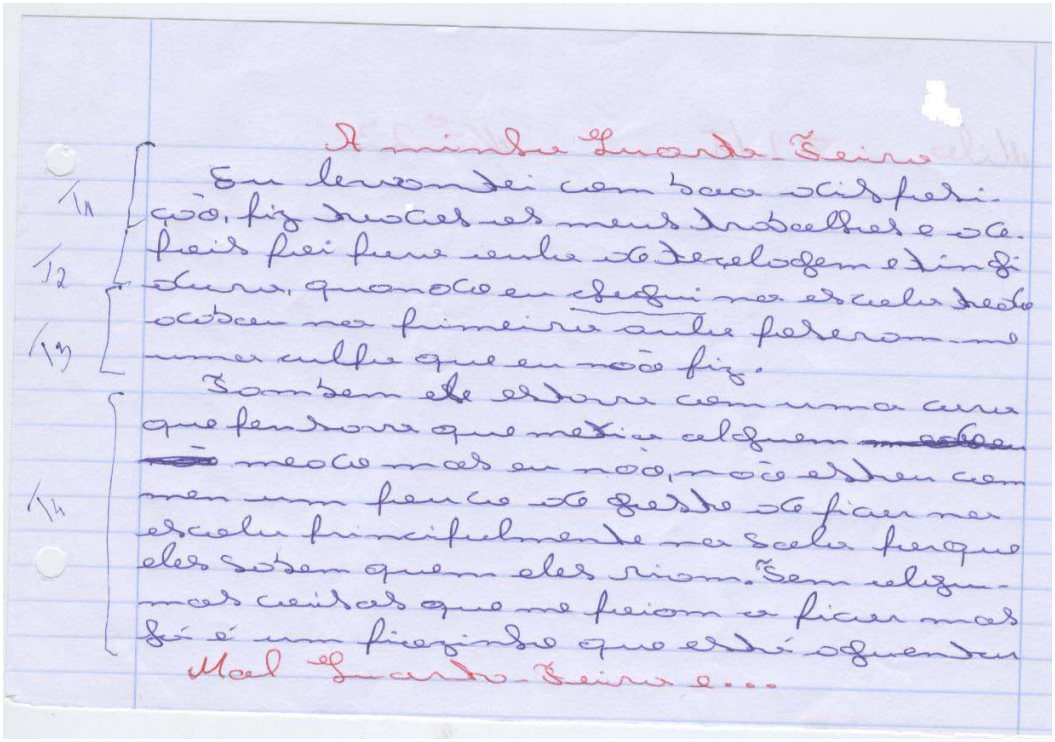
As minhas férias de Páscoa

Eu passei as minhas férias de páscoa bem porque diverti muito com os meus amigos. Jogamos muita bola! fomos tomar banho no mar, pescamos fizemos muita coisa nesses dias.

No Domingo que era o dia da páscoa eu fui para missa. tinha muita gente a minha família inteira também estava na missa porque aquele dia era um dia especial. depois a missa terminou eu falei com uns amigos lá da igreja e mais hora depois fui para casa, almocei, tomei um bom banho descansei bem pouco depois fui ver o filme de Jesus Cristo porque eu gosto daquele filme é um filme interessante depois de acabar de ver aquele filme, fui para praça e naquele dia a praça estava cheio, de gente encontrei uns amigos divertimos muito e depois fui para a casa.

No dia seguinte eu levantei fiz higiene pessoal, depois tomei o pequeno almoço arrumei minha cama depois fui estudar com umas colegas aqui da sala falamos sobre as matérias que viriam para o PGT deste ano, estudamos muito, fizemos jogos divertimos uns com os outros. Assim qual deve ser amigos que estudam fazi-se bons amigos não amigos que influencia-nos a fazer maus coisas, que devemos fazer. bom fim desse férias foi pouco mas foi demais para mim.

TX21



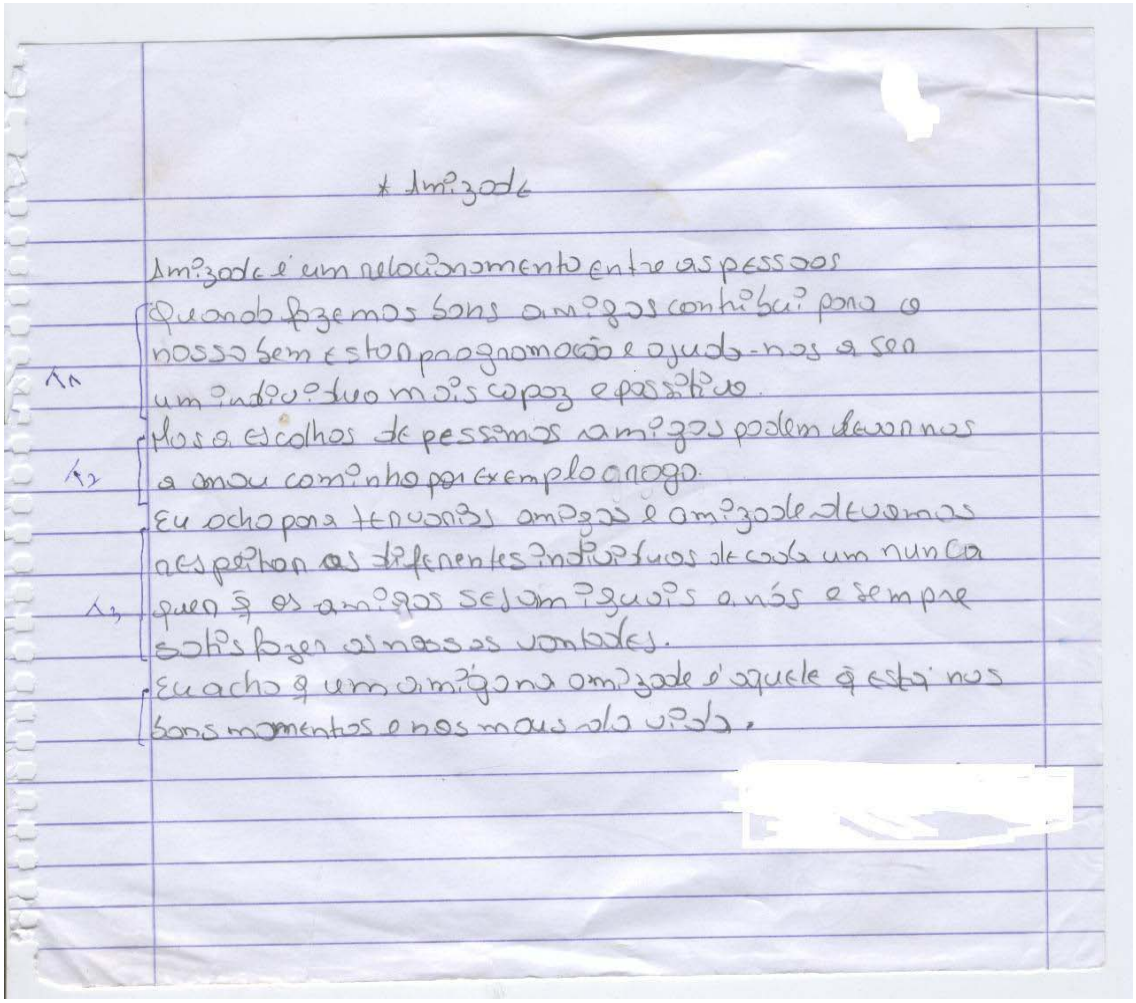
A minha Guarda-Feira

Eu levantei com boa disposição, fiz tudo as minhas tarefas e depois fui fazer uma redação e ilustração, quando eu cheguei na escola todos acharam na primeira aula falaram-me uma coisa que eu não fiz.

Também ela estava com uma cara que parecia que metia alguém ~~medo~~ medo mas eu não, não estava com nem um pouco de medo só fiquei na escola principalmente na sala porque eles sabem quem eles riam. Sem alguma coisas que me faziam a ficar mas só é uma piadinha que eles fazem

Mal Guarda-Feira e...

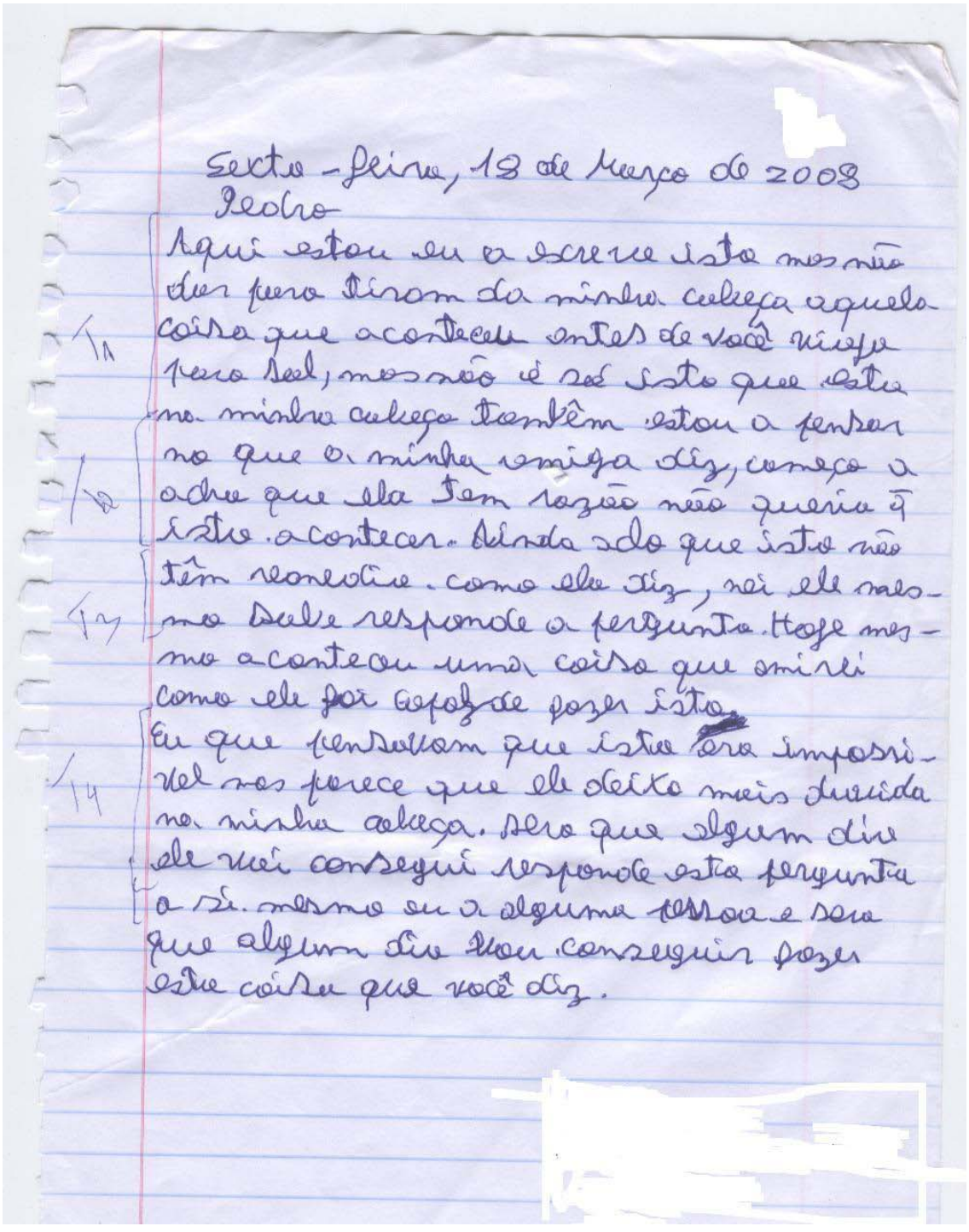
TX22



* Amizade

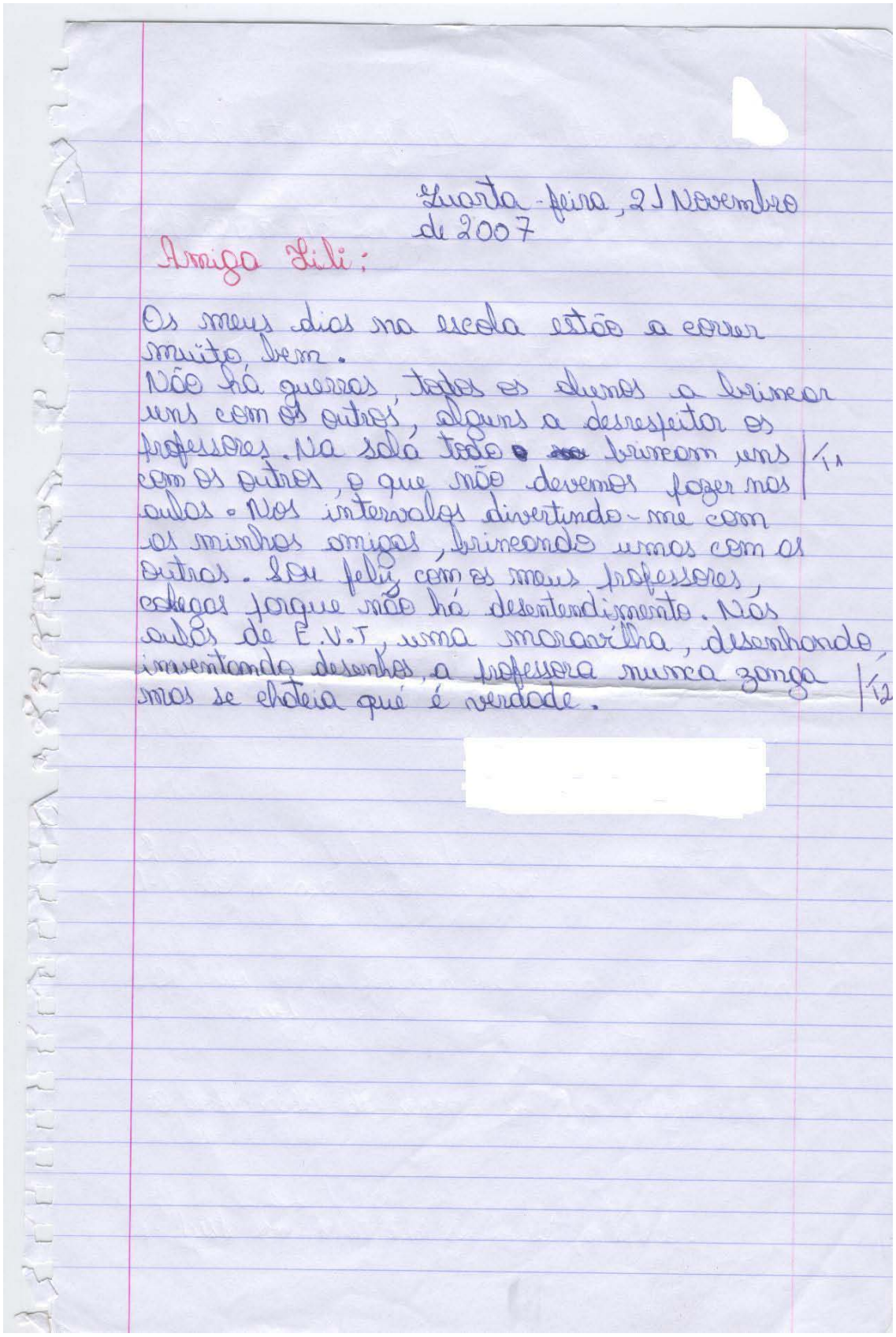
Amizade é um relacionamento entre as pessoas
Quando fazemos bons amigos contribui para o
nosso bem estar progromação e ajuda-nos a ser
um indivíduo mais capaz e positivo.
Mas a escolhas de pessimos amigos podem levar nos
a mau caminho por exemplo a droga.
Eu acho para termos bons amigos e amizade devemos
respeitar as diferentes individuos de cada um nunca
quer q os amigos sejam iguais a nós e sempre
satisfazer as nossas vontades.
Eu acho q um amigo na amizade é aquele q está nos
bons momentos e nos maus da vida.

TX23



Sexta-feira, 13 de Março de 2008
Pedro
Aqui estou eu a escrever isto mas não
digo para tirar da minha cabeça aquela
coisa que aconteceu antes de você vir
para cá, mas não é só isto que está
na minha cabeça também estou a pensar
no que a minha amiga diz, começo a
achar que ela tem razão não queria q
isto acontecer. Ainda não que isto não
têm remédio. como ele diz, sei ele mes-
mo dele responde a pergunta. Hoje mes-
mo aconteceu uma coisa que admirei
como ele foi capaz de fazer isto.
Eu que pensavam que isto era impossí-
vel mas parece que ele deixo mais duvida
na minha cabeça. Será que algum dia
ele vai conseguir responde esta pergunta
a si. mesmo ou a alguma pessoa e será
que algum dia vou conseguir fazer
este coisa que você diz.

TX24

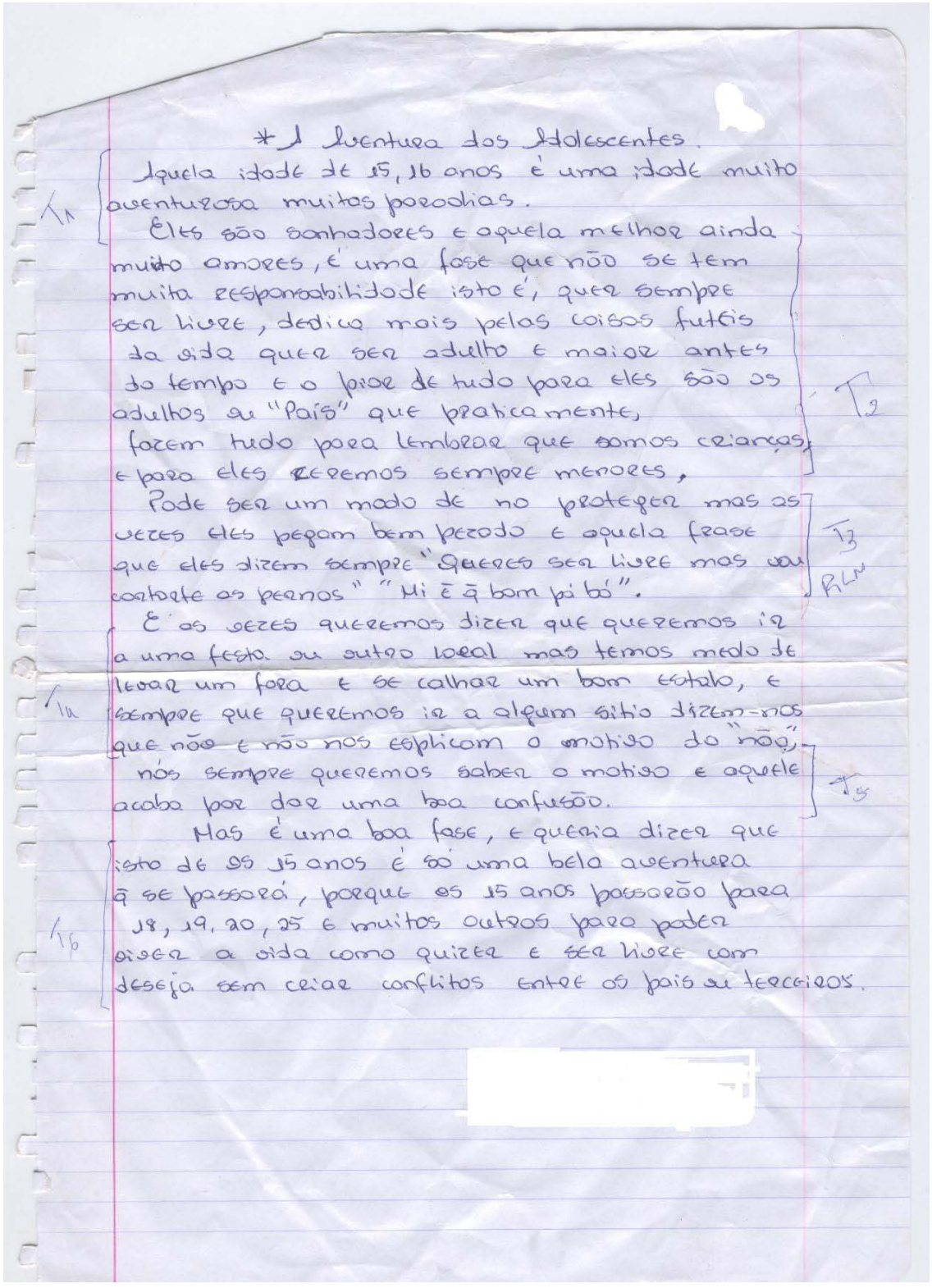


Quarta-feira, 21 Novembro de 2007

Amiga Lili:

Os meus dias na escola estão a correr muito bem.
Não há guerras, todos os dias a brincar uns com os outros, alguns a desrespeitar os professores. Na sala todos brincam uns com os outros, o que não devemos fazer nas aulas. Nos intervalos divertindo-me com os minhos amigos, brincando umas com os outros. Sou feliz com os meus professores, colegas porque não há desentendimento. Nas aulas de E.V.T, uma maravilha, desenhando, inventando desenhos, a professora nunca zanga mas se chateia que é verdade.

TX25



* A Aventura dos Adolescentes.

Aquela idade de 15, 16 anos é uma idade muito aventurosa muitas parodias.

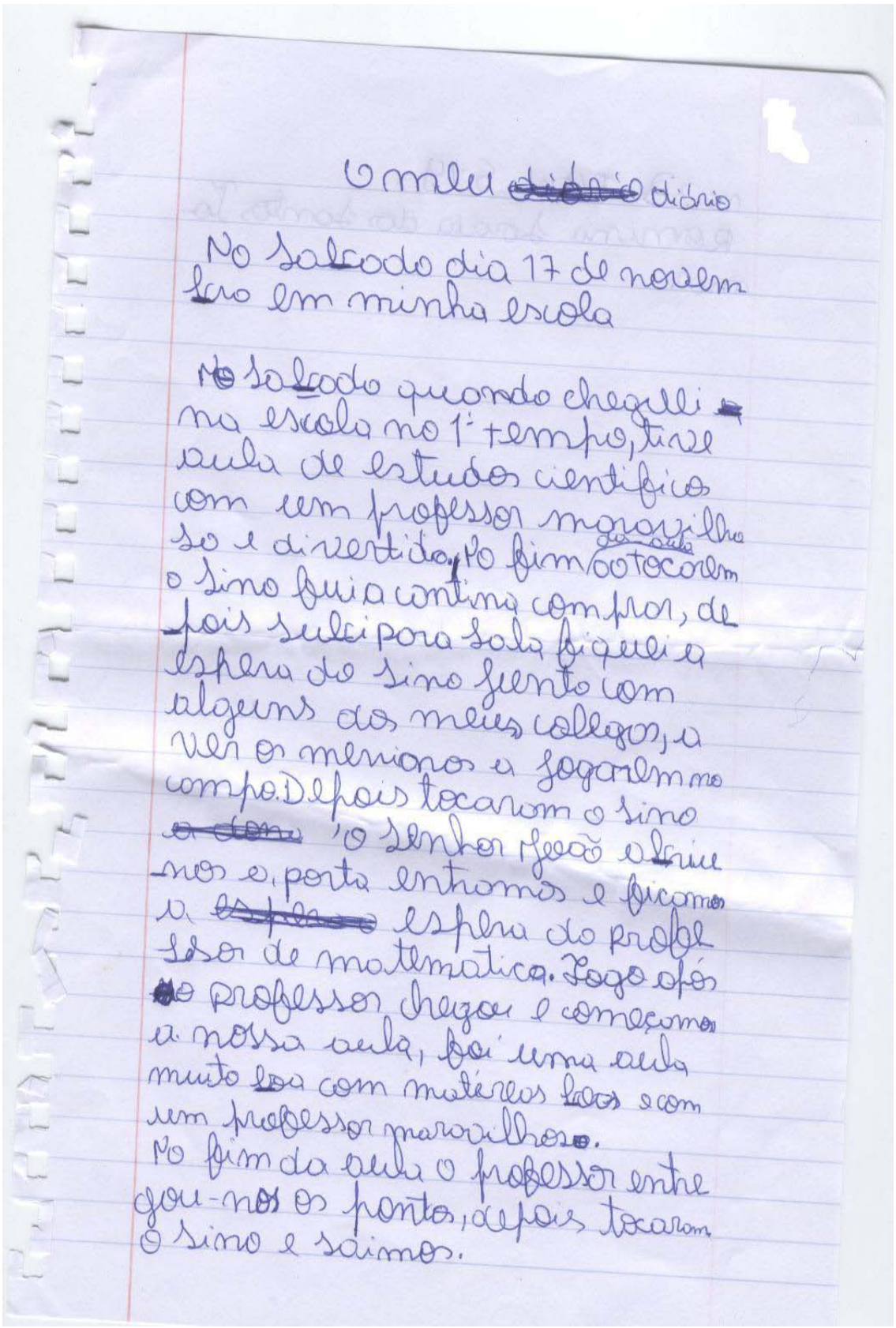
Eles são sonhadores e aquela melhor ainda muito amores, é uma fase que não se tem muita responsabilidade isto é, quer sempre ser livre, dedica mais pelas coisas futeis da vida quer ser adulto e maior antes do tempo e o pior de tudo para eles são os adultos ou "Pais" que praticamente, fazem tudo para lembrar que somos crianças, e para eles seremos sempre menores,

Pode ser um modo de no proteger mas as vezes eles pegam bem pesado e aquela frase que eles dizem sempre "Queres ser livre mas vou contate os pernos" "Mi ẽ q̃ bom pi bó".

É as vezes queremos dizer que queremos ir a uma festa ou outro local mas temos medo de levar um fora e se calhar um bom estalo, e sempre que queremos ir a alguem sitio dizem-nos que não e não nos explicam o motivo do "não", nós sempre queremos saber o motivo e aquele acaba por dar uma boa confusão.

Mas é uma boa fase, e queria dizer que isto de os 15 anos é só uma bela aventura q̃ se passará, porque os 15 anos passarão para 18, 19, 20, 25 e muitos outros para poder viver a vida como quizer e ser livre com deseja sem criar conflitos entre os pais ou terceiros.

TX26

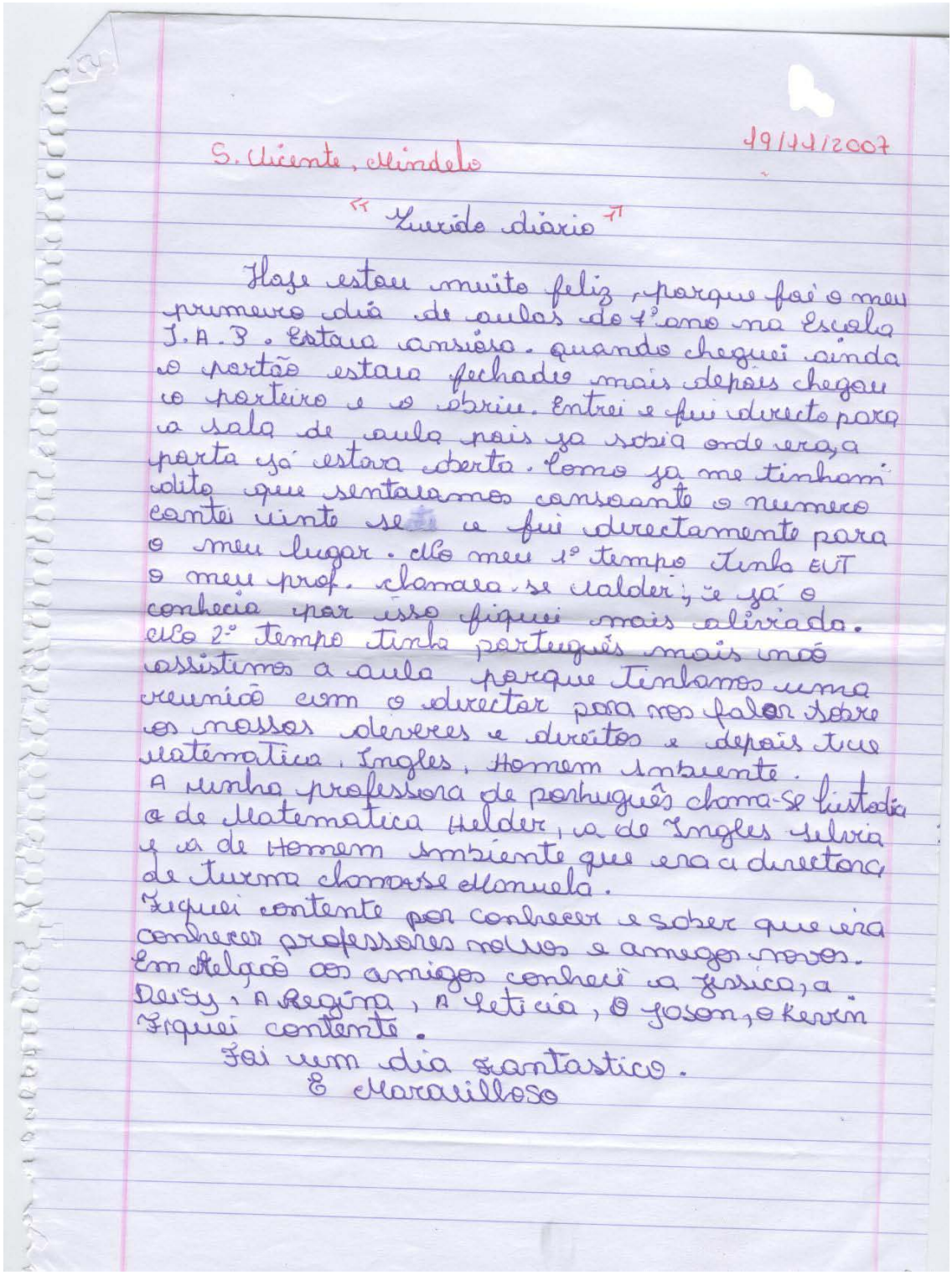


O meu diário

No Sabado dia 17 de novembro em minha escola

No Sabado quando cheguei na escola no 1° tempo, tive aula de estudos cientificos com um professor maravilhoso e divertido. No fim do tocarem o sino fui a cantina comprar, depois subi para sala fiquei a espera do sino tocar com alguns dos meus colegas, a ver os meninos a jogarem no computador. Depois tocaram o sino o senhor Jeca abriu-nos a porta entramos e ficamos a espera do professor de matematica. Logo após o professor chegar e começamos a nossa aula, foi uma aula muito boa com materias boas e com um professor maravilhoso.
No fim da aula o professor entregou-nos os pontos, depois tocaram o sino e saimos.

TX27



19/11/2007

S. Vicente, Mindelo

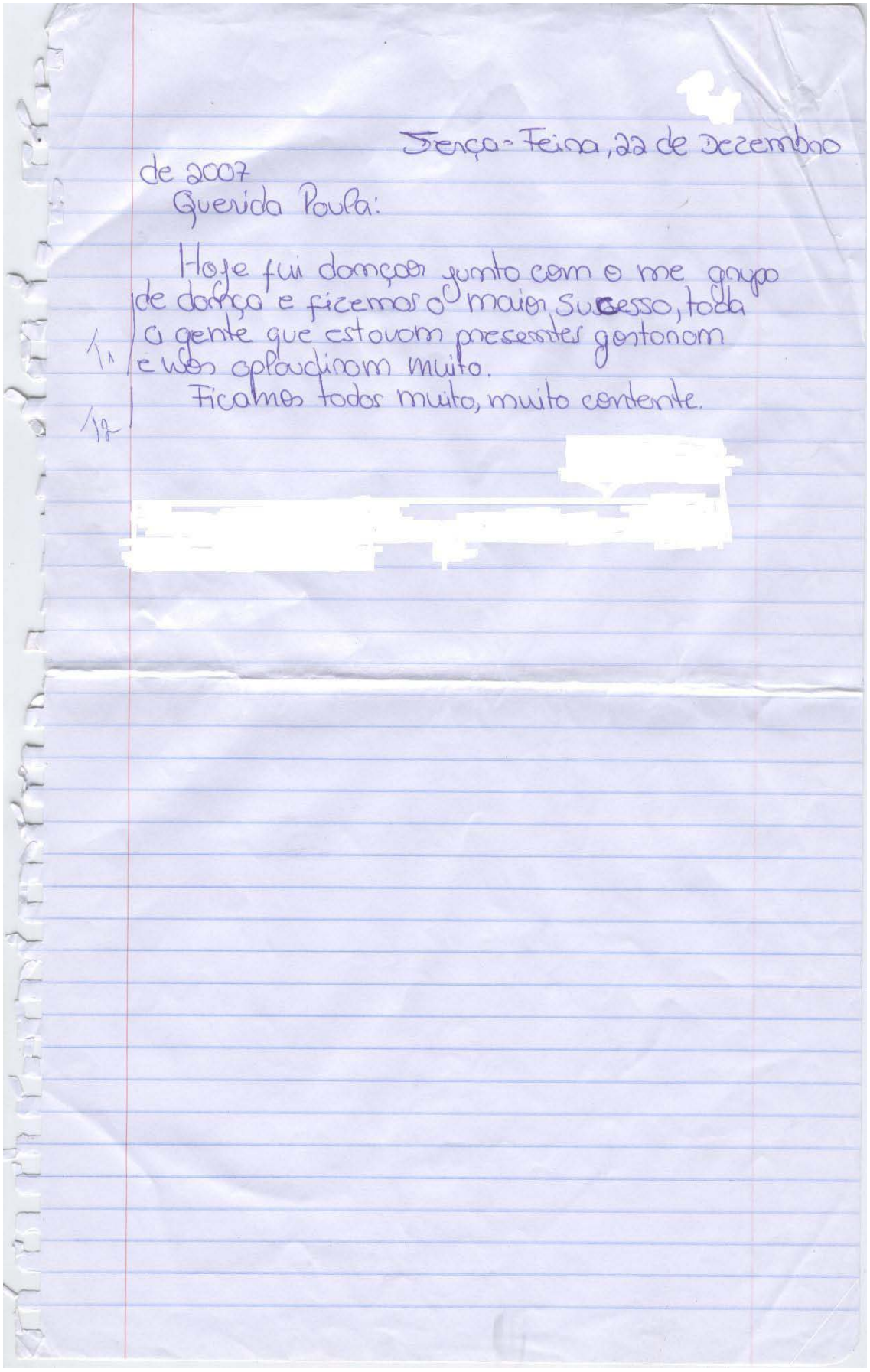
"Querido diário"

Hoje estou muito feliz, porque foi o meu primeiro dia de aulas do 7º ano na Escola J.A.B. Estava ansiosa. Quando cheguei ainda o portão estava fechado mais depois chegou o porteiro e o abriu. Entrei e fui directo para a sala de aula pois ja sabia onde era, a porta já estava aberta. Como ja me tinham dito que sentavamos consoante o numero conteí vinte se[illegible] e fui directamente para o meu lugar. No meu 1º tempo tinha EVT o meu prof. chamava-se Valdeir; e já o conhecia por isso fiquei mais aliviada. No 2º tempo tinha português mais não assistimos a aula porque Tinhamos uma reunião com o director para nos falar sobre os nossos deveres e direitos e depois tive matematica, Ingles, Homem Ambiente. A minha professora de português chama-se Cristoda o de Matematica Helder, a de Ingles Silvia e a de Homem Ambiente que era a directora de turma chamava-se Manuela.

Fiquei contente por conhecer e saber que ira conhecer professores novos e amigos novos. Em Relação aos amigos conheci a Jessica, a Dersy, a Regina, a Leticia, o Josan, o Kevin Fiquei contente.

Foi um dia fantastico.
E Maravilloso

TX28



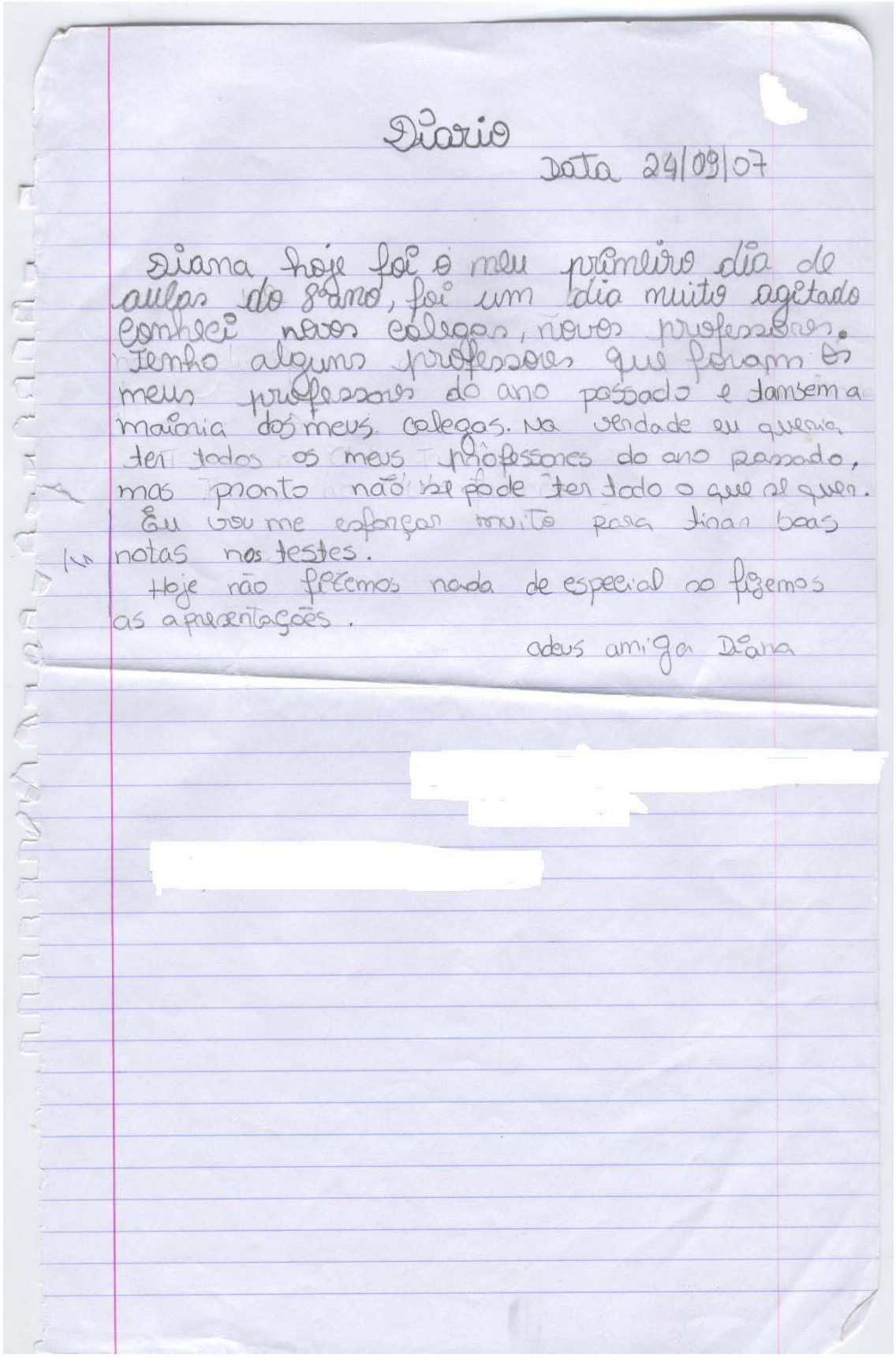
Terça-Feira, 22 de Dezembro de 2007

Querida Paula:

Hoje fui dançar junto com o meu grupo de dança e ficamos o maior sucesso, toda a gente que estavam presentes gostaram e nos aplaudiram muito.

Ficamos todos muito, muito contente.

TX29



Diário

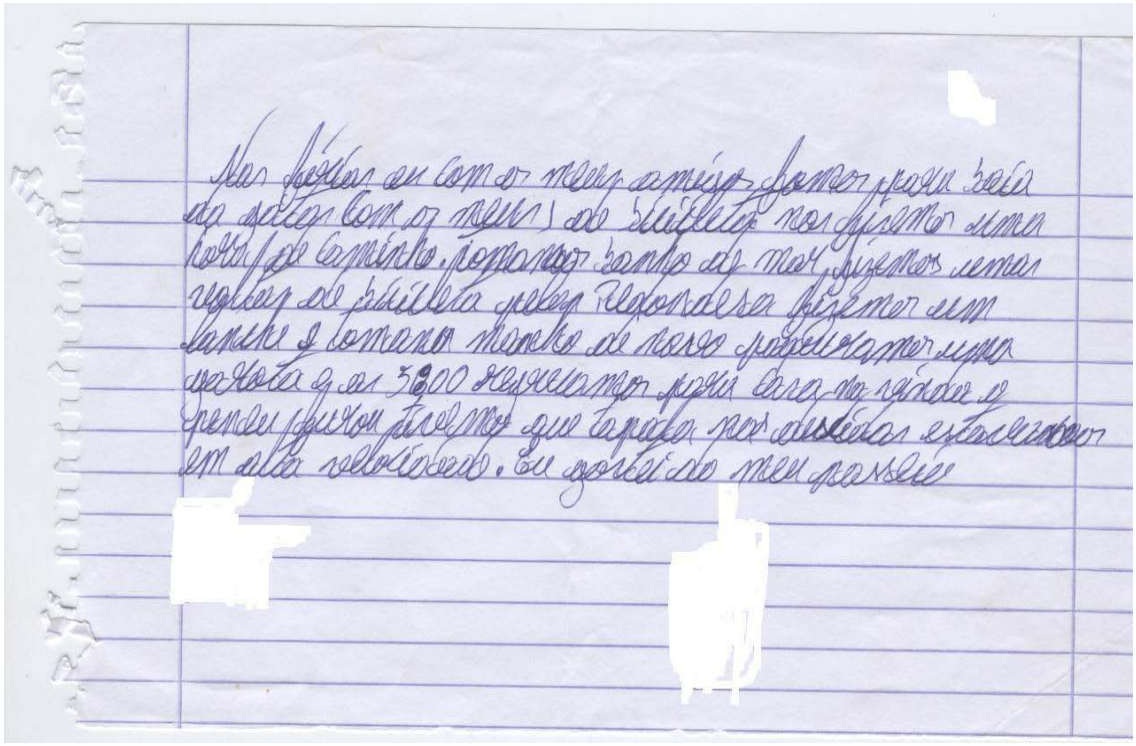
Data 24/09/07

Diana hoje foi o meu primeiro dia de aulas do 8ºano, foi um dia muito agitado conheci novos colegas, novos professores. Tenho alguns professores que foram os meus professores do ano passado e também a maioria dos meus colegas. Na verdade eu queria ter todos os meus professores do ano passado, mas pronto não se pode ter tudo o que se quer. Eu vou me esforçar muito para tirar boas notas nos testes.

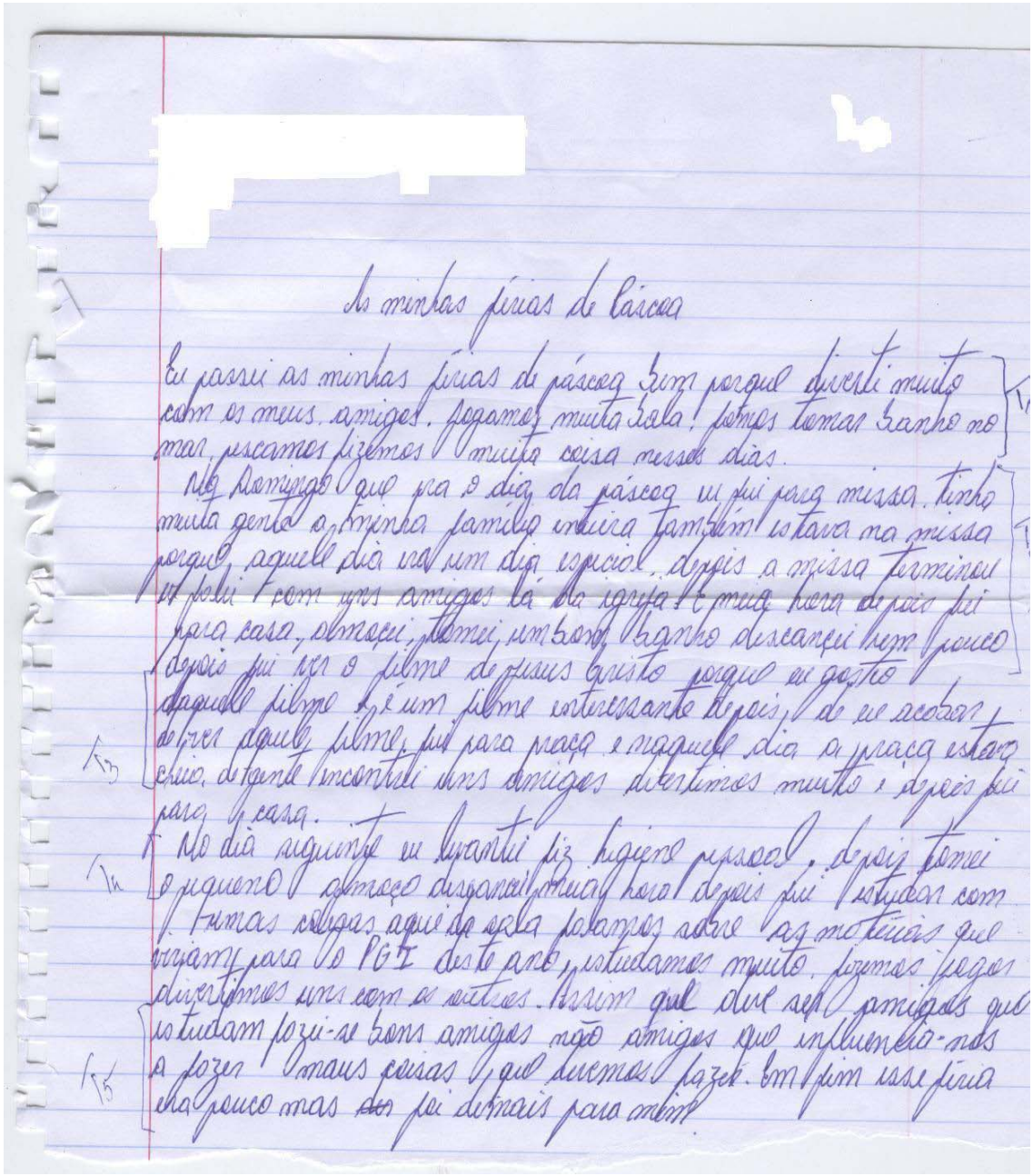
Hoje não fizemos nada de especial só fizemos as apresentações.

adeus amiga Diana

TX30



TX31



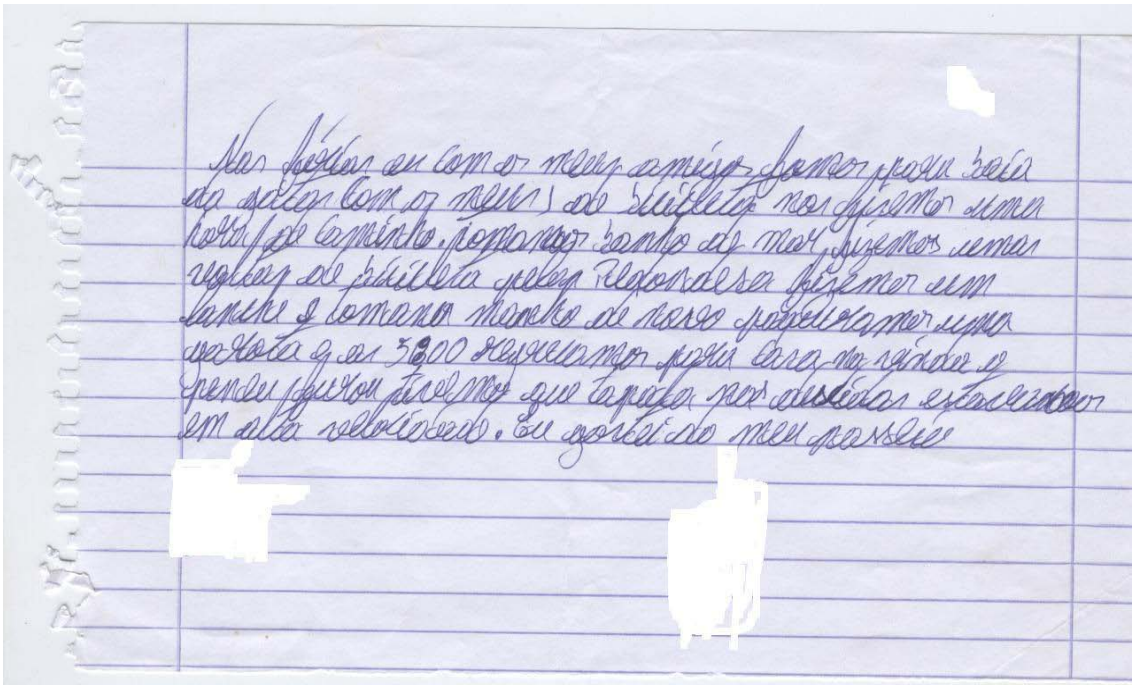
As minhas férias de Páscoa

Eu passei as minhas férias de páscoa bem porque diverti muito com os meus amigos. jogamos muita bola, fomos tomar banho no mar, pescamos fizemos muita coisa nesses dias.

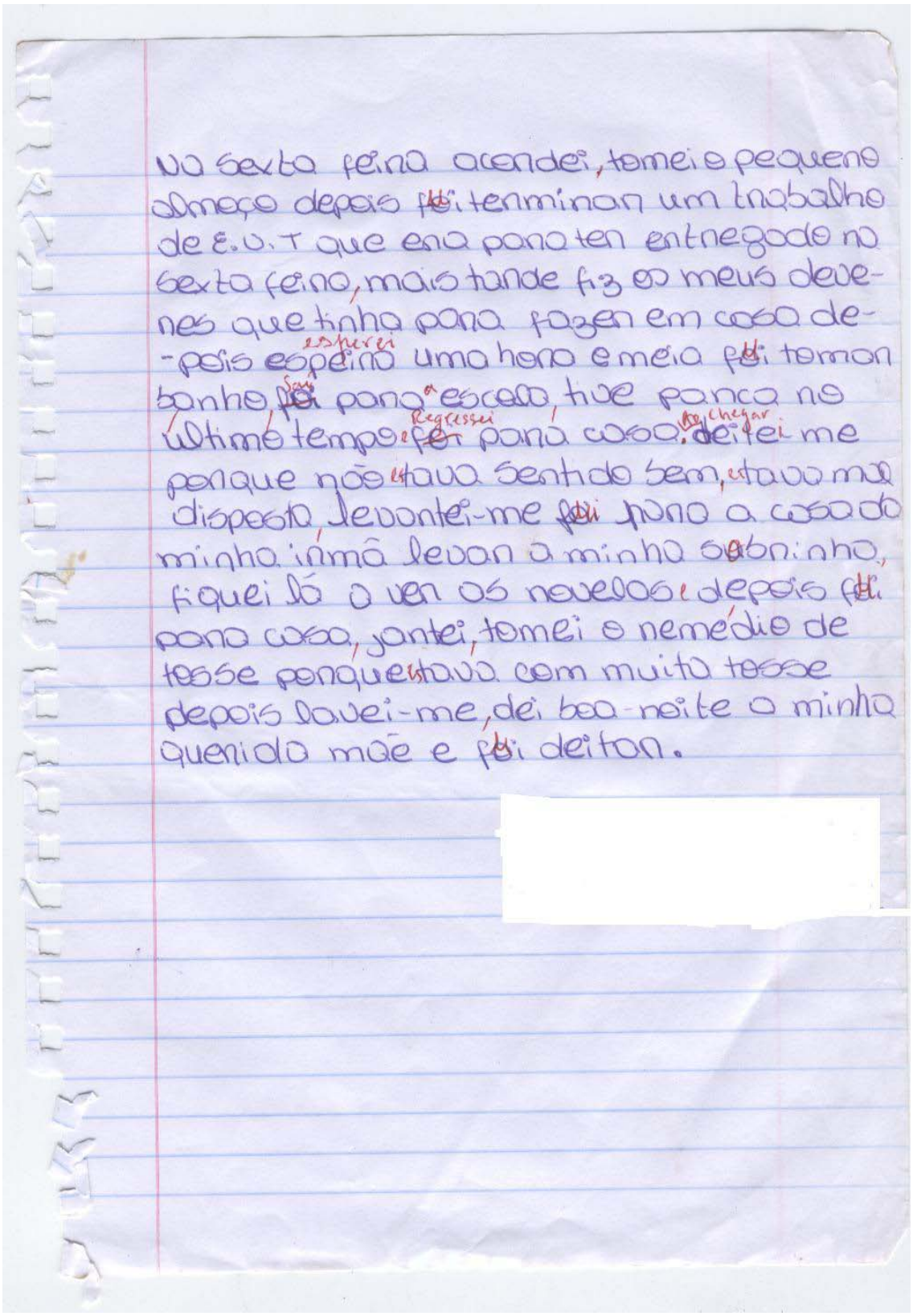
No Domingo que era o dia da páscoa eu fui para missa. tinha muita gente a minha família inteira também estava na missa porque aquele dia era um dia especial. depois a missa terminou eu falei com uns amigos lá da igreja e mais hora depois fui para casa, almocei, tomei um bom banho descansei bem pouco depois fui ver o filme de Jesus Cristo porque eu gosto daquele filme é um filme interessante depois de eu acabar de ver aquele filme, fui para praça e naquele dia a praça estava cheio, de gente encontrei uns amigos divertimos muito e depois fui para casa.

No dia seguinte eu levantei fiz higiene pessoal. depois tomei o pequeno almoço descansei uma hora depois fui estudar com umas colegas aqui da sala falamos sobre as matérias que virão para o PGI deste ano, estudamos muito, fizemos jogos divertimos uns com os outros. Assim qual deve ser amigos que estudam fazi-se bons amigos não amigos que influencia-nos a fazer maus coisas, que devemos fazer. bom fim desse férias foi pouco mas foi demais para mim.

TX32

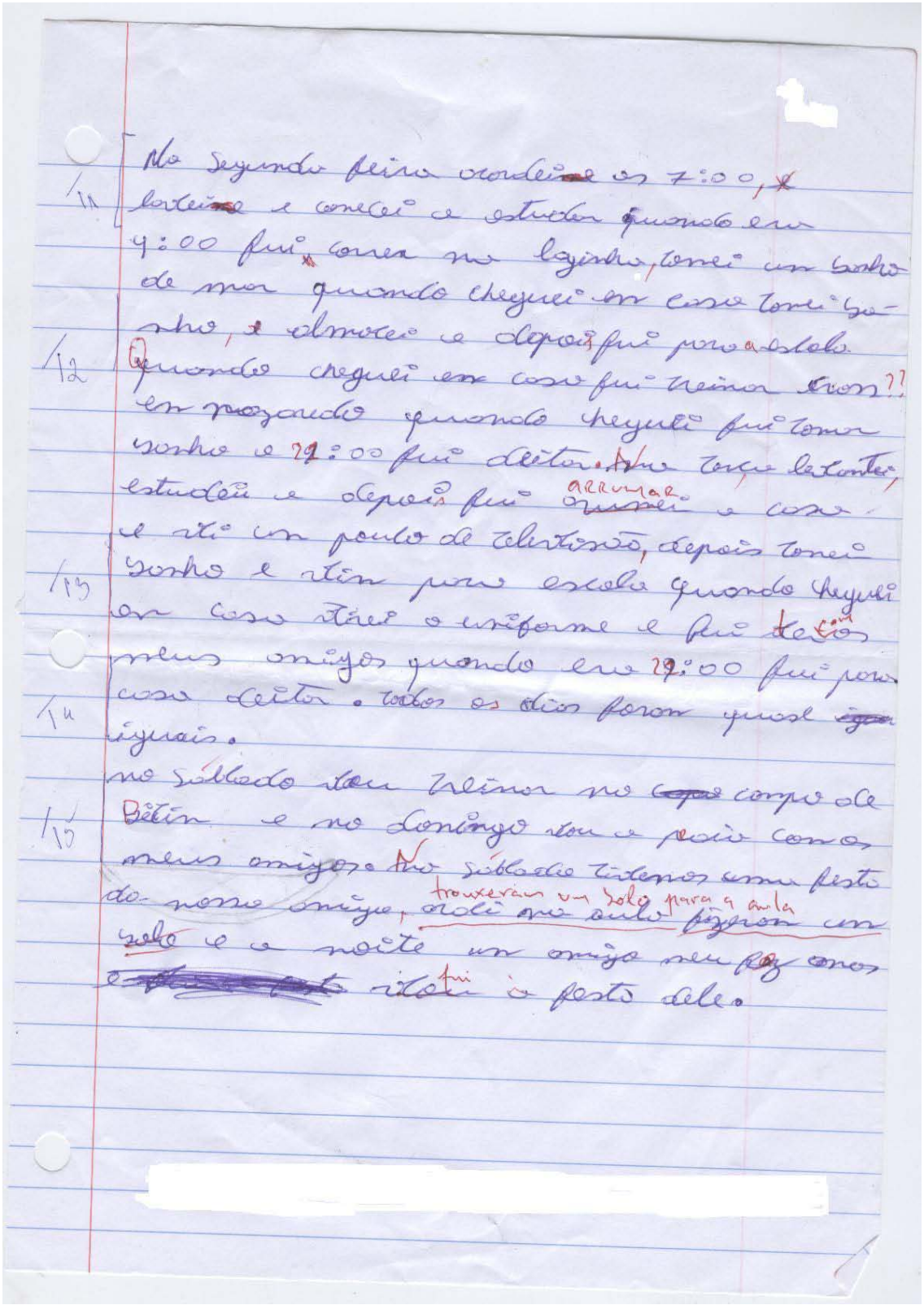


TX33



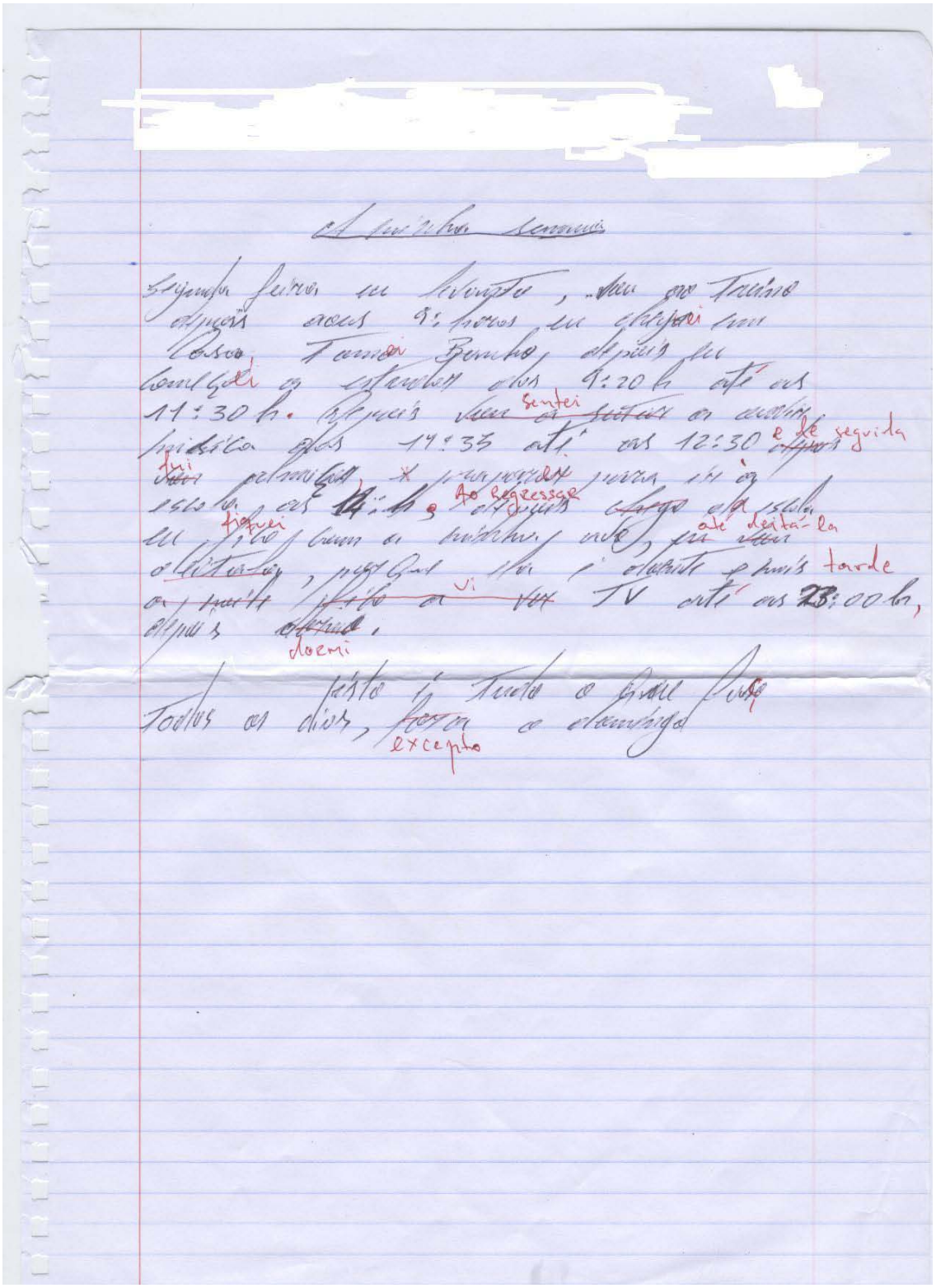
Na sexta feira acendei, tomei o pequeno almoço depois fui terminar um trabalho de E.V.T que era para ter entregado na sexta feira, mais tarde fiz os meus deveres que tinha para fazer em casa depois esperei esperei uma hora e meia fui tomar banho, fui para a escola, tive pouca no último tempo. Regressei para casa. Quando cheguei deitei-me porque não estava sentido bem, estava mal disposto, levantei-me fui para a casa da minha irmã levar a minha sobrinho, fiquei lá a ver os novelos e depois fui para casa, jantei, tomei o remédio de tosse porque estava com muita tosse depois lavei-me, dei boa-noite a minha querida mãe e fui deitar.

T34



No segunda feira acordei as 7:00, fui
/11 lanchar e comecei a estudar quando eu
4:00 fui correr na lagoinha, tomei um banho
de mar quando cheguei em casa tomei ba-
nho, e almocei e depois fui para a aula.
/12 Quando cheguei em casa fui tomar ??
em nazaudo quando cheguei fui tomar
banho e 21:00 fui deitar. Na terça levantei,
estudei e depois fui arrumar e corre
-r até um pouco de televisão, depois tomei
/13 banho e tive para escola quando cheguei
em casa tirei o uniforme e fui deitar com
meus amigos quando eu 21:00 fui para
/14 casa deitar. todos os dias foram quase
iguais.
no sábado tive aula no comprei de
/17 Bétin e no domingo tive e pois com os
meus amigos. No sábado tivemos uma festa
do nosso amigo, acabei que quase trouxeram um bolo para a aula
bolo e a noite um amigo meu fez anos
e [redacted] fui a festa dele.

TX35

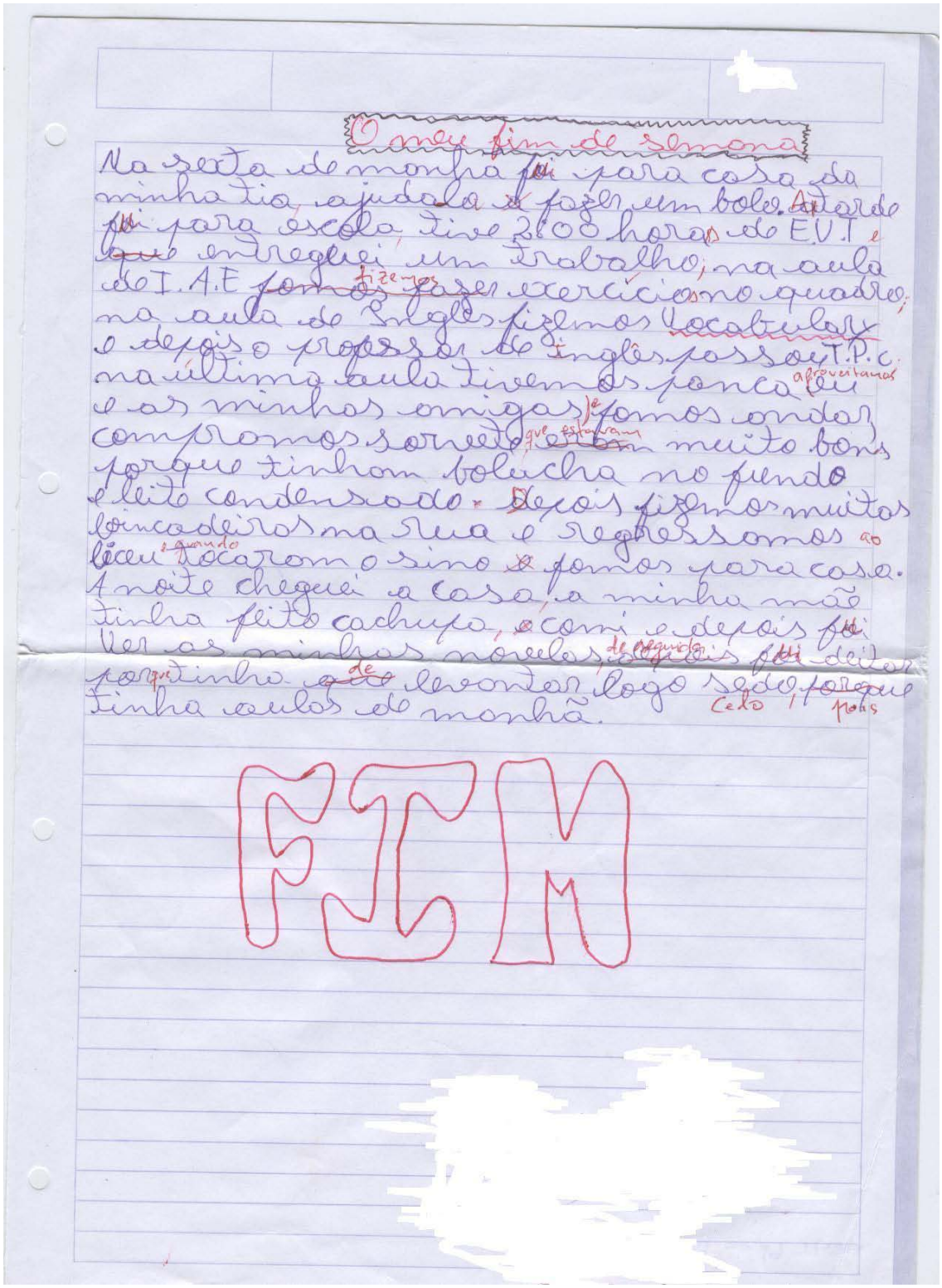


A primeira semana

Segunda feira eu levantei, tomei banho tomei café das 9:00 horas, eu arrumei meu Closet Tomei Banho, depois fui conversei e assistir das 9:20 h até as 11:30 h. depois fiquei sentei e assistir o acervo jurídico após 11:35 até as 12:30 e de seguida fui almoçar, e voltei ao regressar ao serviço às 14:00 h e continuei até tarde eu fiquei com a minha mãe, até deitá-la dormir, depois fiquei a assistir e mais tarde vi TV até as 23:00 h, depois dormi.

Isto foi toda a minha Rotina Todos os dias, com a excepção de domingo

TX36

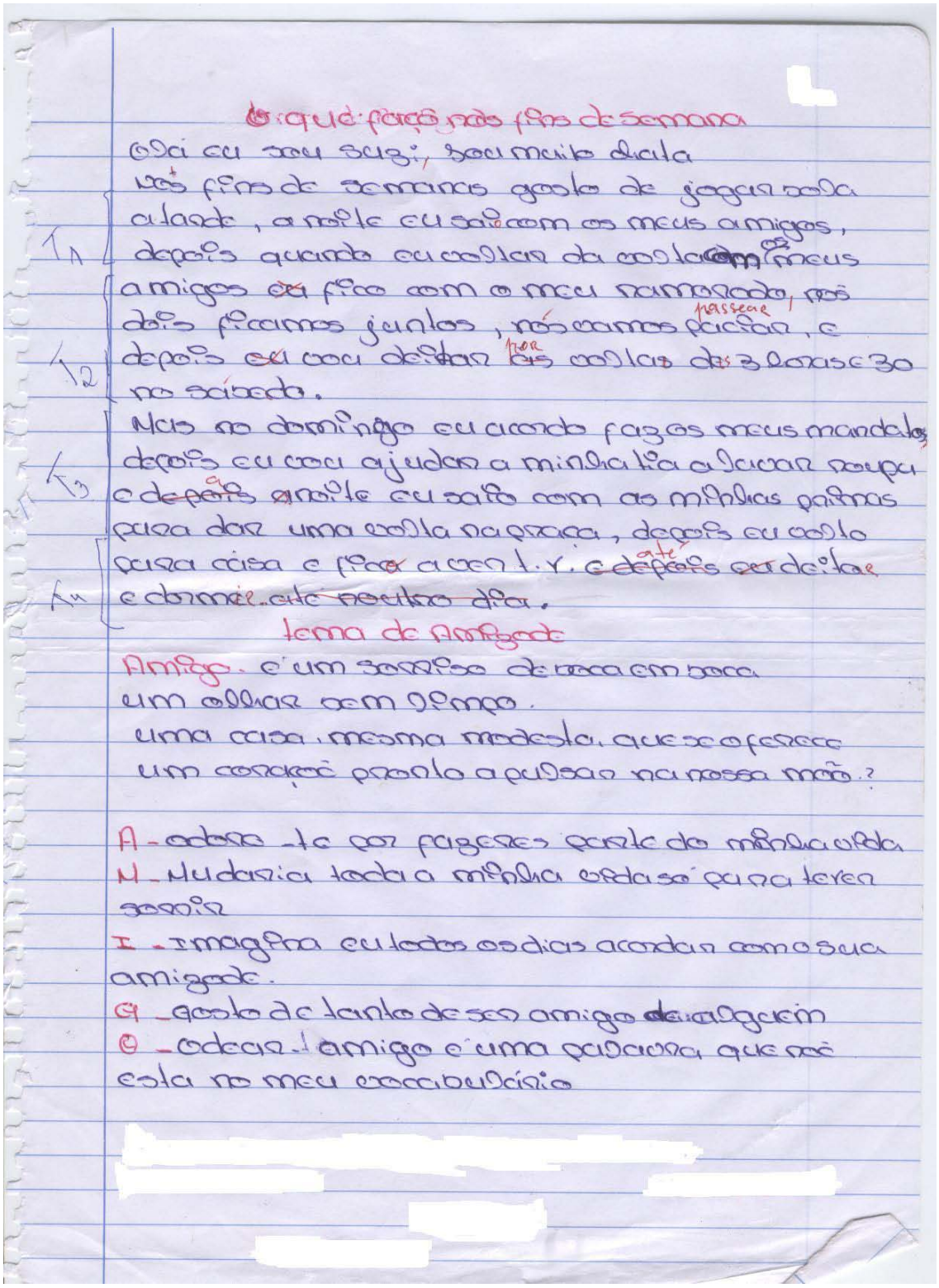


O meu fim de semana

Na sexta de manhã fui para casa da minha tia ajudá-la a fazer um bolo. À tarde fui para escola, tive 3:00 horas de E.V.T e entreguei um trabalho, na aula de I.A.E fomos fizemos fazer exercícios no quadro, na aula de Inglês fizemos Vocabulary e depois o professor de inglês passou o T.P.C, na última aula tivemos Português (aproveitamos) e as minhas amigas e fomos andar, compramos sorvete que estavam muito bons porque tinham bolacha no fundo e leite condensado. Depois fizemos muitas loucadeiras na rua e regressamos ao (quando) lar tocaram o sino e fomos para casa. À noite cheguei a casa, a minha mãe tinha feito cachupa, e comi e depois fui (de seguida) ler as minhas novelas, depois fui deitar (de) porque tinha de levantar logo cedo (pois) tinha aulas de manhã.

FTH

TX37



O que faço nos fins de semana

Oi eu sou sugi, sou muito dicta

Nos fins de semana gosto de jogar bola

T1 a tarde, a noite eu saio com os meus amigos,

depois quando eu volto da escola com meus

amigos eu fico com o meu namorado, nós

dois ficamos juntos, nós vamos passear, e

T2 depois eu vou deitar hora as vezes 3 horas e 30

no sábado.

Mas no domingo eu acordo faço os meus mandados

depois eu vou ajudar a minha tia a lavar roupa

T3 e depois a noite eu saio com as minhas primas

para dar uma volta na praça, depois eu volto

para casa e fico a ver t.v. e depois até deitar

Tn e dormir. até outro dia.

tema de Amigode

Amigo. é um sorriso de boca em boca

um olhar sem tempo.

uma casa, mesma modesta, que se oferece

um coração pronto a pulsar na nossa mão.?

A - odeio ter de fazer parte da minha vida

M - Mudaria toda a minha vida só para ter

sorriso

I - Imagina eu todos os dias acordar com sua

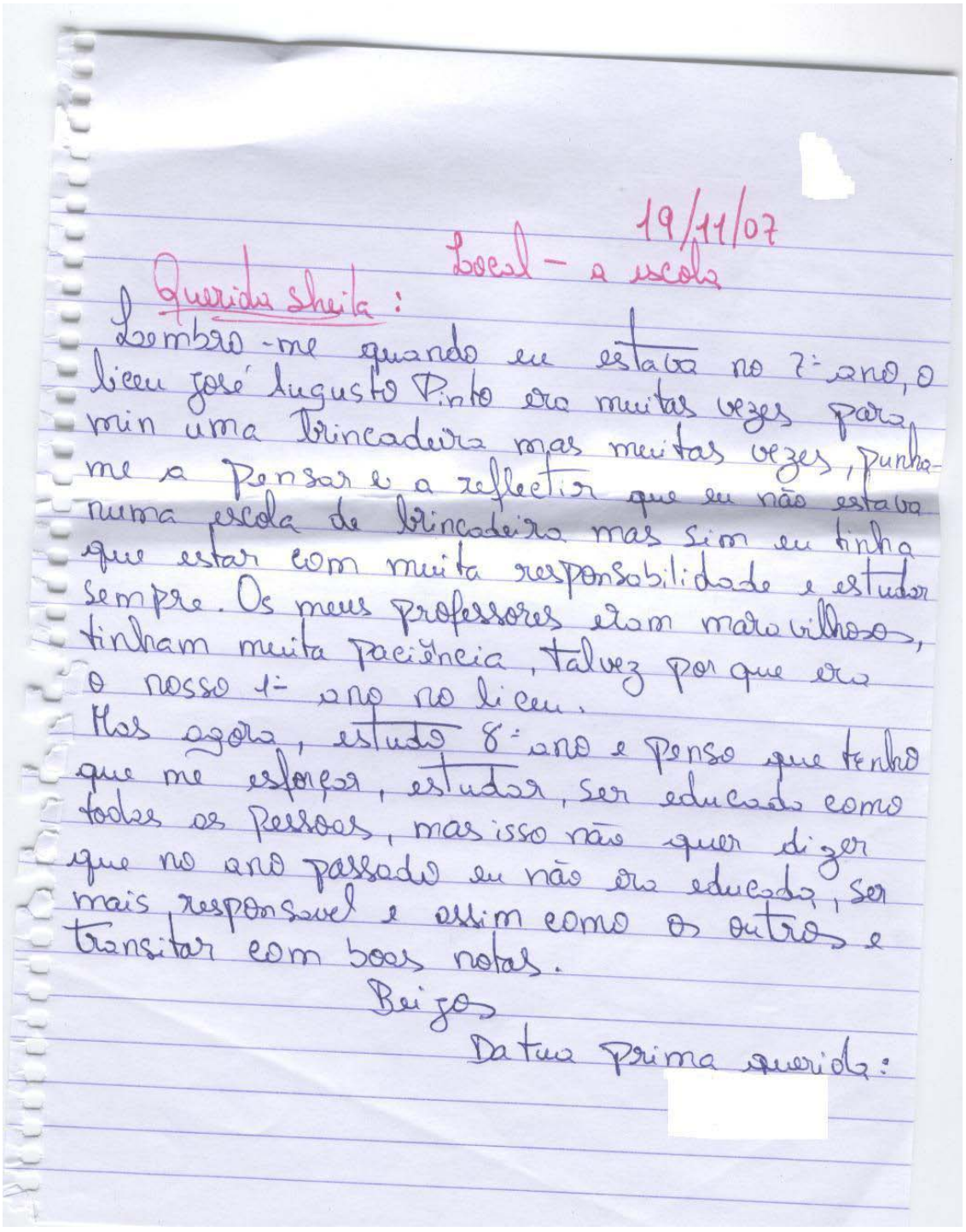
amigode.

G - gosto de tanto de ser amigo de alguém

O - odeio. amigo é uma palavra que não

esta no meu vocabulário

TX38



19/11/07

Local - a escola

Querida Sheila:

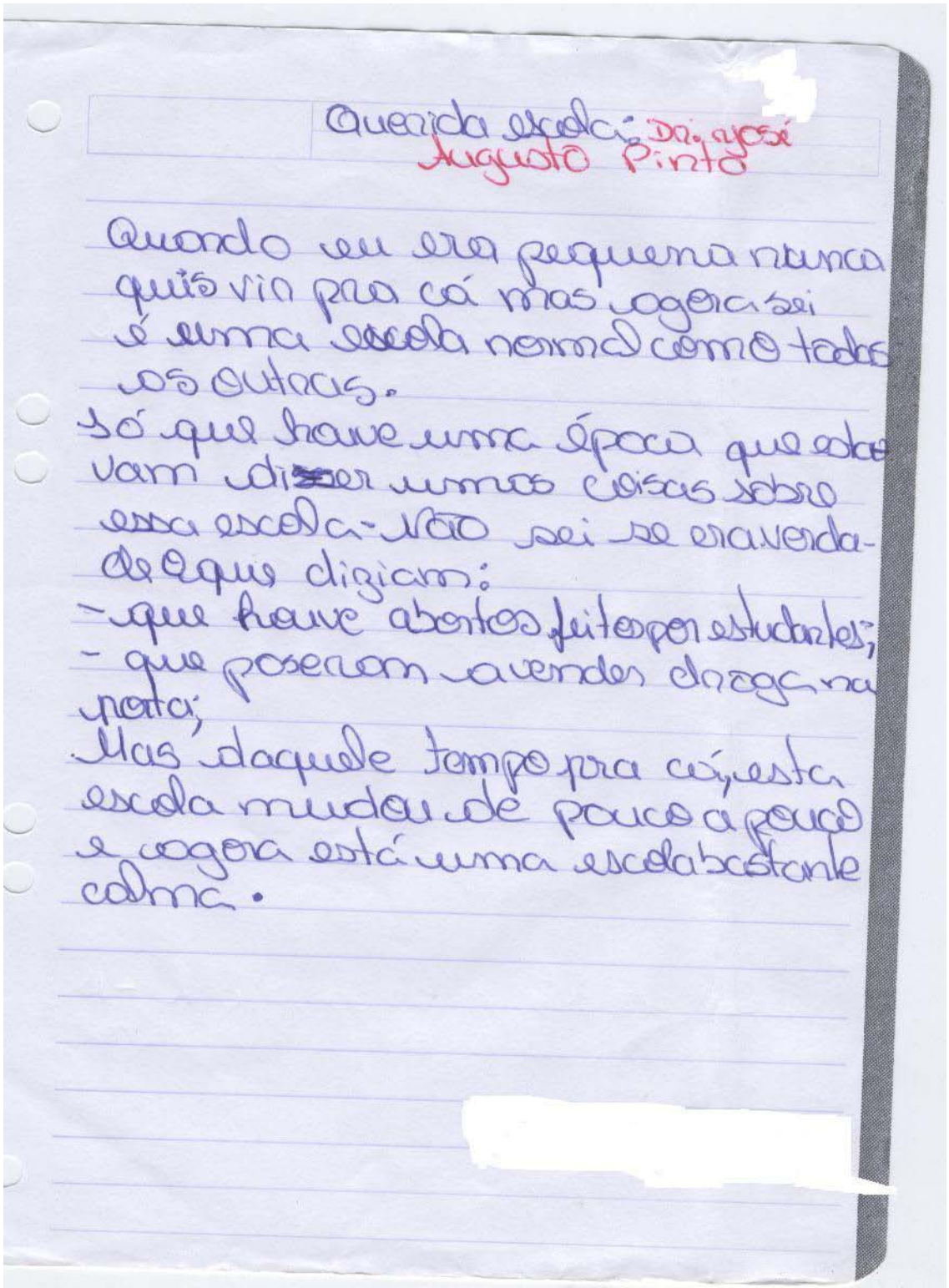
Lembro-me quando eu estava no 7.º ano, o liceu José Augusto Pinto era muitas vezes para mim uma brincadeira mas muitas vezes, punha-me a pensar e a reflectir que eu não estava numa escola de brincadeira mas sim eu tinha que estar com muita responsabilidade e estudar sempre. Os meus professores eram maravilhosos, tinham muita paciência, talvez por que era o nosso 1.º ano no liceu.

Mas agora, estudo 8.º ano e penso que tenho que me esforçar, estudar, ser educado como todas as pessoas, mas isso não quer dizer que no ano passado eu não era educado, ser mais responsável e assim como os outros e transitar com boas notas.

Beijos

Da tua prima querida:

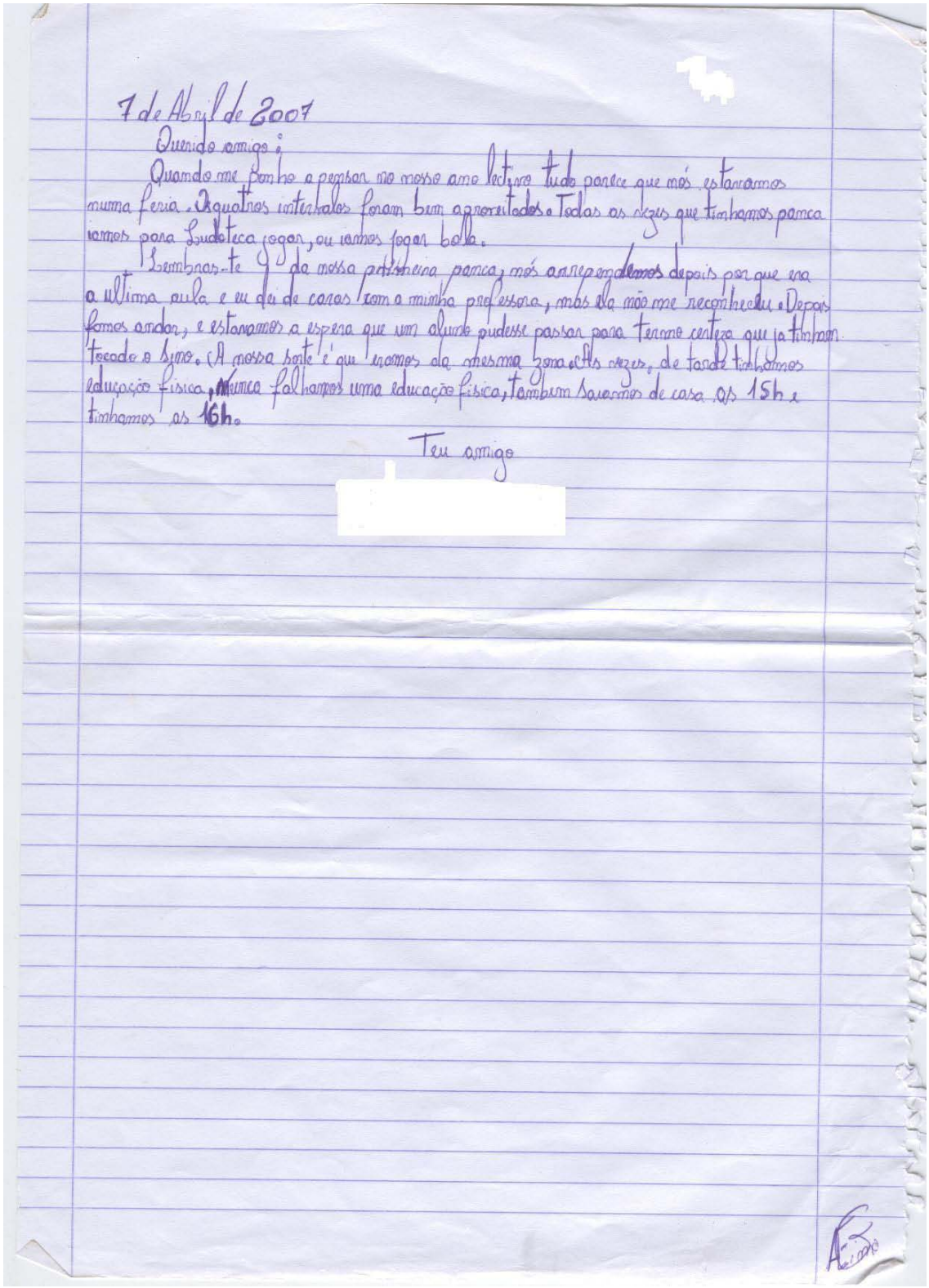
TX39



Querida escola Dr. José Augusto Pinto

Quando eu era pequena nunca quis vir pra cá mas agora sei é uma escola normal como todas as outras.
Só que houve uma época que estavam dizer umas coisas sobre essa escola - não sei se era verdade o que diziam:
- que houve abortos feitos por estudantes;
- que poseram a vender droga na porta;
Mas daquele tempo para cá, esta escola mudou de pouco a pouco e agora está uma escola bastante calma.

TX40



7 de Abril de 2007

Querido amigo:

Quando me ponho a pensar no nosso ano lectivo tudo parece que nós estivemos numa festa. Aquelles intervalos foram bem aproveitados. Todas as vezes que tinhamos pausa iamos para Ludoteca jogar, ou iamos jogar bola.

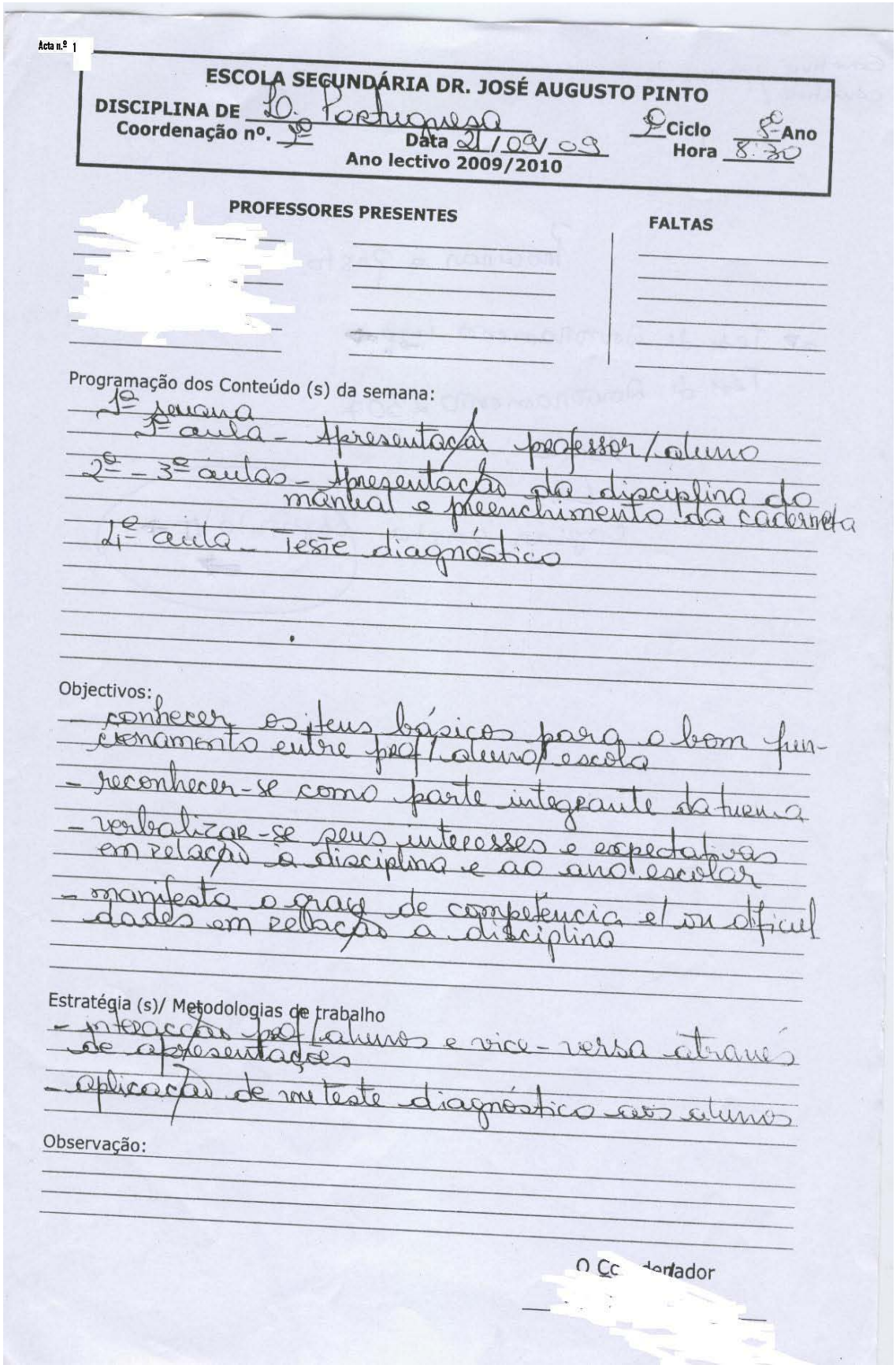
Lembras-te do nosso primeiro pausa, nós arrepiamos depois porque era a última aula e eu dei de caras com a minha professora, mas ela não me reconheceu. Depois fomos andar, e estavamos a espera que um aluno pudesse passar para termos certeza que já tinham tocado o sino. A nossa sorte é que vamos da mesma zona. Às vezes, de tarde tinhamos educação física, nunca faltamos uma educação física, também saiamos de casa às 15h e tinhamos às 16h.

Teu amigo

[redacted]

ANEXO IV – ACTAS DE COORDENAÇÃO DA DISCIPLINA DE LP 8º ANO

Acta da coordenação n.º 1



Acta n.º 1

ESCOLA SECUNDÁRIA DR. JOSÉ AUGUSTO PINTO

DISCIPLINA DE LO. Portuguesa — 2º Ciclo — 5º Ano

Coordenação nº. 1º — Data 21 / 09 / 09 — Hora 8.30

Ano lectivo 2009/2010

PROFESSORES PRESENTES

FALTAS

Programação dos Conteúdo (s) da semana:

1ª semana

1ª aula - Apresentação professor/aluno

2ª - 3ª aulas - Apresentação da disciplina do manual e preenchimento da caderneta

4ª aula - Teste diagnóstico

Objectivos:

- conhecer os seus básicos para o bom funcionamento entre prof/aluno/escola
- reconhecer-se como parte integrante da turma
- verbalizar-se seus interesses e espectativas em relação à disciplina e ao ano escolar
- manifesta o grau de competencia e/ou dificuldades em relação à disciplina

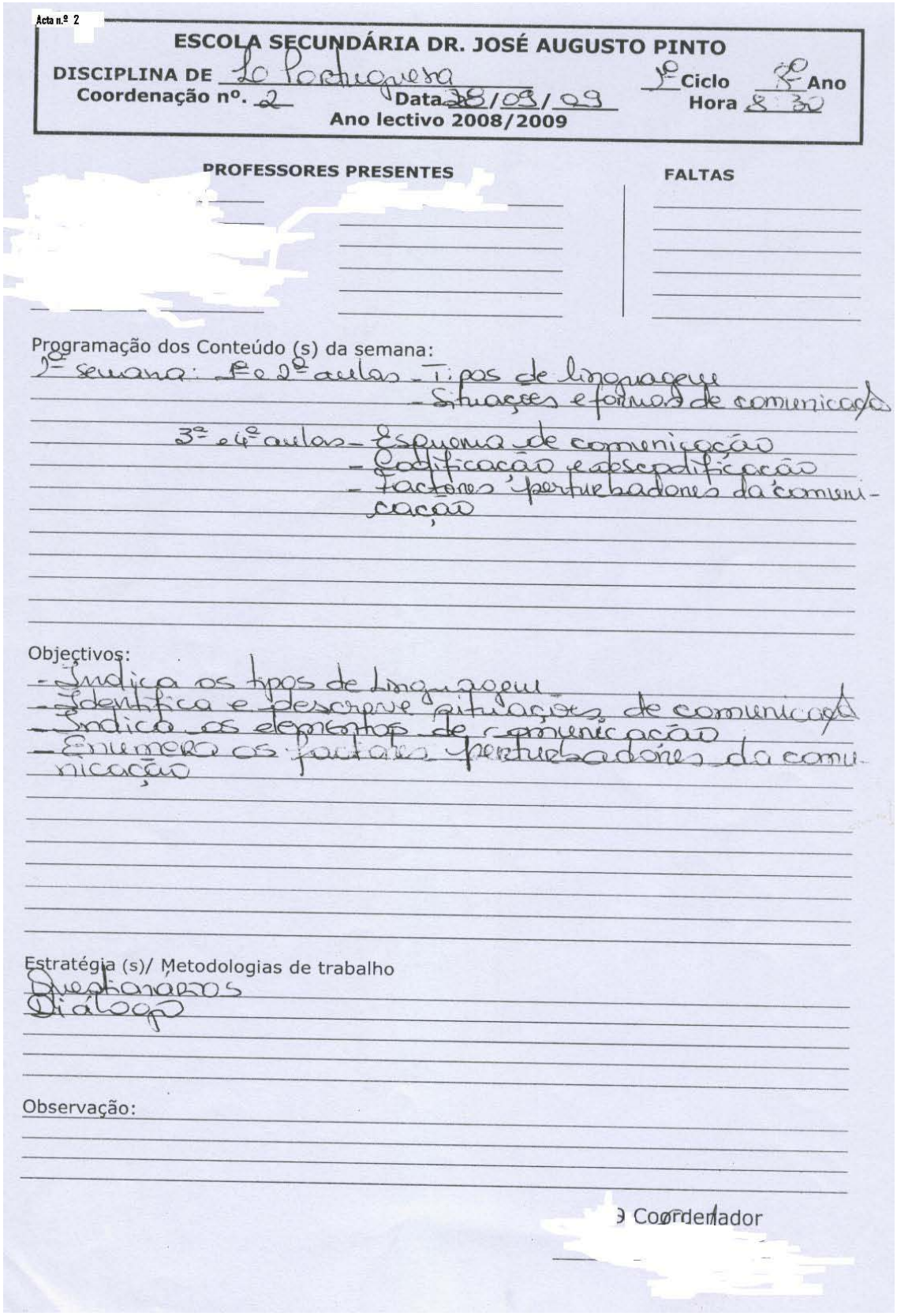
Estratégia (s)/ Metodologias de trabalho

- interacção prof/aluno e vice-versa através de apresentações
- aplicação de um teste diagnóstico aos alunos

Observação:

O Co[illegible]dor

Acta da coordenação n.º 2



Acta n.º 2

ESCOLA SECUNDÁRIA DR. JOSÉ AUGUSTO PINTO

DISCIPLINA DE Lº Portuguesa — 1º Ciclo — 8º Ano

Coordenação nº. 2 — Data 28/03/09 — Hora 8 30

Ano lectivo 2008/2009

PROFESSORES PRESENTES

FALTAS

Programação dos Conteúdo (s) da semana:

1ª semana: 1ª e 2ª aulas - Tipos de linguagem
- Situações e formas de comunicação

3ª e 4ª aulas - Esquema de comunicação
- Codificação e descodificação
- Factores perturbadores da comunicação

Objectivos:

- Indica os tipos de linguagem
- Identifica e descreve situações de comunicação
- Indica os elementos de comunicação
- Enumera os factores perturbadores da comunicação

Estratégia (s)/ Metodologias de trabalho

Questionários
Diálogo

Observação:

O Coordenador

Acta da coordenação n.º 4

Acta n.º 4

ESCOLA SECUNDÁRIA DR. JOSÉ AUGUSTO PINTO

DISCIPLINA DE Lº Portuguesa — 1 Ciclo — 8 Ano

Coordenação nº. 4 — Data 26 / 10 / 09 — Hora _____

Ano lectivo 2009/2010

PROFESSORES PRESENTES	FALTAS

Programação dos Conteúdo (s) da semana:

1ª semana

1ª e 2ª aulas - Preparação e teste sumativo

3ª e 4ª aulas - Leitura e exploração do texto da página 99 (Actividade A)

2ª semana

1ª aula - Resolução da actividade C

2ª aula - Conclusão da aula anterior.

3ª aula - Exploração da ficha 15

4ª aula - Resolução das actividades da pág 305

Objectivos:

- aplica os conhecimento adquiridos num teste sumativo.
- Lê um texto
- Responde a perguntas de interpretação
- Explica o tempo e o modo dos verbos (modo indicativo)

Estratégia (s)/ Metodologias de trabalho

- Leituras
- Exploração oral e escrita
- Diálogo

Observação:

O Coordenador

Acta da coordenação n.º 6

Acta n.º 6

ESCOLA SECUNDÁRIA DR. JOSÉ AUGUSTO PINTO

DISCIPLINA DE Português — **1.º Ciclo** — **9.º Ano**

Coordenação nº. 6 **Data** 23/11/09 **Hora** 8:30

Ano lectivo 2009/2010

PROFESSORES PRESENTES	FALTAS

Programação dos Conteúdo (s) da semana:

1ª Semana

1ª - 2ª aulas - Leitura e compreensão do texto da pág. 170 (Actividade A)

3ª e 4ª aulas - Actividade B e C

2ª semana

1ª e 4ª aulas - Texto da página 138

Categorias da narrativa

- Narração (Presença e Ciência)
- Acção - estrutura (encadeamento, encaixe, alternância)
- Delimitação (Aberta e fechada)
- Personagens (Relevância, Caracterização)
- Espaço - físico, social e psicológico
- Tempo - Cronológico, Psicológico

Objectivos:

- Ler um texto
- Interpreta um texto
- Identifica palavras primitivas
- Indica palavras derivadas por sufixação, prefixação
- Identifica palavras compostas (aglutinação e justaposição)
- Identifica personagens
- Identifica narração ao nível da ciência e da presença
- Identifica espaço físico, social e psicológico
- Identifica tempo cronológico e psicológico

Estratégia (s)/ Metodologias de trabalho

- Diálogo
- Texto
- Exposição oral e escrita

Observação:

O Coordenador

Acta da coordenação n.º 9

Acta n.º 9

ESCOLA SECUNDÁRIA DR. JOSÉ AUGUSTO PINTO

DISCIPLINA DE Lº Portuguesa — 1º Ciclo — 8º Ano
Coordenação nº. 9 — Data 18/01/10 — Hora 8.30
Ano lectivo 2009/2010

PROFESSORES PRESENTES | **FALTAS**

Programação dos Conteúdo (s) da semana:

1ª Semana
1ª e 2ª aulas → Figuras de estilo:
. enumeração; comparação; metáfora; personificação; Animização; hipérbole
2ª Semana
1ª aula → Exercícios de aplicação
2ª - 4ª aulas → Frases simples e seus constituintes imediatos
Tipos de sujeito (simples, omisso, indeterminado, ex. seus sujeitos, composto)

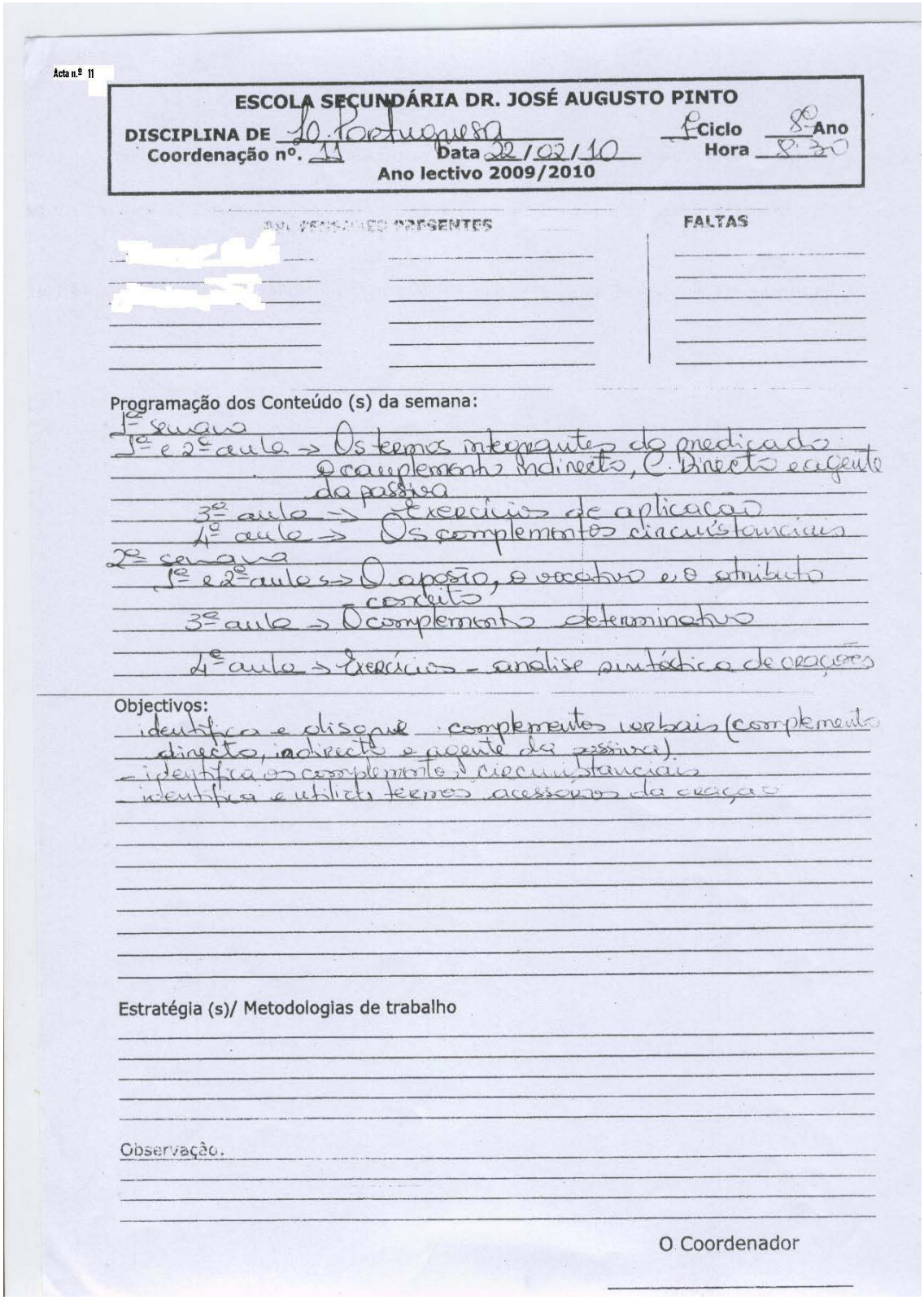
Objectivos:
- Identificar figuras de estilo
- indicar figuras de estilo
- indicar os constituintes imediatos de uma frase
- identificar os diferentes tipos de sujeito

Estratégia (s)/ Metodologias de trabalho
Diálogo
Exposição oral e escrita
Exercícios

Observação:

O Coordenador

Acta da coordenação n.º 11



Acta n.º 11

ESCOLA SECUNDÁRIA DR. JOSÉ AUGUSTO PINTO

DISCIPLINA DE Lº Portuguesa — 2º Ciclo — 8º Ano

Coordenação nº. 11 — Data 22/02/10 — Hora 8:30

Ano lectivo 2009/2010

ELEMENTOS PRESENTES — FALTAS

Programação dos Conteúdo (s) da semana:

1ª semana

1ª e 2ª aula → Os termos integrantes do predicado
O complemento indirecto, C. Directo e agente da passiva

3ª aula → Exercícios de aplicação

4ª aula → Os complementos circunstanciais

2ª semana

1ª e 2ª aulas → O apósito, o vocativo e o atributo consoante

3ª aula → O complemento determinativo

4ª aula → Exercícios - análise sintáctica de orações

Objectivos:

- identifica e distingue complementos verbais (complemento directo, indirecto e agente da passiva).
- identifica os complementos circunstanciais
- identifica e utiliza termos acessórios da oração

Estratégia (s)/ Metodologias de trabalho

Observação.

O Coordenador

Acta da coordenação n.º 13

Acta n.º 13

ESCOLA SECUNDÁRIA DR. JOSÉ AUGUSTO PINTO

DISCIPLINA DE Lº Portuguesa — 1º Ciclo — 8º Ano

Coordenação nº. 13 — Data 22/03/10 — Hora 13:30

Ano lectivo 2009/2010

PROFESSORES PRESENTES — FALTAS

Programação dos Conteúdo (s) da semana:

1ª semana

1ª aula -> Entrega ~~do~~ correcção do teste sumativo

2ª e 3ª aulas -> Oração coordenadas - Exercícios

4ª aula -> Modos de enunciação do discurso discurso directo e indirecto

2ª semana

1ª e 2ª aulas -> Exercícios

Objectivos:

- Identifica orações coordenadas e classifica-a
- Indica os modos de enunciação do discurso (directo e indirecto

Estratégia (s)/ Metodologias de trabalho

Diálogo

Exposição oral e escrita

Exercícios.

Observação:

O Coordenador

Acta da coordenação n.º 15

Acta n.º 15

ESCOLA SECUNDÁRIA DR. JOSÉ AUGUSTO PINTO

DISCIPLINA DE Lº. Portuguesa — 1º Ciclo — 8º Ano

Coordenação nº. 15 — Data 26/04/2010 — Hora 8:30

Ano lectivo 2009/2010

PROFESSORES PRESENTES | **FALTAS**

Programação dos Conteúdo (s) da semana:

1ª Semana

1ª e 2ª aulas → Leitura e interpretação do texto "Hacuco me mordam!" página 134

→ Introdução ao estudo das interjeições

2ª semana

1ª e 2ª aulas → Interjeições e locuções interjectivas

→ conceito e valor expressivo

3ª e 4ª aulas → Actividades AeB

Objectivos:

→ Lê e interpreta texto

→ Define interjeições e locuções interjectivas

→ Interpreta o seu valor expressivo

→ Indica interjeições e locuções interjectivas

Estratégia (s)/ Metodologias de trabalho

Leituras

Diálogo

Exposição oral e escrita

Observação:

Workshop dia 29 e 30 de Abril

O Coordenador

Acta da coordenação n.º 17

Acta n.º 17

ESCOLA SECUNDÁRIA DR. JOSÉ AUGUSTO PINTO

DISCIPLINA DE Português — 3 Ciclo — 8º Ano
Coordenação nº. 17 — Data 24/05/10 — Hora 8:30
Ano lectivo 2009/2010

PROFESSORES PRESENTES	FALTAS

Programação dos Conteúdo (s) da semana:

1ª semana
1ª e 2ª aulas → Consolidação da notícia

3ª e 4ª aulas → Anúncio publicitário → exemplificação, as características e as regras de elaboração

2ª semana
1ª e 2ª aulas - A acta
- conceito
- finalidades

3ª aula → Correcção das actas elaboradas

Objectivos:

→ Identifica as partes fundamentais de uma notícia
→ Identifica as partes fundamentais de um anúncio publicitário
→ Identifica um anúncio publicitário
→ Identifica uma acta
→ Indica as finalidades de uma acta

Estratégia (s)/ Metodologias de trabalho

- Exposição oral e escrita
- Diálogo
- Correcção

Observação:

O Coordenador

ANEXOS V – PLANIFICAÇÕES TRIMESTRAIS DA DISCIPLINA DE LP 8º ANO

PLANIFICAÇÃO PARA O 1º TRIMESTRE

Escola Secundária Dr. José Augusto Pinto
Planificação Anual – 8º ano
Ano Lectivo 2009/2010 – 1º Trimestre

	Conteúdos	Objectivos
1ª 21/09 a 26/09	♦ Apresentação: Professor/ Aluno ♦ Apresentação e considerações da disciplina ♦ Preenchimento da caderneta ♦ Teste diagnóstico	Conhecer o professor e os colegas Conhecer os conteúdos programáticos Expor os conhecimentos adquiridos
2ª 28/09 a 03/10	♦ A Comunicação (revisões).	Rever conhecimentos sobre a comunicação
3ª 05/10 a 10/10	♦ Exercícios de aplicação ♦ Tipos e formas de frase. (revisões) ♦ Intenção comunicativa. ♦ Características da linguagem escrita e da linguagem oral.	Aplicar conhecimentos Distinguir tipos e formas de frase. Descobrir as características da linguagem escrita em comparação com a oral
4ª 12/10 a 17/10	♦ Estudo das funções de linguagem; ♦ Análise de textos diversos	Compreender a funcionalidade da língua
5ª 19/10 a 24/10	♦ Revisões de pronomes pessoais ♦ Estudo dos verbos: tempos e modos – Página 99 ♦ Pronominalização.	Utilizar de forma correcta os pronomes pessoais; Compreender a morfologia dos verbos
6ª 26/10 a 01/11	♦ Preparação para teste sumativo ♦ Teste sumativo	Esclarecer dúvidas; Avaliar conhecimentos.
7ª 03/11 a 07/11	♦ Recursos básicos da comunicação: Linguagem, língua, fala, discurso. ♦ Signo linguístico. A arbitrariedade do Signo linguístico.	Estabelecer a relação linguagem/língua/fala/discurso;
8ª 09/11 a 14/11	♦ Comunicação oral e escrita (revisões). ♦ Marcas da oralidade	Distinguir a comunicação oral da comunicação escrita. Identificar as marcas da oralidade num texto escrito.
9ª 16/11 a 21/11	♦ Tipologia de Texto ♦ Texto narrativo (páginas138,139)	Conhecer diferentes tipos de texto:
10ª 23/11 a 28/11	♦ Categorias da narrativa – página 144 ♦ Modos de expressão literária	Reconhecer as categorias da narrativa Identificar os modos de expressão literária
11ª 30/11 a 05/12	♦ Figuras de estilo – páginas 25-28 ♦ Classe de palavras – Conclusão do 7º ano ♦ Pronomes: Indefinidos, relativos	Reconhecer a importância das figuras de estilo; Reconhece a classe dos pronomes indefinidos Reconhece a classe dos pronomes relativos
12ª 07/12 a 13/12	♦ Preparação para teste sumativo ♦ Teste sumativo.	Esclarecer dúvidas. Avaliar conhecimentos
13ª 14/12 a 19/12	♦ Entrega e correcção do teste sumativo. ♦ Avaliação do trimestre.	Avaliar o trabalho realizado ao longo do trimestre.

PLANIFICAÇÃO PARA O 2º TRIMESTRE

2º Trimestre

Semana	Conteúdos	Objectivos
1ª 06/01 a 09/01	♦ Balanço dos resultados do 1º trimestre e perspectivas para o 2º trimestre. ♦ A classe dos Substantivos (revisões).	Reflectir sobre os resultados do 1º trimestre. Determinar metas a atingir no 2º trimestre Rever a classe dos substantivos
2ª 11/01 a 16/01	♦ Noções básicas de poesia: Verso, estrofe e rima – pág. 294 ♦ Estudo dos textos utilitários – Convites, avisos, anúncios – páginas 72-73;	Compreender as noções básicas de poesia Reconhecer um texto utilitário. Reconhecer avisos, convites e anúncios
3ª 18/01 a 23/01	♦ Produção de textos utilitários ♦ A notícia	Elaborar textos do tipo. Identificar a estrutura de uma notícia. Elaborar uma notícia, considerando as partes constituintes.
4ª 25/01 a 30/01	♦ A frase simples e os seus constituintes imediatos. ♦ O sujeito – Tipos de Sujeito.	Identificar a estrutura de uma frase simples. Conhecer os elementos principais de uma oração Identificar tipos de sujeito.
5ª 19/10 a 24/10	♦ O predicado – tipos de predicado	Identificar os tipos de predicados
6ª 01/02 a 06/02	♦ Leitura e compreensão do texto da página 108 ♦ Classe e subclasse dos adjectivos (revisões). ♦ A descrição	Identificar a classe e a subclasse dos adjectivos Descrever personagens .
7ª 08/02 a 13/02	♦ Consolidação dos conteúdos leccionados anteriormente. ♦ Preparação para teste sumativo ♦ Teste sumativo	Esclarecer dúvidas; Rever conhecimentos adquiridos Avaliar conhecimentos Compreender o texto Rever as categorias da narrativa
8ª 15/02 a 20/02	♦ Preposições e locuções prepositivas. ♦ Conjugação perifrástica. ♦ Leitura e compreensão do texto (p.170)	Identificar preposições e locuções prepositivas. Reconhecer a conjugação perifrástica. Compreender as ideias do texto
9ª 22/02 a 27/02	♦ Palavras primitivas. ♦ Processo de formação de palavras (derivação e composição).	Descobrir a origem das palavras. Conhecer a estrutura mórfica da palavra Construir novas palavras a partir da primitiva. .
10ª 01/03 a 06/03	♦ Famílias de palavras. ♦ Níveis de língua Análise de textos diversos	Relacionar palavras da mesma família Compreender os diferentes registos
11ª 08/03 a 13/03	♦ Leitura e análise textual (p.108) ♦ Constituintes da oração: atributo, complemento determinativo e aposto	Ampliar o vocabulário a partir do texto. Reconhecer os constituintes do SN.
12ª 15/03 a 20/03	♦ Complemento Directo e Indirecto ♦ Complementos circunstanciais.	Reconhecer os constituintes do SV.
13ª 22/03 a 27/03	♦ Revisões gramaticais. ♦ Teste sumativo.	Rever os conhecimentos adquiridos Esclarecer dúvidas. Avaliar conhecimentos
14º 29/03 a 31/03	**Entrega e correcção do teste sumativo. Avaliação do trimestre.**	**Avaliar o trabalho realizado ao longo do trimestre.**

PLANIFICAÇÃO PARA O 3º TRIMESTRE

3º Trimestre

	Conteúdo	Objectivos
1ª 14/04 a 17/04	♦ Balanço dos resultados do 2º trimestre e perspectivas para o terceiro trimestre.	Reflectir sobre os resultados do 2º trimestre. Determinar metas a atingir no 3º trimestre.
2ª 19/04 a 24/04	♦ Leitura e análise textual ♦ Voz activa e voz passiva ♦ Agente da passiva	Identificar a voz activa e a voz passiva de uma frase. Transformar frases activas em passivas e vice-versa.
3ª 26/04 a 30/04	♦ Leitura e análise textual. (p.216) ♦ Orações coordenadas. ♦ Conjunções e locuções coordenativas	Dividir frases em orações e classificá-las. Conhecer as conjunções e locuções coordenativas
4ª 03/05 a 08/05	♦ Orações coordenadas (conclusão) ♦ Leitura e análise textual ♦ Modos de enunciação do discurso: Directo e indirecto.	Dividir frases em orações e classificá-las. Compreender o texto. Aplicar correctamente o discurso directo e o indirecto.
5ª 10/05 a 15/05	♦ Modos de enunciação do discurso (conclusão) ♦ Exercícios	Aplicar correctamente o discurso directo e o indirecto.
6ª 17/05 a 22/05	♦ Preparação para o teste sumativo. ♦ Teste sumativo.	Esclarecer dúvidas; Avaliar conhecimentos.
7ª 24/05 a 29/05	♦ Leitura e análise textual (estudo de um conto). ♦ Categorias da narrativa (revisões).	Compreender o texto Rever as categorias da narrativa
8ª 31/05 a 05/06	♦ Estudo de um conto (continuação)	Rever as categorias da narrativa
9ª 07/06 a 12/06	♦ Preparação para a Prova Geral Interna	Esclarecer dúvidas
10ª 14/06 a 21/06	♦ Preparação para a Prova Geral Interna	.
23/06 a 03/07	♦ Provas Gerais Internas	